

# **PUBLICATIO UEPG**

**CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

**APPLIED SOCIAL SCIENCES**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA/PONTA GROSSA STATE UNIVERSITY

REITOR/PRESIDENT

Carlos Luciano Sant'Ana Vargas

PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO/DEAN OF RESEARCH AND GRADUATE STUDIES

Osnara Maria Mongruel Gomes

DIRETORIA DE DIVISÃO DE PESQUISA/RESEARCH OFFICE DIRECTOR

Maristella Dalla Pria

EDITORA UEPG

UEPG Publishing house

EDITOR/EDITOR

Lucia Cortes da Costa

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
PONTA GROSSA STATE UNIVERSITY

# PUBLICATIO UEPG

CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

APPLIED SOCIAL SCIENCES

*Editora*  
UEPG

## Copyright by Editora UEPG

Editoração eletrônica: Marco Wrobel  
Secretaria: Francieli Lunelli Santos; Jáder Hernando Mejía Cano, Karoline  
Coelho de Andrade e Souza

Coordenadora: Prof. Dra. Jussara Bourguignon  
Editoras: Ana Flávia Braun Vieira

### **Comitê Editorial / Editorial Committee**

Adriano José Pereira – Universidade Federal de Santa Maria  
Alberto Pucci Jr - Faculdade Metropolitana de Curitiba  
Alzira Mitz Bernardes Guarany – Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Ana Paula Machado Velho – Universidade Estadual de Maringá  
Augusta Pelinski Raiher – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Betania Maciel – Universidade Federal de Pernambuco  
Carlos Alberto de Souza – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Carlos Ubiratan da Costa Schier – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Cesar Eduardo Abud Limas – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Cid Olival Feitosa – Universidade Federal de Alagoas  
Claudia Regina Magnabosco-Martins – Universidade Estadual do Centro Oeste  
Clara Cruz Santos – Universidade de Coimbra  
Cristian Damian Maneiro - Universidad de la República/Uruguay  
Denis Porto Renó – Universidad Del Rosario/Colombia  
Edina Schimanski – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Enrique Pastor Seller – Facultad de Trabajo Social Universidad de Murcia  
Greicy Mara França – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul  
Guillermo Meléndez Hevia – Universidad Zaragoza

Jamerson Viegas Queiroz – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Jandir Ferrera de Lima – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Jasmine Cardozo Moreira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
João Irineu de Resende Miranda – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Jorge Pedro Sousa – Universidade Fernando Pessoa/Portugal  
Luiz Fernando de Souza – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Marcio Henrique Coelho – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Maria Rita Milani – Universidade Federal de Alagoas  
Marilisa do Rocio Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Mónica Solange de Martino – Universidad de la República/Uruguay  
Paula Melani Rocha – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Pedro Russi – Universidade de Brasília  
Raphael Moroz – Universidade Tuiuti do Paraná  
Rosiléa Clara Werner – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Solange Aparecida B. de Moraes Barros – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Tomas Sparano Martins - PUC/PR  
Walfrido Nunes Menezes – Faculdade Estácio do Recife  
Zadoque Alves Fonseca Filho – FAMA - Escola Superior de Marketing

PUBLICATIO UEPG: Ciências Sociais Aplicadas / Universidade Estadual de Ponta Grossa, v.1, n.1,  
(1993)- Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012.

Trimestral.

Subdividiu-se da Revista Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas,  
Linguística, Letras e Artes, v. 18, n.2, (2010) .

2017, v. 25, n. 2

ISSN 2238-7552 - versão impressa

ISSN 2238-7560 - versão online

1-Ciências sociais aplicadas. I.T.

CDD: 300

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores.

#### **REVISTA INDEXADA EM:**

GeoDados <<http://geodados.pg.utfpr.edu.br>>

FUNPEC (Sumários de Revistas Brasileiras) <[www.sumarios.org](http://www.sumarios.org)>

CLASE (Base de Datos Bibliográfica de Revistas de Ciencias Sociales y Humanidades) da Universidade Nacional Autónoma de México - UNAM <[dgb.unam.mx/clase.html](http://dgb.unam.mx/clase.html)>

Base de Dados do Acervo de Bibliotecas do Paraná

LATINDEX (Sistema Regional de Información em Línea para Revistas Científicas de América Latina, El Caribe, España y Portugal)

**Permutas** - e-mail: [ersouza@uepg.br](mailto:ersouza@uepg.br) ou fone: (42) 3220-3409

**Vendas - Editora e Livrarias UEPG** - Fone: (42) 3220-3306 - e-mail: [vendas.editora@uepg.br](mailto:vendas.editora@uepg.br) / [livraria@uepg.br](mailto:livraria@uepg.br) - <http://www.uepg.br/editora>

SUMÁRIO  
SUMMARY

EDITORIAL: FUTEBOL E SOCIEDADE .....	161
ENTRE A VIOLÊNCIA E A FESTA POPULAR NO FUTEBOL DA ARGENTINA: AS BARRAS-BRAVAS, AS POLÍTICAS PÚBLICAS E UMA ONG .....	163
BETWEEN VIOLENCE AND THE POPULAR CELEBRATION IN THE ARGENTINIAN FOOTBALL: THE BARRAS-BRAVAS, PUBLIC POLICIES AND A NGO	
• Fernando Segura M. Trejo	
• Diego Murzi	
• Laura Yoshida	
CIRCULAÇÃO IRREGULAR DE JOGADORES BRASILEIROS NO MERCADO INTERNACIONAL.....	175
IRREGULAR CIRCULATION OF BRAZILIAN PLAYERS IN THE INTERNATIONAL MARKET	
• Luiz Carlos Ribeiro	
OS USOS DA HISTÓRIA ORAL NO ESTUDO DO FUTEBOL: ETAPAS METODOLÓGICAS DE UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA QUALITATIVA COM TORCIDAS ORGANIZADAS NA CIDADE DE SÃO PAULO.....	187
THE USES OF THE ORAL HISTORY IN THE FOOTBALL STUDY: METHODOLOGICAL STAGES OF A QUALITATIVE RESEARCH EXPERIENCE WITH ORGANIZED FAN GROUPS IN THE CITY OF SÃO PAULO	
• Bernardo Borges Buarque de Hollanda	
REPRESENTAÇÕES COLETIVAS SOBRE A SELEÇÃO PERUANA DE FUTEBOL NA COPA DO MUNDO DA ARGENTINA – DE GRATA SURPRESA A POLÊMICO “VILÃO” .....	203
COLECTIVE REPRESENTATIONS ABOUT PERUVIAN NATIONAL TEAM IN THE WORLD CUP OF ARGENTINA – FROM AT THANKFUL SURPRISE TO A CONTROVERSIAL “VILLAIN”	
• Alvaro Vicente do Cabo	
VISÕES CARIOCAS SOBRE O ESPORTE E A CIDADE: UMA VIAGEM PELAS CRÔNICAS ESPORTIVAS DO JORNAL DOS SPORTS (1950-1958).....	217
CARIOCA VISIONS ABOUT SPORT AND THE CITY: A TRIP THROUGH THE SPORTS CHRONICLES OF JORNAL DOS SPORTS (1950-1958)	
• André Alexandre Guimarães Couto	
FUTEBOL E DRAMATICIDADE: NOTAS SOBRE A CRÔNICA ESPORTIVA DE NELSON RODRIGUES.....	229
FOOTBALL AND DRAMATICITY: NOTES ABOUT NELSON RODRIGUES’ SPORTS CHRONICLE	
• Natasha Santos Lise	
• André Mendes Capraro	
POLÍTICA, JORNALISMO, IDENTIDADE E FUTEBOL: ANÁLISE DAS CRÔNICAS DO <i>JORNAL DOS SPORTS</i> SOBRE A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NAS COPAS DO MUNDO REALIZADAS NA DÉCADA DE 1950 .....	239
POLITICS, JOURNALISM, IDENTITY AND SOCCER: ANALYSIS OF THE <i>JORNAL DOS SPORTS</i> ’ CHRONICLES ABOUT THE BRAZILIAN PARTICIPATION IN THE WORLD CUPS OCCURRED IN THE 1950’S	
• Ana Flávia Braun Vieira	
• Miguel Archanjo de Freitas Junior	
• Bruno José Gabriel	

FUTEBOL, MUNDIALIZAÇÃO E IDENTIDADES: NOTAS A PARTIR DA EUROCOPA DE 2008 .....	257
FOOTBALL, GLOBALIZATION AND IDENTITIES: NOTES FROM 2008 EURO CUP	
• Emerson Luís Velozo	
• Jocimar Daolio	
MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: BREVE ANÁLISE ECONÔMICA DA COPA DO MUNDO (FIFA).....	269
SPORTING MEGA EVENTS: BRIEF ECONOMIC ANALYSIS OF THE FOOTBALL	
WORLD CUP (FIFA)	
• Elaine Carvalho de Lima	
• Calisto Rocha de Oliveira Neto	
• Érica Priscilla Carvalho de Lima	
O DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E AS TENSÕES ENTRE OS IDEAIS	
AMADORES E PROFISSIONAIS NO FUTEBOL BRASILEIRO .....	281
SOCIOECONOMIC DEVELOPMENT AND TENSIONS BETWEEN AMATEUR AND	
PROFESSIONAL IDEALS IN BRAZILIAN SOCCER	
• José Geraldo do Carmo Salles	
• Israel Teoldo da Costa	
• Antonio Jorge Gonçalves Soares	
NORMAS EDITORIAIS PARA TRABALHOS .....	291

## EDITORIAL: FUTEBOL E SOCIEDADE

Historicamente o futebol teve uma trajetória marcada pela marginalidade científica e literária. Durante muito tempo ele foi visto como o ópio do povo, sendo considerado um elemento alienante presente na cultura de massa<sup>1</sup>. Muitos intelectuais eram reticentes a ideia, ou possibilidade, de que existiam grupos que não atuavam como a teoria previu<sup>2</sup>. Desta maneira, a forma de análise de tais grupos foi através da exclusão, pois estes indivíduos não expressavam a consciência de classe desejável (por essa teoria/teóricos) e, por isso, acabaram sendo academicamente desprezados.

Como destacou Castoriadis (1982), é a Teoria, e não a experiência dos indivíduos e dos seus grupos, que define o que é classe social ou o que deve ser a sua consciência de classe. Em síntese, é possível afirmar que a irracionalidade atribuída às massas – como as que se reúnem em torno do futebol – foi resultado do excessivo apego dos intelectuais aos seus paradigmas, produzindo, com isso, o preconceito científico e político para com as manifestações populares.

Nas últimas décadas, o avanço da produção acadêmica nacional e internacional possibilitou o aumento quantitativo e qualitativo dos debates, estudos, fontes e metodologias que tratam dos acontecimentos que giram em torno do futebol, transformando-o em objeto que tem contribuído significativamente para a renovação metodológica dos estudos desenvolvidos pelas Ciências Humanas e Sociais, pois, assim como outros temas, ele necessita ser compreendido na sua relação entre o que tem de específico (sentimento, irracionalidade, paixão) e o contexto social no qual os fatos acontecem.

Estudar os sentimentos, seja no futebol ou na política, remete para a necessidade de objetivar/racionalizar algo subjetivo. Aí parece estar o ponto nevrálgico deste tipo de abordagem, pois diante da impossibilidade teórica e humana de dar conta de um fenômeno tão complexo e amplo como este, precisamos delimitar nosso objeto e observar outros tipos de fontes. Esta renovação metodológica possibilitou um novo olhar para diferentes documentos, dentre os quais merece destaque a literatura, seja através dos livros dos intelectuais brasileiros e/ou das crônicas jornalísticas.

Com raras exceções, este tipo de documentação nos apresenta discursos eivados de subjetividades, seja pelo envolvimento emocional e/ou pela autonomia do autor, que se expressa apresentando “outra realidade”. Contudo é neste paradoxo que se encontra a riqueza deste tipo de análise. Não se trata do estabelecimento de uma relação dicotomizada entre verdade e mentira, pois para fazer isto seria necessário buscar apreender a razão presente nos sentimentos, ou seja, seria necessário retirar-lhe a “irracionalidade” e, ao fazer isto, cairíamos nas velhas abordagens tradicionais que não nos possibilitam compreender os sentimentos presentes em determinada época, grupos sociais e contextos.

Esta forma de compreender os fenômenos relativos ao futebol faz-se presente no material aqui apresentado. Os textos do dossiê “Futebol e Sociedade” são resultantes dos debates estabelecidos no I Seminário Internacional Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Sociedade. Este evento foi realizado na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), através do Núcleo de Estudos em Esporte, Lazer e Sociedade, vinculado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais Aplicadas, com o apoio da Fundação Araucária. Este evento reuniu pesquisadores brasileiros e estrangeiros, estudiosos experientes já consolidados na academia, alunos da pós-graduação e também da graduação, os quais tiveram a oportunidade de presenciar os debates interdisciplinares sobre o tema, os quais contribuíram significativamente para o aprofundamento da reflexão teórica do futebol enquanto uma estrutura social que transcende a técnica e tática inerente a este esporte e que nos apresenta um vasto campo para o debate acadêmico presente nas Ciências Humanas e Sociais.

É o que podemos perceber no artigo “Entre a violência e a festa popular no futebol da Argentina: as barras-bravas, as políticas públicas e uma ONG”, de autoria de Fernando Segura M. Trejo, doutor em Sociologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Diego Murzi, candidato a doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires, e Laura Yoshida, mestranda em sociologia pela Universidade Federal de Goiás,

<sup>1</sup>HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor W. **Temas Básicos da Sociologia**. São Paulo: Cultrix, s/d. p. 78-88. Para estes autores a Massa Popular é definida como o nexo mais imediato e/ou primário entre o indivíduo e a sociedade, sendo incapaz de apresentar consciência de classe.

<sup>2</sup>Para um maior aprofundamento sobre esta situação, vale a pena conferir - CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. THOMPSON, Eduard Paul. **A formação da classe operária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

que aborda a violência no futebol argentino, buscando compreender os fatores que potencializam o comportamento. Neste sentido, discutem o papel das políticas públicas de segurança e a atuação da ONG *Salvemos al Fútbol* na luta contra a violência no futebol.

O texto seguinte, intitulado “Circulação irregular de jogadores brasileiros no mercado internacional”, foi produzido por Luiz Carlos Ribeiro, pós-doutor pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Neste trabalho são analisadas as transações irregulares de jogadores no mercado internacional, especialmente em Portugal, na perspectiva da globalização – com destaque para o contexto de flexibilização neoliberal.

Bernardo Borges Buarque de Hollanda, doutor em História Social da Cultura pela PUC-Rio, no artigo intitulado “Os usos da História Oral no estudo do futebol: etapas metodológicas de uma experiência de pesquisa qualitativa com torcidas organizadas na cidade de São Paulo”, propõe um modelo metodológico para a investigação das torcidas organizadas a partir da adoção de uma atitude compreensiva diante questões relativas às torcidas, por vezes estigmatizadas.

Em “Representações coletivas sobre a seleção peruana de futebol na Copa do Mundo da Argentina – de grata surpresa a polêmico “vilão”, Alvaro Vicente do Cabo, doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, buscou identificar as representações coletivas sobre a campanha realizada pela seleção do Peru na Copa de 1978. As representações também perpassaram os estudos de André Alexandre Guimarães Couto, doutor em História pela Universidade Federal do Paraná, que apresentou um panorama geral sobre crônica do *Jornal dos Sports* na década de 1950, por meio da qual foi possível perceber que a variedade de estilos narrativos contribuiu para a publicização e a criação de representações sobre o esporte, com destaque para o futebol, e a cidade do Rio de Janeiro.

No artigo de Natasha Santos Lise, doutoranda em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná, e André Mendes Capraro, pós-doutor pela Università Ca Foscari Di Venezia, a crônica também foi utilizada como fonte documental, neste caso para situar historicamente Nelson Rodrigues. Com a análise foi possível compreender que em seus escritos perpassavam aspectos da teoria de seu irmão, de que o racismo se exteriorizaria em situações adversas, como a derrota em casa na Copa de 1950.

Em relação à década de 1950, o trabalho “Política, jornalismo, identidade e futebol: análise das crônicas do *Jornal dos Sports* sobre a participação brasileira nas Copas do Mundo realizadas na década de 1950” foi desenvolvido por Ana Flávia Braun Vieira e Bruno José Gabriel, doutorandos em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade de Ponta Grossa, em parceria com Miguel Archanjo de Freitas Junior, doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Os autores se propõem realizar um estudo contextual da década de 1950 a partir da relação entre os campos político, com destaque para questões identitárias, jornalístico e futebolístico.

Os artigos de temáticas livres desta edição também versam sobre o universo do futebol. Em “Futebol, Mundialização e identidades: notas a partir da Eurocopa de 2008, Emerson Luís Velozo e Jocimar Daolio, ambos doutores em Educação Física pela UNICAMP, discutem processos de significação identitária que afetam o futebol no contexto da mundialização. Já Elaine Carvalho de Lima e Érica Priscilla Carvalho de Lima, doutorandas em economia pela Universidade de Uberlândia, em coautoria com Calisto Rocha de Oliveira Neto, mestre em economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, realizaram uma análise dos aspectos econômicos e sociais da Copa do Mundo FIFA em “Megaeventos esportivos: breve análise econômica da Copa do Mundo (FIFA).

Por fim, José Geraldo do Carmo Salles e Antonio Jorge Gonçalves Soares, ambos doutores em Educação Física pela Universidade Gama Filho, e Israel Teoldo da Costa, doutor em Ciências do Esporte pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, propõem uma reflexão sobre “O desenvolvimento socioeconômico e as tensões entre os ideais amadores e profissionais no futebol brasileiro”, discutindo sobre os sentimentos e significados antagônicos entre paixão e interesse financeiro.

**Miguel Archanjo de Freitas Junior**  
**Ana Flávia Braun Vieira**

# ENTRE A VIOLÊNCIA E A FESTA POPULAR NO FUTEBOL DA ARGENTINA: AS BARRAS-BRAVAS, AS POLÍTICAS PÚBLICAS E UMA ONG

## BETWEEN VIOLENCE AND THE POPULAR CELEBRATION IN THE ARGENTINIAN FOOTBALL: THE BARRAS-BRAVAS, PUBLIC POLICIES AND A NGO

**Fernando Segura M. Trejo\***

**Diego Murzi\*\***

**Laura Yoshida\*\*\***

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo comentar o problema histórico de violência no futebol argentino. A partir dos aspectos culturais identificados pelos estudos antropológicos já realizados, analisaremos os elementos do entorno que agravam o problema. A este respeito, vamos discutir os dispositivos de políticas públicas de segurança, os quais longe de conter, têm contribuído na criação de outros fatores de violência. Finalmente, tentaremos relacionar o papel de uma ONG, *Salvemos al Fútbol*, desde suas origens até as recentes ações na luta contra a violência no futebol. Assim, da lógica da denúncia como principal razão de existir, os esforços graduais começaram a ser pensados para dispositivos de prevenção. Tudo isto num contexto, no qual os meios de comunicação e os governos são regidos pelo discurso da tolerância zero.

**Palavras-chave:** Violência; Futebol; Argentina; Barras-bravas; Políticas Públicas; ONG Salvemos Al Fútbol.

### ABSTRACT

This paper aims to discuss the historical problem of violence in the Argentinian football. Based on the cultural aspects identified by the already existing anthropological studies, we will analyze the elements of the environment that aggravate the problem. In this regard, we will stress the conception of public security policies, which far from containing, have contributed to the creation of other factors of violence. Finally, we will relate the role of an NGO, *Salvemos al Fútbol*, from its origins to the recent actions in the fight against violence. From the logic of denunciation as the main reason of existence, gradual efforts have been directed towards the prevention devices. All this, in a context which mass media and governments are oriented by the discourse of zero tolerance.

**Keywords:** Violence; Football; Argentina; Barras-bravas; Public Policies; Salvemos Al Fútbol NGO.

\* Professor Visitante 2017 Programa Pós-Graduação Sociologia Universidade Federal de Goiás, pesquisador filiado ao CIDE (México). Doutor em Sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS) de Paris.

\*\* Candidato a Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires e filiado ao IADES – USAM, Bolsista do Conicet. Mestre em Sociologia pela EHESS Paris, Vice-presidente da ONG Salvemos Al Fútbol.

\*\*\* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Formada em Relações Internacionais pela PUC-Go.

## O PROBLEMA DA VIOLÊNCIA NO FUTEBOL DA ARGENTINA

A Argentina tem a triste distinção de ser um dos países onde o número de mortes relacionadas com o futebol tem se colocado sempre entre os maiores do mundo. De 1922 a junho de 2017<sup>1</sup>, podemos contar 319 mortes causadas pela violência produzida dentro de estádios, na saída ou constituindo o desfecho trágico de agitação, cujas causas se relacionam com o futebol. Além disso, na última década, entre 2006 e 2016 a média registrada foi de 9 mortes por ano (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2017). Isto significa que morre em torno de uma pessoa a cada dois meses por causas relacionadas com a violência no futebol na Argentina.

A violência nos círculos de futebol é, naturalmente, um fenômeno complexo. Entretanto, de todos os atores envolvidos, existe uma opinião instalada que designa ao principal grupo culpado, as barras-bravas. Toma-se esse nome na Argentina para os grupos organizados de torcedores que controlam as arquibancadas e seus circuitos. Constituídas por volta do final dos anos 1950 (ARCHETTI; ROMERO, 1994), as barras-bravas têm evoluído conjuntamente com o caráter cada vez mais mercantil do futebol (MURZI, 2011). Portadoras de uma imagem ligada à delinquência, violência e corrupção, perseguidas pela justiça e demonizadas pela mídia, as barras-bravas tornaram-se impossíveis de ignorar em tanto atores.

A este respeito, vamos procurar aqui uma breve visão sócio-histórica de dois aspectos no mundo da violência e o futebol: por um lado, a evolução e o lugar das famosas barras-bravas e a reação da sociedade civil, por outro. Assim, pretendemos considerar alguns aspectos culturais, por exemplo, o que se denomina na Argentina como *el Aguante*. Dessa forma, será possível pensar os arranjos institucionais implementados, os quais em vez de reduzir os níveis de violência, têm agravado a situação nas últimas décadas.

É claro que as barras-bravas não agem sozinhas. Elas vêm se beneficiando por um longo tempo de um elevado grau de arranjos, num mercado onde a “violência” tornou-se um serviço que encontra a sua oferta e sua demanda. Nos perguntamos assim: quais têm sido as respostas públicas de luta contra

as diferentes formas de violência no futebol? As respostas implementadas têm incorporado, de alguma forma, a participação cívica? Quais são os atores que se mobilizam contra a violência no futebol? Como eles se mobilizam? É aí onde procuraremos situar a ação das ONG's em particular o nascimento de uma delas: *Salvemos al Fútbol*.

### A CULTURA DO AGUANTE: ELEMENTOS DE COMPREENSÃO

Assim como o futebol é depositário de significados sociais que vão além da dimensão esportiva, a violência nesse mundo é interpretada pela imprensa como o “flagelo” que estraga a “grande festa” dos argentinos. Portanto, para entender o fenômeno, não devemos nos limitar a única observação dos palcos que são os estádios.

Na Europa, como proposto por diversos autores (CLARK, 1978; EHRENBERG, 1985; ELIAS; DUNNING, 1986; MIGNON, 1998; TAYLOR, 1971; WILLIAMS; DUNNING; MURPHY, 1984) a violência nos estádios apareceu, inicialmente, como uma forma de expressão e produção de homens jovens geralmente das classes trabalhadoras. Citando a tese do antropólogo Christian Bromberger (1995), a qual vê o futebol um lugar de representações sociais, este esporte tem tido, também, uma estreita relação com a construção de identidades masculinas na Argentina (ARCHETTI, 2003). No entanto, esta violência tem sido associada com vários outros fenômenos sociais e políticos da história do país, como a pobreza, a desigualdade social, a corrupção e o nepotismo (ARCHETTI; ROMERO, 1994; LEVINSKY, 2016; ROMERO, 1985; 1986; 1994; 1997). É melhor, então, analisar a existência das bravas-barras e as práticas violentas dos torcedores nos contextos nos quais elas ocorrem.

No panorama argentino, o futebol é, em efeito, um elemento eficaz na construção de imaginários nacionais (ALABARCES, 2002; ARCHETTI, 2003) e locais (ALABARCES, 2004; ARAGON, 2008; GARRIGA, 2006; GIL, 2007; MOREIRA, 2008). Devido à sua importância social, este espaço nunca tem se mostrado hermético aos governos e as diversas classes políticas (PALOMINO; SCHER, 1988). Os pontos de intersecção com a política foram levando estas esferas a compartilhar discursos das práticas e

<sup>1</sup> Dados disponíveis em: <<http://salvemosalfutbol.org/>>.

modos de ação. Assim, é possível identificar nos clubes itens que se enquadram dentro da cultura política: o fervor, a demagogia e o favoritismo.

O papel social dos clubes não pode ser ignorado, portanto: neles concentra-se grande parte da atenção do público durante o ano todo, não apenas na esfera esportiva, mas também do ponto de vista institucional. De fato, estas organizações formam estruturadas como sociedades civis e a vida política dentro delas é das mais ricas (MOREIRA, 2012). O envolvimento dos adeptos tem sido fundamental para seus processos históricos desde os inícios do século XX (FRYDEMBERG, 2011). Neste contexto, a presença das barras-bravas nos clubes tem sido articulada por dirigentes que se acostumaram a utilizá-las para ganhar eleições, impor ideias por meios coercivos ou para a realização de negócios ilegítimos. A relação entre cartolas, e inclusive líderes políticos de todos os partidos com as bravas-barras foi construindo-se a partir de um quadro de colaboração recíproca que localizou nos grupos violentos, uma posição central na vida institucional dos clubes. Ao estender esse padrão de interseções entre os campos do futebol e da política, é possível dizer que seus agentes, para usar a terminologia do Pierre Bourdieu (1981), participam alternadamente de um e de outro mundo. As barras-bravas têm aprendido a organizar sua capacidade de festa nas arquibancadas, a violência e a mobilização, numa complexa rede de relacionamentos em troca de favores, serviços ou dinheiro (D'ANGELO, 2011; BUNDIO, 2013; MURZI; SEGURA, 2014).

A fim de compreender esse contexto, é necessário considerar também a existência de uma cultura geral, própria, do torcedor do futebol argentino. Assim, no confronto entre grupos rivais, a honra e a reputação da equipe têm sido historicamente envolvidos em duas facetas. A simbólica, sob a ideia da lealdade e do fervor, e a outra real, cujo resultado é decidido pela batalha mão-de-mão. Nestes atributos, isto é, no fervor, na fidelidade e na violência, é que estão organizando os pilares da cultura do *Aguante*. A detenção simbólica de uma boa dose de *Aguante* constitui, então, o principal capital que tem identificado as barras-bravas. Os meios de elevação para manter essa reputação são realizados por meio da ação simbólica e efetiva (ALABARCES, 2004; GARRIGA, 2013). O *Aguante* é, desta forma, um recurso que fornece

reputação e respeito, tanto individualmente quanto para o grupo.

As lutas pela honra são decididas com base nessa posse, em constante competição com grupos de adeptos rivais. Portanto, as práticas violentas foram neste universo, não apenas aceitas, mas procuradas durante décadas. Além disso, estas práticas não são utilizadas apenas para determinar a estrutura de grupos. Elas têm fornecido elementos de alto valor econômico.

No estádio, onde a ordem que prevalece não é sempre aquela da legalidade, mas uma ordem negociada, estabelecida pelo confronto permanente entre diferentes atores, a capacidade de mobilizar violência têm permitido as barras-bravas se imporem (MURZI, 2011). É a partir desta posição central que elas têm conseguido construir toda uma série de arranjos para procurar benefícios econômicos.

Dentro desta contexto, é possível distinguir dois usos e, portanto, dois sentidos conferidos à violência: o primeiro é uma função social que deve ser entendida, seguindo o Geertz (1973), na lógica de uma trama específica. A segunda função é aplicada para obter benefícios. O uso instrumental da violência transcende o espaço do esporte para abranger uma ampla gama de atividades lucrativas em grupos ou individualmente: controle dos carros do estacionamento ao redor dos estádios, revenda de bilhetes, organização de viagens, voos, venda de drogas, assédio moral, grupos de assalto em mobilizações sindicais, guarda-costas de homens políticos ou inclusive pessoal de segurança em apresentações musicais (MURZI, 2011).

Ao longo dos últimos quinze anos, após a maior crise econômica da história do país (2001-2002), as barras-bravas consolidaram a economia do seu modelo organizacional. Embora mantendo as suas raízes nos círculos de futebol, as atividades lucrativas desses grupos têm gradualmente expandido seu alcance. Suas práticas tornaram-se mais heterogêneas, culminando em um aumento significativo de visibilidade. A intensificação do processo de expansão e diversificação das atividades levou ao surgimento de uma nova dinâmica de violência: os confrontos entre membros de uma mesma barra-brava. A partir de meados da década de 2000, este aumento da conflitualidade resultou em episódios repetidos (incluindo assassinatos de seus próprios camaradas). Este é um movimento centrípeto de violência, usado para decidir o resultado de

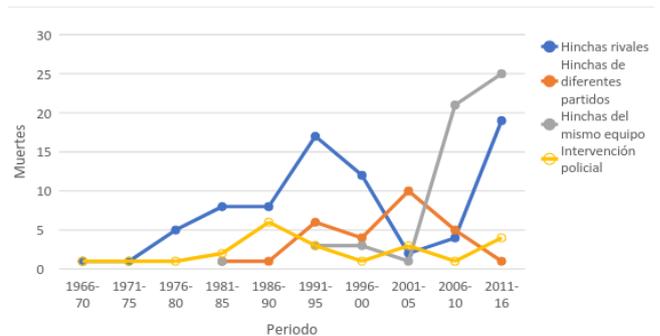
lutas internas pelo controle do poder e dos recursos (MURZI, 2011; MURZI; SUSTAS; ULIANIA, 2015; SEGURA, 2013).

Os confrontos entre membros de uma mesma barra-brava foram a principal causa de mortes nos últimos anos (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2017) tal como o Gráfico 1 abaixo mostra a tendência nas últimas décadas. É possível observar nele, o fato que as mortes resultantes das brigas entre torcidas rivais foi a principal tendência entre as década de 1970 e o final dos anos 1990, quando se dá um aumento significativo das mortes no interior dos grupos de torcedores de um mesmo clube (*hinchas del mismo equipo*). O gráfico faz visível outra tendência denominada *hinchas de diferentes partidos*, isto é, as mortes resultantes de confrontos no caminho ao estádio ou na saída, quando grupos de torcedores cujos times que não estavam em disputas esportivas se enfrentam. Os dados permitem observar, também, o número constante de mortes consequentes da repressão da polícia durante o período todo.

Na segunda década do século XXI, a quantidade de mortos resultante das brigas na mesma torcida não só aumentou, mas também voltou a se relacionar àquelas ligadas aos confrontos entre *hinchadas* ou barras rivais. O que já foi aqui descrito como a cultura do *Aguante* continua sendo então uma faceta vigente na violência do futebol argentino. No entanto, apesar das mortes serem a consequência mais trágica, não são a única manifestação de violência: esse mundo produz diariamente discursos, atitudes e comportamentos que permitem defini-lo em si como um lugar de violência.

Desta forma, o espaço do futebol pode ser caracterizado na Argentina como um recinto que oscila entre o fervor e a violência, onde existem muitos fatores que entram em jogo. Se analisarmos a dinâmica entre atores, o ambiente e as instalações dos estádios é possível discernir três fontes complementares de criação e reprodução: 1. O mau estado da infraestrutura; 2. O comportamento de transgressão de todos os agentes envolvidos; e 3. A orientação das políticas de segurança (ULIANA; GODIO, 2013; GODIO; ULIANA, 2016). Podemos revisar assim na próxima seção o marco de políticas públicas em “reação” à violência do futebol.

Gráfico 1 - Evolução das mortes no futebol argentino (1967-2016).



Fonte: autores com informação de *Salvemos al Fútbol*.

## OS DIAGNÓSTICOS INSTITUCIONAIS E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Dados os ambientes de violência (SODO, 2013), é natural se perguntar pelas respostas institucionais para tentar parar esta espiral. Amílcar Romero (1985, 1986, 1994, 1997) apontou, a partir dos anos 1980, a lógica sistêmica instalada no futebol argentino por muitas décadas. Neste campo de confrontos, a polícia sempre tem sido um fator gerador de ações violentas, amplificando o fenômeno ao invés de contê-lo. Recentes pesquisas confirmaram este fato (GALVANI; PALMA, 2005; SUSTAS, 2013; ULIANA; GODIO, 2013) assim como os dados do gráfico acima o mostraram. A obra de Pablo Alabarces (2004), *Crónicas del Aguante*, e o livro do antropólogo José Garriga (2006) sobre a hinchada do clube Huracán, demonstram como a polícia é percebida pelos torcedores organizados como outra barra-brava, só que mais odiada. É nessas batalhas que uma barra-brava pode desdobrar seu potencial máximo de *aguante*; resistindo com força física para aos agentes da lei.

De fato, a polícia tem frequentemente procurado provocar confrontos (ALABARCES, 2004, p. 77; GALVANI; PALMA, 2010, p. 161-184) contra os torcedores -barras e até mesmo torcedores comuns-. No entanto, a dimensão econômica é também de interesse para o apoio da tensão, quanto mais um jogo é considerado de risco, mais dinheiro devem pagar os clubes para a polícia nas operações de segurança (MURZI, 2011). Na Argentina, especialmente no contexto da cidade e província de Buenos Aires, as respostas institucionais sempre têm dado a impressão de se inserir num passo de reação (inevitável) depois dos episódios

dramáticos; e nunca em uma prevenção sociocultural (SUSTAS, 2013). O caso britânico é sempre mencionado por entidades responsáveis pela segurança no futebol indiscriminadamente (ALABARCES, 2004, p. 50-52; SEGURA; MURZI, 2013). No entanto, os casos belgas e alemãs onde os esforços e tentativas de prevenção já foram iniciados, nunca têm feito parte de debates sérios para considerar outras alternativas (SEGURA; MURZI, 2015).

Neste contexto, no entanto, várias medidas precisaram ser consideradas pelas políticas públicas: admissão ou direito de admissão, ou seja, a proibição de alguns indivíduos nos estádios tem sido uma iniciativa recorrente, especialmente na província de Buenos Aires. Porém, as barras-bravas são estruturas que se perpetuam além dos indivíduos, mercados e ganhos econômicos, de forma de poder substituir rapidamente aqueles que estão ausentes. Pesquisadores que investigaram as relações das barras confirmaram muitas ligações com autoridades, ora governo, ora clubes (ALABARCES, 2004, p. 101-104; GARRIGA, 2006, p. 111-135) assim como a convivência com a polícia para chegar a acordos; dois fatores que explicam a manutenção das atividades econômicas.

Todavia, a resposta situacional desde os anos 2000 foi a de criação de espaços vazios nos estádios para evitar a proximidade entre os fãs de diferentes equipes. Estes espaços sem público, ditos pulmões de segurança, afirmaram a separação do público previamente separado desde final dos anos 1960. Os pulmões introduziram uma lógica de divisão completa, envolvendo o projeto de um “outro” como alguém que não deve ser cruzado de forma nenhuma. Uma visão que excluiu qualquer possibilidade de emoções e comportamentos de autorregulação, em termos de Elias e Dunning (1986), condenando todos os públicos à uma condição de intolerantes. Além disso, estes espaços sem público foram adotados como padrão durante muitos anos.

Na segunda divisão (*El Nacional B*), considerada tão violenta (ou mais), onde o impacto econômico da televisão não oferece os mesmos benefícios que na liga principal, a “solução” encontrada foi a proibição total público da equipe visitante desde 2007 depois da morte do torcedor Marcelo Cejas, quando seu time, Tigre, conseguiu subir e o Nova Chicago foi rebaixado. Desde aí, no campeonato Nacional B, só se viu um público nas arquibancadas, mas isso não impediu os

confrontos entre torcedores de um mesmo clube em luta pelo poder. Agora, com o rebaixamento do River Plate no Nacional B na temporada de 2011-2012, uma exceção à norma foi concedida, mas acabou assim que River voltou à primeira divisão.

O clientelismo estabelecido com as autoridades fez com que as barras afirmaram grupos específicos, o que se denomina a *Barra oficial*, enfrentando outros concorrentes dentro de uma arquibancada, causando batalhas sem tréguas quando um grupo tem o direito de acessar e outro vê a sua entrada para o estádio negada.

O ano 2013 foi nesse sentido um divisor de águas. Para além dos 72 episódios de diferentes tipos de violência registrados (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2017), a feroz repressão em junho dos torcedores de Lanús levou a morte de um deles no estádio Único de La Plata. As decisões das autoridades provinciais de Buenos Aires foi proibir os visitantes com a expectativa de reduzir a violência nos estádios e arredores. Esta medida era contrária às tendências, que estavam provando que os maiores percentuais de confrontos não eram entre torcedores rivais. Uma clara mostra foi que diferentes facções dos adeptos do Boca Juniors se enfrentaram numa enorme batalha em julho antes de um jogo amistoso no estádio de San Lorenzo. As consequências foram dois mortos a tiro. Os visitantes não seriam mais permitidos em jogos profissionais como resposta da polícia pública nacional.

É claro que as medidas de políticas públicas adotadas nas últimas décadas e em particular nos últimos anos, não melhoraram a situação em nada em relação aos níveis de violência. Contudo, em oposição a esta histórica convivência, a exaustão dos cidadãos tem sido canalizada, de alguma forma, por duas associações que surgiram em meados da década de 2000, *Salvemos al Fútbol* e FAVIFA (Famílias das Vítimas da Violência no Futebol da Argentina). Estas associações foram criadas para denunciar o sistema de clientelismo e corrupção, onde a ausência da justiça e reparação têm definido o cenário. As suas ações têm estimulado novos fóruns de debate, desenvolvido atos de monitoramento em eleições, ensaios de auditoria em clubes e promovido pesquisas acadêmicas, no caso de *Salvemos*.

## UMA ONG NA LUTA CONTRA A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL: AS AÇÕES CIDADÃS

*Salvemos al Fútbol* nasceu por iniciativa de uma mulher, Monica Nizzardo, ex-funcionária encarregada da imprensa do Club Atlético Atlanta, um clube envolvido nos torneios entre a segunda e terceira divisão do futebol argentino, com passado histórico na primeira liga. No exercício das suas funções, Nizzardo foi vítima de uma cena de vandalismo que nenhuma das testemunhas quis denunciar por medo da retaliação. Em 2004, a sede do Atlanta foi visitada por um dos líderes da barra-brava. Em sua visita “protocolar”, o líder perguntou pelo presidente. Pelo fato de não obter respostas, ele quebrou computadores com uma massa de ferro. O caso foi a julgamento e o tribunal isentou o indivíduo em setembro de 2006, argumentando que não havia motivos para qualquer processo. Para combater as ameaças recebidas, Nizzardo fez várias aparições na mídia. Ainda assim, ela decidiu reclamar e criar uma estrutura para lutar contra a impunidade. *Salvemos* imediatamente fez causa comum com FAVIFA, a ONG presidida por Liliana Suárez, mãe do Daniel, um menino morto no meio de um confronto entre torcedores argentinos durante a Copa América 1995 no Uruguai. O surgimento dessa união rapidamente chamou outras figuras nestas causas cívicas, incluindo o advogado e ex-juiz federal, o Sr. Mariano Berges (NIZZARDO; BERGES, 2015)<sup>2</sup>.

A extensão de *Salvemos* e FAVIFA não só atraiu pessoas que procuravam denunciar a violência, mas também de indivíduos que desejavam compreender o fenômeno. Assim, um departamento de pesquisa foi estabelecido desde 2009 com o objetivo de produzir estatísticas e análises (MURZI, SUSTAS; ULIANA, 2015). As ramificações juntaram indivíduos isolados, transformando-os em ativistas, ampliando o capital social e o sentido de pertença para alguns dos membros mais comprometidos. Assim, as vozes de *Salvemos* e FAVIFA começaram gradualmente a circular em vários fóruns, não só em Buenos Aires, mas também em diferentes partes do país e até mesmo no exterior. Da mesma forma, documentários têm sido associados

com *Salvemos* e as incursões filmadas para denunciar todas as violações das normas de segurança.

Diante de cada episódio de violência grave no futebol, *Salvemos* tornou-se um ponto de referência para as informações, incorporado como uma fonte de consulta imediata para a mídia. No entanto, tal como Erick Neveu diz sobre a mídia, ela “não é um simples suporte no qual são projetados os discursos dos atores mobilizados, ela é parte da interação” (2008, p. 102). No contexto argentino de tensão política e de conflitos, alguns meios de comunicação têm usado cada episódio para deslegitimar a ação do governo, em particular nos doze anos dos governos entre 2003 e 2015. Assim, muitas denúncias contra a violência foram capturadas como uma motivação para atribuir toda a responsabilidade à falta de capacidade do governo nacional para criar soluções, numa guerra midiática onde o que menos importava era entender a natureza dos eventos. O cenário mediático mudou com a chegada do presidente Macri e a mídia está cada vez mais determinada a condenar a existência do sujeito barras-brava como único responsável do problema e isentar a um governo afim aos interesses da grande mídia.

Ao mesmo tempo, essas solicitações de mídia proporcionaram uma vitrine para *Salvemos* e também para FAVIFA (na sua exigência de justiça). A consistência das duas associações, especialmente o papel ativo de *Salvemos*, e sua fundadora Monica Nizzardo, adicionado ao repertório de cartas para a Associação Argentina de Futebol (AFA) e aos funcionários do Ministério da Segurança a cargo de espetáculo desportivo, funcionou como energia vital durante os primeiros anos de vida. Além disso, alguns eventos, poucos, mas bem atendidos pelos meios de comunicação foram articulados com seções de torcedores ordinários (*Socios*) para reivindicar a proibição das barras-bravas nos clubes.

*Salvemos* soube criar alternativas para torcedores comuns nas seções de vários clubes (sócios gerais ou grupos que reivindicam uma causa política no interior do clube). Neste sentido, *Salvemos* foi procurada na luta dos sócios de Newell’s Old Boys de Rosário para terminar o período prejudicial do ex-presidente (1994-2008), cliente de estreita e regular relação com uma as barras mais organizadas em atividades ilegais (DEL FRADE, 2008). A ONG pôde atuar na gestão da informação nas eleições democráticas que mudaram

<sup>2</sup>Estes primeiros passos poderiam ressoar como aqueles das Mães da Plaza de Mayo no final de 1970, no sentido de serem atores, quase isolados, reclamando a aplicação da justiça e a busca de respostas, que também pode ser observada em *Salvemos* e FAVIFA na sua luta contra a violência no futebol da Argentina.

a direção do clube. Um processo semelhante ocorreu entre *Salvemos* e Independiente de Avellaneda a partir de 2009. A ONG foi contactada por um grupo de oposição ao presidente entre 2005 e 2011, suspeito de relações económicas com a barra-brava. Mais uma vez, *Salvemos* agiu como auditor cidadão, observando as eleições do 18 de dezembro de 2011, apoiando ativamente a decisão do novo presidente Javier Cantero, para cortar todos os laços com a barra-brava. A iniciativa do Sr. Cantero provocou um debate intenso na mídia, tanto mais que denunciou quantidades consideráveis de recursos para a barra-brava, como ele recusou-se a manter as bandeiras e instrumentos nas instalações do clube.

Os diagnósticos e as medidas destinadas a combater a violência têm sido objeto de intensos debates dentro de *Salvemos*. Alguns membros, incluindo a fundadora, consideravam que devia-se erradicar dos estádios toda a pessoa identificada com uma barra-brava, enquanto outros interlocutores sempre têm sugerido que é melhor negociar, gerar compromissos e incentivos para reduzir os níveis de violência, sem excluir aqueles indivíduos que não têm antecedentes criminais, mas formam parte de um contexto que sempre legitimou a violência. Ambas posições produziram documentos opostos, um ao outro no site de *Salvemos* em 2012. Aliás, a ONG continuou, desde 2007, um banco de dados sobre as mortes relacionadas ao futebol iniciado pelo sociólogo Amílcar Romero (1986), o qual é atualizado a cada evento trágico e é amplamente citado pela mídia.

A este respeito, o trabalho quase imprudente de *Salvemos* foi capaz de chamar a atenção da mídia estrangeira (mexicana, brasileira, europeia, australiana, entre outras), de modo que noticiários internacionais foram realizando entrevistas com Monica Nizzardo e outros membros da associação. No entanto, depois de seis anos de intensas mobilizações e de esforços pessoais, foi normal que o esgotamento atingisse a moral da fundadora, para afastá-la em 2012 da presidência de *Salvemos*. Como Neveu diz: “situações e mobilizações intensas [...] também têm o efeito de deslocar a vida pública / vida privada [e] estruturar toda a experiência em torno do conflito” (2008, p. 75). Porém, ao contrário de outras associações cujo resultado está em perigo quando os líderes se desligam, a reconfiguração de funções entre os membros pôde dar continuidade.

Diante da saída da fundadora, o advogado Mariano Bergés tornou-se presidente, alguns antigos colegas se afastaram enquanto os membros chegaram entre 2013 e 2015. Em 2013, *Salvemos* continuou a dedicar-se a dar visibilidade a violência e a corrupção, apoiando às vítimas, mas também acrescentando uma nova dimensão preventiva. Este novo curso, foi conjugado com um maior diálogo com os atores do Estado. Em particular com a Direção de Convivência e Diversidade do governo da cidade de Buenos Aires para organizar oficinas em escolas públicas secundárias. O dispositivo, concebido e realizado pelos cientistas sociais Diego Murzi e Federico Czesli, visou ampliar os significados da violência no futebol e relacioná-los com práticas e comportamentos dos menino com idades entre 13 e 18 anos. Nas oficinas trabalharam-se questões de identidades de gênero, resistência, masculinidade, violência e territórios. A ONG também foi chamada pelo clube Nueva Chicago para intervir em suas divisões inferiores como resultado de problemas sociais cotidianos. Nesse ano, *Salvemos* organizou a exposição fotográfica “Futebol, território e identidades” exibida em vários centros culturais em Buenos Aires.

A partir de 2014, os canais de diálogo com o Estado se cristalizam na adjudicação de um projeto social para a organização de workshops, palestras e atividades esportivas em bairros e vilas (villas) da cidade de Buenos Aires. Aprofundando a linha ligada à prevenção e educação, membros da ONG começam a desenvolver um seminário sobre violência no futebol, na escola de jornalismo Eter. *Salvemos* participou também de duas conferências organizadas em áreas legislativas. Nesses espaços é que se dão interações com a maioria os atores que fazem parte do problema, sob a forma de exposições, diagnósticos e propostas para enfrentar o fenômeno. Além disso, o vice-presidente da ONG visitou a Federação Francesa de Futebol com sede em Paris, para conversar com os responsáveis pela prevenção da violência no futebol amador francês.

Desta maneira, entretanto, apesar de ser um ator com importante visibilidade e conhecimento sobre o assunto – baseado em pesquisas, inclusive algumas internacionais e propostas de ações – a ONG não foi convocada pelo governo nacional nesse período para trocar ideias ou participar em iniciativas públicas.

O ano 2014 foi um dos mais violentos na história do futebol argentino, responsável por 18 mortes, uma situação que colocou a *Salvemos* com uma forte presença na mídia. Nesse ano faleceu o presidente histórico da Associação de Futebol Argentino (AFA), Julio Grondona, quem nunca quis receber funcionários de ONG em reuniões privadas. Seu sucessor interino concordou em receber o presidente e o vice da ONG, para finalmente expor a visão que os presidentes dos clubes eram vítimas em relação à violência, e que a questão da segurança e o bem-estar dos espectadores eram simplesmente uma tarefa do Estado. Uma definição que definitivamente fechou a porta a qualquer expectativa. Ao longo desse ano, o presidente da ONG viajou regularmente à cidade de Rósario devido a dois assassinatos de torcedores de Newell's nas mãos de torcedores do Rosario Central em dezembro de 2013. Os familiares, Mia Roldan e Leonardo Boladian receberam ajuda livre do advogado Mariano Berges nas causas. Finalmente, em 2016, a incessante atividade deu frutos quando os atores foram condenados a prisão.

O ano de 2015 marcou o fim de um governo nacional após 12 anos no cargo. Os índices de violência no futebol foram inferiores em relação a 2014, mas permaneceram altos em comparação com anos anteriores. Em maio, o livro "*Salvemos al Fútbol: 10 años de lucha*" foi publicado sob o comando da ex-presidente e fundadora (NIZZARDO; BERGES, 2015). Enquanto isso, a ONG continuou a aprofundar a linha preventiva e educativa com oficinas sobre violência em bairros vulneráveis da cidade de Buenos Aires. A ONG atuou como guia de acolhimento de duas antropólogas holandesas da Universidade de Utrecht, reforçou ligações com pesquisadores europeus e latino-americanos, e criaram parcerias com as redes *Football Supportes Europe* e *FARE (Football Against Racism in Europe)*. Além disso, dois de seus membros realizaram uma pesquisa financiada pela FIFA sobre a questão da formação de jogadores (MURZI; CZESLY, 2016).

Em 2016, com o novo governo nacional, *Salvemos* e seus membros, às vezes separadamente, foram convocados pela primeira vez a partir da Direção de Segurança em Espetáculos de Futebol e Esportes dependente do Ministério da Segurança Nacional. Mas apesar das promessas de trabalhar em conjunto, a agência seguiu eventualmente o curso

tradicional em políticas de segurança esportivas: saídas punitivas, reduzindo o diagnóstico apenas ao problema das barras-brava e nenhum investimento feito em políticas preventivas de médio prazo.

Sem desanimar, a ONG elaborou o Decálogo de Direitos do Torcedor, onde a partir de 10 propostas visibiliza o debate sobre muitas questões controversas da gestão dos clubes e do Estado no futebol. A este respeito, alguns membros da ONG apoiaram a criação da *Coordinadora de Hinchas*, associação de membros de vários clubes cujo lema é opor-se o desembarque de sociedades anônimas no futebol impulsionado pelo governo nacional. *Salvemos* começou também uma série de workshops em clubes profissionais (Argentinos Juniors, All Boys, entre outros) e clubes de futebol juvenil, para jogadores, treinadores e pais na intenção de problematizar os sentidos de violência e suas manifestações com apoio do governo da cidade de Buenos Aires. Um colaborador de pesquisa e dos membros da associação decidiram elaborar um banco de dados sobre os atos de violência identificados na mídia no futebol profissional a partir de 2006 (SEGURA; MURZI; NASSAR, 2017). Este trabalho visa a uma fonte de informações mais ampla sobre o fenômeno, uma matéria pendente ainda no Estado como foi evidenciado quando o Ministério de Segurança Nacional fez contato com a ONG para pedir estatísticas sobre a violência no futebol.

A ONG se estabeleceu nestes 11 anos como uma referência sobre o problema nos meios de comunicação. Colunas de opinião sobre os acontecimentos em torno de futebol são escritas periodicamente para a agência de notícias Telam. O desafio de *Salvemos* na sua segunda década de funcionamento consiste em evitar cair em processos de rotina, nos quais ela participa do debate diante dos episódios trágicos, mas tem ainda pouca capacidade para incidir nas políticas públicas. A morte do torcedor Emmanuel Balbo em abril 2017, depois de ser brutalmente agredido na arquibancada de Belgrano de Córdoba pelo fato de ser falsamente acusado como torcedor de Talleres – num *derby* (encontro esportivo entre equipes vizinhas ou rivais) no qual o público visitante não tinha direito de se apresentar – colocou de novo aos membros de *Salvemos* na vitrine do debate. A ONG representa, definitivamente, uma resposta associativa frente à violência no futebol argentino.

## REFLEXÕES FINAIS

Os torcedores do futebol argentino estão certamente entre os mais apaixonados do mundo. Todavia a violência apresenta uma outra faceta, triste, do fenômeno. As vítimas fatais dos confrontos são adicionadas à lista de mortes. Por conseguinte, o caso da Argentina revela um número de paradoxos e dilemas: é possível manter o ardor e as características estéticas das arquibancadas, reduzindo os níveis de violência? É possível transformar a cultura do *aguante* numa cultura da festa cívica?

Os usos da violência revelam significados diferentes no futebol da Argentina. Até os anos 2000, a maioria das vítimas estavam ligadas às rivalidades de guerras simbólica entre torcidas rivais, defendendo cada uma a “honra” e o “prestígio” de uns diante dos outros, nas práticas da exposição do “*aguante*”. Essa lógica começou a mudar a partir dos anos 2000 para maiores disputas dentro das barras-bravas. A constituição de diferentes mercados, que atribuem ganhos econômicos, reafirmou as lutas internas. De fato, o controle das atividades realizadas por uma barra-brava e a cumplicidade em exercício de vários atores abriram possibilidades para benefícios monetários e recompensas.

A cumplicidade contribuiu para a perpetuidade das atividades de bravas-barras no século XXI. Mas uma estrutura de oposição surgiu no seio da sociedade civil. Apesar de não ser um movimento social, permanecendo sempre ao nível de pequenas ONGs, *Salvemos al Fútbol* e FAVIFA foram erguidas como uma rede de protestos. Seguindo o raciocínio do sociólogo Alain Touraine (1978), uma mobilização deve ser capaz de definir um oponente social. Neste caso o adversário é definido como uma entidade abstrata que é a violência no futebol e, especificamente, para alguns membros históricos das duas ONGs a erradicação das barras-bravas do cenário. No entanto, para se tornar um verdadeiro movimento, é importante construir uma visão de projeto social. Nesta dimensão, a capacidade destas associações é ainda baixa. O objetivo inicial de *Salvemos* era a denúncia da violência e a corrupção, e o da FAVIFA a justiça restaurativa. Objetivos absolutamente legítimos e necessários num país onde as barras-bravas têm sido um ator central na violência do agitado futebol. Mas as barras não são os únicos atores agindo. Diferentes pesquisas nas

ciências sociais já demonstraram o fato que as forças da ordem, muitas vezes amplificam as tensões, assim como outros torcedores nos estádios (espectadores) também criam situações violentas, e o pior, as vezes são os jogadores que contribuem para a histeria generalizada.

Em oposição a esta cultura, *Salvemos* tornou-se um ator que pode influenciar outros atores a se envolver nas propostas de alternativas. O espírito permanece principalmente na capacidade dos sócios para se organizar e tomar o destino dos seus clubes, exemplos como os de Newell's Old Boys de Rosário, e outros de ligas mais baixas demonstram que é possível, mas não é fácil. A capacidade de mobilização existe, as manifestações dos fãs San Lorenzo de Almagro para exigir o retorno ao bairro Boedo, lugar do antigo estádio em Buenos Aires, ou a apresentação da maior bandeira do mundo dos torcedores do River Plate em outubro de 2012 constituem provas de fidelidade sem recurso à violência. Porém, para neutralizar qualquer cumplicidade, o sistema deve avançar nas propostas e consultas adicionais.

É desejável que o debate se intensifique num plano real. É possível cantar, pular e desfraldar grandes bandeiras nas arquibancadas sem querer bater, atacar ou matar ao “outro”. Acreditamos que é possível, mas há um longo caminho a percorrer para que a mudança cultural proponha uma festa cívica sem violência. Pesquisadores, como o sociólogo Santiago Uliana, já propuseram a criação de pulmões de convivência: os torcedores de equipes rivais podem estar juntos, desfrutar de um show e interagir sem violência. A separação não é sempre a solução, pelo contrário, a criação de espaços de diversidade – como acontece em alguns jogos do Grêmio e Inter no Brasil – pode contribuir para apreciar o “outro” de forma diferente e em paz.

*Salvemos al Fútbol* procura iniciativas pensadas no trabalho preventivo. Nós, os autores deste texto em particular, aderimos à possibilidade de explorar diferentes modelos. A intervenção sociológica (DUBET, 2008) é desejável na busca de novos fóruns que podem informar o debate, a reflexão e propor ferramentas públicas de intervenção junto com os cidadãos. Porém uma consulta geral sem o compromisso sincero do mundo do futebol no seu conjunto, não tem possibilidades de traduzir-se em mudanças. Nesse sentido, a Associação de Futebol (AFA) é um ator que pode

desempenhar um papel ativo, junto com um Estado que precisa reforçar as dimensões da prevenção e não apenas reagir, com duros discursos diante das tragédias.

Além disso, todos têm o desejo geral de reduzir e controlar a violência no futebol, mas isso não poderia passar sem a participação dos torcedores e as agrupações civis nos clubes. Tal escala exigiria, de fato, consultas de grande escala. Podemos afirmar, porém, que o custo de um plano cidadão é sempre mais leve do que a inércia dos mortos. Devemos também refletir sobre a pertinência da integração dos líderes das arquibancadas. Devemos fazê-lo? Como? Quais seriam os interlocutores? A tentativa da ONG *Hinchadas Unidas* em 2010 mostrou quão controverso pode ser isso. As vítimas de violência dirão, sem dúvida, que não é questão de integrar as barras-bravas no debate.

Por outro lado, uma sociedade deve confrontar todas as vozes na resolução de um problema social grave. Talvez novos atores como a recente *Coordenadora de Hinchas* possam indicar o caminho para manter a festa do futebol sem (ou pelo mínimo com menos) violência. Todas estas questões complexas permanecem em aberto. As ciências sociais têm uma palavra a dizer a este respeito. Elas podem contribuir não só para fazer diagnósticos, mas também para propor sistemas de monitoramento e avaliação das políticas públicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALABARCES, PABLO. *Crónicas del Aguante. Fútbol, violencia y política*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2004.
- ALABARCES, PABLO (Ed.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.
- ARAGON, SILVIO. *Los trapos se ganan en combate*. Buenos Aires: Antropofagia, 2008.
- ARCHETTI, EDUARDO. *Masculinidades. Fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.
- ARCHETTI, EDUARDO; ROMERO, AMÍLCAR. Death and violence in Argentinian football. In.: GIULIANOTTI, RICHARD; BOONEY, NORMAN; HEPWORTH, MIKE (Eds.). *Football, Violence and Social Identity*. Londres: Routledge, 1994.
- BOURDIEU, PIERRE. Comment peut-on être sportif. In.: *Question de Sociologie*. Paris: La Découverte, 1981.
- BROMBERGER, CHRISTIAN ; HAYOT, ALAIN ; MARIOTTINI, JEAN MARK. *Le match du football. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*. Paris: Maison de Sciences de l'Homme, 1995.
- BUNDIO, JUAN. Redes negativas: el pequeño mundo de las hinchadas de fútbol. In.: *Redes*, 2013, Vol. 4, No. 2, p. 109-134.
- CLARKE, JOHN. Football and Working-Class Fans: Traditions and Change. In.: INGHAM, ROGER (ed.). *Football Hooliganism: The Wider Context*. Londres: Interaction, 1978.
- D'ANGELO, NATALIA. La nueva conflictividad en las barras bravas en Argentina: una lectura a la luz de la teoría de redes. In.: *Revista de Investigación Social*, 2011, UNAM, Vol. VIII, No.13, p. 55-75.
- DAL LAGO, ALESSANDRO; DE BIASI, ROCCO. Italian football fans. Culture et organisations. In.: GIULIANOTTI, RICHARD; BOONEY, NORMAN; HEPWORTH, MIKE (Eds.) *Football, violence and social identity*". Londres: Routledge, 1994.
- DEL FRADE, CARLOS. *Central, Ñuls: La Ciudad Goleada. Fútbol, lavado de dinero y poder*. Tomo II. Rosario: Último Recurso, 2008.
- DUBET, FRANÇOIS. *L'expérience sociologique*. Paris: La Découverte, 2008.
- EHREMBER, ALAIN. Les hooligans ou la passion d'être égal. In.: *Esprit*, 1985, No 104-105, p. 65-81.
- ELIAS, NORBERT; DUNNING, ERIC. *Sport et civilisation. La violence maîtrisée* (1986). Paris: Fayard, 1994.
- FRYDEMBERG, JULIO. *Historia social del fútbol en Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2011.
- GALVANI, MARIANA; PALMA, JAVIER. La hinchada de uniforme. In.: ALABARCES, PABLO (Ed.). *Hinchadas*. Buenos Aires: Prometeo, 2005.
- GARRIGA, JOSÉ. *Haciendo amigos a las piñas: violencia y redes sociales en una hinchada de fútbol*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.
- GARRIGA, JOSÉ. Cartografías de la(s) violencia(s). In.: GARRIGA, JOSÉ. *Violencia en el fútbol: investigaciones sociales y fracasos políticos*. Buenos Aires: Godot, 2013.
- GAXIE, DANIEL (1977). Economie des partis et rétributions du militantisme. In.: *Revue française de sciences politique*. 1977, Vol. XXVII, No.1, p.123-154.
- GEERTZ, CLIFFORD. *La interpretación de las culturas (1973)*. Barcelona: Gedisa, 1992.
- GIL, GASTON. *Hinchas en tránsito, violencia, memoria e identidad en una hinchada de un club del interior*. Buenos Aires: Gran Aldea, 2007.

- GODIO, MATÍAS; ULIANA, SANTIAGO. Aportes para una nueva experiencia de la seguridad en los estadios del fútbol argentino. In.: **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, 2016, Vol.3, No. 1, p. 71-82.
- LEVINSKY, SERGIO. **AFA: el fútbol pasa, los negocios quedan**. Buenos Aires: Autoria, 2016.
- MIGNON, PATRICK. **La Passion du Football**. Paris: Odile Jacob, 1998.
- MOREIRA, VERÓNICA. Buenos luchadores y grandes hombres, poder y política de una hinchada de fútbol en Argentina. In.: **Revista Question**, 2008, Vol.1, No17, p. 1-17.
- \_\_\_\_\_. Juego electoral y relaciones políticas en el fútbol argentino. In.: **Questões & Debates**, 2012, Vol.57, No.1, p. 127- 149.
- MURZI, DIEGO. **Hooligan ou business man? Portrait des supporters de football violents en Argentine**. Mémoire de master II – Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris, 2011.
- MURZI, DIEGO; CZESLY, FEDERICO. De la humildad a lo mental: un análisis comparativo del proceso de formación de futbolistas profesionales en Argentina y en Francia. In.: **Apuntes de Investigación del CECYP**, 2016, No. 28, p.162-182.
- MURZI, DIEGO; SEGURA, FERNANDO. Violences dans les stades en Argentine: la place des «barras-bravas» et la réaction citoyenne. In.: BUSSET, THOMAS; BESSON, ROGER; JACCOUD, CHRISTOPHE (Eds.). **L'autre visage du supportérisme**. Berna: Peter Lang, 2014.
- MURZI, DIEGO; SUSTAS, SEBASTIÁN; ULIANA, SANTIAGO. La violencia en el fútbol desde las ciencias sociales. In.: NIZZARDO, MÓNICA; BERGES, MARIANO (Eds.). **Salvemos al Fútbol**. Buenos Aires: Dunken, 2015.
- NEVEU, ERIK. **Sociologie des mouvements sociaux**. Paris: La Découverte, 2008.
- NIZZARDO, MÓNICA; BERGES, MARIANO. **Salvemos al Fútbol: 10 años de vida**. Buenos Aires: Dunken, 2015.
- PALOMINO, HECTOR; SCHER, ARIEL. **Fútbol, pasión de elites y multitudes: estudio institucional de la Asociación de Fútbol Argentino (1934-1986)**. Buenos Aires: CISEA, 1988.
- ROMEO, AMÍLCAR. **Deporte, violencia y política (crónica negra 1958-1985)**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1985.
- ROMERO, AMÍLCAR. **Muerte en la Cancha**. Buenos Aires: Editorial Nueva América, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Las Barras Bravas y la contrasociedad deportiva**. Buenos Aires: Nueva América, 1994.
- \_\_\_\_\_. Apuntes sobre la violencia en el fútbol argentino. In.: **EDDeporte**, 1997, No. 8, p. 1-5.
- SEGURA, FERNANDO. Ritualización y mercantilización de la violencia en el fútbol: elementos comunes y diferencias entre las barras de Argentina y México. In.: **Documento de trabajo DAP**, CIDE, DAP, 2013, No.267, p. 1-47
- SEGURA, FERNANDO; MURZI, DIEGO. Alternativas europeas comparadas de gestión y seguridad en los estadios de fútbol. ¿Qué se puede aprender? In.: GARRIGA, JOSÉ (Ed.). **Violencia en el fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- \_\_\_\_\_. ¿Gestión de la violencia en el fútbol? Perspectivas críticas sobre Inglaterra y Bélgica. In.: **Gestión Pública**, 2015, Vol. 4, No.1, p. 65-106.
- SEGURA, FERNANDO; MURZI, DIEGO; NASSAR, BELÉN. **Describing violence, deaths and football in Argentina: who participates and what is at stake?** Em processo de avaliação para revista internacional, 2017.
- SODO, JUAN. De la violencia a los ambientes de violencia: entre el doble discurso de los hinchas y el doble reduccionismo mediático. In.: GARRIGA, JOSÉ (Ed.). **Violencia en el fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- TAYLOR, IAN. **Football Mad – Speculative Sociology of Soccer Hooliganism**. In.: DUNNING, ERIC (Ed.). **The Sociology of Sport: A Selection of Readings**. Londres: Cass, 1971.
- TSOUKAKA, ANASTASSIA. **Hooliganisme en Europe, Sécurité et libertés publiques**. Paris: Athéna, 2010.
- TOURAINÉ, ALAIN. **La Voix et le Regard**. Paris: Seuil, 1978.
- ULIANA, SANTIAGO; GODIO, MATÍAS. Separar, dividir y mortificar. In.: GARRIGA, JOSÉ (Ed.). **Violencia en el fútbol**. Buenos Aires: Godot, 2013.
- WILLIAMS, JOHN; DUNNING, ERIC; MURPHY, PATRICK. **Hooligans Abroad**. London: Routledge, 1984.



# CIRCULAÇÃO IRREGULAR DE JOGADORES BRASILEIROS NO MERCADO INTERNACIONAL<sup>1</sup>

## IRREGULAR CIRCULATION OF BRAZILIAN PLAYERS IN THE INTERNATIONAL MARKET

**Luiz Carlos Ribeiro\***

### RESUMO

Análise das transações irregulares de jogadores de futebol no mercado internacional, com destaque para a circulação de brasileiros em Portugal. A hipótese aventada é que a grande circulação de jogadores brasileiros no mercado internacional precisa ser compreendida na lógica da globalização, em especial no contexto da flexibilização neoliberal das barreiras comerciais, financeiras e de fluxo migratório.

**Palavras-chaves:** Futebol, globalização, mercado internacional, migrações.

### ABSTRACT

Analysis of the irregular transactions of soccer players in the international market, with emphasis on the circulation of Brazilians in Portugal. The hypothesis is that the great circulation of Brazilian players in the international market needs to be understood in the logic of globalization, especially in the context of the neoliberal flexibilization of trade, financial and migratory flow barriers.

**Keywords:** Football, globalization, international market, migrations.

---

<sup>1</sup> Projeto de pesquisa em andamento, com financiamento parcial do CNPq (Chamada Universal MCTI/CNPq 01/2016) e do PIBIC/CNPq/UFPR.

\* Professor adjunto IV da UFPR. É pós-doutor pela EHESS-École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris/França) e pelo Instituto de Ciências Sociais, da Universidade de Lisboa. Coordena o Grupo de Estudos “Futebol e Sociedade” (PGHIS/UFPR).

## INTRODUÇÃO

O objeto do presente artigo é o estudo do processo de constituição do que estamos denominando de circulação irregular de jogadores brasileiros de futebol no mercado internacional.

Portanto, o recorte temático proposto não é a da circulação de jogadores profissionais que saem do Brasil com contratos que cumprem as legalidades formais, mas fundamentalmente, explorar a fronteira pouco visível de um mercado compreendido por uma massa de indivíduos que se aventuram em esquemas irregulares e ilegais, na perspectiva de iniciar uma carreira de jogador de futebol no mercado internacional.

Apesar de ser um assunto banalizado na mídia, analisar essa temática da circulação irregular de jogadores exige entendê-lo como um fenômeno polimórfico. Uma heterogeneidade que tem como principal característica a forma obscura como se apresenta na sociedade. E talvez, por conta disso, seja ainda assunto pouco estudado e/ou apenas tangenciado nos trabalhos acadêmicos.

A complexidade do assunto começa já na tentativa de definir uma linha de distinção entre o que seria uma transação regular ou irregular de jogadores de futebol. Os casos recentes da transferência do jogador Neymar Júnior do Santos Futebol Clube para o Fútbol Club Barcelona, ou dos envolvimento de Leonel Messi (Barcelona) e Cristiano Ronaldo (Real Madrid Club de Fútbol) com o fisco espanhol, revelam a falta de transparência como se desenvolvem os negócios no campo futebolístico. Até porque esses casos envolvem jogadores altamente profissionais, clubes tradicionais e contratações supostamente regulares. A nebulosidade das transações financeiras desses atletas borra com frequência a fronteira entre o legal e o ilegal no campo futebolístico.

O nosso ponto de partida, portanto, é tensionar a relação regular/irregular. Ao mesmo tempo em que é notória a existência de instituições solidamente constituídas e regras internacionais claras sobre o sistema de transferência de jogadores e as diversas atividades financeiras do setor, tanto no direito esportivo quanto no direito comum, é preciso reconhecer a convivência desse sistema legal com práticas fraudulentas.

Assim como, tanto no contexto nacional quanto mundial, são pouco visíveis os limites distintivos entre futebol amador – associado à ideia de menor grau de

controle –, e futebol profissional – regido por regras oficiais.

Essa dificuldade de distinguir o futebol amador do profissional, nos traz à memória antigas discussões sobre o profissionalismo marrom, dos anos 1930/40.

A explicação para essa situação é que, tanto no campo esportivo quanto no direito e no mercado financeiro comuns, os instrumentos de controle dos processos de transação e circulação de jogadores se apresentam intencionalmente frágeis.

Inscrito como um mercado de incertezas, tanto para o jogador e seus familiares, quanto para agentes, clubes e investidores, a hipótese que levantamos é de que a elevada insegurança do investimento justifica o risco de práticas irregulares e ilegais.

Configura-se uma fragilidade instalada no interior das instituições reguladoras e no sistema, de tal modo que regramento e desregramento convivem num mesmo ambiente.

Como não há garantias de eficácia, o que predomina é a anomia do risco, em que a transgressão é parte do sucesso do negócio. Ignora-se que o elo mais frágil da corrente é o jovem atleta, como bem observa estudo desenvolvido na França

Trata-se de tráfico de menores que apresenta numerosos riscos para todas as crianças, uma vez que o objetivo visado pelos caçadores de talento é vendê-las o mais rápido possível, como mercadorias, de maneira a obter lucros significativos. Contudo, no caso desses jovens menores não se tornarem rentáveis, os empresários e mesmo os clubes não hesitam de jogá-los na rua, sem dinheiro, sem alojamento e sem visto de permanência. (BAKADIABABU, 2001:32)

A incerteza do negócio, para todos os envolvidos, leva a rede a produzir mecanismos de fugas às regras. Regras que se apresentam frouxas exatamente para facilitar os subterfúgios. No dizer de Raffaele Paoli, referindo-se aos jovens amadores que se aventuram nesse mercado incerto, esses indivíduos não podem ser tratados como “migrantes qualificados” – supostamente por se tratar de uma mão-de-obra diferenciada do trabalhador comum – mas sim de “migrantes a se qualificar”. (POLI, 2004) E, no limite, uma qualificação que para a grande maioria nunca se realiza.

Ou seja, a situação de irregularidade, ou de ilegalidade, é de difícil comprovação, na medida em que

os diversos agentes envolvidos, de forma mais ou menos direta, têm interesse em envolver essas transações num véu pouco transparente. Ocultar as transações do controle público é a melhor forma de garantir o sucesso do negócio.

### A GUIA DE EXEMPLO, UM CASO SINGULAR

Exemplos que demonstram a relação promíscua entre o legal e ilegal, entre o atleta amador que inicia a sua carreira e o formalmente instalado no mercado profissional não faltam. Vamos apenas citar um exemplo que, pela sua atualidade e pela importância institucional dos agentes envolvidos, dá bem uma ideia da rede complexa a que nos referimos.

No dia 1º de junho de 2017 o Club Atlético de Madrid foi, em decisão final, punido pelo Tribunal de Arbitragem Desportivo (CAS, em inglês), da FIFA (Fédération Internationale de Football Association), acusado de contratar jogadores menores de idade.

A sanção foi inicialmente imposta em janeiro de 1917 pelo Comitê Desportivo da FIFA, em consequência das irregularidades do time espanhol ao contratar jogadores menores de idade para atuar no clube. A investigação concluiu que o time violou as regras estipuladas nos regulamentos da FIFA para a contratação de jogadores menores de idade, em 65 dos 183 casos investigados.

Pesquisando sobre alguns dos agentes envolvidos nesse caso, localizamos o magnata Wang Jianlin, da empresa Wanda, que é também proprietário de 20% das cotas do Atlético de Madrid.

Em parceria com Atlético de Madrid, o empresário coordena o Projeto Wanda, que tem a proposta de “mobilizar 1 milhão de jovens chineses praticando futebol”: “Se o projeto for mantido pelos próximos dez anos, tem potencial para produzir jovens promessas capazes de jogar em ligas europeias, e, inclusive, pela seleção chinesa”, previu Wang em pronunciamento à imprensa. (UOL ESPORTES, 2017) Por conta desse projeto, desde 2011 o empresário vem financiando a estadia de 180 jovens chineses em centros de treinamento da Espanha.

Simultâneo, a Wanda se tornou, a partir de março de 2017, numa das principais patrocinadoras da FIFA, substituindo antigos patrocinadores – Emirates e Sony – que se retiraram após os escândalos de corrupção na

entidade, em 2014 (O GLOBO, 2016). Ainda em janeiro de 2017, a empresa organizou a Copa da China, um torneio Fifa criado e financiado pela Wanda, que teve a participação de China, Islândia, Croácia e Chile.

Entre centenas de casos que podemos citar, este envolvendo a empresa global Wanda, o Club Atlético de Madrid e a FIFA exemplifica a complexidade que é distinguir o que é regular e o que é irregular no mercado internacional de jogadores de futebol.

Reduzir a explicação do mercado ilegal de jogadores de futebol como uma atividade marginal de agentes inescrupulosos é ingenuidade e só reproduz a falta de transparência existente.

### O POSICIONAMENTO DA FIFA

Na questão específica do tráfico de atletas menores – uma das críticas mais contundentes do poder público – as instituições dirigentes do futebol posicionam-se, no mínimo, de forma ambígua. Apesar de se manifestar contrária à mercantilização de atletas menores de 18 anos, o regulamento da FIFA abre uma condição excepcional: “se os pais do jogador se instalarem no país do novo clube, por razões estranhas ao futebol” (FIFA, 2014:22). Ou seja, ao invés de agir no sentido de coibir as transferências de menores de forma incisiva, legitimam uma das formas mais utilizadas pelo mercado ilegal de jogadores menores, que é usar a contratação dos pais por alguma empresa comercial ligada aos dirigentes do clube ou a agentes envolvidos no negócio, viabilizando desse modo a transferência do atleta menor.

E é desse modo frouxo e descomprometido com a situação do tráfico internacional de jogadores menores que a FIFA se posicionou formalmente em documento recente:

A FIFA só é capaz de regular as atividades promovidas no âmbito do futebol organizado. Questões relacionadas com a “tráfico de crianças”, como qualquer outra atividade criminal, é da competência das autoridades nacionais e internacionais (polícia, judiciais ou governamentais). Estas questões estão fora da jurisdição da FIFA, mas congratulamo-nos, naturalmente, muito favoravelmente com qualquer medida que demonstrem que as autoridades levam a sério e, por meio de nossas disposições relativas à proteção dos menores, contribuímos para, na esfera de competência da FIFA, buscar soluções a este grande problema. (FIFA, 2016)

Ora, é óbvio que não cabe à FIFA o papel de agente policial no combate ao crime de tráfico de menores. Mas, considerando que o foco propulsor dessa prática, no âmbito esportivo, se encontra “no futebol organizado”, e sobretudo nos grandes e ricos clubes europeus, espera-se da entidade máxima do esporte mais do que congratular-se com as autoridades pelas suas iniciativas. É mais, se a prática existe, como a própria FIFA reconhece, inclusive quando pune seus filiados, é porque o problema se encontra exatamente no âmbito do futebol organizado. A atividade criminosa só existe porque os grandes clubes, as federações nacionais e internacionais atuam na sua proliferação. O que a FIFA faz é simplesmente negar a sua responsabilidade com essa conduta, tornando-se, portanto, conivente. Na prática, ao se negar a enfrentar efetivamente o tráfico de menores no meio futebolístico, a entidade atua como legitimadora da irregularidade, mesmo que indiretamente. Portanto, reafirmo, qualquer tentativa de afirmar que o tráfico internacional de jogadores menores se encontra nas mãos de indivíduos *outsiders* ao sistema, é falso. A situação é apresentada dessa maneira exatamente para não enfrentar o problema onde ele realmente se encontra, ou seja, no âmbito do futebol organizado e profissional.

A publicação da FIFA do quadro de transferência internacional de jogadores menores, nos últimos anos, serve para constatar como esse nicho específico do mercado internacional de jogadores vem crescendo.

Quadro 1 - Transferência internacional de jogadores menores.

Ano	2011	2012	2013	2014	2015
Demanda total	1500	1747	1845	2189	2716
Aceitos	1343	1527	1637	1929	2323
Rejeitados	157	220	208	260	393

Fonte: FIFA, 2016.

Nesse período, tanto a demanda quanto as transferências legais de jogadores menores de 18 anos aceitas tiveram um crescimento médio de 80%, fato que pode ser interpretado como ampliação tanto de mercado legal, facilitado pela flexibilização de relações econômicas e financeiras, quanto do ilegal, que se aproveita do afrouxamento institucional.

Uma vez que a legislação esportiva o permite, é plausível entendermos que esses dados se referem a transferências regulares de jogadores menores. Porém,

apesar de revelar uma tendência preocupante, os dados não dão conta do universo do mercado irregular/ilegal existente que existe como uma franja invisível.

De todo modo, é explícita a crescente demanda por jogadores mais jovens. A tendência progressiva por atletas menores atende a uma lógica de mercado, pois em geral esses são mais baratos. Não se encontram ainda valorizados em seus clubes, sendo que a maioria deles joga em clubes menores e mesmo amadores em seu país.

Trata-se de uma prática que, pela forma predatória com se efetiva, desorganiza a vida pessoal (social, educacional e psíquica) dos jovens atletas pois, para a maioria deles, o resultado desse processo é o abandono, tornando-se ainda mais socialmente vulneráveis.

Assim como também se configura uma propensão que compromete a formação de novos atletas nos países importadores, desequilibrando o processo formativo dos jovens. Ou seja, para esses países, comprar no exterior jovens atletas sai mais em conta do que formar os locais que, como cidadãos nacionais possuem toda uma carga de direitos sociais e trabalhistas que os estrangeiros, pela sua vulnerabilidade, não exigem. Essa conduta, como reconhece a própria FIFA prejudica sobretudo os jovens originários de condições de países de reduzido controle social, como ocorre nas regiões da América latina e África:

Os jovens jogadores podem estar vulneráveis (exploração e abuso), pois se encontram em um país estrangeiro, sem medidas de controle adequadas. Se a transferência internacional pode, em alguns casos, beneficiar a carreira de atleta jovem, na maiorias das vezes essas transferências de modo algum os beneficia. (FIFA, 2016)

Porém, apesar da tentativa da entidade de mostrar preocupação com o controle desse mercado irregular, é óbvio que a grande massa do mercado ilegal de jogadores menores encontra-se fora dos quadros estatísticos oficiais.

Como afirmamos acima, a opção pelo termo “irregular”, primeiro, não significa afirmar, pura e simplesmente, uma distinção clara em relação ao mercado “regular”. Segundo, a opção pelo termo “irregular” e não “ilegal”, foi sugerida por diversos agentes, tanto do meio esportivo quanto da sociedade em Portugal,

como órgãos públicos e ONG's que atuam em defesa dos direitos sociais dos migrantes comuns.

Direitos humanitários esses que, apesar de absolutamente justos, borram ainda mais a distinção entre o que deve ser criminalizado e o que é o direito social de um sujeito precarizado que, de modo geral, é a situação do migrante irregular.

Apesar de difícil a distinção, esse dilema não se aplica aos sujeitos que, aproveitando-se da ingenuidade e/ou vulnerabilidade do migrante, o utiliza para ter ganhos pessoais. No limite, é o caso dos que atuam na viabilização do contrabando ou tráfico de crianças, em geral socialmente vulneráveis, que ocorre no meio futebolístico.

### TRANSFERÊNCIAS INTERNACIONAIS DE JOGADORES DE FUTEBOL

Em publicação realizada em maio de 2017, *L'Observatoire du football*, do CIES apresentou um importante estudo sobre jogadores de futebol que atuam fora de seu país de origem. O termo, em francês, utilizado para definir esses profissionais é *expatriés*. Essa expressão, expatriado, em português tem conotação forte de degredado, deportado, desterrado, exilado ou proscrito. Como em francês o termo é mais amplo e em geral define o sujeito que atua por circunstâncias as mais diversas, fora do seu país, preferimos utilizar os termos estrangeiros ou exportados, no sentido de diferenciá-lo do jogador que atua em seu próprio país.

Nesse estudo, *L'Observatoire du football* analisou a situação de 2.120 clubes, num total de 12.051 jogadores, em todas as confederações e ligas profissionais de futebol no mundo. (CIES, 2017)

Entre os países que mais exportam jogadores, de longe o Brasil é o principal, com o registro de 1.202 atletas, liderança que se mantém desde os anos 1980/90, quando se intensificou a diáspora de brasileiros pelo mundo, um dos principais subprodutos da globalização do mercado. Com base no documento do CIES, apresento abaixo um recorte dos principais países exportadores de jogadores de futebol:

Quadro 2 - Principais países exportadores – maio 2017

Brasil	1.202
França	781
Argentina	753
Sérvia	460
Inglaterra	451
Espanha	362
Alemanha	335
Croácia	323
Nigéria	292
Uruguai	288
Colômbia	284
Portugal	240
Gana	236
Holanda	232
Bélgica	216

Fonte: CIES, 2017.

A análise da presença significativa, nesta lista, de países tradicionalmente importadores de jogadores, é pouco desenvolvida no artigo. Apenas para a França e Inglaterra há algum destaque. No caso francês, afirma o estudo:

Na maioria dos casos, trata-se de jogadores de origem argelina que cresceu na França e que regressaram ao país de seus pais para prosseguir a sua carreira profissional de jogador. (CIES, 2017)

Ou seja, trata-se de uma situação muito singular. Por mais que esses jogadores tenham a cidadania francesa, o que se está exportando são indivíduos que vivenciam situações com oportunidades econômicas, sociais e esportiva inferiores à dos sujeitos tradicionais e estabelecidos. Faz uma diferença fundamental, na França, ser nascido em famílias brancas e católicas tradicionais, de ser imigrante ou descendente, e habitar em bairros pobres com população majoritariamente árabe. Revela-se aqui uma complexidade étnico-social na França que demandaria uma longa análise, a qual não teríamos como desenvolver nesse artigo.

Como também é peculiar o caso da Inglaterra, reconhecido o maior importador de jogadores de futebol da era da globalização. Segundo o *L'Observatoire du football*, é seguinte a explicação à proeminência inglesa também nas exportações:

A presença da Inglaterra entre as cinco principais associações exportadoras de jogadores de futebol,

está fortemente relacionado ao grande número de expatriados ingleses para outras nações britânicas, incluindo País de Gales (143 jogadores) e Escócia (114). Mais de metade dos ingleses que jogam no exterior tiveram seus desenvolvimentos nos clubes desses países. (CIES, 2017)

Em outras palavras, mais da metade dos exportados ingleses dirigem-se a países da própria comunidade britânica.<sup>2</sup> Trata-se muito mais de uma circulação interna à comunidade, do que propriamente um processo de migração entre culturas social e economicamente diferentes.

Um estudo mais profundo desse quadro, tanto na França quanto na Inglaterra, demandaria uma análise das origens sociais desses migrantes. Se no caso do Brasil existe já um paradigma indicativo de que os jogadores em sua maioria são originários das camadas sociais mais pobres, resta conhecer esse fenômeno da migração em países ricos e de menor desigualdade social.

Os casos da Espanha e Alemanha, identicamente apontados como países exportadores, mereciam também um estudo à parte, pois certamente os números apresentados ocultam especificidades quanto a origem desses jogadores, que saem para jogar no exterior. Assim como o caso de Portugal que, apesar de não ser tão relevante em termos numéricos, demanda igualmente um estudo mais específico. Portugal pode ser comparado ao caso francês – presença de jogadores originários ou descendentes de ex-colônias. Não descartaria a possibilidade de, entre esses exportados lusos, encontrarmos brasileiros naturalizados. Teríamos aqui outro exemplo de situação de repatriação, como na França.

Se esses casos europeus chamam a atenção pelo paradoxo, países da América Latina, da África ou do leste europeu são vistos hoje como exemplos claros e “naturais” de exportadores de atletas.

<sup>2</sup> À guisa de esclarecimentos, nos jogos da FIFA (Copa do Mundo e Eurocopa) cada membro da comunidade britânica (Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte) se apresenta com seleção própria. O mesmo não ocorre nas Olimpíadas quando, fiéis à tradição olímpica, a seleção britânica de futebol é formada basicamente por atleta amadores. Nessa competição a Grã-Bretanha sempre teve dificuldade de montar uma seleção, deixando de participar em diversas competições. Sua participação em 2012 (Olimpíada realizada em Londres) foi polêmica, inclusive com atletas não ingleses da seleção de futebol, tanto do masculino quanto feminino, se recusando a cantar o tradicional hino britânico, *God Save the Queen* (*Deus salve a Rainha*, em inglês). Pelos mesmos motivos, na Olimpíada de 2016, no Brasil, a Grã-Bretanha não se fez representar no futebol, nem no masculino nem no feminino.

De todo modo, o estudo é uma demonstração da complexidade do processo de circulação internacional de jogadores de futebol. A fragilização dos mecanismos tradicionais de controle do mercado internacional – tanto comercial, financeiro quanto de fluxo de pessoas – transformou o campo futebolístico numa rede híbrida, borrando a leitura binária tradicional de sul/pobre-norte/rico.

### A SITUAÇÃO ESPECÍFICA DE BRASILEIROS EM PORTUGAL

Verificando especificamente a transferência de jogadores brasileiros para o mercado português, o diagnóstico de que Portugal é o principal receptor de jogadores de futebol brasileiros, desde os anos 1980/90, se confirma com o nosso levantamento. Segundo dados do CIES, em maio de 2017 Portugal acumulava 18% do total de registros oficiais de brasileiros que atuam no exterior. (CIES, 2017)

Com base nos dados extraídos dos boletins da CBF-Confederação Brasileira de Futebol, entre os anos 2003-2008 Portugal já absorvia uma média anual de 18% das transferências de atletas brasileiros para o exterior. Por mais que esses dados sejam pouco confiáveis, na medida em que compila apenas as transferências legais, a informação é relevante, ainda mais se comparada com o fato de as cinco maiores e mais ricas ligas do futebol mundial (*big-5*: Espanha, Itália, Alemanha, Inglaterra e França) terem, juntas, atraído apenas 14% dos brasileiros. Assim, mesmo que o fluxo de jogadores brasileiros para o exterior tenha diminuído em termos absolutos – o grande pico teria ocorrido entre os anos 1990-2010 – Portugal continua sendo o principal mercado a que se destinam os brasileiros.

Constata-se, portanto, que a inconsistência dos registros de jogadores brasileiros transferidos para o exterior coincide com a dificuldade em se obter informações precisas sobre brasileiros residentes em Portugal, exatamente pela existência de uma franja invisível de ilegais, ou que se utilizam do país como uma “escala temporária”, conforme situação já diagnosticada em relação a emigração brasileira para a Europa.

Efectivamente, Portugal vai cada vez mais aparecer como umnexo importante de toda a emigração brasileira para a Europa, como uma espécie de plataforma

ma de lançamento. Cada vez mais redes vão interligando o Brasil, Portugal e um terceiro país, dentro da União Europeia, sendo muito normal que os migrantes circulem por esses três lugares. Portugal está a transformar-se numa espécie de porto seguro para os Brasileiros na Europa. (MALHEIROS, 2007:198)

Segundo o sociólogo português Carlos Nolasco, entre 1990/1 e 2010/11 – período de sua pesquisa – entre os clubes profissionais de Portugal a “esmagadora maioria dos jogadores estrangeiros” é composta de brasileiros. No período esportivo de 2010/11, 60% dos atletas dos clubes da Primeira Divisão do futebol português era de brasileiros. (NOLASCO, 2012)

Dados levantados por nós no mês de julho de 2017 mostram que essa situação se modificou, mais ainda é significativa a presença de brasileiros. De acordo com nosso levantamento, existia nessa data 457 jogadores brasileiros registrados em Portugal, entre profissionais e amadores, como demonstra o quadro abaixo.

Quadro 3 - Jogadores atuantes no futebol português. Por nacionalidade, julho de 2017.

	Clubes	Portugueses	Brasileiros	Outros
I Liga	18	133	33%	121 30% 154 38%
II Liga	22	436	55%	124 15% 236 30%
Liga amadora	70	1521	72%	212 10% 373 18%

Fonte: Quadro organizado pelo autor a partir de fontes especializadas.

O número proporcionalmente menor de brasileiros – assim como o de outras nacionalidades – nas divisões amadoras, pode ser indício de ocultamento de um fluxo de atletas sem registro, que é o que caracteriza a circulação irregular de jogadores estrangeiros em Portugal. Pela maior exposição junto a torcedores, mídias e autoridades, os clubes profissionais são os que menos se arriscam ter em seus quadros atletas em condições irregulares, sejam eles menores ou não. Oposta é a situação dos clubes amadores, até por que são esses que fazem o papel de intermediários, selecionando atletas que seguirão carreira profissional, seja em Portugal ou repatriados a outros países europeus.

Apesar das denúncias constantes na imprensa a respeito da existência de um número significativo de jogadores em situação irregular em Portugal, em especial brasileiros, pouco é feito no sentido de se

coibir essa prática. Existe sobre o assunto um silêncio, tanto das autoridades esportivas quanto públicas. A única exceção tem sido a do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol (SJPF), em especial na figura de seu presidente, Joaquim Evangelista. Em 2012 Evangelista fazia denúncias claras da existência de jogadores irregulares em Portugal. Vejamos alguns trechos de entrevista concedida na ocasião:

O que é grave é que há grupos identificados a promover isso, agentes que trazem oito, nove, dez jogadores, colocam-nos num local em condições desumanas e há clubes que são coniventes com essa realidade. O negócio, vamos ser claros, é a realização de uma transferência. (...)

Estou a falar das ligas profissionais também, os jogadores quando são transferidos são normalmente para clubes de patamares superiores, há pessoas nesse nível que pactuam com isto, fazem parte da cadeia. (...)

Diria que, por cada caso que é identificado, haverá 100 ou 200 que não o são. (EVANGELISTA, 2015)

Em síntese, afirma Evangelista, “há uma rede organizada de tráfico de jogadores de futebol em Portugal”. Foi de iniciativa do SJPF (Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol), em 2015, a assinatura de um protocolo efetivado entre o sindicato, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), a Federação Portuguesa de Futebol (FPF) e a Liga Portugal que visava coibir a presença de jogadores irregulares em Portugal. É pouco provável que FPF e a Liga tenham interesse efetivo em controlar seus filiados, uma vez que são esses que financeira e politicamente sustentam as entidades. Salvo por eventuais disputas internas, não há divergências substantivas entre dirigentes de clubes e das entidades diretivas. É assim com a CBF, no Brasil, e com a FIFA em nível mundial.

Como há, portanto, um forte esquema de dissimulação de responsáveis, há enorme dificuldade para se comprovar a existência do tráfico ou de situação irregular de jogadores.

Grosso modo o esquema começa a funcionar desde o país de origem do atleta, quando um agente ou mesmo um clube de formação seleciona um talento, cantata a família e faz a proposta de jogar no exterior. Conforme o interesse do agenciador a família adianta recursos para a documentação, como

passaporte e passagem, ou o próprio agente providencia, até mesmo fazendo adiantamentos como roupas e tênis ou mesmo material escolar para os irmãos. Os escolhidos são levados sozinhos ou com os pais. Não é incomum, no caso de menores, o pai ou a mãe migrar junto, facilitando assim a entrada do menor no país de destino. Em geral o pai/mãe vêm já com promessa de emprego em alguma empresa dos agentes envolvidos – geralmente comércio, restaurantes ou construção civil – legitimando assim a viagem do menor. Viajam com visto de turismo e permanecem algum tempo nos clubes amadores. Evidentemente sem nenhum contrato, ou apenas um contrato fictício, sem valor legal. Quando o período de experiência termina a grande maioria é devolvida para as suas famílias, quando menores, ou simplesmente são deixados à sorte, em alojamentos precários sem documento legal de permanência, sem dinheiro sequer para se alimentar. Muitos acabam permanecendo como ilegais por que funciona em paralelo um complexo esquema de trabalho ilegal que vai desde o emprego informal no comércio ou na construção civil, atividades de camelô até o envolvimento com o mercado de droga e prostituição. Esses raramente apresentam queixa às poucas pessoas que conhecem no novo país – seu “agente”, os dirigentes do clube –, primeiro por que há sempre a esperança de serem chamados para um contrato com algum clube, segundo por que sabem da sua situação irregular e temem a polícia. Essa é uma descrição comum na imprensa e em alguns poucos depoimentos de jovens que passaram por essa experiência, como observamos nesse relato:

A sua inexperiência não o deixa alcançar a gravidade da situação em que está inserido. Ilegal, sem documentos, vende Cd's ilegais e provavelmente nunca vai seguir a carreira de jogador de futebol. (FIGURAS E NEGÓCIOS, 2015)

Como a questão de emigração é um sério problema em Portugal – aliás como em toda a Europa – o sistema de controle de fronteiras é bastante severo. O SEF publica a cada ano um relatório detalhado das migrações. Há ao mesmo tempo, uma série de publicações, seja de iniciativa dos órgãos estatais, seja do meio universitário, abordando os problemas relativos às migrações, onde questões relacionadas à formação do tráfico organizado, ao tráfico de órgãos e de crianças, do tráfico de mulheres e de violência sexual são

abordados, mas não há nenhum relato oficial que trate de um fenômeno por todos reconhecidos e do qual a imprensa noticia quase todo dia: o tráfico e/ou a situação irregular de jogadores de futebol, seja de origem brasileira (a maioria) ou de outras nacionalidades, como os africanos ou os de origem do leste europeu.

Os próprios atletas (e familiares) envolvidos acabam silenciando, seja por desconhecerem seus direitos, seja por temer o controle policial, ou por temer a repressão de dirigentes de clubes e agentes envolvidos na transferência ilegal. Como também há o fator da humilhação de um projeto pessoal fracassado. Um projeto que em geral teve o envolvimento da família, amigos e até mesmo vizinhos, e que havia criado a expectativa de sucesso. Afinal, isso é o prometido aos jovens amadores: viajar para o exterior, jogar em um grande clube europeu e, claro, ganhar muito dinheiro. Destaquemos que há nesse processo mais um elemento complicador, que é a ideia do consentimento da vítima, seja ele de maior de idade, ou de menor, no caso a ciência dos pais.

Leiamos o relato de alguns casos, conforme localizados na imprensa portuguesa:

**Davi** é brasileiro e pagou 1600 Euros para jogar em Portugal. Queria uma oportunidade para mostrar as suas técnicas. Pouco tempo depois de ter chegado percebeu em que esquema estava envolvido. Contou ao Jornal o que passou: “a princípio, foi a alimentação. Para o pequeno-almoço, o cara comprava seis caixas de leite para 15 jogadores. Isso não existe. Pão, ele compra seis sacos para durar de sexta a sexta, mas entre refeições e treinos, em menos de nada, já as provisões tinham acabado. O café da manhã dura dois dias, café da tarde não-tem-nada, refere, acentuando cada palavra. Não vou dizer que eles passam fome a cru. Mas se passares aqui... ele não come macarrão nem come arroz com feijão e atum todo o dia na casa dele (...) Uma vez por semana, um dos jogadores deixa as instalações para voltar umas horas mais tarde com alguns sacos de compras. É sempre assim que funciona a reposição da despensa”.

**Caio** é brasileiro um foi um dos casos que ajudou a despoletar a investigação sobre as redes de recrutamento de jogadores ilegais em Portugal. Prometeram-lhe contrato de trabalho como jogador de futebol. Na altura em que viajou a família teve que pagar as despesas no valor aproximado de 3.000€. Entre essas despesas estava o pagamento do certificado internacional de jogador. Os responsáveis

pela sua contratação, um português e um brasileiro colocaram-no à experiência no Naval 1º de Maio. Quatro meses depois de ter chegado ainda não tinha tido assinado nenhum contrato. E o negócio ficou sem efeito, tendo sido expulso do clube ficando sem apoio de ninguém.

**Em 2007** – Anderson foi contratado pelo jogador do FC Porto e, na altura foi um dos casos mais conhecidos no que diz respeito à contratação de estrangeiros ilegais. Nunca foi provado que estivesse em situação ilegal mas, várias vezes foram publicadas notícias de que a legalização do atleta teria sido conseguida através de um contrato de trabalho fictício apresentado pela mãe, do ainda menor Anderson. Outros jogadores estrangeiros do clube estiveram sob suspeita. Ninguém foi constituído. (FIGURAS E NEGÓCIOS, 2015)

No caso do atleta Caio, o presidente do clube respondeu de forma esquiva, afirmando que o atleta havia se apresentado voluntariamente no clube e que desconhecia a situação irregular dele em Portugal. Assim como no caso de Anderson, em se que concluiu por se responsabilizar poucas pessoas. Na maioria dos casos nunca aparecem contratos, nunca aparecem os responsáveis, os atletas na maioria das vezes não são legalizados e acabam na rua sozinhos e sem solução.

Segundo notícias veiculadas pelo SEF, em fevereiro de 2015 mais de 100 clubes foram inspecionados pelo órgão, numa operação de controle da imigração ilegal. Cerca de 500 jogadores estrangeiros foram identificados pelas autoridades, 200 dos quais tinham algum tipo de problema a resolver com as autoridades. Ao final, a polícia de fronteiras apresentou um balanço da situação:

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), detetou situações de irregularidade na presença e na atividade em território nacional de jogadores estrangeiros de futebol das camadas jovens em alguns clubes. A operação de fiscalização foi realizada ontem, dia 25 de Março, e incidiu em 16 clubes, a maior parte da primeira liga. Esta ação surgiu na sequência de outras que o SEF tem realizado e nas quais detetou um número significativo de atletas em situação de permanência e de atividade irregular no território nacional.

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), detetou situações de irregularidade na presença e na atividade em território nacional de jogadores estrangeiros de futebol das camadas jovens em alguns clubes.

Foram identificados 103 atletas estrangeiros, 16 dos quais foram notificados para comparência nas instalações do SEF, a fim de aferir com rigor a sua situação no país. (PORTUGAL, 2015)

Como se pode perceber o termo utilizado pelo serviço de fronteiras é “irregularidade. A opção por esse termo não é apenas uma questão de semântica, mas um posicionamento político relevante.

Uma das motivações deve-se à contemporização das autoridades públicas em relação ao envolvimento clubístico. Ou seja, os clubes de futebol, pela paixão e envolvimento, acabam protegidos ou pelo menos negligenciados pelas autoridades. Resulta que muitos dirigentes são inicialmente advertidos das irregularidades, permitindo que se livrem do problema ou, quando interessa, regularizem a situação do atleta no clube, o que é menos comum. Evidente que essa é uma hipótese difícil de ser comprovada, mas a frouxidão como são tratadas as irregularidades no campo esportivo destoa do controle existente em outras práticas de tráfico de pessoas, como é caso por exemplo da exploração sexual de mulheres ou mesmo o tráfico laboral.

Outra motivação é de cunho político-humanitário, ou seja, a leitura que entende serem essas crianças ou jovens vítimas de um sistema mercantil e que criminaliza-los só aumentaria o seu sofrimento e vulnerabilidade. A dificuldade em responsabilizar e punir os agentes que se beneficiam do negócio da transferência irregular é que uma ação desse tipo atingiria igualmente o jogador. Afinal, no limite ele é parte da fraude. Gera-se, portanto, uma tendência humanitária de proteção à vítima, preferindo, a concessão de um prazo de 90 dias para que a situação seja regularizada no clube. Período suficiente para que o problema oficialmente deixe de existir, seja pela legalização do atleta – situação mais rara –, seja pelo simples descarte e abandono do jogador.

## UM FENÔMENO GLOBAL E COMPLEXO

A análise do fenômeno da circulação irregular de jogadores brasileiros de futebol para o exterior e, mais especificamente para Portugal, não pode ficar restrito ao campo esportivo. Sem dúvida o elemento de atração desses jovens – menores ou maiores de idade – é um fator específico do meio futebolístico,

que é o sonho de se tornar um jogador profissional de fama internacional. Mas essa simples constatação revela a fragilidade social e cultural brasileira. A imensa maioria desses jovens que se iludem com essa perspectiva o fazem por que se encontram cultural e socialmente fragilizados.

É evidente que há todo um esquema mafioso para iludir esses jovens e seus familiares. Mas é um esquema que só progride por que encontra as condições para se fortalecer. Não é por acaso que as principais fontes de fornecimento desse tipo de oferta de jogadores se localizem na América Latina e África. A base desse comércio ilegal ou irregular é a falta de oportunidade dos jovens nessas regiões. São as camadas mais pobres que ofertam esse tipo de mão de obra disponível e barata. No limite a situação desses supostos jogadores de futebol não é diversa dos trabalhadores informais da construção civil, no Brasil ou em Portugal.

Portanto, ao mesmo tempo em que o fenômeno da diáspora de atletas tem como centro o campo esportivo, ele não pode ser compreendido descolado do contexto social mais amplo.

A constatação do movimento de intensa mercantilização do campo esportivo e de espetacularização do jogador de futebol coincidir com o movimento de globalização, a partir dos anos 1980, não é mero acaso.

O grande fluxo de jogadores brasileiros para o mercado internacional só pode ser compreendido no processo da globalização da economia mundial. Assim como a espetacularização que o futebol experienciou, tendo se transformado em uma indústria multinacional do consumo de massa, momento em que alguns jogadores se transformam em verdadeiras estrelas pop e a atividade torna-se uma empresa global de ganhos excepcionais.

O movimento da globalização promoveu a flexibilização de barreiras, tanto comerciais e financeiras, quanto possibilitou a intensa circulação de pessoas. Foi essa internacionalização descontrolada do capital que afrouxou as relações trabalhistas nas sociedades economicamente fortes, liberando as barreiras à entrada da mão-de-obra barata imigrante, tornando-se esta uma das mais sensíveis e visíveis faces da globalização. É nesse contexto que localizamos o grande fluxo de brasileiros em direção ao estrangeiro. Se os Estados Unidos foi o principal destino da migração laboral dos

brasileiros, Portugal ganhou destaque também pela migração de jogadores de futebol.

Os fatores do êxodo de brasileiros ao estrangeiro são em geral associados à sucessão de crises econômicas e políticas, experimentadas pelo Brasil entre o final dos anos 80 e o início dos 90, como as altas taxas de desemprego, inflação elevada, insegurança pública, insegurança política (por exemplo, o impeachment de Collor, em 1992). É relevante destacar como a resposta do mercado à crise do final dos 70 e início dos 80, no Brasil, repercutiu na reestruturação do sistema produtivo e no que ficou conhecido como “desemprego estrutural”. (PEIXOTO, 2007)

Nesse período, comportamento diverso ocorreu em Portugal. Ao ingressar na União Europeia, em 1986 e aderir à União Econômica e Monetária, em 1999, o país recebeu um grande aporte de investimentos, o que permitiu conhecer uma rápida modernização de sua economia, dando sinais claros do aumento da demanda por mão-de-obra estrangeira, como nos descreve Malheiros:

Do ponto de vista do país de recepção, Portugal fez uma trajetória de emigração para imigração, entre os anos 80 e 90. A entrada na CEE em 1986, que injectou muitos milhões de euros em Portugal, contribuindo para a dinâmica da economia portuguesa, entre meados dos anos 80 e o início do século XXI, apoiada em sectores como as obras públicas, o comércio – a beneficiar de uma forte expansão do consumo ampliada pela generalização dos mecanismos de acesso ao crédito – e os serviços financeiros, deu um contributo relevante para este processo. Efectivamente, a modernização das infraestruturas nacionais (redes de transportes, equipamentos de nível regional e nacional...), associada à transição para uma economia de serviços e a algumas mudanças sociais tais como o crescimento limitado, mas importante, dos níveis de qualificação dos jovens, criaram as condições necessárias para atrair um grande número de imigrantes. (MALHEIROS, 2017:7)

Outros aspectos que nos ajudam a compreender a intensidade do movimento de brasileiros em direção a Portugal são as facilidades globais de mobilidade (como a redução no preço das passagens aéreas, por exemplo), os novos meios de comunicação que tornaram mais rápido e eficaz os relacionamentos à distância e, claro, as flexibilizações em geral das fronteiras.

Além desses fatores, considere-se também as peculiaridades das proximidades culturais, políticas, e sobretudo linguística, entre Brasil e Portugal.

Grosso modo, os estudos realizados apontam para a existência de duas vagas migratórias de brasileiros em direção a Portugal. Uma primeira, entre os anos 1970 e meados de 1980, “composta por uma larga parcela de imigrantes com níveis de instrução elevados e que se inseriram em segmentos mais qualificados do mercado de trabalho português. (IDEM, p. 14) Entre as quais destacam-se os profissionais de marketing e decoração de interiores e a polêmica onda de dentistas brasileiros.

E, de forma mais visível, uma “segunda vaga” de emigração de brasileiros, efetivada entre o final dos anos 1980 e início de 2000. Essa é uma fase em que os brasileiros não apenas tornaram-se a maior comunidade de estrangeiros residentes em Portugal, como colaboraram na intensificação das redes ilegais de imigração, como nos observam esses autores:

Numa segunda fase – a “segunda vaga” (...) –, posterior ao final dos anos 90, predominaram as entradas de trabalhadores destinados aos segmentos menos qualificados e mais precários do mercado de trabalho. Esta imigração recente foi superior, em valor absoluto, aos fluxos anteriores e perdeu, em larga medida, a lógica de contracorrente. Os canais de migração também mudaram: de uma lógica de canais informais de migração e suporte, passou-se para um peso significativo das redes de contrabando e tráfico de migrantes. Em suma, a imigração brasileira veio a incorporar, no seu seio, a dualidade social e profissional que a imigração, como um todo, já apresentava. (PEIXOTO, 2010:109)

Pela sua densidade na cultura local – desde 2008 os brasileiros representam cerca de 25% da população estrangeira em Portugal – a comunidade brasileira passou a ser destaque nos estudos e a sofrer um maior controle por parte dos poderes públicos. Essa relevância numérica transformou a comunidade de brasileiros em Portugal a mais tensionada, em geral relacionada a questões como ilegalidade de residência, posição no mundo do trabalho, deslizando em diversos momentos para a construção de preconceitos étnicos e de gênero, e mesmo manifestações de xenofobia, como constata leitura realizada pelo antropólogo Igor Machado:

Toda a imagem sobre o Brasil, seja por parte de Brasileiros ou de Portugueses, é marcada pela ideia de um corpo brasileiro, de uma corporalidade específica, mais sensual, mais flexível, mais doce, mais malandra, mais feliz. Ideias que são sempre exemplificadas pela ginga do jogador de futebol, pelo “jogo de cintura” das prostitutas brasileiras. A construção de um corpo, de uma forma de estar e agir, movimentar, olhar, pegar, é fundamental na construção de uma identidade ou de uma cultura. (MACHADO, 2009:177)

Com base nos dados de 2007 – momento de pico da segunda vaga –, 87% dos brasileiros residentes em Portugal encontravam-se em setores que demandam mão-de-obra pouco qualificada e muito próximos da informalidade, tais como comércio e serviços (43%), restaurantes e hotelaria (39%) e construção civil (15%). (COSTA, 2009:134)

É no interior dessa massa de indivíduos que se encontra o jogador brasileiro de futebol – informal ou amador –, em Portugal. A situação não é diferente da vivida por esses jovens no Brasil, nas transferências dos clubes amadores, dos centros de formação, para os clubes profissionais. A diferença talvez seja apenas que, no Brasil, a facilidade de voltar para casa seja mais prática do que se estar no exterior.

Mas o que se constata é que cada vez mais o mercado de trabalho dos jogadores de futebol desfaz as fronteiras nacionais. O número de jogadores estrangeiros nas equipes só se faz aumentar e, sensível por uma lógica de preços da mercadoria, a idade exigida desses migrantes tem sido crescentemente mais baixa. O mercado internacional cada vez mais se interessa por jogadores menores de idade, mesmo que eles sejam um risco de investimento. Mais baratos do que os jogadores já formados, pela oferta abundante são mão-de-obra descartáveis.

A abundância de oferta dessa mão de obra nos mercados da América Latina, África, leste europeu e mais recente da Ásia, compensa o risco. A voracidade pelo lucro, insisto, não é apenas de agentes inescrupulosos e marginalizados. O que procuramos demonstrar é que a prática do tráfico, ou se preferirmos do mercado irregular de jogadores de futebol, se encontra institucionalizado no sistema futebolístico. Os grandes clubes, nacionais ou internacionais, compõem uma rede complexa de branqueamento do profissionalismo marrom, utilizando-se para isso de um esquema de

transferências de jogadores menores de idade, na sua maioria originários da América Latina, África e Ásia, sendo o Brasil um dos grandes fornecedores. Resta às autoridades públicas atuarem como reguladoras de um mercado cuja força de crescimento se encontra exatamente no afrouxamento do controle institucional.

## REFERÊNCIAS

- BAKADIABABU, Evariste Tshimanga. **Le commerce et la traite des footballeurs africains et sud-américains en Europe**. Editions L'Harmattan, 2001.
- COSTA, Paula. Imigração em Portugal: Tendências recentes. Os imigrantes guineenses, ucranianos e brasileiros no mercado de trabalho português. In: **Cadernos** Curso de Doutoramento em Geografia. Porto: FLUP-Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2009.
- EVANGELISTA, Joaquim. “Há grupos que deixam jogadores em condições desumanas”. **Mais Futebol**, 12 fev .2015. Disponível em: <<http://www.maisfutebol.iol.pt/imigracao-ilegal-sef-clubes-liga-ii-liga-agentes-desportivos-fiscalizacao-condicoes-desumanas/54dcb9140cf2f64faad2c6ad.html>>. Acesso em: 19 fev. 2015
- FIFA. **Protection des mineurs. FAQ**. Set. 2016. Disponível em: <[http://resources.fifa.com/mm/document/affederation/administration/02/83/14/23/faq\\_protectionofminors\\_august2016\\_fr\\_french.pdf](http://resources.fifa.com/mm/document/affederation/administration/02/83/14/23/faq_protectionofminors_august2016_fr_french.pdf)>. Acesso em: 09 nov. .2017b.
- FIGURAS E NEGÓCIOS. **África e Brasil são baús de talentos. Negócio de jogadores ilegais movimenta milhões**. 29 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.figurasenegocios.co.ao/content.aspx?afriacabrasilsaobausdetalentosnegociodejogadoresilegaismovimentamilhoes>>. Acesso em: 23 maio 2016.
- MACHADO, Igor J. de Renó. **Cárcere público**. Processos de exotização entre brasileiros no Porto. Lisboa: ICS-UL, 2009.
- MALHEIROS, Jorge M. (Org.) **Imigração brasileira em Portugal**. Lisboa: Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Cultural, 2007.
- NOLASCO, Carlos. Entre a defesa e o ataque, os imigrantes do futebol português. **VII Congresso Português de Sociologia**. Universidade do Porto, 19-22 jun. 2012.
- O GLOBO. **Grupo empresarial chinês Wanda é o novo patrocinador da Fifa**. 18 mar. 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/grupo-empresarial-chines-wanda-o-novo-patrocinador-da-fifa-18910524>>.
- PEIXOTO, João; IORIO, Juliana. Crise, imigração e mercado de trabalho em Portugal: retorno, regulação ou resistência? Cascais (PT): **Fundação Calouste Gulbenkian / Principia**, 2010.
- PEIXOTO, João. Tráfico, contrabando e imigração irregular. Os novos contornos da imigração brasileira em Portugal. **Sociologia, Problemas e Práticas**. 2007, n. 53, p. 71-90.
- CIES. [POLI, Rafaele, RAVENEL, Loïc, BESSON, Roger]. Les footballeurs expatriés dans le monde. **Rapport mensuel de l'Observatoire du football CIES**. n°25, maio 2017.
- POLI, Raffaele. Des migrants à qualifier. Les footballeurs africains dans quatre pays européens. In: **La mobilité internationale des compétences. Situations récentes, approches nouvelles**. L'Harmattan, 2004. p. 143-164.
- PORTUGAL. SEF. **Fiscalização a clubes de futebol**. Lisboa, 26 mar. 2015. Disponível em: <[http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/noticias/Noticias\\_Detalhe.aspx?id\\_linha=6780](http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/noticias/Noticias_Detalhe.aspx?id_linha=6780)>. Acesso em: 10 jul. 2015.
- UOL Esporte. **Magnata do futebol chinês diz que país precisa desenvolver categorias de base**. 23 mar. 2017. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2017/03/23/magnata-do-futebol-chines-diz-que-pais-precisa-desenvolver-categorias-de-base.htm>>. Acesso em: 20 maio 2017.

# OS USOS DA HISTÓRIA ORAL NO ESTUDO DO FUTEBOL: ETAPAS METODOLÓGICAS DE UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISA QUALITATIVA COM TORCIDAS ORGANIZADAS NA CIDADE DE SÃO PAULO

## THE USES OF THE ORAL HISTORY IN THE FOOTBALL STUDY: METHODOLOGICAL STAGES OF A QUALITATIVE RESEARCH EXPERIENCE WITH ORGANIZED FAN GROUPS IN THE CITY OF SÃO PAULO

**Bernardo Borges Buarque de Hollanda\***

### RESUMO

O artigo dá a conhecer uma experiência de pesquisa em história oral com torcidas organizadas de futebol na cidade de São Paulo. Com foco na metodologia de pesquisa, o propósito do texto é apresentar as etapas de construção de um processo de investigação junto a este segmento específico de torcedores no universo associativo do futebol profissional. Estigmatizadas pela opinião pública face a comportamentos antidesportivos, intenta-se adotar uma atitude compreensiva diante da problemática das torcidas organizadas, por meio da coleta de depoimentos de fundadores e lideranças dessas associações paulistanas entre 1960 e 2010. O suporte metodológico que fundamenta as cinquenta horas de histórias de vida – definição dos entrevistados, elaboração do roteiro, gravação das entrevistas, transcrição e edição dos depoimentos – permite não só a circunscrição de um material de análise seriado, a aprofundar o par conceitual história/memória, como enseja a proposição de um modelo passível de aplicação a outras regiões do país.

**Palavras-chave:** Futebol, história oral, metodologia, torcidas organizadas.

### ABSTRACT

The article presents a search experience in oral history with organized football supporters in the city of São Paulo, Brazil. Focusing on research methodology, the purpose of this study is to present the stages of constructing an investigation process with this specific segment of the associated universe of professional football. Stigmatized by public opinion in the face of unsportsmanlike conducts, the aim is to adopt an understanding attitude towards the issue of organized football supporters through the collection of testimonials of founders and leaderships of these associations between 1960 and 2010. The methodological support underlying the 50 hours of life stories – definition of respondents, preparation of the script, recording of interviews, transcription and editing of testimonials – allows not only circumscribing a serialized analysis material, deepening the conceptual history/memory pair, but also enabling the proposition of a model capable of application to other regions of Brazil.

**Keywords:** Football, oral history, methodology, organized fan groups.

---

\*Doutor em História Social da Cultura pela PUC-Rio (2008). Desde 2010, professor-pesquisador da Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV).

## INTRODUÇÃO

O presente artigo tece proposições metodológicas sobre material levantado ao longo de doze meses de uma pesquisa social aplicada, de caráter qualitativo e quantitativo, realizada entre 2014 e 2015, sob os auspícios da FAPESP. Um duplo objetivo foi perseguido: quantitativamente, aplicar mais de seiscentos questionários aos torcedores uniformizados que frequentaram partidas de futebol válidas pelas competições esportivas oficiais, em nível estadual, nacional e internacional; qualitativamente, coletar mais de cinquenta horas de gravação de depoimentos audiovisuais junto a lideranças e fundadores de associações de torcedores na cidade de São Paulo, representativos dos seis clubes de futebol profissional em destaque – Associação Portuguesa de Desportos, Clube Atlético Juventus, Santos Futebol Clube<sup>1</sup>, São Paulo Futebol Clube, Sociedade Esportiva Palmeiras e Sport Club Corinthians Paulista.

Esse texto propõe uma primeira sistematização do material bruto coligido, a fim de fornecer ao leitor do presente dossiê, originado de um seminário internacional, um panorama do conjunto de atividades realizadas junto à coleta qualitativa das entrevistas, dando a conhecer o processo de gravação, transcrição e edição de depoimentos orais. Convém ressaltar que se tratou de um trabalho coletivo de construção do conhecimento, não apenas por envolver pesquisadores vinculados a duas instituições – o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil/CPDOC-FGV e o Centro de Referência do Futebol Brasileiro/CRFB-Museu do Futebol –, como pela própria dinâmica de interação com o objeto de pesquisa, no caso, integrantes, ex-integrantes, fundadores e líderes de torcidas organizadas de futebol.

A primeira frente de pesquisa – qualitativa –, aqui enfocada, permitiu aprofundar a relação conceitual história/memória (LE GOFF, 2003; CHAUI, 2000), por meio da reconstituição da trajetória de chefes e ex-chefes de grupos organizados de torcedores, com a reunião de uma série de informações e de versões consagradas acerca de diversos aspectos tratados nas entrevistas de História Oral.

Dentre elas, vale elencar sete aspectos: 1. As origens familiares e as lembranças da cidade por parte dos depoentes; 2. A constituição do vínculo com o bairro, com o futebol e com o clube; 3. A frequência aos estádios e a aproximação com os subgrupos de torcedores; 4. A rememoração de episódios consagrados da história do futebol profissional; 5. A maneira pela qual a identidade com a torcida organizada é construída discursivamente; 6. A visão nativa sobre as brigas e o papel da violência no processo de constituição identitária; 7. As inter-relações estabelecidas com os diversos atores do mundo do futebol – dirigentes, torcedores, jornalistas, jogadores, técnicos e policiais.

A segunda frente da pesquisa – quantitativa – versou sobre um amplo espectro de dados socioeconômicos e geográficos das associações de torcedores. As trinta e duas questões aplicadas por questionários permitiram um mapeamento bastante amplo de quem é o atual torcedor organizado, com a diferença de que, ao contrário das entrevistas *quali*, não se trata da cúpula nem de líderes das associações, mas dos integrantes “comuns” de TOs, compreendidos em termos de faixa etária, de proveniência de região da cidade e de posição na escala social, entre outros aspectos.

Além do perfil sociológico mais geral, diversos elementos da “cosmovisão” torcedora foram aferidas: graus de rivalidade interna e externa com outros torcedores e torcidas; frequência e participação nas caravanas; consumo de materiais e de produtos com a marca da torcida; acesso ou não à quadra e/ou à sede da torcida; nível de adesão formal e de vínculo com a facção, por meio do pagamento de mensalidades e formas de filiações afins; concordância com a participação e com o envolvimento da torcida com o carnaval paulistano; visão sobre as novas arenas, o encarecimento do preço dos ingressos e o processo de fidelização do torcedor proposto pelo clube, por meio do programa “sócio torcedor”, entre outras questões polêmicas.

Acredita-se assim que a análise desse *corpus* de informações constitui uma fonte importante para a atualização do debate em torno de características comportamentais dos torcedores organizados na conjuntura que se seguiu à Copa do Mundo de futebol de 2014. Tal qual um retrato do Brasil pós-megaeventos, as narrativas coletadas e as estatísticas aferíveis atualizam quadros anteriormente realizados por outros

<sup>1</sup> Ainda que sua sede se situe em outra cidade, boa parte de seus jogos ocorrem no estádio do Pacaembu. Além disto, a base de suas torcidas organizadas encontra-se localizada na capital paulistana, bem como muitos de seus seguidores. Por esta razão, o clube foi incluído e representado na amostra.

colegas pesquisadores, referenciais na área, como Reis (2009)<sup>2</sup>.

Além de insumo para outras pesquisas de cunho acadêmico, entende-se que os dados apresentados e as entrevistas realizadas podem contribuir para a discussão feita pelos meios de comunicação, bem como para a constituição de políticas públicas adequadas no tratamento preventivo de atos violentos premeditados por agrupamentos torcedores (MURAD, 2016).

O avanço acadêmico nas áreas da Sociologia e da Antropologia dos Esportes é notável nas últimas décadas no Brasil. Neste contexto, o presente artigo procura fornecer elementos para a construção de fontes orais e de instrumentos para o aprofundamento da temática. Dentre as contribuições, gostaríamos de salientar duas.

A primeira consiste na combinação entre uma pesquisa aplicada, de caráter quantitativo, e uma outra, de viés qualitativo. A formulação e o preenchimento de um total de seiscentos questionários, compostos por trinta e duas perguntas, permitem a cobertura de um conjunto bem amplo de questões relacionadas ao universo do futebol, ao pertencimento clubístico e aos valores associados às práticas e às representações dos torcedores organizados no Brasil, mais especificamente, aqueles residentes na cidade de São Paulo.

A forma de aplicação das enquetes também traz impactos positivos na construção do conhecimento científico, uma vez que se vale da pesquisa de campo e da interação direta com os associados às torcidas organizadas de futebol, no interior e nas adjacências de diversos estádios, bem como na sede de algumas associações de torcedores paulistanas.

O segundo contributo a ser destacado relaciona-se ao atingimento do objetivo primordial de uma pesquisa de sondagem pública, qual seja, traçar um perfil socioeconômico consistente do frequentador de estádios de futebol no Brasil contemporâneo, na sequência da realização dos megaeventos esportivos no país, de modo a avaliar a correlação entre a mudança fisionômica das praças esportivas brasileiras, especialmente aquelas situadas em São Paulo (BROCCHI, 2017), e a alteração do tipo de torcedor que passa a frequentar as partidas.

Junto à caracterização de cunho econômico, social e antropológicos dos espectadores (BROMBERGER, 1998), os resultados alcançados facultam traçar igualmente um quadro da proveniência dos torcedores, com o mapeamento da origem dos mesmos, das zonas geográficas e dos bairros da cidade.

A pesquisa apresentada nesse artigo ambiciona igualmente uma contribuição para a área de recursos humanos especializados para a Academia. Consideramos para tanto a presença de uma equipe de pesquisa, formada por doze aplicadores e integrada por pesquisadores em diversos níveis – de graduandos a pós-graduandos e, destes, a professores doutores – que participou de modo direto da coleta de campo nos estádios de futebol de São Paulo.

Mais do que um expediente burocrático de preenchimento de formulários, foram feitos treinamentos com os aplicadores, antes da ida a campo. Integrantes do órgão FGV-Opinião, especializados nas sondagens de opinião pública e na coleta de dados estatísticos, juntamente com membros do setor de pesquisa do Museu do Futebol, auxiliaram na condução de todo esse processo.

As incursões foram sucedidas de relatórios, em que os aplicadores narravam sua trajetória, circunstanciavam as peripécias de pesquisa e caracterizavam o perfil dos entrevistados naquele dia de jogo. Sendo assim, a pesquisa teve um cunho de construção eminentemente coletiva, em que se destacou o intercâmbio de experiências entre os coordenadores do projeto e os seus implementadores, em geral estudantes em fase de formação científica ou jovens recém-formados.

Como é sabido, as torcidas organizadas de futebol ocupam um lugar de estigmatização no imaginário social, na opinião pública e no jornalismo literário (BUFORD, 1992), de maneira geral. Vistos ora como “gangues” (ALMEIDA, 2006) ora como “galeras” (VIANNA, 1997), este lugar diz respeito à sua responsabilidade pela violência e ao seu protagonismo em condutas transgressoras, numa escala intergrupar juvenil, nas grandes cidades do país (MONTEIRO, 2003). Nos últimos anos, casos de homicídios<sup>3</sup> agregaram-se

<sup>2</sup> Veja-se, por exemplo, o levantamento feito em 2009 pela pesquisadora da UNICAMP, Heloisa Reis: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EM111936-17774,00-AS+TORCIDAS+ORGANIZADAS+N AO+SAO+AS+UNICAS+CULPADAS.html>

<sup>3</sup> A título de exemplo, leiam-se estas reportagens de portais brasileiros sobre confrontos fatais ocorridos em agosto de 2014 e março de 2017: <http://globoesporte.globo.com/sp/noticia/2014/08/torcidas-brigam-e-causam-confusao-antes-de-sao-paulo-x-santos.html>; <http://cidadeverde.com/morre-palmeirense-agredido-por-corintianos-em-briga-de-torcida-171143>; <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/fundador-da-mancha-verde-e-morto-na-zona-norte-de-sao-paulo-com-22-tiros.ghtml>

a tal imagem, tornando a situação ainda mais tensa e alarmante do ponto de vista normativo e penal-legal.

Em face dessa problemática, o texto aqui oferecido procura contribuir, senão para refutar tal imagem de senso-comum, ao menos para levantar e trazer um conjunto plural de informações e facetas acerca de tal perfil. Neste sentido, por diversos meios, quer seja do ponto de vista quantitativo, quer seja pelo viés qualitativo, ou mesmo pela produção de um filme-documentário de 30 minutos, intitulado “Territórios do torcer” e realizado pelo Núcleo Audiovisual do CPDOC, o conhecimento gerado almeja desdobramentos para a sua difusão e extensão.

Conforme frisado acima, tal difusão e extensão atingem o meio acadêmico, mas não se esgota no mesmo, projetando-se para além dele, com insumos para a compreensão de uma realidade que, sabemos, é complexa e multifacetada (TOLEDO, 2012).

Durante um ano de vigência da pesquisa (2014-2015), uma série de atividades foi desenvolvida, resultando em produtos inovadores e em iniciativas com potencialidades de se reverter em contribuições para a formulação de políticas públicas, atingindo os objetivos científicos almejando. Saliendam-se dois deles.

O primeiro foi a produção aludida acima de um documentário de curta-metragem, com o título homônimo de “Territórios do Torcer”. O mesmo foi composto de filmagens etnográficas colhidas na pesquisa de campo, de depoimentos colhidos com lideranças, em um total de 50 horas, e de imagens do acervo pessoal desses entrevistados. O filme foi exibido em salas de aula e em eventos acadêmicos como o I Seminário Internacional Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e Sociedade, realizado em 20 e 21 de junho de 2017 na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), proporcionando debates com pesquisadores e com o público presente à sessão audiovisual.

Outro aspecto que merece realce é a interlocução estabelecida não apenas com torcedores organizados, através de sua associação nacional (ANATORG), como também com autoridades públicas, policiais civis e militares, jornalistas esportivos e representantes da secretaria de esporte do Estado. O diálogo foi possível graças à iniciativa de realização de simpósios e de seminários, nacionais e internacionais, como o ocorrido em maio de 2014, na FGV, intitulado “Brasil-França: intercâmbios acadêmicos nos estudos

do futebol”, que contou com a presença de especialistas franceses no estudo do hooliganismo.

Esses debates públicos permitiram que os conhecimentos gerados pela pesquisa pudessem ecoar para além da esfera universitária, sendo pauta para programas de rádio, TV e jornal, ao longo desse período, com base nas expectativas geradas pela realização do XX Mundial FIFA de futebol no Brasil.

## OS DEPOIMENTOS

*“A busca pela reminiscência autêntica, à margem da corrosão temporal, é uma quimera, toda recordação contém uma relativa arbitrariedade no seu rearranjo, o presente é um fator dinâmico, intrínseco ao processo mnemônico”.*

Renato Ortiz (2010, p. 12)

Para a gravação das entrevistas, o contato com os torcedores, na grande maioria das vezes, ficou a cargo de um estagiário de pesquisa e de representantes do Museu do Futebol. Após o levantamento dos nomes, alguns deles feitos graças à internet e às redes sociais, a abordagem era feita por ligação telefônica, por endereço eletrônico ou pessoalmente.

Houve vezes em que informantes, ligados às torcidas, ajudaram no estabelecimento de uma intermediação. Em determinadas ocasiões, um entrevistado mencionava outro potencial entrevistável e colaborava na indicação dele, fornecendo-nos o telefone ou o e-mail. Visitas prévias da equipe do Museu do Futebol às sedes de torcidas foram decisivas para aproximar e para contatar determinadas lideranças.

Dessa maneira, o caráter serial das entrevistas foi definido em torno dos torcedores pertencentes às gerações que atuaram majoritariamente na fundação das associações de torcidas entre o final dos anos 1960 e 1970. A partir dessa sistematização cronológica, avançou-se até o presente decênio. Nem sempre foi possível seguir de maneira estrita a cronologia, mas a série ao final foi completada.

Com uma média de duas horas de duração por depoimento, alcançou-se o total estimado de quarenta horas de testemunhos, transcritos e editados. Vale dizer que a meta de entrevistas foi ultrapassada, chegando-se a quase 50 horas de gravação.

Decorrencia das inevitáveis vicissitudes de cada entrevista, houve aquelas que ultrapassaram a marca

das quatro horas de duração, como a de Vila Maria, fundador do grêmio Camisa 12, do Corinthians, fundado em 1971, último convidado a ceder depoimento.

Em contrapartida, noutras gravações, ainda que poucas, as entrevistas não chegaram a atingir uma hora e meia, devido à característica mais contida de seu entrevistado. Este foi o caso de André Azevedo, líder da Dragões da Real e presidente da ANATORG – Associação Nacional de Torcidas Organizadas. Isto também se deu com Márcia, da Gaviões, visivelmente tímida e incomodada com a câmara de gravação. No total, foram vinte e duas gravações.

Assim, embora as entrevistas de História Oral (FERREIRA; AMADO, 2002) procurem a profundidade e a longa duração, isto nem sempre foi possível, quer seja por incompreensão dos depoentes quer seja por falta de tempo. Por mais que as finalidades da pesquisa fossem explicitadas aos torcedores, havia aqueles que associavam a gravação de sua fala à de uma edição destinada para uma emissora de televisão, como aconteceu com Danilo Zamboni, fundador da Torcida Independente (1972).

Com efeito, o entrevistado preferia não se alongar na filmagem e abreviava passagens consideradas importantes pelos entrevistadores (infância, composição familiar, divisões de base, etc.). Isto, por exemplo, ocorreu na entrevista dada por Marcelo Lima, presidente da TUP – Torcida Uniformizada do Palmeiras.

Deve-se frisar que determinados torcedores até se dispuseram a falar, mas em função de uma série de contratempos pessoais e profissionais, acabaram não o fazendo, como se deu com Erika Papangelacos, relações públicas dos Gaviões da Fiel. Alguns simplesmente relutaram, sem responder ao convite. Outros aceitaram e, mesmo depois de marcar a gravação, não compareceram, conforme ocorrido com Antônio Baccic, fundador da TUP (1970).

Tal ausência aconteceu mesmo quando deixávamos o entrevistado à vontade para definir o local de entrevista. O lugar principal para gravar foi o Auditório Armando Nogueira, do Museu do Futebol, mas também se utilizou das sedes das torcidas, como no caso de Tomate, presidente da Escola de Samba Dragões da Real, ou mesmo no escritório de trabalho do torcedor, conforme sucedeu com Adamastor, ex-presidente da Independente.

Uma vez apresentado esse quadro geral do conjunto dos depoentes, segue-se o quadro geral de

concessão de entrevistas e o quanto se distou e/ou se aproximou da totalidade estimada. Com o início das gravações em setembro de 2014 e com o seu término em março de 2015, perfazendo um intervalo de seis meses, considera-se, para tanto, o número total de vinte e dois torcedores e as datas das respectivas entrevistas realizadas.

Quadro 1 - Entrevistas

Torcida	Nome/Posição	Data da Entrevista
Camisa 12	Vila Maria (fundador)	09/03/2015
Caju (Juventus)	Sérgio Agarelli	06/02/2015
Dragões da Real	André Azevedo (presidente atual)	18/09/2014
Dragões da Real	Tomate (presidente da Escola de Samba)	15/10/2014
Estopim da Fiel	Bambu (presidente)	17/12/2014
Gaviões da Fiel	Chico Malfitani (fundador)	31/10/2014
Gaviões da Fiel	Dentinho (ex-presidente)	05/02/2015
Gaviões da Fiel	Márcia (torcedora-símbolo)	11/02/2015
Gaviões da Fiel	Minduim (liderança)	31/10/2014
Gaviões da Fiel	Paracatá (liderança)	14/10/2011
Gaviões da Fiel	Pulguinha (liderança)	10/02/2015
Leões da Fabulosa	Beto (liderança dos anos 1970)	13/02/2015
Independente	Adamastor (ex-presidente)	17/11/2014
Independente	Danilo Zamboni (fundador)	13/11/2014
Mancha Verde	Jânio (liderança)	16/12/2014
Mancha Verde	Serdan (presidente da Escola de Samba)	19/01/2015
Sangue Jovem do Santos	Alexandre Cruz (liderança atual)	16/01/2015
Savóia	Camilo (liderança atual)	18/12/2014
Torcida Jovem do Santos	Cosme (fundador)	29/10/2011 (piloto)
TUP	Marcelo (presidente)	28/01/2015
TUP	Matheus Rodak (ex-presidente)	09/09/2014
TUSP	Hélio Silva (ex-presidente)	11/02/2015

Fonte: dados do autor.

As descrições acima, e os respectivos dados supracitados, evidenciam o empenho e o desempenho dos pesquisadores no decurso de doze meses. As diferentes reações de cada um dos torcedores constituíram um indicativo importante da percepção dos mesmos acerca do objetivo da pesquisa e do seu papel na constituição do acervo do Museu do Futebol.

Graças a tal intermediação, todos os torcedores se dispuseram a falar sem a cobrança de honorários ou qualquer tipo de contraprestação financeira por parte das instituições. Ademais, não houve quaisquer obstáculos para gravar depoimento sem que se deixasse de assinar a Carta de Cessão, fundamental para a “publicização” dos resultados.

### A CONSTRUÇÃO DO ROTEIRO

Uma das primeiras atividades realizadas no quadro de uma pesquisa de História Oral (ALBERTI, 2004) é a definição do Roteiro de Entrevista. Este consiste no passo primordial da pesquisa. Com base nele, a elaboração e a formulação das questões que norteavam a preocupação central dos pesquisadores poderiam vir a ser estruturadas.

O delineamento de um guia geral de perguntas procurou seguir a tradição metodológica da experiência do CPDOC com fontes orais. Para tanto, adotou-se o método das histórias de vida, em que o Roteiro é montado de modo a permitir um mínimo encadeamento cronológico na rememoração dos fatos. Longe de ser uma camisa de força, o que seria um contrassenso metodológico, a biografia do entrevistado é percorrida deixando-se o próprio à vontade para recontar suas recordações segundo seu fluxo de memória.

A estrutura das histórias biográficas, acionadas retrospectivamente, foi combinada ao formato de uma entrevista de cunho temático, uma vez que o foco da investigação tem por tema a rememoração da atuação dos torcedores nas arquibancadas e em suas respectivas torcidas. Nesta primeira fase da pesquisa *quali*, seguiu-se, pois, a metodologia da História Oral, que se orienta em torno das “histórias de vida” e das “histórias temáticas”. Estas requerem uma estruturação tripartite, assim sequenciada: 1. A preparação da entrevista, com o levantamento de informações e a montagem do Roteiro; 2. A gravação do depoimento, filmada e gravada em áudio, como *backup*; 3. A

transcrição, a conferência de fidelidade, a análise do material colhido e o posterior arquivamento.

O roteiro de entrevista foi montado de acordo com as premissas metodológicas das fontes orais, acima citadas, cujo cerne são as histórias de vida. Ao contrário das figuras públicas, notoriamente conhecidas e cujas informações circulam nos periódicos e nas demais empresas de comunicação privadas de circulação, no caso das lideranças das TOs as notícias disponíveis são escassas e pontuais. Ainda assim coube ao estagiário Raphael Piva, mestrando em antropologia social pela USP, as buscas para localizar informações e dados sobre as Torcidas Organizadas na mídia eletrônica.

Esse fato acarretou a adoção de um novo expediente para montar o roteiro. O fio condutor das perguntas seguiu um traçado que teve de ser mais genérico e abstrato. Por suposto, as questões de fundo interessavam à pesquisa, mas careciam de dados mais específicos relativos aos entrevistados. Outrossim, o Roteiro estruturou-se com cerca de cinquenta perguntas formuladas, tal como exemplificado a seguir.

Após o contato, o agendamento e a preparação do roteiro referente ao entrevistado, compartilhado pela equipe de pesquisa, a segunda etapa consistiu na gravação do depoimento. Sempre que possível, dentro de uma negociação com o depoente, acordou-se a realização da entrevista no Auditório do Museu, acondicionado e climatizado para a filmagem. Segundo a recomendação do *Manual de história oral*, elaborado pela historiadora Verena Alberti (2012), deve-se restringir o número de entrevistadores, de modo a favorecer a criação de um ambiente de reserva e intimidade no momento da gravação.

A seguir, reproduz-se o primeiro modelo do Roteiro de Entrevista elaborado pela equipe do CPDOC, e debatido conjuntamente com os integrantes do Museu do Futebol. Composto por cinquenta questões, e subdividido em sete partes, seu intento era enfeixar um primeiro conjunto de indagações, passíveis de aplicação, em princípio, para todo e qualquer depoente, com as nuances matizadas segunda cada entrevistado, seu respectivo clube e torcida:

**Roteiro Semiestruturado de Entrevista: 50 Questões – Torcida Gaviões da Fiel****1ª Parte: Infância e Primeiras Lembranças do Futebol**

Nome completo, data e local de nascimento.

Conte sobre sua família, seus pais, seus avós, o trabalho deles.

Fale sobre suas lembranças de infância, sobre o lugar onde cresceu, os amigos, o bairro.

Estudou? Onde? Até quando? Trabalhava ou ajudava os pais quando garoto? Em quê?

Como se interessou por futebol? Alguém o influenciou?

Qual é a sua lembrança mais antiga do futebol?

**2ª Parte: Frequência aos Estádios**

Quando você começou a frequentar estádios?

Quais estádios e com que frequência?

Com quem você ia? Você se lembra destes primeiros jogos?

Quais são suas lembranças da torcida do Corinthians nesses primeiros jogos?

Qual foi o primeiro título do Corinthians que você viu?

Alguma história desse período inicial nos estádios te marcou?

Quando você começou a ir ao estádio sozinho ou com amigos, sem ser acompanhado por uma pessoa mais velha / responsável?

Quem eram esses amigos? Da onde você os conhecia?

**3ª Parte: A Torcida**

Como e quando que você começou a se envolver com os Gaviões da Fiel?

Conte um pouco sobre o início de sua trajetória dentro dos Gaviões.

Qual foi o primeiro departamento/função que você teve dentro da torcida?

Como que era conciliar sua vida familiar e de trabalho com a vida de torcedor organizado?

Você se lembra de sua primeira caravana com os Gaviões? Conte um pouco sobre como foi essa experiência.

Você vivenciou o período da Democracia Corintiana como membro dos Gaviões? Conte sobre suas lembranças desse período e da relação dos Gaviões com o movimento dos jogadores corintianos.

Você participou da movimentação pela redemocratização do país como membro dos Gaviões da Fiel? Conte sobre suas lembranças desse período e da relação dos Gaviões com esse momento histórico do Brasil.

O Corinthians conquistou muitos títulos na década de 1990. Algum momento dessa época, jogo e/ou caravana, te marcou como membro dos Gaviões?

Em 2000, o Corinthians conquistou o Mundial de Clubes da Fifa. Você esteve presente nos jogos no Morumbi?

Viajou até o Maracanã para a final? Conte um pouco da experiência dessa caravana.

Entre a década de 1990 até meados da década de 2000, existiram diversas parcerias que conduziram o futebol do Corinthians. Desde o Banco Excel, passando pelas Hicks Mouse, até a MSI, foram momentos que alternaram a conquista de grandes títulos e de várias turbulências que atravessavam a relação entre diretoria, elenco de jogadores e torcida. Como era a relação dos Gaviões com essas parcerias?

Como os Gaviões agiam no dia a dia da política do clube nesse período?

Em 2007, o Corinthians foi rebaixado para a série B do Campeonato Brasileiro. O que significou esse momento para você? Você esteve na caravana do jogo contra o Grêmio, para Porto Alegre, que confirmou o descenso do Corinthians? Pode contar um pouco suas lembranças desse dia?

No mesmo ano, após uma movimentação intensa das torcidas corintianas, o ex presidente Alberto Dualib saiu do cargo que ocupava desde 1993. Como foi essa mobilização organizada pelos torcedores? Você esteve envolvido? Pode contar sobre sua experiência dentro desse movimento?

Ainda nesse ano, o Andrés Sanchez foi eleito novo presidente do clube. Qual foi o significado de ter um presidente que começou em uma torcida organizada?

Em 2012, o Corinthians quebra o tabu e conquistou a Copa Libertadores da América. Você vivenciou como torcedor organizado as participações anteriores do clube na Libertadores, principalmente as duas eliminações para o rival Palmeiras em 1999 e 2000? Conte um pouco sobre essas experiências anteriores da torcida corinthiana com a Libertadores.

Você esteve presente na conquista do Mundial de 2012 no Japão? Conte sobre essa experiência.

#### **4ª Parte: Crescimento das Torcidas Organizadas e Violência**

Em 1995, acontece a “Batalha do Pacaembu”, em um jogo entre São Paulo e Palmeiras, que é um grande marco na história das torcidas organizadas no Brasil. As torcidas foram incessantemente perseguidas pelo estado e pela opinião pública. Quais são as suas lembranças desse período?

Existia, nessa época, um diálogo entre as torcidas de diferentes clubes a respeito do crescimento da violência e das imagens negativas que eram atribuídos aos torcedores organizados pela opinião pública?

Além das punições e proibições, quais foram às outras consequências que você sentiu no dia a dia como frequentador de estádios e/ou membro de torcida organizada?

Após o fato, o que a sua família e as pessoas que conviviam com você passaram a falar sobre frequentar estádios e ser membro de uma torcida organizada?

#### **5ª Parte: A Torcida e o Carnaval**

Você fez parte do bloco carnavalesco dos Gaviões da Fiel? Conte sobre como eram os desfiles e a organização desse bloco.

Você esteve presente no processo de transformação do bloco carnavalesco em escola de samba? Conte sobre as razões e motivações que levaram os Gaviões a se tornar uma escola de samba.

Como os Gaviões foram recebidos pelas outras escolas de samba? Houve muito preconceito e resistência por se tratar de uma torcida organizada?

Em 1995, os Gaviões conquistaram seu primeiro título do grupo especial do carnaval de São Paulo. Você já esteve envolvido, de alguma maneira, seja desfilando ou ocupando alguma outra função, na parte da escola de samba? Você se lembra do que representou esse título de 1995?

Como é a divisão e a relação que surge dessa dupla missão de ser tanto uma torcida organizada como uma escola de samba? Quais as dificuldades, conflitos em conciliar as duas atividades?

Após tantos anos desfilando na elite do carnaval de São Paulo, você acha que mudou a visão que as outras escolas de samba de São Paulo tinham dos Gaviões?

#### **6ª Parte: Articulação entre Torcidas Organizadas**

Você esteve envolvido em algum movimento / tentativa de articulação política entre torcidas organizadas de diferentes clubes? Conte sobre essas experiências e quais as dificuldades em se conseguir isso.

Olhando o atual momento das torcidas organizadas, bem como sua trajetória, você vê alguma importância nessa articulação e diálogo entre torcidas rivais?

#### **7ª Parte: As Transformações dos Estádios e o Novo Perfil dos Torcedores**

Como você vê a torcida corinthiana, no geral, desde que começou a frequentar estádios até os dias atuais? Você percebe alguma transformação em relação ao perfil desses torcedores?

E quanto a composição interna dos Gaviões? Desde que você frequenta a torcida quais foram às transformações por qual ela passou em relação ao perfil de seus associados?

Existiam muitas mulheres que faziam parte da torcida? Elas participam mais do cotidiano da torcida hoje em dia em comparação a época em que começou a frequentar os Gaviões?

De uma maneira geral, os torcedores “comuns” do Corinthians sempre nutriram um sentimento muito positivo pelos Gaviões da Fiel, diferentemente do que ocorria em outros clubes. Como você acha que é essa relação atualmente?

Nos últimos anos, seguindo uma tendência mundial, tem se acentuado um processo de drásticas transformações nos estádios brasileiros. Esse é justamente o momento em que o Corinthians passa a ter o seu próprio estádio, localizado em Itaquera. O que significa a “Arena Corinthians” pra você?

Tendo passado, agora, mais de 6 meses da final da Copa do Mundo no Brasil, você consegue sentir alguma diferença na rotina das torcidas organizadas nos estádios? Em que direção vai essas diferenças?

Como você avalia o momento atual dos estádios brasileiros e quais são as suas expectativas para o futuro?

Os Gaviões da Fiel sempre se caracterizaram como uma torcida muito atuante na vida política do Corinthians. Como você vê a atuação dos Gaviões e das outras torcidas organizadas do Corinthians frente ao cenário político atual do clube?

Esse questionário, ainda bastante genérico, conquanto já direcionado a um representante de torcida e de clube específicos, intentou esquadrihar as etapas mais evidentes da trajetória do atleta, com a obtenção de dados gerais quanto a aspectos socioeconômicos e socioculturais, seguido de seu ingresso no ambiente dos estádios e o início da trajetória na torcida. Deste, chegava-se ao tema incontornável – a “violência” entre os “clubes de torcedores” (Flores, 1995; Fernandes, 2000).

Na sequência, abordava-se a vida clubística e o nível de envolvimento com a política interna dos clubes, além de explorar a temática das viagens e das caravanas nos jogos como visitante, em partidas “fora de casa”. Cerra-se a gravação com uma avaliação de ordem mais ampla sobre o significado das novas arenas no que tange à “festa” – categoria nativa – nas

arquibancadas e às limitações do ato de torcer na contemporaneidade.

Para essa confecção, seguiu-se o postulado do historiador José Carlos Sebe Bom Meihy: “Nas entrevistas de história oral de vida, as perguntas devem ser amplas, sempre postas em grandes blocos, de forma a indicar os grandes acontecimentos”. (2000, p. 62)

O Roteiro, abaixo parcialmente reproduzido, foi aplicado em consonância com um segundo modelo de questão, direcionado especificamente para cada um dos entrevistados selecionados. O itinerário das perguntas também se baseou em um padrão preexistente no CPDOC e procurou estipular, por meio de uma tabela, três tipos de informação recorrentes. Na vertical, temos três variáveis: 1ª) Ano; 2ª) Dados informativos da conjuntura histórica; 3ª) Informações biográficas do entrevistado. Na horizontal, as lacunas são preenchidas segundo cada torcedor.

Quadro 2 - Roteiro

Ano	Conjuntura histórica	Informações biográficas
Década de 1990	<p>- 1993: o Palmeiras quebra o jejum de 17 anos sem títulos, vencendo o campeonato paulista contra o rival Corinthians, dando início a uma década vitoriosa dentro de campo.</p> <p><i>Títulos nessa década:</i>  <i>Copa Libertadores da América: 1999;</i>  <i>Copa Mercosul: 1998;</i>  <i>Campeonato Brasileiro: 1993, 1994;</i>  <i>Copa do Brasil: 1998;</i>  <i>Torneio Rio-São Paulo: 1993;</i>  <i>Campeonato Paulista: 1993, 1994, 1996.</i></p> <p><u>Técnicos vitoriosos do clube no período:</u>  Vanderlei Luxemburgo: (1993) - Campeão do Campeonato Paulista, do Torneio Rio-São Paulo e do Campeonato Brasileiro  (1994) - Campeão do Campeonato Paulista e do Campeonato Brasileiro  (1996) - Campeão da Copa Euro-América e do Campeonato Paulista  Luiz Felipe Scolari:  (1997) Campeão da Taça Maria Quitéria e do Troféu Naranja  (1998) Campeão da Copa do Brasil e da Copa Mercosul  (1999) Campeão da Copa Libertadores da América</p> <p>- A Sociedade Esportiva Palmeiras é intitulada o “Campeão do Século XX”, sendo considerada, em rankings de diferentes instituições e veículos da mídia, a equipe brasileira mais vitoriosa do século XX.</p> <p>- Os presidentes do clube nessa década foram: Carlos Bernardo Facchina Nunes, que ficou no comando do Palmeiras até 1992 e foi o responsável pela assinatura do primeiro contrato de co-gestão do futebol brasileiro (Palmeiras-Parmalat); e Mustafá Contursi Goffar Majzoub, que permaneceu na presidente do clube entre 1993 e 2004.</p>	<p>- Foi nos anos de 1992 e 1994 que, segundo o sociólogo Carlos Máximo Pimenta, “ocorreu a maior parte dos envolvimento, noticiados, entre “torcidas”, resultando na morte de 12 pessoas, sendo quatro delas em 1992 e oito em 1994. Nesse período, os confrontos passaram a ser constantes e os instrumentos utilizados para defesa e/ou ataque tinham o poder de ocasionar lesões de natureza grave. Os “torcedores” começam a fazer uso de «bombas» e «armas de fogo», instrumentos, até então, pouco utilizados nos embates entre «torcidas».</p> <p>- Crescimento do quadro associativo das torcidas nesse período. Segundo Pimenta: “Em 1991, a “Mancha Verde” tinha 4.000 filiados, a “Independente”, 7.000 e os “Gaviões da Fiel”, 12.000. Até outubro de 1995, período em que passaram a ocorrer, por parte da Justiça Pública paulistana, cerceamentos das atividades desenvolvidas pelas “organizadas”, estas “torcidas” tinham em seus quadros o registro de 18.000, 28.000 e 46.000 filiados, respectivamente.”.</p> <p>- 1995:</p> <p>-- Em 6 de agosto de 1995, ocorre um confronto entre palmeirenses e corintianos nas arquibancadas do estádio Santa Cruz, em Ribeirão Preto, na final do Campeonato Paulista vencido pelos alvinegros por 2 a 1.</p> <p>- Na final da Supercopa de Futebol Junior, realizada no Pacaembu, em 20 de agosto de 1995, ocorre um dos episódios mais notáveis de brigas entre torcidas organizadas no Brasil. As torcidas de São Paulo e Palmeiras invadem o campo se enfrentam com paus e pedras, deixando mais de 100 pessoas feridas e um jovem morto.</p> <p>- Após esse episódio, o Grêmio Recreativo Esportivo Cultura Mancha Verde foi judicialmente extinto e proibido de entrar nos estádios pela Federação Paulista de Futebol e pelo Ministério Público.</p> <p>- Em 18 de outubro de 1995, é fundado o Grêmio Recreativo Cultural Bloco Carnavalesco Mancha Verde.</p> <p>- Em 1997, é fundada a “Mancha Alviverde”, com sede, estatuto e diretores próprios, separados das atividades carnavalescas.</p>

continua

continuação

Ano	Conjuntura histórica	Informações biográficas
Década de 2000	<p>- 2002: o Palmeiras é rebaixado pela primeira vez para a segunda divisão do campeonato brasileiro.  <i>Titulos conquistados na década:</i>  <i>Campeonato Paulista: 2008;</i>  <i>Copa dos Campeões: 2000;</i>  <i>Torneio Rio-São Paulo: 2000.</i>  <i>Técnicos vitoriosos do clube no período:</i>            Luiz Felipe Scolari: (2000) Torneio Rio-São Paulo;            Murtosa: (2000) Campeão da Copa dos Campeões;            Jair Picerni: (2003) Campeonato Brasileiro Série B;            Vanderlei Luxemburgo: (2008) – Campeonato Paulista.</p> <p>- Após o final do mandato de Mustafá, em 2004, Affonso Della Monica Netto assume a presidência do clube até 2008. Além do título de Campeão Paulista de 2008, outros feitos durante a sua gestão foram: a aprovação do projeto da Arena Palestra Itália, a modernização do clube social, Academia de Futebol e do estádio Palestra Itália, a criação do Espaço Visa no setor de arquibancadas, nova iluminação do Palestra Itália, instituição de urnas eletrônicas nas eleições oficiais, reformas gerais no clube de campo, reformas gerais na Academia 2, novas salas de imprensa na Academia e estádio Palestra Itália.</p> <p>- Entre 2009 e 2010, Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, economista consagrado, assume a presidência do clube. Durante a sua gestão se iniciam as obras da Arena Palestra Itália.</p>	<p>- Em 2000, o Grêmio Recreativo Cultural Bloco Carnavalesco Mancha Verde se transforma no Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Mancha Verde. Em apenas quatro anos a escola de samba alcança o grupo especial do carnaval paulistano.</p> <p>- Em 2006, a Mancha Verde forma, juntamente com os Gaviões da Fiel, o Grupo Especial das Escolas de Samba Desportivas. O regulamento da Liga prevê que caso duas escolas, que sejam ligadas a agremiações desportivas, estejam no Grupo Especial, as mesmas formariam outro grupo, que só teria escolas de samba ligadas a torcidas de futebol. Após muita polêmica, a Gaviões consegue, dias antes do carnaval, uma liminar que lhe garante o direito de disputar o Grupo Especial, porém tal direito é negado à Mancha Verde, pois a Gaviões argumentou na justiça que tendo sido convidada pela Liga em finais dos anos 80, não teria esta o direito de impedi-la de disputar agora. Já Mancha tentou provar que por ser uma pessoa jurídica diferente, não seria ligada a nenhuma torcida organizada. O juiz, porém, usou como base para indeferir tal pedido o texto que constava no então site da entidade, que acabou funcionando como uma confissão da tese contrária. A Mancha foi assim obrigada a desfilar sozinha no Grupo de Escolas de Samba Desportivas, onde tornou-se campeã. Porém às vésperas do desfile, a Mancha conseguiu negociar com a Liga a transferência do desfile, da madrugada de domingo para segunda, inicialmente a data prevista, para a madrugada de sábado para domingo, junto com as escolas do Grupo Especial, sendo também avaliada pelos mesmos jurados deste grupo. Essa avaliação lhe garantiu a sétima colocação geral, muito embora a Liga não reconheça esta classificação.</p> <p>- Em 2007, a Mancha Verde novamente foi colocada sozinha num grupo à parte, sendo obviamente declarada campeã deste grupo, e inclusive participando do desfile das campeãs, onde desfilou logo após os Gaviões da Fiel. Em relação ao Grupo Especial, obteve a décima-primeira colocação.</p> <p>- Em 2007, Paulo Serdan é suspenso por 90 dias do clube social do Palmeiras após agredir Márcio Vicente, então treinador da equipe sub-14 do clube. O motivo da agressão teria sido o descontentamento de Serdan com o fato de seu filho, jogador da equipe, ter sido substituído ainda no primeiro tempo de uma partida.</p> <p>- Em 2008, o Grupo Especial das Escolas de Samba Desportivas deixou de existir, fazendo com que Gaviões da Fiel e Mancha Verde voltassem a disputar com as outras escolas o título do Grupo Especial no carnaval.</p>

continua

continuação

Ano	Conjuntura histórica	Informações biográficas
Década de 2010	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em 2010, Salvador Hugo Palaia assumiu a presidência do clube.</li> <li>- Em 2011, Arnaldo Luiz Albuquerque Tirone assumiu a presidência do clube</li> <li>- Em 2012, o Palmeiras conquistou a Copa do Brasil, sob o comando do técnico Luiz Felipe Scolari.</li> <li>- Ainda em 2012, o Palmeiras voltou a ser rebaixado para a série B do campeonato brasileiro.</li> <li>- Em 2013, Paulo de Almeida Nobre assumiu a presidência do clube.</li> <li>- Em 2014, o Palmeiras comemora o seu centenário.</li> </ul> <p>O novo estádio do clube, nomeada Arena Allianz Parque, foi inaugurada oficialmente em 19 de novembro de 2014, na derrota por 2 a 0 para o Sport de Recife.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em 2010, a Escola de Samba Mancha Verde alcança a quarta colocação na divisão especial do carnaval, ficando apenas um ponto da campeã Rosas de Ouro.</li> <li>- Em 2011, a torcida Mancha Alviverde foi proibida formalmente de frequentar os estádios (entrar com material que identificasse a torcida), durante 6 meses, por conta de um episódio que ocorreu em Presidente Prudente, onde o Palmeiras enfrentou o rival Corinthians. Na ocasião, em uma confusão entre as torcidas das duas equipes, dois torcedores palmeirenses foram baleados. A Polícia Militar enviou um relatório a Federação Paulista de Futebol responsabilizando a Mancha Alviverde pelo ocorrido.</li> <li>- Em 25 de março de 2012, dois integrantes da Mancha Alviverde, André Alves Lezo, de 21 anos, e Guilherme Vinícius Jovanelli Moreira, de 19 anos, morreram após confronto com torcidas do Corinthians, na Avenida Inajár de Souza, horas antes do clássico entre as duas equipes. A briga teria sido uma revanche de um episódio ocorrido em agosto do ano anterior, onde o corintiano e membro dos Gaviões da Fiel, Douglas Karin Silva, foi achado morto no rio Tiête após briga de torcidas.</li> <li>- A Mancha Alviverde pagou os custos do enterro do torcedor André Lezo e comprou três jazigos no cemitério do Jaraguá, zona norte de São Paulo. Segundo Marcos Ferreira, presidente da entidade, o preço entre comprar um ou três túmulos não variava muito.</li> <li>- Em entrevista sobre a violência das torcidas para o jornal Folha de São Paulo, Paulo Serdan, entre outras coisas, afirmou sua influência no futebol palmeirense: “Do time do Palmeiras que disputou a última Copa São Paulo, entre titulares e reservas coloquei uns sete ou oito jogadores”.</li> </ul>
Dados e informações coletadas pelo CRFB		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Em visita à sede da torcida Mancha Alviverde, em 8 de março de 2012, os pesquisadores do CRFB levantaram os seguintes dados e informações:</li> <li>- O número de sócios da torcida, após o recadastramento feito por conta da extinção da antiga Mancha Verde e do surgimento da Mancha Alviverde, beirava os 25 mil até a data de visita do CRFB.</li> <li>- Sobre o perfil dos associados da torcida, Marcos Ferreira, presidente da torcida desde 2012, afirmou que convivem na torcida “de juizes de direito a catadores de papel; pessoas que moram em Alphaville ou em um barraco de madeira”. Embora, o perfil da maioria das pessoas que entram na torcida é composta por homens, na faixa etária de 14 a 22 anos, oriundos da classe média da cidade.</li> <li>- A torcida realiza ações sociais como doação de sangue, campanhas de agasalho e cobertores, além de distribuição de ovos de páscoa e de cestas natalinas.</li> <li>- A torcida possui um programa de televisão online chamado “TV Mancha”, vinculado ao AllTV</li> </ul>

continua

conclusão

Ano	Conjuntura histórica	Informações biográficas
Presidentes Torcida Mancha Verde		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os presidentes da Torcida Mancha Verde foram:</li> <li>- Dorival Menezes (83/84)</li> <li>- Nelson Ferraz da Silva Barros (Atibaia) (85/86)</li> <li>- Cléo Sóstenes Dantas Silva (87/88)</li> <li>- Moacir Bianchi (89/90)</li> <li>- Ricardo Raphael Rodrigues (91/92)</li> <li>- Paulo Serdan (93 a 98)</li> <li>- Robertinho (98 a 2000)</li> <li>- Jânio (2001 a 2004)</li> <li>- Angelo (2004)</li> <li>- Luizinho (2005)</li> <li>- Jânio (2006 a 2008)</li> <li>- André Guerra (2008 a 2012)</li> <li>- Marcos Ferreira (desde 2012)</li> </ul>
Torcidas aliadas		<ul style="list-style-type: none"> <li>- A Mancha Alviverde faz parte da união de torcidas chamada “Dedo pro Alto”, junto com as torcidas Força Jovem do Vasco da Gama e Galoucura do Atlético Mineiro. Outras torcidas que mantêm boa relação com essa união são:</li> <li>- Ira Jovem do Vasco</li> <li>- Império Verde do Coritiba</li> <li>- Mancha Azul do Avaí</li> <li>- Mancha Verde do Juventude</li> <li>- Força Jovem do Goiás</li> <li>- Bamor do Bahia</li> <li>- Cearamor do Ceará Sporting Club</li> <li>- Torcida Jovem do Grêmio</li> <li>- Inferno Coral do Santa Cruz</li> <li>- Garra Alvinegra do ABC de Natal</li> <li>- Terror Bicolor do Paysandu</li> <li>- Torcida Jovem do Botafogo</li> <li>- Mancha Azul do CSA</li> </ul>

Fonte: dados do autor.

O segundo Roteiro, cujo extrato acima reproduzimos, foi padronizado e adotado de maneira sistemática em todas as entrevistas. Ele trazia informações disponíveis sobre os representantes de torcida, nas mais variadas fontes (livros, revistas, jornais, sites, DVDs, etc.). Seu tamanho médio girou em torno de vinte e cinco laudas, mas variava, para mais ou para menos, conforme a projeção público-midiática do torcedor em questão.

O Roteiro afigura-se crucial para as entrevistas, pois serve de base para que os entrevistadores possam preparar-se e se sintam aptos a conduzi-la no dia da gravação, munidos de dados histórico-biográficos capazes de ir além do já previamente consabido. A

demonstração do conhecimento prévio da vida do clube, da torcida e, eventualmente, do torcedor entrevistado, surte o efeito desejado em muitas entrevistas.

O fato de os entrevistadores saberem determinados aspectos sobre o percurso da agremiação e mesmo do entrevistado favorece sobremaneira a valorização deste, no ato da concessão da entrevista. Muitos torcedores, de antemão cautelosos, vão-se soltando à medida que percebem estar diante de formuladores de questões com conhecimento de fato da sua trajetória, sem prejuízos de valor ou preconceitos previamente estabelecidos.

Ante o modo parcimonioso de fazer perguntas, ante o saber “ocultar-se e revelar-se dos

entrevistadores”, entrevistados como Adamastor (Independente), Paulo Serdan (Mancha Verde), Vila Maria (Camisa 12) e Dentinho (Gaviões da Fiel) por exemplo, deixaram-se nitidamente embalar pela natureza das perguntas e prolongaram sobremaneira o tempo para respostas entre o início (mais pontual) e o fim (mais dilatado) do depoimento.

### A GRAVAÇÃO, A TRANSCRIÇÃO E A EDIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Sem embargo, para articular com o item anterior, advirta-se de antemão que há um elemento imponderável no momento presencial da entrevista. Nenhum Roteiro, por mais completo que seja, é capaz de contornar essa imponderabilidade constitutiva da interface entrevistador/entrevistado (PORTELLI, 2010).

Se a preparação é um requisito fundamental e indispensável para o êxito de um bom depoimento, deve-se considerar a importância crucial da interação entre o que fala e o que escuta no ato mesmo do registro. Na mesma proporção, mencione-se a importância atribuída por um etnógrafo em campo, ao tratar da relação pesquisador/informante, com vistas a chegar a uma antropologia hermenêutica de seus nativos.

A historiadora Ângela de Castro Gomes aponta como especificidade da História Oral a resultante emocional de que é produto um documento derivado de entrevista:

“...os documentos orais produzidos através de entrevistas exigem do pesquisador um nível de envolvimento distinto. Ele participa neste caso de construção do documento-relato, não só na medida em que propõe questões como também na medida em que compartilha as emoções despertadas no entrevistado pela rememoração de sua vida. Aí reside, a meu ver, uma das grandes contribuições das entrevistas orais: elas obrigam o pesquisador a uma forte interação com seu objeto de estudo, enriquecendo-o com uma nova sensibilidade”.

\*

“... o valor fundamental de um depoimento oral não reside tanto na produção de informações novas e substantivas. Na verdade, quase sempre ocorre uma convergência básica com os dados e as interpretações contidas nos documentos escritos. A informação nova trazida pelo depoimento oral está na forma

pela qual o relato dimensiona e faz emergirem os acontecimentos, dando contextualidade às opções tomadas e novas cores aos perfis de personagens muitas vezes conhecidas.” (GOMES, 1998, p. 8)

De posse do Roteiro, e ciente dos interstícios de toda relação dialógica contida numa entrevista de História Oral, passam-se às etapas seguintes, quais sejam, o agendamento e a gravação da entrevista, por meio de contato telefônico ou através de intermediários (clubes, amigos, parentes, jornalistas), situações irregulares que oscilaram de torcedor a torcedor, de torcida a torcida.

Conforme já mencionado acima, a gravação costumou ser feita no Auditório Armando Nogueira, nas dependências do Museu do Futebol. Este foi considerado o palco ideal para receber as lideranças e para a montagem dos equipamentos. À preparação do roteiro, às cautelas metodológicas, ao agendamento e à gravação, sucederam-se as etapas posteriores da entrevista, com a transcrição, a edição e a organização do material gravado.

A etapa final concerne à edição. Trata-se de fase assaz importante, em que os editores e supervisores tiveram a responsabilidade de transpor para a linguagem escrita elementos singulares da fala coloquial e da oralidade. A técnica da História Oral valoriza sobremaneira este momento, na medida em que esta passagem fixará no plano gráfico a experiência narrada pela voz e pela dicção do torcedor, dentre gírias, jargões, palavras de baixo calão e mesmo problemas crassos de concordância, em alguns casos.

Tem-se, assim, elementos de oralidade que conferem à fonte perscrutada o seu valor de uso, passível de ser agregado às metodologias da História contemporânea. Esta permite, pois, a incorporação de múltiplos atores e segmentos sociais, consoante princípios legítimos da historiografia na contemporaneidade.

### BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGÊNIO, Fernando (Orgs.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BROCCHI, Gabriel Moreira Monteiro. **Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians**: etnografia de um processo de ‘atualização’. São Paulo: Dissertação de Mestrado/Antropologia Social-USP, 2017.

BROMBERGER, Christian. “Du public et des supporters”. In: **Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde**. Paris: Bayard Éditions, 1998.

BUFORD, Bill. **Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CHAUÍ, Marilena. “A memória: lembrança e identidade do eu”. In: **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

FERNANDES, Fernando Manuel Bessa. **Campo de força**: sociabilidade em uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia / UFF, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2002.

FLORES, Luís Felipe Baeta Neves. “Da construção do conceito de violência”. In: **Revista Pesquisa de Campo**. Rio de Janeiro: UERJ / Departamento Cultural, 1995, nº 2.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Velhos militantes – depoimentos**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

MEIHY, José Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2000.

MONTEIRO, Rodrigo de Araújo. “**Torcer, lutar, o inimigo massacrar – Raça Rubro-Negra!**”: uma etnografia sobre futebol, violência e masculinidade. Prefácio de Alba Zaluar. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2003.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol**: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas. Rio de Janeiro: Benvirá, 2016.

ORTIZ, Renato. **Trajetos e memórias**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique. “Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010”. In: HOLLANDA, B. B. de; MELO, V. A. de. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

VIANNA, Hermano (Org.). **Galerias cariocas**: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.



## REPRESENTAÇÕES COLETIVAS SOBRE A SELEÇÃO PERUANA DE FUTEBOL NA COPA DO MUNDO DA ARGENTINA – DE GRATA SURPRESA A POLÊMICO “VILÃO”

### COLECTIVE REPRESENTATIONS ABOUT PERUVIAN NATIONAL TEAM IN THE WORLD CUP OF ARGENTINA – FROM AT THANKFUL SURPRISE TO A CONTROVERSIAL “VILLAIN”

**Alvaro Vicente do Cabo\***

#### RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal identificar representações coletivas sobre a campanha da seleção peruana de futebol na Copa do Mundo realizada na Argentina em 1978 em veículos da imprensa brasileira e argentina. Desde a surpresa em torno da boa campanha realizada pelos peruanos na primeira fase do torneio até a polêmica goleada de 6x0 que classificou os argentinos para a final, a equipe peruana se foi importante personagem no evento e ocupou um grande espaço midiático nos periódicos pesquisados.

**Palavras-chave:** Copa do Mundo; futebol peruano; representações coletivas, imprensa.

#### ABSTRACT

This article aims to identify the collective representations about the peruvian national team campaign at World Cup hosted in Argentina in 1978, throughout vehicles of brazilian and argentine press. Since being a good surprise in the first round of the tournament until the controversy trashed 6x0 that qualified the argentine to the final, the peruvian team was an important character at the event and occupied a big media space at the researched journals and magazines.

**Keywords:** World Cup; peruvian soccer; collective representations; press.

---

\*Doutor em História PPGHC/UFRJ, Mestre em Comunicação Social PPGCOM UERJ, Bacharel em História UFRJ, Direito (UNESA). Professor docente UCAM (Cândido Mendes) e Prefeitura RJ. Membro dos grupos de pesquisa SPORT/UFRJ e LEME/UERJ.

## INTRODUÇÃO

O futebol peruano não possui o mesmo prestígio das tradicionais potências futebolísticas da América do Sul como Brasil, Argentina, Uruguai e até mesmo algumas gerações chilenas ou paraguaias, devido, provavelmente, ao fraco desempenho internacional.

A origem histórica do futebol no país tem uma genealogia oficial semelhante às tradicionais hipóteses dos outros países sul-americanos. Trazido por imigrantes ingleses, marinheiros ou membros das elites peruanas que estudaram na Europa, acabou se popularizando com a propagação do esporte nas escolas e fábricas. Segundo Vidal:

En sus orígenes el fútbol en el Peru estuvo asociado a pobladores de elite. El historiador Gerardo Alvarez, en su tesis de licenciatura por la Universidad de San Marcos titulada “la difusión del fútbol en Lima” sostiene que el fútbol en Perú fue introducido por inmigrantes británicos residentes en el Peru, marineros británicos de paso en los puertos y jóvenes de la elite local que aprendieron el juego en Inglaterra y de regreso lo practican en el Peru.

Poco a Poco, el deporte fue alcanzando otros espacios, como clubes deportivos formados por integrantes de la misma elite local y luego equipos de fútbol surgidos al interior de espacios educativos...

Una segunda manera em que el fútbol fue introducido en Lima fue a través de su práctica en centros laborales. Para la historiadora Alicia de Águila, la presencia del patrón al frente del equipo de fútbol fomentaba la fidelidad entre él y sus obreros. En un trabajo pionero de José Deustua, Steve Sein y Susan Stokes, se sostiene que un primer paso hacia el profesionalismo fué la creación de equipos de fútbol por las principales fábricas textiles de Lima y Vitarre. (2014, p. 47-48).

Paralelamente aos fatores da formação do futebol no país, é possível perceber em algumas obras peruanas sobre o tema, como o esporte também adquiriu grande popularidade no país, mesmo com os fracos resultados internacionais se transformando em uma paixão local.

Segundo o renomado escritor Mario Vargas Llosa (2011), prêmio nobel de literatura em 2010, em crônica intitulada “Una pasión llamada fútbol”:

Acaso la explicación de este prodigioso fenómeno contemporáneo, la pasión por el fútbol – un deporte elevado a la categoría de religión laica -, sea en

realidad bastante menos complicada de lo que suponen los sociólogos y psicólogos que tratan de interpretalo y consista simplemente en que el fútbol ofrece a las gentes algo que apenas tienen: una ocasión de divertirse, de entretenerse, de entusiasmarse, de exaltarse, de vivir unas emociones intensas que la rutina cotidiana rara vez les depara. Querer entretenerse, divertirse, pasar un rato agradable, és la más legítima de las aspiraciones, un derecho tan válido como el querer comer y trabajar. Por razones múltiples y seguramente complejas el fútbol he venido a cumplir en el mundo de hoy esta función con más éxito y universalidad que cualquier otro deporte. A quienes el fútbol nos gusta y nos da placer no nos sorprende en absoluto la jerarquia que há alcanzado entre los entretenimientos colectivos, pero hay muchos que no lo entienden, y que además lo deploran y critican.

El fenómeno les parece lamentable porque, dicen, el fútbol enajena y empobrece intelectualmente la multitud, distrayéndola de los asuntos importantes. Quienes piensan así, olvidan que divertirse és un asunto importante. Olvidan también que el característico de una diversión, por intensa y absorbiente que sea y, un buen partido lo es en grado sumo, es ser efímera, intrascendente, inócua, una experiencia en la que el efecto desaparece al mismo tiempo que la causa. (2011, p. 30-31).

A forma poética como Llosa defende a paixão pelo futebol, elegendo o seu caráter universal de diversão como grande característica aglutinadora do esporte, enseja uma reflexão sobre a própria importância deste jogo nas formações identitárias latino-americanas e mesmo na existência efêmera dos indivíduos apaixonados pelo esporte.

A crítica que o literato faz àqueles que defendem a teoria do futebol como “ópio do povo” é simples, porém contundente. A intensidade de uma mera partida de futebol pode gerar experiências coletivas e sentimentos de pertencimento que, à margem das manipulações políticas ou econômicas, são fundamentais para a própria existência.

Outra importante referência literária encontrada nessa busca intelectual para compreender um pouco o que seria o imaginário coletivo peruano sobre o futebol, visto que, a produção acadêmica é escassa, é um ótimo romance policial escrito por um jovem talento chamado Santiago Roncagliolo, intitulado “La Pena Máxima”, no qual a própria divisão dos capítulos é

feita pelas partidas disputadas pela seleção peruana e a final do torneio.

O autor constrói um enredo em que a história se passa durante o campeonato mundial realizado na Argentina e a participação da seleção peruana no torneio acaba sendo o pano de fundo de uma série de assassinatos e perseguições que envolvem inclusive agentes da Operação Condor.

O personagem principal, Félix Chacaltana, um funcionário público, arquivista, burocrata que não gostava de futebol, mas acaba indo inclusive à Argentina em uma investigação no centro de tortura da ESMA no dia em que os peruanos eram goleados pelos anfitriões, acaba sendo representado como uma exceção em meio à catarse coletiva que provocava a realização do torneio no Peru.

Trata-se de uma obra de ficção, mas que auxilia na percepção das representações existentes na memória coletiva sobre o país andino, principalmente no que diz respeito às possíveis mobilizações populares. Um exemplo está no trecho a seguir que se passa na estreia contra os escoceses:

Él quería librarse de ese paquete cuanto antes. Aquello no era algo que pudiese guardar en su casa hasta otra ocasión.

El problema era qué hacer mientras tanto. Se aburría. Con disimulo, se acercó a una ventana abierta, donde una familia de tres niños estaba paralizada frente al televisor. Todos llevaban las casaquillas con la franja roja. Una de ellas ponía en letras negras a su espalda: CUBILLAS. Él se dejó mecer por la voz rítmica del narrador:

- Cubilla, se la passa a Velasquez. Marca férrea contra Velasquéz, que cae al suelo. El árbitro no pita nada y Velasquez se levanta. Sigue Velasquéz, haccia delante. Se la devuelve a Cubillas ya en el limite del área. Peligro, que Cueto se cuela entre dos defensas, recibe la pelota, encara al portero, la cambia ao palo izquierdo yyy...GOL! GOOOOOOOOOOOOOOL peruano! Cueto número 8 haciendo magia con la perna izquierda y 1-1 em el marcador!

Las casas de Barrios Altos despertaron con un bramido ensurdecidor. Se oyeran muebles golpeando contra el suelo, aplausos, y sobre todo el grito de gol, una sola voz por todas partes, como si tronase en el cielo.

Agitada por el escándalo, la mochila roja se revolvió un poco y dejó escapar unos sollozos. De todos los paquetes del universo, hoy tenía

que llevar precisamente ése. Un paquete sin nombre, sin instrucciones previas, sin control. (RONCAGLILO, 2014, p 12-13).

Diversas passagens ficcionais do romance remetem às narrações televisivas e radiofônicas dos gols, às intensas mobilizações populares nos dias das partidas, à idolatria em torno de jogadores como Cubillas, Cueto, Muñante, Chumpitaz etc, além das nebulosas especulações da derrota sofrida diante dos argentinos.

A Copa de 1978 era apenas o terceiro mundial em que os peruanos participaram da fase final. Além de estarem presentes na primeira edição realizada no Uruguai em 1930, obteve seu melhor desempenho no campeonato de setenta no México, quando dirigido pelo ex-craque Didi foi eliminado pela seleção brasileira nas quartas-de-final. Classificou-se também para o torneio da Espanha em 1982, última vez que o país conquistou uma vaga nas eliminatórias sul-americanas.

Este período pode ser considerado a melhor fase do futebol peruano no âmbito internacional devido ao bom futebol exibido pelas seleções, sobretudo, no torneio realizado no México em 1970 e na primeira fase do mundial da Argentina. Os peruanos também conquistaram pela segunda vez<sup>1</sup> a Copa América de 1975, título mais importante da história do futebol do país.

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar as representações coletivas geradas por veículos da imprensa brasileiros (Placar, Jornal do Brasil) e argentinos (Clarín, El Gráfico) sobre a campanha peruana no campeonato mundial de 1978.

### A) Seleção peruana como grata surpresa

Antes de começar o torneio os peruanos estavam desacreditados. O grupo que estava seria difícil devido à presença da forte seleção holandesa, que era vice-campeã do mundo, e da Escócia, que também era considerada como uma favorita, além do Irã.

O plantel estaria dividido em dois grupos distintos numa rivalidade entre atletas do tradicional e popular clube do Alianza Lima e os jogadores do elitista Sporting Cristal. Efetivamente o grupo estava

<sup>1</sup> A primeira conquista foi em um torneio disputado em Lima em 1939 com a participação de apenas quatro seleções além da anfitriã (Uruguai, Paraguai, Chile, Equador), sendo que tanto o Brasil quanto a Argentina não disputaram a competição.

“rachado” entre os jogadores dos dois times que formavam a base da equipe peruana. Um possível conflito racial é apontado por Pablo Llonto, ao afirmar que “para muchos jugadores de Cristal ellos eran los lindos y los de Alianza los negros feos”. (LLONTO, 2005, p. 131).

O jornal *Clarin* registra o ambiente ruim antes da estreia da seleção peruana em reportagem intitulada “Los peruanos viven en tensión”:

El partido de sábado entre Escocia e Peru se vá transformando Córdoba en el centro de las expectativas. Mientras los escoceses siguen mostrando su potencia y su alegría, los peruanos respiran un clima de certa tensión por el enfrentamiento de dos grupos antagónicos dentro del plantel (EL GRÁFICO, 01 jun. 1978, p. 22).

Entretanto, apesar das expectativas negativas, a seleção peruana acaba tendo um bom rendimento e derrota os escoceses que, segundo todos os veículos analisados, eram amplamente favoritos se transformando, assim, em grande surpresa na primeira rodada.

Em uma reportagem da revista *Placar* com a entrevista do técnico Marcos Calderón fica clara a condição da seleção peruana como a “zebra” do grupo, segundo o articulista da matéria:

Escalado na chave de Holanda e Escócia, o Peru não tem condições de surpreender ninguém, nem mesmo os seus torcedores, que se conforma com a simples presença da seleção na Copa. Só o técnico sonha com algo mais.

Declarações do técnico: Marcos Calderón:

Nosso futebol é igual ao brasileiro. Buscamos sempre o gol, como vocês. Contra times fortes, preferimos usar os contra-ataques. Tomamos cuidado para não abrir espaços na defesa e cuidamos de bloquear todos os setores, a partir do meio de campo...

Os goleiros são Ramon Quiroga e Otorino Sartori. E se for preciso um terceiro, Juan Papelito Cáceres. Quiroga é um argentino naturalizado as pressas para que pudesse disputar as eliminatórias: tem 26 anos, 1,76 e é o melhor dos três. Desde que Rubiños falhou no México diminuindo as chances do time, a ideia de que o Peru não produz bons goleiros tomou conta de todos. (PLACAR, n.420, p. 44-45).

Além da afirmação sobre a seleção peruana não ter a menor chance e os torcedores, inclusive, não alimentarem nenhuma expectativa, o próprio técnico

é tratado de forma irônica, como um “sonhador”, por causa das próprias declarações.

A comparação com o futebol brasileiro e a segurança na disposição tática do time segundo o técnico foram interpretadas como uma ilusão, quiçá, um ultraje.

É importante destacar também a justificativa apresentada para a escolha do argentino naturalizado Quiroga, importante figura na estreia peruana. Além de a princípio se basear em um critério exclusivamente técnico, “o melhor dos três”, remete ao senso comum e ao próprio arqueiro da seleção de 1970.

A revista *El Gráfico*, ressalta na manchete sobre a partida: “En teoría una derrota de Escocia parecía imposible. Pero en campo la realidad fue absolutamente otra. La solvencia de Quiroga, el talento de Cubillas, la inteligencia de Cueto, la frialdad de un equipo. Por eso, lo de Peru no fue um milagro” (p. 32). O ex-jogador e cronista Silvio Marzolino<sup>2</sup> confessou seu espanto:

Debo ser sincero: fui al estadio de Córdoba totalmente convencido de que Escocia le ganaria a Perú. Por qué? Por el trabajo previo de Perú – lo vi mal en sus dos partidos contra Argentina – por el clima de intranquilidad íntima que se vivía en su concentración – se hablaba incluso de peleas entre ellos – y porque además de estos factores, su defensa me resultaba débil para contener un trío ofensivo como el escocês. Dicho más claramente: la experiencia de Chumpitaz era muy poca para cubrir tantas deficiências...

Y dejo para lo último el mejor jugador del campo: Teófilo Cubillas. Hizo todo. Desde generar fútbol hasta concretarlo en gol. Podría escribir muchas líneas sobre él y su actuación. Pero creo que hay una frase que lo define mejor: volvió a ser el Cubillas del 70, un jugador de toda la cancha que hasta ahora cumplió la mejor actuación que he visto en el Mundial. (EL GRÁFICO, n. 3061, 06 jun. 1978, p 35).

É interessante constatar a estupefação do articulista que, primeiramente, busca explicar as razões pelas quais acreditava que a Escócia era a grande favorita para vencer a partida: as más atuações

<sup>2</sup>Nascido em 1940, Silvio Marzolino iniciou sua carreira no Ferrocarril Oeste, destacando-se como jogador do Boca Juniors, por onde atuou por 12 anos. Integrou diversas vezes a seleção argentina e disputou a Copa da Inglaterra em 1966, quando foi eleito o melhor lateral-esquerdo do torneio. Trabalhou também como técnico e cronista esportivo.

da seleção peruana em amistosos contra a Argentina antes da Copa, o ambiente ruim dentro do grupo de jogadores, além de uma suposta fragilidade defensiva da equipe diante de outra seleção considerada forte e muito ofensiva.

No segundo trecho destacado é possível perceber uma reverência ao jogador Cubillas, cérebro da equipe, e um dos remanescentes da seleção peruana de setenta. Símbolo maior do período de ouro do futebol peruano, que segundo outra reportagem da mesma edição da revista, além de ter feito a melhor atuação individual da primeira rodada, seria um dos grandes jogadores do mundo:

Teófilo Cubillas és su nombre. 29 años. Del Alianza Lima. Y lleva en su espalda el número que desde siempre ha venido identificado a los grandes: el 10. Entero, flerte, sereno, imaginativo, desarrolló la vieja pero no gastada batuta de aquel Perú de 1970 y dijo que se podía, que no hay nada de imposible. Y el hamanaque, la finta, la pisada, el toque, la viveza para estar paradito allí donde no hay nadie, la firmeza para aguantar un choque. Todo, hasta el remate maravilloso del segundo gol. Hasta el derechazo impecable, sorprendente, poco menos increíble del tiro libre que se convirtió en el tercero. Bajo su influjo, sobre su fútbol, entre las cuatro o más paredes con que nos regaló todo un estadio dijo "Contigo Perú".

Es peruano, es latinoamericano. Pero es del mundo porque juega al fútbol. Teófilo Cubillas es su nombre. (EL GRÁFICO, n.3061, 06 jun. 1978, p. 35).

O jogador peruano é representado como um craque habilidoso, clássico armador que dribla, toca, cadencia o jogo e marca gols importantes. Cubillas, na realidade, acabou sendo o vice-artilheiro do mundial com cinco gols, ao lado do holandês Resembrink.

A seleção peruana de setenta paradoxalmente se transforma em referência no país andino, e Cubillas acaba representando uma espécie de acionador da memória técnica da equipe dirigida pelo brasileiro Didi na copa do México. Inclusive, Cubillas, em entrevista para *El Gráfico*, enaltece o meia brasileiro como principal técnico na sua carreira:

Didi fue el técnico que más cosas me enseñó. Yo siempre jugué de 10 adelantado. Didi me convenció que debía tirarme atrás para arrancar con mas panorama y la pelota dominada. De esa manera podía encarar con mayor seguridad. O sea que mi

manera de plantarme en la cancha se la debo a él. Y además me enseñó a pegarle la pelota. Me quedaba después de los entrenamientos ejecutando tiros libres y el me acompañaba para perfeccionarme. (EL GRÁFICO, n. 3062, 13 jun. 1978, p. 50).

A reverência ao ex-técnico Didi e capitão do primeiro título conquistado pelo Brasil aproxima ainda mais o talento de Cubillas e a equipe que estava disputando o mundial da Argentina com a seleção peruana de setenta. E metaforicamente, com a própria imagem positiva do futebol brasileiro.

Em reportagem do *Jornal do Brasil*, além do meia armador, outro remanescente de setenta, o zagueiro Chumpitaz, comenta o triunfo sobre os escoceses:

Na opinião de Cubillas, a classificação para a segunda fase está quase garantida principalmente se o Peru conseguir um empate diante da Holanda. A exemplo de Calderón disse que a sua equipe estava muito nervosa no início da partida e por isso tomou o primeiro gol. Para ele, o goleiro Quiroga foi o principal responsável pela vitória sobre a Escócia ao defender um pênalti quando o resultado era 1 a 1. Chumpitaz, outro veterano da Seleção considera essa equipe individualmente inferior a de 1970, quando dirigida por Didi, passou pela fase de classificação e só se desclassificou ao ser derrotado pelo Brasil. Entretanto, a atual possui maior conjunto e adota um esquema de jogo mais competitivo. (JORNAL DO BRASIL, CADERNO DE ESPORTES, 05 jun. 1978, p. 5).

É possível perceber que os dois experientes jogadores buscam passar confiança para a continuação do torneio e que a seleção de setenta no Peru era efetivamente a grande referência da equipe, conforme assinala Chumpitaz.

A vitória peruana, segundo reportagem do jornal *Clarín*, teria influenciado inclusive o ambiente político do país com a suspensão temporária no toque de recolher, isso devido a uma grande comoção popular:

Peru retorna hoy a la realidad que convoca hoy el toque de queda, después que el triunfo de su representativo que interviene en el Campeonato Mundial de la Argentina le diera a su pueblo un inesperado y brillante triunfo sobre a Escocia. Las atajadas del golero Quiroga, las genialidades de Cubillas y hasta los gritos del director técnico Calderón, visiones todas que quedarán fotografiados en los mejores recuerdos deste pueblo, traídos por la

televisión desde Córdoba han dado un gran respiro en el clima de presiones sócio-económicas actuales. La pitada final del partido jugado el sábado dio lugar, a partir de ese momento a una fiesta espontánea que ganó las calles de Lima y presumidamente de todo el país, motivo por lo cual el gobierno resolvió levantar el toque de queda.

La medida volverá a reagrir a partir de esta medianoche y hasta las cuatro del lunes. (CLARÍN, n. 11.588, 05 jun. 1978, p. 18).

O registro das mobilizações populares em Lima e possivelmente em todo o país que teriam ensejado a suspensão do toque de recolher revela a força simbólica que o futebol efetivamente possui em determinadas situações políticas.

A caracterização da vitória como brilhante e inesperada demonstra que na realidade a seleção peruana durante o início do torneio era considerada fraca e muito inferior aos adversários europeus, porém se transformou em grande surpresa.

A ditadura de Francisco Bermudez Morales estava em processo de deterioração devido a grave crise econômica e a pressão social por mudanças políticas. O ditador já havia convocado eleições parlamentares no país, que aconteceriam durante o Mundial.

Uma nota no *Jornal do Brasil* registra a pressão de movimentos de esquerda no Peru que teriam se colocado publicamente contra a ditadura argentina e a organização do mundial:

Organizações sindicais e políticas do Peru “repudiaram” a campanha montada pela ditadura militar na Argentina” para utilizar o campeonato mundial em benefício próprio. Afirmaram que o governo argentino “se apoia na repressão brutal” e que com a organização da Copa no melhor “estilo Alemanha nazista”, pretende demonstrar que na Argentina os direitos humanos são respeitados. Reafirmaram também a “solidariedade com a resistência que o povo argentino opõem a ditadura” e responsabilizaram o governo argentino pela segurança dos peruanos que foram assistir a Copa. Este documento foi emitido pela facção da Confederação Nacional dos trabalhadores, pelo Movimento Sindical Cristão e pela Confederação Nacional Agrária e subscrita por várias Federações de esquerda e extrema esquerda, assim como pelos Partida Socialista Revolucionário, Unidade Democrática Popular e Comunista Revolucionário. (JORNAL DO BRASIL, 04 jun. 1978, p. 34).

A nota é interessante na medida em que possibilita constatar como a divulgação de eventuais críticas ao mundial e à organização da ditadura só aparecem eventualmente nas páginas do periódico brasileiro.

O fato de grupos de esquerda peruanos se posicionarem publicamente contra a realização do evento organizado pela ditadura argentina denota uma pressão sobre os regimes autoritários latino-americanos e sobre o próprio ditador Francisco Morales Bermudez no país, mas isso não impediu que muitos peruanos tenham se mobilizado inclusive para irem torcer pela seleção na Argentina:

Muitos torcedores peruanos foram ontem ao aeroporto de Plumerillos para recepcionar sua seleção, que desembarcou nesta cidade as 15 horas, guardada por forte esquema de segurança. Impedidos de falar com os jogadores, o grupo acompanhou a delegação até o Hotel San Francisco, num curso formado por 80 automóveis.

As ruas de Mendoza só agora passaram a viver realmente o clima da Copa do Mundo, pois com a chegada da delegação do Peru muitos torcedores já se encontram aqui para assistir a partida de quarta-feira contra a Holanda e por onde passam fazem sempre muito barulho. Outros quatro mil devem chegar ainda hoje. (JORNAL DO BRASIL, CADERNO DE ESPORTES, 05 jun. 1978, p. 4).

O apoio da torcida registrado após a vitória sobre os escoceses acabou se transformando em euforia quando os peruanos conseguiram um empate com a forte Holanda e venceram o Irã, conquistando uma vaga entre as oito seleções classificadas para a segunda fase, no mesmo grupo de Argentina, Brasil e Polônia.

### **B) A transformação do “inesperado” Peru refinado em polêmico vilão**

A primeira partida da “surpreendente” equipe peruana na segunda fase acabou sendo justamente contra os brasileiros, que tiveram muitas dificuldades para se classificar na primeira fase do torneio. A expectativa em torno do confronto gerou representações que aproximavam o futebol peruano do brasileiro. Uma reportagem do *Clarín*, por exemplo, foi intitulada “Brasil x Perú: duelo de un mesmo estilo”:

Será el choque de dos invictos y también de dos equipos que le ponem color sudamericano a este grupo B de la segunda vuelta final. Perú x Brasil

a partir de las 16:45 y comenzarán a escribir la segunda parte de su historia en este Mundial.

Volvemos ao principio. Ninguno de los dos conocieran la derota, pero la clasificación de cada uno tuvo dimensiones diferentes y un sabor distinto. Perú se entremezcló con la hazãna, Brasil tiene una idea aproximada de milagro.

No hay ninguna duda que los cinco puntos de Perú en el grupo IV fueron una de las grandes sorpresas del torneo. Ahí concluyó su actuación liderando holgadamente, diríamos sin sobressaltos, logró un contundente marcador frente a Escócia, empató con Holanda y ganó com Irán.

La mayor virtude del Perú fué aferrarse a su tradicional estilo y adecuarlo a los hombres que en ese momento integran su formación. Del respeto inicial a sus rivales grandes, pasó, en último partido, a creer totalmente en su fuerza como equipo.

Todo su andamiaje se sustenta en una línea de cuatro bien ordenada y se respalda en el medio campo donde sobresale el talento del moreno Teófilo Cubillas, quien se transformó en el conductor de la equipo.

Lo de Brasil es distinto, porque recién en el partido de domingo pasado pudo conseguir su clasificación. Debío sufrir más de la cuenta para estar presente en parte del torneo. (CLARÍN, SUPLEMENTO MUNDIAL, n. 11.597, 14 jun. 1978, p. 12).

É possível perceber o reforço argumentativo em reportagens anteriores. Enquanto o Peru foi uma das sensações da primeira fase, provavelmente a maior surpresa que teria conquistado uma façanha, o Brasil teria decepcionado e frustrado as expectativas em torno do mítico “jogo bonito”.

A representação da equipe andina, além de positiva, é atrelada a ideia de um suposto estilo tradicional peruano que efetivamente não é explicado e estaria associado naquele momento com as supostas virtudes técnicas que englobariam “o futebol sul-americano”, em oposição ao modelo europeu.

Sempre que aparece uma equipe oriunda de um país do continente e de qualidade futebolística, a tendência dos veículos midiáticos é compará-las com as grandes seleções dos países mais tradicionais, associando o bom futebol praticado com hipotéticas e genéricas características inatas “sul-americanas”.

A boa equipe peruana comandada pelo reverenciado “moreno” Cubillas foi alçada ao mesmo patamar do idealizado futebol brasileiro, que até então,

concretamente, havia apresentado um desempenho técnico pífio na competição.

A comparação com o futebol brasileiro é reforçada por Pelé<sup>3</sup> por meio de sua condição como autoridade no assunto:

Lo cual és una carta de resultados impresionante, para un equipo nacional que yo entiendo estaba debajo del nivel establecido por aquel otro sorprendente equipo peruano que llegó a los cuartos de final bajo las órdenes de mi viejo mentor brasileño Didi y suelo fueron eliminados por Brasil en el campeonato de México en 1970. En aquella ocasión tuvieron el infortunio de encontrar con un equipo en su mejor momento.

El progreso de Perú és especialmente significativo desde el momento que ellos són, segun las interpretaciones de su performance en Buenos Aires más parecidos al viejo Brasil – el Brasil en el que jugué – que los próprios jugadores brasileños del seleccionado actual. Mucho menos europeos en su estilo, que el equipo de transición brasileño de Claudio Coutinho. Menos europeos que México, que poco há se beneficiado de la transformación de su tácticas. Menos europeos que la Argentina, que há modificado su juego y está tratando ahora de demostrar su capacidad a uma mayor velocidad. De hecho los peruanos constituyen el único conjunto con una técnica auténticamente latinoamericana del torneo, lo que puede ser interpretado tanto como una condena de los demás por cambiar a una forma no natural de fútbol, o un elogio a su director técnico por insistir que Perú, por lo menos que quede como és...

Como todos los latinos solían hacer en una época, a los peruanos les gusta retener la pelota, jugar con ella. Prefieren al juego de passe corto, pero también pueden jugar a pelotas largas. Yo puedo apreciar especialmente la forma en que Peru lleva a cabo las veloces paredes que tanto disfrutaba yo con Coutinho (no se trata del técnico actual) en el Santos y con el Tostão para Brasil. Elos también saben passar cambiar el ritmo, passando del juego lento a un sorpresivo passe en velocidad. (CLARÍN, SUPLEMENTO MUNDIAL, n. 11.597, 14 jun. 1978, p. 8-9).

<sup>3</sup> É importante destacar que o ex-jogador Édson Arantes do Nascimento, mundialmente conhecido como Pelé, assinava uma coluna que era publicada quase diariamente no suplemento mundial do Clarín e na minha opinião foi uma das figuras legitimadoras da realização do evento organizado pela sangrenta ditadura argentina comandada pelo general Jorge Rafael Videla conhecida como Processo.

As interessantes afirmações escritas, traduzidas, narradas ou até mesmo atribuídas ao cronista Édson possibilitam boas reflexões sobre a construção dos estereotipados estilos de jogo. Após destacar na primeira parte da citação que também foi surpreendido com a campanha do selecionado peruano. Para introduzir o tema, o ex-atleta aciona a memória da boa equipe do país em setenta, que era dirigida pelo reverenciado Didi.

No segundo parágrafo da citação é possível perceber a construção do futebol peruano como representante, naquele momento, do mais “autêntico” latino-americano e que se assemelhava ao “velho Brasil”. Seria muito menos “europeu” que a própria seleção dirigida por Coutinho, o México ou até mesmo a Argentina de Menotti, segundo o texto, e tinha permanecido como aquilo que o Peru é!

A retumbante resposta está no último trecho selecionado da crônica. “Como todos os latinos”, os peruanos prendem a bola, efetuam passes curtos, fazem boas tabelas, cadenciam a partida, apesar de sabermos utilizar a velocidade também. Ou seja, jogam de forma artística, tem “viveza”, seriam “fenomenais”, segundo o cronista, que foi considerado o maior jogador do século XX.

Na segunda fase o “estiloso” futebol peruano decepciona, sendo derrotado pelo Brasil por 3x0 e pela Polônia por 1x0. Foi eliminado da competição na mesma data em que eram realizadas eleições legislativas no país, que não ocorriam desde 1968:

A grande maioria dos eleitores peruanos acorreu as urnas na parte da manhã, a fim de poder assistir depois ao jogo da sua seleção com a Polônia, iniciado às 11:45 e que duas horas mais tarde provocava nova decepção com a derrota que transformou em fumaça todos os sonhos criados pelas boas exibições da equipe na fase inicial da Copa do Mundo (JORNAL DO BRASIL, n. 72, 19 jun. 1978, p. 9).

Apesar da decepção futebolística em importante data cívica, ainda faltava uma partida a ser cumprida pela seleção peruana, fundamental na definição de qual seria o vencedor do grupo e, conseqüentemente, disputaria a final do mundial. Confronto que suscita polêmicas e acusações no Brasil e na própria Argentina com um processo de enquadramento de memória sobre o mundial realizado no país.<sup>4</sup>

<sup>4</sup>Sobre o tema, escrevi um artigo: “Argentina 6 x 0 Peru – A partida mais longa

Diversas são as especulações sobre a partida e surgidas, sobretudo, a posteriori. Suborno dos jogadores peruanos e/ou do técnico; acordo entre os ditadores Jorge Rafael Videla e Francisco Bermudez Moralez sobre a troca de prisioneiros considerados “subversivos”; fornecimento de diversas toneladas de trigo pelo governo argentino ao peruano; facilitação do arqueiro Quiroga, devido ao seu vínculo de nascimento com a Argentina. Foge ao escopo deste artigo comprovar qualquer uma das hipóteses aventadas nas décadas posteriores. Primeiro, pelo fato de o presente trabalho focar na análise de representações que ocorreram no momento da realização do mundial; e, segundo, pela própria dificuldade para obter fontes confiáveis ou relatos fidedignos, apesar de todas as plausíveis suspeitas.

A escalação de Quiroga, por exemplo, é um tema polêmico e aparece nas reportagens anteriores a partida. O fato de o goleiro Ramón Quiroga ser um argentino da cidade de Rosário e naturalizado peruano desencadeou muitas suspeitas sobre a sua atuação e uma possível contribuição com o país de origem.

O arqueiro, cujo apelido era “Chupete”, jogava no Sporting Cristal e era reconhecido no Peru e na Argentina por sua capacidade técnica e espírito de liderança. A sua escalação na partida teria sido contestada por alguns jornalistas. Segundo o autor Pablo Llonto, mesmo entre os jogadores, visto que o Peru já estava eliminado, a situação do atleta era no mínimo incômoda:

“Chupete” Quiroga el arquero argentino nacionalizado peruano, fue puesto en observación por el plantel. Nadie se animo a decirle en la cara que no debía jugar para evitar sospechas, pero un jugador le hizo la pregunta inevitable:

- Chupete, estás seguro que se siente bien para jugar? le dijo Muñante.

Oye Huévon – contestó Quiroga en el lenguaje de su nueva tierra. Tu creés que yo vine aqui para que chucha? Vine a jugar el mundial y lo juego”. (2005, p. 142).

O jogador teria sido entrevistado antes da partida sobre o atípico fato em reportagem do jornal *Clarín* intitulada “Quiroga, una situación muy difícil”, na

da história das Copas do Mundo por dois jornalistas memorialistas argentinos”, no qual é analisada a abordagem da partida tomando como referência Pablo Llonto e Ricardo Gotta.

qual responde, entre outras coisas, sobre a possibilidade de enfrentar a Argentina e quem seria o campeão do torneio:

- Es cierto que pediste no enfrentar los argentinos?
- Si y no.
- Como és eso.
- Yo profesionalmente no tengo inconvenientes para jugar. Lo haría tranquilamente y sin complejos. Me conosco demasiado bien y sé que en el medio de la partida me comportaría como si los hombres de Menotti fuesen japoneses, franceses o chinos. De toda manera hablé con el técnico Calderón. Simplemente le dije que sí creía conveniente sacarme de le equipo, lo hiciera sin ningún problema. Eso va a servir para evitar cualquier tipo de sospechas. Más por él y todo el resto de los muchachos. Pero quiero advertilo bien. Si me ponem, juego. Y si juego, soy capaz de dejar la vida bajo los tres palos peruanos.
- Quien sale campeón?

Para mí, Argentina. Pero mejor no lo pongas. Todavía tiene que ganar a nosotros y la gente podría pensar mal de mí... (CLARÍN, SUPLEMENTO MUNDIAL, n. 11.604, 21 jun. 1978, p. 7).

É possível perceber que a escalção suscitava questionamentos e possivelmente o mais sensato teria sido não escalar o goleiro naturalizado, independente de ter ou não melhores condições técnicas que os outros. O receio na afirmação de que a Argentina seria a campeã denota também o clima em torno do jogador.

E, de acordo com o periódico, a responsabilidade acabou sendo totalmente do técnico, como é possível perceber pela nota “Es Peruano”, posicionada logo abaixo da entrevista do goleiro:

Rosario es un mar de de rumores. Es difícil llegar a escuchar todos. Y ocupan distintos rubros. El único que podemos, por lo menos recoger testimonios es el de la nacionalidad del arquero Quiroga. Nacido en Rosário y hoy titular de la selección peruana. Para tener la palabra oficial entrevistamos ao señor Calderón. El técnico fue parco y contundente. “Para mí Quiroga és un peruano más”. Así que sí está bien físicamente va a jugar como si fuera cualquier partido. (CLARÍN, SUPLEMENTO MUNDIAL, n. 11.604, 21 jun. 1978, p. 7).

Um dos rumores apontados no periódico seria o suposto oferecimento de “mala branca” de ambas as partes a partir de jornalistas peruanos. Em nota intitulada “Incentivación”, afirmam que:

El referido despacho, fechado en la víspera da cuenta que la Confederación Brasileña de Deportes “há enviado há Rosário dos enviados con los bolsillos llenos de dólares para estimular los jugadores peruanos”. Según la agencia oficial de noticias, la información la habían suministrados los enviados especiales de los diários limeños “Ojo” y “Sorreo”. Los citados periodistas dejan constância – según Télam – de que la incentivación a la cual es ajena la Federación Peruana alcanzaría la soma de 6000 dólares para cada jugador peruano en el caso de conseguir vencer los argentinos.

La espécie tiene su contrapartida. El cable también destaca que la Argentina se mostro interesada en premiar el empeño de los polacos, adversários de Brasil según fuentes brasileñas. (CLARÍN, SUPLEMENTO MUNDIAL, n. 11.604, 21 jun. 1978, p. 5).

A suposta “mala branca” brasileira também é mencionada na revista *Placar*:

Aí já se falava em dinheiro, em compra e venda de jogo, os argentinos estavam apavorados com as notícias de que o Brasil estava oferecendo conforto e vida boa aos jogadores peruanos, para vencerem a partida. Os repórteres dos jornais de Buenos Aires ficaram sabendo que dois cartolas brasileiros – Mozart Di Giorgio e Armando Marques – foram a Córdoba fazer uma oferta aos peruanos antes de sua viagem para Rosário. Uma emissora de televisão chegou a fazer raiva nos argentinos quando chegou a anunciar em edição extra, que a prefeitura de Recife oferecera um lote na praia para cada jogador peruano. Nada porém foi confirmado nem nunca será. (PLACAR, n. 427, 30 jun. 1978, p. 41).

As notícias relatadas servem apenas para mostrar que as polêmicas sobre a partida já existiam antes mesmo do início do jogo. “Malas brancas”, a situação da naturalização de Quiroga e a própria questão dos horários distintos de ambos os confrontos decisivos<sup>5</sup>, revelam um ambiente tenso e sujeito a especulações.

Com relação à efetiva atuação da equipe peruana, o periódico afirmou que “Perú cumplió hasta que pudo” e Quiroga não podia ser culpado pelos seis gols:

<sup>5</sup> As partidas decisivas Brasil 3x1 Polônia e Argentina 6 x0 Peru foram disputadas em horários distintos, sendo que os anfitriões tinham conhecimento do resultado que necessitavam pois jogaram depois da seleção brasileira. Cabe ressaltar que este fato já estava estabelecido previamente no regulamento do torneio e que a Argentina sempre jogava no horário posterior em função das transmissões televisivas.

La selección peruana tenía también un papel difícil. Con el resultado “puesto” de Brasil-Polônia debía erigirse en juez de la Argentina. Jugar contra la desesperación de nuestra equipe y hacerlo frente a los ojos del mundo entero. Cumplió su misión hasta donde pudo. Quiso frenar el vértigo argentino y sorprender con el contraataque. Casi logra via Muñante, que reventó un pelotazo en el palo derecho del arco de Fillol, ou via Oblitas, que le ganó las espaldas a Olgúin a los 15 minutos del primer tiempo. Pero después sucumbió a la presión, de adentro y de afuera. Y no pudo evitar la goleada, consagratória para el rival.

Quiroga: Sobrellevó el peso psicológico previo al partido. Su condición de Rosarino lo puso en el centro de la espera. Pero no tuvo culpa de nada. En todos los goles se encontró muy desamparado frente a rivales que llegaron con la pelota a su favor. (CLARÍN, SUPLEMENTO MUNDIAL, n. 11.605, 22 jun. 1978, p. 6).

É possível identificar primeiramente o argumento de que a equipe peruana, apesar de eliminada, estaria pressionada pelas circunstâncias que envolviam a partida tanto dentro, quanto fora dos gramados. Seria o “fiel da balança” e o mundo inteiro estaria atento ao seu desempenho e de seus jogadores.

Neste sentido, o goleiro Quiroga é isento de qualquer responsabilidade sobre os seis gols e teria superado o aspecto psicológico de ter de enfrentar sua pátria “mãe”.

A referência à execução de duas jogadas perigosas no início da partida, sobretudo o chute na trave do ponteiro Muñante, ensejamos uma credibilidade na determinação da equipe peruana em dificultar a “missão” argentina.

É interessante observar que o atacante Muñante por jogar no México e ter um ótimo salário não é mencionado como suspeito de suborno por nenhum jornalista ou companheiro nas diversas denúncias posteriores. O fato de quase ter marcado um gol no início do jogo, desferindo potente chute na trave, ajuda a proteger sua imagem e, segundo autores como Llonto, foi utilizada também durante muito tempo como prova de idoneidade da própria seleção peruana:

Como en las películas de Hollywood, antes del final previsible y feliz, se pudo ver un poco de suspenso para desalentar los mal pensados: a los dos minutos del primer tiempo, Muñante estrelló un tiro en el poste. Esa jugada fué con el tiempo- la carta más

valiosa que usaron todos los jugadores peruanos para demostrar que el resultado del partido no estaba arreglado. (2005, p. 150-151).

Em reportagem da revista *El Gráfico* os principais argumentos que defenderiam a moral da equipe peruana são distintos:

No podemos aseverar que estemos seis goles arriba de Perú, aunque en nuestras últimas confrontaciones los hemos superado ampliamente, siendo locales y visitantes. No sabemos sí, estando Peru en posición más expectante, com algún resto de ilusión, con algo de chance, podíamos haberlos goleado con tanta amplitud y contundencia. Nadie podrá saberlo. Y a esta altura de los acontecimientos, importa muy poco. És indudable que Perú nos resultó más fácil que a Brasil, cuando lo venció 3 a 0 o a Holanda, cuando sólo conseguiu empatarle. En esos encuentros, Perú estaba más entero, con más ilusión, más fibra combativa. Pero en cambio, necessitamos trabajar más y jugar mejor que Brasil y Holanda para golear a los peruanos. Ningun gol nos vino de regalo, como pudo serlo el segundo de Brasil, falla de Quiroga que se produjo en el momento psicologicamente justo, para cortar una clara reacción peruana. No metimos ningun tiro libre. Todos fueron jugadas elaboradas (EL GRÁFICO, EDIÇÃO EXTRA, 23 jun. 1978, p. 19).

O primeiro trecho destacado enfatiza o suposto estado anímico dos jogadores peruanos em uma partida na qual já estavam eliminados. Afirma que os argentinos eram superiores, mas que não seria possível afirmar que o placar poderia ser tão dilatado se eles estivessem em uma situação mais favorável, inteiro, com aspirações na competição como quando enfrentaram o Brasil ou até mesmo a Holanda na primeira fase do torneio.

O segundo argumento, que aparenta ser uma provocação aos brasileiros, é de que todos os gols foram jogadas elaboradas, construídas pela equipe argentina, enquanto na vitória da equipe de Coutinho sobre os peruanos, Quiroga teria falhado e os gols teriam saído de bola parada.

Nos veículos brasileiros analisados existe uma mescla de indignação com a atuação do Peru e resignação diante da falta de capacidade da equipe brasileira ter se imposto como uma seleção ofensiva. Na revista *Placar*, na reportagem, “O Peru exagerou!”,

são feitas diversas acusações veementes pelo jornalista Sérgio Carvalho<sup>6</sup>:

O Peru perdeu para a Argentina por 6 a 0, sem resistência alguma, entregando com muita naturalidade uma vitória que classificou a dona da festa para a grande esperada final.

Em nenhum momento daquele jogo o Peru, simulou estar disputando uma partida de Copa. Estava aí como uma presa, esperando ser arrasada pelo inimigo. Nem mesmo quando Muñante conseguiu vencer Fillol e acertar a trave direita, ou quando Oblitas – cara a cara com Fillol – chutou longe do gol, o Peru demonstrou seriedade na sua atuação...

Ninguém podia fazer nada. De nervosos e inseguros no início os argentinos estavam absolutamente calmos e conscientes já na metade do jogo. O Peru ajudando. E como ajudou. Quesada queria tirar de calcanhar as bolas que caíam na área. Velasquez queria driblar todo o ataque argentino dentro de sua própria área. Enfim os peruanos simularam um esforço que parecia até coisa de cinema.

O único a lutar e decidir com raça as jogadas que disputou, a aparentar vontade de vencer foi o veterano Chumpitaz – disputando sua última partida oficial pelo Peru. A Quiroga não se pode culpar pelo bombardeio que seu gol sofreu. Durante três dias ele transformou-se na figura mais importante da decisão: um argentino naturalizado peruano, acusado de ter se vendido num jogo em Rosário pelo campeonato local, o que provocou sua saída forçada do país...

Eu não pude entender bem tudo aquilo. Já vi times tremerem diante da força de um adversário superior, mas não se entregarem. O time argentino é cheio de defeitos e poucos são os jogadores de categoria. Não tem a força que aqueles 6 a 0 insinuaram mas o Peru não revelou, no resultado, a grandeza de sua honra esportiva tão exaltada por Calderón. Não havia explicação para isto, e mesmo assim queria ouvir alguém do Peru dizer o que aconteceu, numa versão oficial. O técnico e o capitão Chumpitaz não comapreceram a entrevista coletiva oficial depois

de todos os jogos. (PLACAR, n. 427, 30 jun. 1978, p. 40-42).

De todo material pesquisado na elaboração da minha tese sobre o mundial de 1978, essa matéria é, sem dúvida, a mais contundente no sentido de denunciar a passividade da seleção peruana na partida. A indignação com a atuação da equipe comandada por Calderón é flagrante, bem como as acusações veladas e explícitas de que o time teria entregue o jogo.

Curiosamente, além do zagueiro veterano Chumpitaz que teria jogado com extrema vontade e estaria se despedindo da seleção peruana, o repórter somente isenta o goleiro Quiroga da responsabilidade pela derrota, mesmo ressaltando que ele teria sido acusado anteriormente de suborno em seu país.

A revolta se acentua com insinuações à falta de “honra desportiva” da equipe e a ausência de qualquer representante da delegação peruana após a partida.

A representação da vilania do Peru, conforme relatada na referida reportagem da revista, contrastava com declarações de resignação e acusações à ineficiência da seleção brasileira em diversas outras reportagens e na seção de cartas da revista, por exemplo, dois depoimentos refletem bem essa outra visão que de certa forma absolve a culpa peruana:

Com o Peru o Brasil morreu de véspera mas eu acho que o Brasil morreu de antevéspera ao empatar com os argentinos que estavam morrendo de medo da camisa canarinho. Então pergunto, será que não há nenhum cara suficientemente honesto na comissão técnica para confessar que o Peru pagou o pato?

ISHIRO NAKAHASHI. MARINGÁ - PR.

Vejam só que o Peru levou três gols do Brasil e seis da Argentina. Isto é, levou goleada dos dois times sul-americanos. Então, não compreendo por que se acusa os peruanos de facilitar a vitória argentina. Se o contrário acontecesse, isso é se o Brasil estivesse no lugar da Argentina, nós iríamos aceitar o argumento com a mesma convicção.

ANA MARIA VICENNATTI. SANTOS – SP.

É importante esclarecer que, apesar de serem cartas de leitores e não textos de emissores diretos, foram selecionadas pela revista, constituindo-se assim como fontes interessantes e factíveis.

Isso posto, a teoria de que o Peru estava sendo acusado injustamente de entregar a partida e a goleada argentina era plausível, é um discurso recorrente

<sup>6</sup>Sérgio Carvalho nasceu em São José do Rio Preto, interior do Estado de São Paulo. Começou a carreira na Rádio Difusora de Monte Aprazível como apresentador de programa esportivo. Em São Paulo trabalhou na TV Record (como produtor e apresentador de programa esportivo) e na Rádio Bandeirantes (como repórter de campo). Esteve ainda nos jornais paulistanos *A Gazeta*, *Folha da Tarde*, *Notícias Populares*, *Popular da Tarde* (onde foi diretor de redação) e *Diário Popular*. Cobriu seis Copas do Mundo de Futebol, sendo primeira a da Argentina e como correspondente da revista *Placar*. Foi presidente da ACEESP e da ABRACE (Associação Brasileira de Cronistas Esportivos). Hoje escreve a coluna “Toque de Bola” para o site Futebol Interior e é presidente da ACEISP (Associação dos Cronistas do Interior de São Paulo).

também em fontes brasileiras, apesar das suspeitas e eventuais revoltas.

O escritor e humorista Carlos Eduardo Novaes<sup>7</sup> ironiza a culpabilidade do país na jocosa crônica “O Peru expiatório (na falta do bode)”, cujos trechos serão aqui reproduzidos. Apesar de caricata, é emblemática no quesito ambiguidade das representações surgidas nos veículos brasileiros analisados:

Bem meus caros, chegamos ao final de mais uma Copa do Mundo. Recolhemos as bandeiras, varremos o papel picado, depositamos as emoções na poupança e nos instalamos britanicamente diante da televisão a espera do jogo decisivo entre a melhor técnica (Holanda) maior garra (Argentina), torcendo provavelmente para os louros holandeses já que nosso sentimento de latinidade foi para as cucuias depois da goleada dos argentinos sobre os peruanos, aqueles canalhas, miseráveis, sem-vergonha que deveriam ser proibidos de cantar seu hino nacional. Ó, como eu odeio os peruanos! Quando terminou a partida quinta-feira saí babando pelas ruas, caçando os peruanos com a mesma disposição que Wisenthal caça os seus nazistas. Quase peguei um avião e fui apedrejar a Embaixada peruana em Brasília. Cortei relações com meu amigo Mario Vargas Llosa: disse-lhe num telegrama desafortado que só vou voltar a falar com ele no dia que o Peru perdesse de 3 a 0 para a Argentina...

Temos que discutir a atuação desastrosa dos peruanos. O Peru não podia ter perdido de 6 a 0. Não podia. Perdeu porque é um time antes de tudo individualista, que só pensa nele, sem nenhuma solidariedade amazônica. A seleção do Peru sabia que do lado de cá havia 115 milhões de brasileiros sim senhor, 115 milhões não eram dois nem três – torcendo por eles como se fossem peruanos desde criancinhas. No entanto, o que fez ela? Absolutamente nada. Cubillas andava pelo campo como se procurasse uma medalhinha perdida, Cueto se escondia atrás da bandeira de córner, Munante podendo marcar, chutou de propósito na trave, aquele lateral-esquerdo só podia ser o motorista da delegação disfarçado de jogador, e o goleiro Quiroga, bem quanto a Quiroga, basta dizer que que é argentino de nascimento, embora no jogo com o Brasil, depois do gol do Dirceu, eu chegasse a pensar que era brasileiro...

<sup>7</sup> Escritor, cronista dramaturgo, nasceu no Rio de Janeiro em 1940. Formou-se em Direito na Universidade Federal da Bahia e teve diversos ofícios antes de começar sua trajetória nos jornais. Trabalhou primeiro no periódico Última Hora e em 1972 começou sua carreira de destaque no *Jornal do Brasil*, onde permaneceu por 13 anos. Escreveu diversos livros de contos e romances com um estilo próprio muito bem-humorado e crítico dos hábitos cotidianos.

O Brasil mais uma vez foi vítima de um complô internacional. Em 74 me lembro de um coronel da Embratel jurando que perdemos da Holanda porque os holandeses jogaram dopados. Agora foi a vez do Peru: jogou subornado. Sei que jogou. Ouvi um participante da mesa de debates do programa Haroldo de Andrade, da Rádio Globo afirmar que havia seis peruanos na “gaveta”. Afirmava com tal convicção que só podia estar com o recibo do “suborno” nas mãos. Dizem também que os peruanos abriram as pernas ao saberem que se impedissem a classificação da Argentina nós não iríamos mostrar nosso reconhecimento. Íamos achar que nos classificamos por nossos próprios méritos. Jamais faríamos uma coisa dessas. Tínhamos plena consciência do importante papel que o Peru desempenhava e, da mesma forma como o condenamos por ter nos alijados, estávamos dispostos a anunciar pelos quatro cantos que “conseguimos a classificação graças a bravura do time peruano”.

O que dói nisso tudo é que realmente fizemos uma campanha maravilhosa nesta Copa (JORNAL DO BRASIL, CADERNO B, n. 78, 25 jul. 1978, p. 2).

A extensa citação estabelece no trecho introdutório uma debochada revolta contra os peruanos, ironicamente transformado em “ódio” patriótico devido à eliminação do selecionado brasileiro e a ausência de qualquer sentimento de solidariedade latina com uma suposta torcida pela Argentina na final.

Na segunda parte selecionada o destaque está nas irônicas críticas que são feitas ao desempenho da equipe peruana, sobretudo Cubillas, Cueto e o lateral-esquerdo Roberto Rojas, além de Quiroga, visto as metáforas humorísticas de duplo sentido com o nome do país.

No último trecho, a proclamação de um novo “complô internacional” contra o Brasil, bem como as acusações de “suborno”, são recursos interpretativos para debochar sobre a constatação da eliminação da seleção brasileira. O último parágrafo, que se desdobra ainda em diversos trechos, sintetiza a ironia ao afirmar que a dor maior foi saber que o Brasil teria disputado uma ótima Copa do Mundo, obviamente uma ironia, diante da irregular campanha feita pela seleção dirigida por Cláudio Coutinho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou avaliar o fenômeno peruano no mundial de 1978. Relativo ao Peru, não foi

possível identificar na literatura acadêmica nenhum paradigma estereotipado do que seria o “estilo de jogo peruano”, mas nas representações durante o torneio o termo aparece nos periódicos estudados.

A situação do desempenho da equipe peruana é importante, pois foi uma seleção que iniciou o torneio sob desconfiança no quesito técnico, transformou-se na maior surpresa após a primeira fase e terminou a Copa envolta em polêmicas, visto que influenciou diretamente a definição da equipe sul-americana que disputaria a final.

Não há como provar, no âmbito deste artigo ou mesmo na tese que realizei, o suborno de jogadores ou do técnico peruano, a aliança política entre os governos da Argentina e do Peru, a entrega de toneladas de trigo ou mesmo uma troca de prisioneiros no âmbito da Operação Condor. Afirmar a culpabilidade peruana é algo fora do raio de alcance nesta discussão acadêmica, e quanto a isso, não há como falar da equipe peruana.

Entretanto, no âmbito das representações, o Peru foi ator central em diferentes imagens e estórias do mundial argentino. Chegou a ser considerada por Pelé como a grande representante da escola sul-americana no mundial com seu tradicional “estilo peruano”, mas parafraseando o humorista Carlos Eduardo Novaes, acabou representado como time expiatório na posteridade, devido ao enquadramento da memória do torneio.

O Peru que a princípio seria uma seleção que faria apenas figuração, tornou-se uma grande “zebra” no torneio e foi transformada em ícone do suposto estilo sul-americano de jogar futebol após o bom desempenho na primeira fase da competição. Entretanto, devido ao acachapante resultado da partida contra a Argentina, ao longo dos anos a boa seleção peruana que disputou a Copa de 1978 acabou sendo enquadrada como “polêmico” vilão expiatório.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas:** reflexões sobre a origem e difusão dos nacionalismos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CABO, Alvaro Vicente do. Argentina 6 x 0 Perú – “A partida mais longa da História das Copas do Mundo” por dois jornalistas memorialistas argentinos. In ROCCO, Ary.

**Comunicação e esporte:** Copa do Mundo de 2014. São Paulo: Intercom, 2014.

ESLAVA, Jorge. **Bien jugado:** Letras y pasión en el fútbol peruano. Las patadas de una ilusión. Lima: Ed. Santillana S.A., 2011.

GOTTA, Ricardo. **Fuimos campeones.** La dictadura, el Mundial 78 y el misterio del 6 a 0 a Perú. Buenos Aires: Edhasa, 2008.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LLONTO, Pablo. **La verguenza de todos:** el dedo en la llaga del Mundial de 78. Buenos Aires: Asoc. Madres del Plaza de Mayo, 2005.

LLOSA, Mario Vargas. “Una pasión llamada fútbol”. In ESLAVA, Jorge. **Bien jugado: Letras y pasión en el fútbol peruano.** Las patadas de una ilusión. Lima. Ed. Santillana, S.A, 2011.

MILLA, Rodolfo. “**Chale, Sotil y el Gran perico Leon. Historias dentro y fuera de la cancha.**” Lima: Editorial San Marcos, 2014.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**, v.2, n.3. Rio de Janeiro: FGV, 1989.

RONCAGLILOLO, Santiago. **La pena máxima.** Lima: Alfaguara; Ed. Santilliana S.A., 2014.

VIDAL, Jaime Pulgar. **El clásico:** el inicio de una rivalidade. Lima: Grupo Editorial Mesa Redonda, 2014.

## FONTES PRIMÁRIAS

Jornal **Clarín:** 20 maio a 30 jun. 1978, n. 11.574 a n. 11.613.

**Jornal do Brasil:** 1º maio a 30 jun. 1978.

Revista **El Gráfico:** 16 maio a 11 jul. 1978, n. 3058 a n. 3066, além de três edições extras sobre as vitórias argentinas durante a Copa do Mundo.

Revista **Placar:** 7 abr. a 7 jul. 1978, n. 415 a n. 428.



## VISÕES CARIOCAS SOBRE O ESPORTE E A CIDADE: UMA VIAGEM PELAS CRÔNICAS ESPORTIVAS DO JORNAL DOS SPORTS (1950-1958)

### CARIOCA VISIONS ABOUT SPORT AND THE CITY: A TRIP THROUGH THE SPORTS CHRONICLES OF JORNAL DOS SPORTS (1950-1958)

André Alexandre Guimarães Couto\*

#### RESUMO

O trabalho apresenta um panorama geral sobre as crônicas esportivas do *Jornal dos Sports*, publicadas na década de 1950. O período enseja uma trajetória de consolidação da crônica esportiva brasileira que desde a década anterior apresentava indícios de que este estilo narrativo se tornava um elemento imprescindível ao jornalismo impresso, principalmente por conta da “competição” com o rádio. Desta forma, a subjetividade e os usos dos sentimentos nos textos destes autores criavam laços identitários específicos destes cronistas com o jornal em questão e deste com os seus respectivos leitores. O *Jornal dos Sports*, então, possibilitava a conformação de uma variedade de estilos narrativos e de origens sociais e profissionais de seus cronistas, tornando o próprio periódico um veículo peculiar na missão de publicizar e criar representações sobre o esporte de forma geral (em especial o futebol) e a cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Jornal dos Sports; Crônicas esportivas; Imprensa esportiva.

#### ABSTRACT

The paper presents an overview of the sports chronicles of the *Jornal dos Sports*, published in the 1950s. The period provides a path of consolidation of the Brazilian sporting chronicle that since the previous decade has shown signs that this narrative style became an essential element to printed journalism, mainly because of the «competition» with the radio. In this way, the subjectivity and the uses of the feelings in the texts of these authors created specific identity bonds of these chroniclers with the newspaper in question and of this with their respective readers. The *Jornal dos Sports*, then, allowed the formation of a variety of narrative styles and social and professional backgrounds of its chroniclers, making the journal itself a peculiar vehicle in the mission to publicize and create representations about the sport in general (especially the football) and the city of Rio de Janeiro.

**Keywords:** *Jornal dos Sports*; Sports chronicles; Sports Press.

---

\* Professor e historiador do CEFET/RJ, Doutor em História (UFPR), integra como pesquisador o SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o NEFS – Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O presente artigo tem a proposta de apresentar um panorama geral sobre a produção das crônicas esportivas no *Jornal dos Sports (JS)* na década de 1950, a partir da análise de seus autores, ou seja, de seus principais cronistas que atuavam neste periódico.<sup>1</sup> O estudo das mesmas nos permite ter uma visão mais global e complexa acerca dos principais assuntos que eram publicizados pelos cronistas do jornal. O universo esportivo carioca, apesar de amplo e heterogêneo, era mapeado por estes autores/cronistas com uma série de textos que tinham vários objetivos, a saber: a possibilidade de aperfeiçoamento ou desenvolvimento de seus respectivos estilos narrativos, a contribuição no processo de fidelização dos leitores com o jornal e a valorização das vendas do mesmo e, bem importante, a criação de representações (inter)subjetivas acerca do esporte e da própria cidade do Rio de Janeiro. Cabe lembrar que estes textos eram construídos em uma conjuntura de plena convivência com um importante veículo de comunicação (inclusive para o campo esportivo): o rádio. Portanto, os cronistas, dos quais alguns já participavam de programas esportivos, adotavam uma narrativa cada vez mais voltada para o uso das emoções e dos sentimentos individuais e coletivos em seu respectivo ofício.

Mais adiante poderemos observar como os diferentes estilos narrativos e discursivos conviviam nas páginas dos jornais, aperfeiçoando não apenas uma identidade cultural e jornalística da produção do jornal/empresa, mas criando várias delas. Para tanto, nossa análise trabalhou com uma classificação de quatro grandes grupos de cronistas: o dos escritores/literatos/eruditos; o dos jornalistas/repórteres mais experientes no próprio periódico; o dos cronistas polemistas e o das mulheres autoras/cronistas. É justamente nesta diversidade de estilos e identidades narrativas acerca do esporte que podemos compreender como é um equívoco acreditar que o sucesso do *JS* caberia quase exclusivamente à direção do jornalista Mário Rodrigues Filho, quanto mais a ideia de que a imprensa esportiva fora recriada por este. Não podemos deixar de lado a capacidade de criar textos criativos e também de dirigir e editar o *JS* desde 1936, além de outras iniciativas de Mário Filho como em *O Globo*,

por exemplo (SILVA: 2006). O que contestamos aqui e em outros trabalhos é a visão monolítica da atuação da imprensa esportiva carioca, tornando-a quase uma produção individual de um homem. A visão mítica de Mário Filho acerca do futebol brasileiro alimenta a interpretação igualmente mítica de que a imprensa esportiva teria sido reinventada por este jornalista.

Cabe informar que o grau de criatividade e imaginação utilizado nas crônicas esportivas do *JS*, assim como em outros jornais pode ser historicizado não apenas pela capacidade discursiva de seus respectivos autores, mas muito também pela habilidade de compreender o campo esportivo e comunicacional de seu tempo. Ou seja, cabe também lembrar, como já apontamos, que o rádio e seus programas esportivos (cobertura e comentários acerca dos jogos de futebol, por exemplo) eram o espaço ideal para proliferar momentos de paixão e emotividade envolvendo o esporte. Desta forma, a conjuntura do rádio na década de 1950 possibilitava um aumento na dose de subjetividade e de interpretação pessoal dos atores da área de comunicação acerca dos eventos esportivos, culturais e artísticos.<sup>2</sup> A crônica impressa, por sua vez, deveria acompanhar este ritmo de envolvimento emotivo e subjetivo e procurar dialogar com os leitores de uma forma mais pessoal e direta.

Tratando desta relação entre rádio e jornais, podemos apontar alguns momentos de embate, apesar de observarmos muito mais aproximações do que distanciamentos entre estes dois *locus* de atuação jornalística.<sup>3</sup> Um exemplo desta relação discursiva entre os dois veículos de comunicação pode ser visto na crônica a seguir de Mário Júlio Rodrigues.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Um trabalho que possibilita uma dimensão mais ampla do efeito do rádio na sociedade brasileira e mundial pode ser visto em KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: A Síntese Radiofônica Mundial que Fez História**. Porto Alegre: AGE/EDIPUC, 2008. Em especial o item “A oralidade, a comunicação massiva e a globalização”. P. 39-46.

<sup>3</sup> Mesmo porque o campo jornalístico esportivo tendia a avançar com o surgimento de novos programas esportivos nas rádios. Ressaltamos, porém, que nossa pesquisa se ateu às crônicas impressas e nas possibilidades de diálogo com o veículo rádio como as propagandas dos programas radiofônicos que eram publicadas no *JS*, como a *Rádio Tupi*, por exemplo. Mas, não nos detemos diretamente com as fontes radiofônicas do período.

<sup>4</sup> Mário Júlio Rodrigues nasceu em 1928, a partir do casamento de Mário Rodrigues Filho (ou simplesmente Mário Filho) com Célia Rodrigues. Ainda bem jovem trabalharia com seu pai na redação do *JS*, assinando uma coluna social do Fluminense chamada “Carnet do Fluminense”. A primeira atuação oficial de que se tem notícia data de 1946 e apenas um ano depois passaria a acumular a função de diretor de publicidade e de cronista esportivo. Ver: COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**. Curitiba: UFRJ, 2016. Tese de Doutorado em História. P. 175-176.

<sup>1</sup> O presente artigo tem como base a Tese “Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)”, defendida em 2016 no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A grande dúvida

Vencemos e vencemos bem. Mas, pelo jeito ou a julgar por várias e sensacionais descobertas de alguns senhores speakers e comentaristas não jogamos níquel de tostão furado. A Áustria, sim: a Áustria foi um colosso. Então o tal de Halla! E o Buzek? Que perigo o Buzek!

E nós, pobres coitados, mal passávamos do meio de campo:

- A valsa supera o samba! berrava sadicamente, de minuto a minuto, um impune cavalheiro de microfone colado a boca.

Os ouvintes? Os ouvintes dispostíssimos a entoarem o Ouviram do Ipiranga ao primeiro vestígio de goal?

Na era da televisão, do avião a jato e dos foguetes, recuamos no tempo, voltáramos a trinta e oito, dependíamos do rádio, exclusivamente do rádio, E o cavalheiro speaker, decididamente certo de seu poder absoluto, abusava, não fazia por menos:

- Outra sensacional defesa de Gilmar!

Insistente, dramático:

- Não foi, fulano?

E o fulano compenetradíssimo:

- Até agora ainda não sei como esta bola não entrou! (...) A tensão crescia, o assassinato, a sangue frio de cinquenta e tantos milhões de brasileiros estava a ponto de consumir-se. E bem que o speaker espumava, caprichando na matança inominável:

- Agora o placard dos outros jogos, senhores ouvintes!

E o fulano contentíssimo:

- A Argentina já vence a Alemanha; o Paraguai a França!

Parou aí, mas juro que pensou mais:

- Somos a vergonha das três Américas!

(...) A crônica poderia terminar aqui. E terminaria fatalmente, se não tivesse uma perguntinha a fazer:

- Será que vencemos mesmo o jogo? (RODRIGUES, 10/06/1958, p.5)<sup>5</sup>

Nesta crônica o autor provoca a cobertura esportiva radiofônica justamente pelo alto poder de comoção e passionalidade que as ondas do rádio poderiam provocar no público ouvinte. Lembrava, no

entanto, que a realidade poderia ser transformada em outro universo (talvez, paralelo), um mundo a parte que só a narrativa deste tipo de jornalismo poderia oferecer. A crítica do autor, todavia, poderia ser dirigida ao próprio jornal de sua família e no qual atuara também enquanto profissional. Desde sua fundação, as emoções e paixões em torno do esporte eram mote não apenas para o crescimento das vendas do jornal, mas também no trabalho de consolidar a imprensa esportiva carioca (COUTO: 2011).

Poderíamos achar que o autor diante de uma conjuntura de avanços tecnológicos e culturais na sociedade brasileira, o que nos levaria a um novo patamar de modernidade, estaria criticando o excesso de subjetividade e de leitura irreal do esporte e, no limite, da (con)vivência dos ouvintes do rádio. Cabe lembrar que nos escritórios e demais espaços de trabalho dos principais jornais dos grandes centros urbanos, os manuais de redação iniciavam sua fase de implementação e o jornalismo dito moderno experimentava a orientação da ideia de neutralidade e objetividade. De acordo com Barbosa, “(...) o que se procura construir naquele momento é a autonomização do campo jornalístico em relação ao literário, fundamental para a autoconstrução da legitimidade da própria profissão” (BARBOSA: 2007, p. 150).

No entanto, Mário Júlio estaria mais preocupado em seu texto com três grandes questões: 1) sua crônica apontava para uma crítica a um possível “concorrente”: o rádio e seus narradores histriônicos que exageravam na dose de passionalidade (como vimos, ignorando o que seus colegas de redação faziam ou mirando nestes últimos também); 2) ao escrever sobre a Copa do Mundo de 1958, na Suécia, juntava-se a um grupo seletivo de cronistas que, em seus diferentes estilos discursivos e narrativos, tinha a missão de cobrir o evento mais importante do futebol mundial. Desta forma, era mais do que necessário, apesar de toda a sua influência familiar na empresa, moldar um estilo narrativo que pudesse consolidá-lo como um dos autores de primeira linha. Era necessário, portanto, criar polêmicas e narrar o esporte de uma forma diferenciada dos demais cronistas mais experientes; 3) finalmente, e não menos importante, Mário Júlio também faz uma severa crítica ao sentimento pessimista em relação às possibilidades de vitória da seleção brasileira no torneio mundial da FIFA. Apesar dos elogios da imprensa brasileira, como um todo, o

<sup>5</sup> Para que pudéssemos desenvolver melhor este artigo, optamos, por vezes, por apresentar as crônicas incompletas, como esta aqui. Lembramos que nosso trabalho tem entre os seus objetivos compreender não apenas os temas debatidos pelos cronistas, mas também os formatos e estilos discursivos de suas narrativas.

Brasil ainda era visto com ressalvas por parte deste setor, inclusive por alguns cronistas do *JS*.<sup>6</sup>

Enfim, se a onda modernizadora do jornalismo do Rio de Janeiro e dos demais centros urbanos buscava a autonomização do campo jornalístico no sentido próximo da teoria de Bourdieu, podemos afirmar ao analisar centenas de crônicas esportivas do período que o caminho percorrido nesta área da imprensa era o inverso, ou seja, vemos o envolvimento subjetivo do autor com a realidade, levando o leitor a compreender o esporte e em especial o futebol por uma visão autoral e, por vezes, carregada de parcialidade, pessoalidade e emotividade. Desta forma, se existia um projeto moderno de enxergar o esporte pelos cronistas do *JS*, este ia de encontro ao que se fazia (ou mais corretamente, ao que se pretendia fazer) na chamada grande imprensa.

Podemos, então, centrar nossas atenções para uma classificação de estilos discursivos que pudemos identificar em nossa pesquisa (COUTO: 2016). Mais do que um alinhamento orgânico e homogêneo, percebemos que os grupos aqui apresentados representam uma mistura de narrativas, mas como toda a classificação, esta também é incompleta e ponderamos que ela é uma das possibilidades de análise. A defendemos, pois, além de ter partido de uma análise discursiva minuciosa das fontes, abriu caminho para conhecermos novos cronistas e suas respectivas trajetórias e interligações sociais.<sup>7</sup>

Dentre os procedimentos metodológicos utilizados, trabalhamos nossas fontes sob a luz da análise do discurso. Desta forma, o conceito de cena de Maingueneau nos orientou para pensarmos a produção das crônicas para além de uma conjuntura social e histórica, mas também a partir de um cenário, de uma posição específica do autor. (MAINGUENEAU: 1989, p. 34).<sup>8</sup> Portanto, podemos perceber os textos na

coligação de uma visão individual e subjetiva do autor com seu determinado e específico contexto social.

Este raciocínio valoriza, de acordo com Sargentini, a capacidade ampliada de compreensão da História a partir de um conjunto de narrativas linguísticas. Para esta autora, “(...) o fato histórico é uma singularidade” e que “(...) é preciso partir da análise de tudo o que os homens puderam dizer e fazer em diversas épocas, trabalhando com uma noção de discurso ampliada, que nos leve a estudar o enunciado lingüístico (...)”. (SARGENTINI: 2010). Portanto, a análise de conteúdo deve ser levada em consideração, mas em nosso caso, o discurso é igualmente significativo. Ainda com Sargentini, devemos levar em conta “(...) também o conjunto de imagens, gestos, expressões, modos de circulação dos discursos, entre outros.” (SARGENTINI: 2010).

Pensamos, então, a partir daqui, como dividimos nosso conjunto de cronistas em quatro principais grupos de atuação. Observamos que deixamos outros autores de fora desta classificação, por conta de usarmos o critério de longevidade nas colunas do *JS*, o que não significa que os mesmos não mereçam menções eventuais já neste trabalho ou que devamos realizar um estudo mais aprofundado de suas obras. O primeiro grupo era composto por literatos e eruditos, formado por autores que já tinham experiência na área da literatura e da cultura. Outra característica importante deste grupo era de que alguns deles tinham cargos no dirigismo esportivo, político e/ou cultural. Sua legitimidade e representatividade como criadores de textos nasciam de sua formação erudita e cultural mas de seus papéis sociais e políticos no Rio de Janeiro. Deste conjunto, destacamos Manoel Vargas Netto, sobrinho de Getúlio Vargas e considerado um dos principais expoentes da poesia regionalista do Rio Grande do Sul (BRITO: 1968). Vargas Netto foi um dos mais longevos cronistas do *JS*. Fora do jornal ocupava vários cargos políticos como o de magistrado, promotor e deputado federal. Seus textos versavam sobre o lirismo do esporte e de como a disciplina e a organização do campo esportivo deveriam ser perseguidas. Tinha um estilo erudito e citava heróis e personagens míticos em suas crônicas. Vargas Netto

<sup>6</sup>É o caso de cronistas experientes como Everardo Lopes, presente no *JS* desde a sua fundação, ainda sob a administração de Argemiro Bulcão (1931-1936). Ver: LOPES, Everardo. Mão à Palmatória. Conversão de um descrente. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.845, 5 de julho de 1958. P. 5. Em outra crônica, por exemplo, Mário Júlio aponta os pessimistas como verdadeiros “urubus”. Ver em: RODRIGUES, Mário Júlio. Os Urubus passam fome. Mas outros engordam e tomam banho de piscina. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.825, 11 de junho de 1958. P. 4.

<sup>7</sup>Alguns destes cronistas não entraram na pesquisa, pois adotamos o critério de longevidade de suas colunas para podemos ter uma visão de média/longa duração ao longo da década de 1950.

<sup>8</sup>MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes Editores, 1989. P. 34. De acordo com este autor: “É preciso admitir que a ‘encenação’ não é uma máscara do ‘real’, mas uma de suas

formas, estando este real investido pelo discurso. Aliás, se fosse diferente, a AD não teria razão de existir, ela seria apenas um anexo da sociologia ou da história, totalmente dedicada a mostrar como as conjunturas se traduzem em enunciados.”

foi presidente durante quase dez anos da Federação Metropolitana de Futebol (FMF), além de membro efetivo do Conselho Nacional de Desportos (CND) e vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) por oito anos (HOLLANDA: 2012). Pode ser considerado como um dos autores mais ufanistas do *JS*, ao escrever as maravilhas que o esporte nacional poderia oferecer para a formação da juventude, para a valorização da nossa identidade e do aperfeiçoamento da raça, dentre outras questões que explorou durante décadas no jornal. Além de temas nacionais relevantes, mirava nas visões sobre a cidade, dos seus respectivos times e clubes, além do comportamento de seus torcedores.

Outro expoente deste grupo era José Lins do Rego, conhecido literato, e também um dos mais frequentes cronistas do jornal. Apesar de reconhecido romancista regionalista em âmbito nacional, seus textos esportivos versavam sobre aspectos bem objetivos e pontuais dos eventos esportivos. Uma das características mais importantes dos seus textos era a brevidade em que conseguia informar suas visões sobre o esporte. Integrava o corpo de funcionários do CND (Conselho Nacional dos Desportos), vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, na época sob a gestão de Gustavo Capanema (HOLLANDA: 2012, p. 93).<sup>9</sup> Na década de 1950 pertenceu aos quadros da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), chegando a presidi-la de forma interina. Seus textos invariavelmente curtos exploravam os sentimentos passionais dos torcedores, em especial no que dizia respeito ao seu clube de predileção, o Flamengo. Por conta disso, abria um caminho fértil para discussões clubísticas e intersubjetivas com os seus colegas do *JS*. Adotava um tom menos ufanista e mais pragmático ao tratar das possibilidades de conquistas do selecionado brasileiro, beirando, por vezes, a reações mal-humoradas diante do excesso de confiança dos torcedores e da própria imprensa esportiva.

Finalmente, também analisamos os textos de Antonio Olinto. Sua atuação na área da cultura ao longo da carreira é vastíssima, atuando como crítico literário e de cinema, além de ter escrito uma série de livros desde 1949. Posteriormente, assumiria uma série de compromissos com ocupações governamentais

como, por exemplo, o cargo de Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Viação e Obras Públicas, durante o Governo Café Filho (1954), logo após o suicídio de Getúlio Vargas.<sup>10</sup> Assim como Vargas Netto, seus textos tinham uma forte narrativa lírica, se apropriando de elementos da análise fílmica e literária para criar representações culturais e sociais sobre o esporte, em especial em momentos de Copa do Mundo da FIFA.

Percebemos, então, que este grupo de autores se enquadrava não apenas no meio cultural e literário, mas seus integrantes também ocupavam espaços significativos no dirigismo esportivo e político, possibilitando aumentar ainda mais a legitimidade do *JS* em se aproximar da esfera política, inclusive para além do campo esportivo. Importante perceber que ainda assim, ou seja, apesar destas aproximações entre o jornal/empresa e as instituições de poder, uma das características mais relevantes em suas páginas e que atravessavam a preocupação de vários cronistas era a prática do denunciamento que iremos tratar logo adiante. Em nome da organização e da disciplina dos esportes na sociedade carioca, em várias oportunidades percebemos que o *JS* se auto-intitulava como defensor dos interesses dos cidadãos, cobrando das autoridades públicas e das associações esportivas as devidas providências para a resolução de algum problema ou situação irregular na visão do jornal, ou melhor, nos diversos e diferentes olhares de seus autores/cronistas.

Para que possamos compreender o caráter erudito deste grupo de autores, trazemos um exemplo logo abaixo, uma crônica de Manoel Vargas Netto, que trata da participação da seleção brasileira na Copa do Mundo de futebol em 1954, na Suíça:

Aviso aos Navegantes...

Na porta dos estádios suíços há um farol vermelho para os “penetras”... Naquele mar de gente não há lugar para os que chegam sem ingressos e não tiverem função definida nos quadros pré-estabelecidos pela entidade organizadora! Essa história de convidados pela C.B.D. lá não pega. Lá é tudo bem organizado e sério...

Talvez prevendo a facilidade com que certa classe de “penetras” poderia conseguir títulos de repre-

<sup>9</sup>De acordo com Hollanda, a indicação ao cargo no CND teria se realizado por intermédio do literato Carlos Drummond de Andrade, conhecido de José Lins e Chefe de Gabinete do Ministro Gustavo Capanema.

<sup>10</sup>ANTONIO OLINTO. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/antonio-olinto/biografia>>. Acesso em: 16/06/2016. Neste *site* da Academia Brasileira de Letras podemos conhecer uma breve biografia de Olinto, tendo em vista que era integrante da ABL desde 1997.

sentantes de jornais, a Federação Suíça estabeleceu um limite para os representantes credenciados. Preenchido o limite, o resto sobra...

Também as Delegações oficiais foram limitadas. Não poderão entrar mais de vinte e cinco pessoas, discriminando o aviso: vinte e dois jogadores, o técnico, o médico e o chefe da delegação. Esqueceram até do massagista! Quem sabe se não foi de propósito para evitar as “fitas” de jogadores, os “pombos correios” e outros truques!?!...

Outro que não entra na relação é o roupeiro. Cada jogador que leve o seu material, como fazem os de lá. Pelo jeito que ia essa andança por aqui, a qualquer momento apareceria uma lista de secretários para cada atleta e uma outra de “Valets de Chambre”... Assim como os famosos toureiros espanhóis... Um criado para vestir, outro para despir, mais um para levar a capa, e os secretários que atendem a correspondência...

Vai sobrar muita gente! Na Suíça não há mais lugar nem para vender! Que dirá para dar!?!...

Os torcedores e candidatos a organização de torcidas, que pretendem agir na Suíça como se fosse aqui no Maracanã, estão redondamente enganados, lá tudo é proibido. O permitido já está esgotado e custa muito dinheiro. Além disso o dinheiro deles é forte: um franco suíço está por quinze cruzeiros...

O melhor mesmo é acalmarem os gênios e ficarem por aqui torcendo no rádio. A Suíça é um país pequeno que tem milhares de turistas de todas as nacionalidades. Imagine-se agora, com o campeonato de football mundial, as duas conferências internacionais de Genebra a grande Feira e Exposição Internacional de Zurique, além das reuniões de Berna e de Basileia!... E de caro! Pois a Suíça é como as nossas estações de água aqui no Brasil: tudo organizado para explorar o turista. E tudo feito tecnicamente, com método, com ciência e com arte...

Como é que vai ser?! Como estará aquilo cheio?!

Há estreitos baixios, rochedos submersos, arrecifes perigosos e correntes traiçoeiras. Há perigo até de icebergs! Cuidado, navegantes!

Deixem o “nariz de folha” por aqui mesmo... (VARGAS NETTO: 20/05/1954, p. 5)

O autor, notadamente um intelectual ufanista em seus textos desde o período político anterior (com o autoritarismo do regime Vargas), apresenta na crônica supracitada uma crítica à organização da Copa do Mundo de 1950 e às autoridades brasileiras. Vargas Netto deixa de lado a hipervalorização da nação e de

suas representações culturais para propor um foco na capacidade europeia de realizar um evento baseado na organização e disciplinarização do esporte e da sociedade.

Para o cronista não havia espaços no mundo esportivo para situações como a prática do “penetra” ou das “fitas” dos atletas. Ou seja, a visão do autor corrobora uma ideia de esporte “impecável”, heróico e puro, onde o anti-jogo, a indisciplina ou a “malandragem” deveria ser condenada. E ainda condenava a existência dos “pombos-correios”, personagens que eram integrantes da comissão técnica ou simplesmente assessores eventuais que tinham a missão de entregar bilhetes para os jogadores, oriundos de suas respectivas famílias ou de romances e casos dos mesmos. Tratava-se de uma clara referência a uma possível falta de concentração dos atletas que disputaram a final em 1950 contra o Uruguai. Observem que não se tratava apenas do comportamento dos atletas, mas dos demais protagonistas do campo esportivo, como a imprensa especializada, comissão técnica, equipe de apoio, por exemplos.

Também chamava a atenção a sua associação discursiva ao tratar a organização suíça (e, portanto, europeia) sobre a forma de lidar com o evento de forma metódica, “com ciência e com arte”.<sup>11</sup> Por mais que na ocasião a organização da Copa de 1950 fosse exaltada como um símbolo da modernidade brasileira, agora, em 1954, e principalmente com as imagens da derrota no campo de jogo, a comparação, pelo menos do ponto de vista das instituições organizadoras, era evidente e tratada de forma hierarquizada. A Suíça, de acordo com o autor, mostraria ao Brasil como organizar um evento do porte da FIFA, por exemplo.

Como parte sugestiva de sua erudição, e característica importante de suas crônicas, Vargas Netto apresentava um rol de elementos culturais. Aqui, especificamente, temos a referência ao universo das touradas, atividade de entretenimento e da cultura da Espanha, por exemplo. Outra apresentação significativa de destaque lidava com a geografia a ser percorrida pelos viajantes brasileiros: “estreitos baixios”, “rochedos submersos”, “arrecifes perigosos”, “correntes traiçoeiras” e “icebergs”. Na verdade, os “desafios naturais” eram metáforas interessantes para

<sup>11</sup> Mesmo quando o autor utiliza a expressão para comunicar o alto custo de participação na Copa do Mundo na Suíça, o faz de forma a exaltar a capacidade de gestão do turismo deste país.

os obstáculos apresentados pelo autor ao longo do texto, como a disciplina e o combate aos “penetras”, a limitação na entrada, os preços caros dos ingressos, o alto valor financeiro dos custos da viagem com passagens e estadias. Finalmente, e não menos importante, cabe uma clara referência ao veículo de comunicação “irmão” no campo esportivo: o rádio.

Outro grupo importante no *JS*, o segundo de nossa análise mais geral, era formado por jornalistas e repórteres que já tinham uma determinada experiência na área. Era o caso de Geraldo Romualdo da Silva, que atuara como repórter desde o início do jornal e já em 1938 era o correspondente internacional para grandes eventos esportivos como a Copa do Mundo de futebol na França. Era também jornalista de redação e repórter de *O Globo* e da *Rádio Globo* e tornava-se um dos funcionários mais próximos do diretor e proprietário do jornal, Mário Filho. Seu discurso era bem objetivo, com uma narrativa mais voltada para o jornalismo exercitado nas grandes redações da cidade do que de seus colegas cronistas. Uma de suas principais características, aliás do próprio jornal, era a defesa do clubismo. No seu caso, um clubismo mais voltado para as paixões clubísticas do que pela importância institucional do clube, da associação ou agremiação esportiva, outra vertente de análise que esta palavra nos oferece no contexto do *JS*.

Um segundo representante deste grupo é o jornalista Everardo Lopes, que já constava da equipe do *JS* pelo menos desde o dia 4 de outubro de 1931, no cargo de redator subsecretário.<sup>12</sup> Como era comum entre os jornalistas mais experientes no jornal, e que contavam com a confiança de Mário Filho e da família Rodrigues, Lopes acumulou várias funções ao longo de sua trajetória na empresa. Assumira ainda as funções de secretário, administrador de empresa, jornalista, cronista, correspondente internacional e redator chefe. Durante a Copa do Mundo de 1950, além do *JS*, trabalhou como comentarista da *Rádio Mayrink Veiga* (HEIZER: 2001, p. 82).<sup>13</sup>

Apesar de não ter uma formação específica na área literária, possuía uma identidade discursiva

baseada no hibridismo (própria do gênero crônica) bem apurada, misturando fatos simples e objetivos com uma linguagem bem popular. Na década de 1950, com uma experiência acumulada no trabalho de redator e redator chefe, investia em um discurso cada vez mais criativo e imaginativo sobre o universo do futebol, principalmente nos torneios, campeonatos e jogos do Rio de Janeiro. Assim como os demais cronistas, momentos eventuais como Copa do Mundo e Copa Rio (ambas de futebol) estimulavam a criação de textos envolvendo temas em torno dos jogos, fugindo da mera cobertura das partidas, investindo na cidade, na torcida, no clima, enfim, em tudo que pudesse conseguir um debate novo para ser explorado pelo jornal.

Apesar de defendermos a tese de que os cronistas do *JS* tinham um alto grau de autonomia em seus estilos e temas de defesa, reconhecemos que este segundo grupo possuía uma relação mais próxima com a direção da empresa, tendo que alinhar muitas das vezes a posição do jornal e de seu diretor. Situação interessante que também era vivida pelos próprios integrantes da família Rodrigues, como no caso de Mário Júlio Rodrigues.

Mário Júlio era filho de Mário Filho e herdeiro da empresa. Como tratamos no início deste artigo, era bem menos experiente do que os demais colegas de trabalho na redação, mas procurava alcançar um espaço maior entre os pares, ao praticar um discurso mais criativo e combativo em determinadas questões.<sup>14</sup> Ou seja, adequava uma postura mais polêmica à medida que precisava ocupar os espaços no jornal, como a de um cronista. Todavia, no conjunto da sua obra nesta função e, principalmente por administrar problemas com alcoolismo e com a pressão da obrigação de suceder seu pai, Mário Júlio produziu textos mais burocráticos e informativos, salvo em momentos de euforia esportiva, como nas Copas do Mundo da FIFA, por exemplo.

Para reconhecermos o terceiro grupo de cronistas do *JS*, podemos citar dois de seus principais autores: Álvaro do Nascimento e Thomaz Mazzoni. Todavia, há uma clara diferença entre os dois. O primeiro atuava no jornal e era um dos mais produtivos cronistas do *JS*, pois tinha uma coluna diária durante décadas (desde os anos 1940). O segundo era um

<sup>12</sup> Conforme os créditos que apareciam na edição nº 174 do *JS*.

<sup>13</sup> De acordo com Couto, a participação dos jornalistas em mais de um veículo de comunicação/empresa era importante não apenas para a ascensão social dos profissionais de imprensa, mas uma forma econômica de dividir despesas em casos específicos da cobertura de grandes eventos esportivos. Ver: COUTO, André Alexandre Guimarães. 2016. *op. cit.* p. 174.

<sup>14</sup> Vide, por exemplo, a ironia em relação ao discurso pessimista da narração radiofônica na cobertura da participação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958.

importante cronista de São Paulo e tornava-se um colaborador do jornal, por convite de Mário Filho.

Álvaro do Nascimento assinava seus textos como “Zé de São Januário” e sua coluna se chamava “Uma pedrinha na shooteira”, um nome declaradamente escolhido para anunciar o objetivo da mesma: era um dos autores que mais praticava o denunciamento. Como nós já apontamos, esta era uma das principais características discursivas dos cronistas do período ao lado do clubismo. Por meio de sua coluna, discursava invariavelmente contra os dirigentes esportivos e demais autoridades políticas acerca da gestão e da infraestrutura do esporte do Rio de Janeiro. Não media ironia e sarcasmo, inclusive para provocar seus colegas cronistas do jornal, procurando um diálogo intersubjetivo na construção de representações sobre o esporte e a cidade. Apesar do pseudônimo e de ter escrito uma coluna social do Vasco da Gama na década de 1940 (chamada de “O Vasco em dia”), não era um defensor ferrenho deste time em comparação com os demais. O que o caracterizava melhor era a produção de textos que reivindicava um papel mais adequado para os demais esportes praticados na cidade para além do futebol. Ou seja, Nascimento aproveitava inclusive os momentos de cobertura dos Jogos Olímpicos para cobrar espaços físicos e institucionais para esportes como a natação e o basquetebol, por exemplo, e reclamava do excesso de preocupação e de notícias acerca do futebol que, segundo ele, trazia poucos resultados internacionais para o país. Sua coluna também ganhou espaço importante no meio radiofônico, a partir de 1952, quando participava da emissora *Rádio Clube do Brasil* (NASCIMENTO, 3/01/1952, p. 2).

Como exemplo deste estilo de conteúdo e de narrativa, trazemos para a nossa análise o seguinte texto que reproduz em grande medida algumas de suas principais características como cronista do *JS*:

(...) Criaram-se ídolos de barro no football profissional. Há mais crentes no football que nos terreiros de macumba. E a crença é tão grande, que se confunde football com os sentimentos mais puros do patriotismo.

Remo, atletismo, tennis, natação e todos os esportes amadoristas, praticados com fins eugênicos e não com intuito de lucros, andam por aí ao Deus dará sem provocarem as explosões do sentimento patriótico.

Os “patriotas” do esporte são os jogadores de football profissional, os seus técnicos, médicos, massagistas e até diretores especializados...

As “tournées” artísticas do nosso football profissional são mais aclamadas do que Radamés após o seu triunfo sobre os etíopes.

O football profissional, fez crentes e fanáticos que às vezes se degladiam como se estivessem nas lutas das Santas Cruzadas.

Há centenas de clubes pelo Brasil afora que praticam, apenas, o football profissional e se inculcam batalhadores em prol da eugenia da raça!

Uma coisa maravilhosa!...

Se o Prefeito João Carlos Vital construir a raia Olímpica e ceder os terrenos aos clubes náuticos de Santa Luzia, terá prestado um grande serviço ao esporte da Metrópole.

Até agora, o que se tem feito, apenas beneficiou os artistas do football profissional. Se o Prefeito João Carlos Vital, levar à frente os seus propósitos, poderemos dizer: O remo já tem espaço Vital... (NASCIMENTO, 3/08/1952, p. 10)

Este trecho da crônica provocativa de Álvaro do Nascimento fazia uma crítica de vanguarda quando apontava os exageros provocados pela ideia de que o futebol significava uma representação da nação ou da pátria. Para tanto, faz um apelo direto ao prefeito João Carlos Vital para que o governo municipal investisse nos clubes de remo, com o objetivo desta prática ser, de forma eugênica, umas das modalidades de aperfeiçoamento da saúde do povo carioca. Citava ainda, em outro trecho da crônica, que esportes como natação, atletismo, tênis e o próprio remo representavam mais o Brasil do que o futebol, por conta de uma visão eugênica moderna naquela conjuntura histórica, além dos poucos resultados importantes que esta última modalidade trazia. Apesar de outras colunas específicas do *JS* cobrirem outras práticas esportivas para além do futebol (como o turfê, o basquetebol e a natação), estas não tinham o vigor ácido das palavras de “Zé de São Januário”, muito menos a periodicidade diária da publicação de sua coluna.

Já Mazzoni, também conhecido pela alcunha de “Olimpicus”, como já informamos, era muito mais um colaborador do *JS* pois seu local de atuação era a cidade de São Paulo, onde chefiava o jornal *A Gazeta Esportiva* e participava em emissoras de rádio, como a *Cruzeiro do Sul* (RIBEIRO, 2012). Este “intercâmbio”

entre Rio de Janeiro e São Paulo era uma promessa estratégia de ampliação da repercussão das obras destes autores e, por consequência, das empresas em que atuavam. *Olimpicus* era inclusive considerado um dos principais cronistas esportivos de São Paulo e de forma simbólica uma das lideranças da área nesta cidade.<sup>15</sup>

Era o defensor da união dos clubes e da seleção brasileira, expurgando em suas colunas sentimentos clubísticos que pudessem se sobrepor ao interesse mais geral e nacional do futebol. Interessante é que *Olimpicus* escrevia seus textos, quase teses, em um periódico cuja característica era, dentre outras, a de valorização do clubismo, entendendo este conceito de forma mais ampla, ou seja, tanto no aspecto da paixão e da rivalidade entre os clubes, mas também no âmbito da capacidade organizativa, disciplinada e institucionalizada dos esportes.

Tinha um discurso de ampla defesa do selecionado nacional de futebol e comporia uma ala do *JS* que desafiava outros cronistas no debate acerca das modernas táticas de jogo deste esporte.<sup>16</sup> Portanto, tinha uma visão mais conservadora e tradicionalista da modalidade, principalmente quando o tema era a seleção brasileira. Uma das proximidades com o próprio Mário Filho era a posição de criar representações míticas e pseudo-históricas sobre o futebol brasileiro, tornando-se um memorialista do esporte nacional.

Finalmente, chegamos ao último grupo que selecionados em nossa pesquisa, a partir de nossa própria classificação: a das raras mulheres que escreviam no *JS*, disputando espaços com uma grande maioria de homens que se debruçavam sobre um campo esportivo igualmente masculino. Desta forma, destacamos duas cronistas: Florita Costa e Inah de Moraes. Apesar da importância social de sua participação no jornal, representando o sexo feminino, sua chegada até a empresa tem muito a ver com a relação social e profissional de seus maridos. Mas, também tem muito

mais a ver com suas militâncias esportivas em suas respectivas áreas de atuação.

Florita Costa, por exemplo, chegara ao *JS* por estes dois motivos: por ser esposa de Flávio Costa, importante treinador de futebol de clubes cariocas como Flamengo e Vasco, sem falar na seleção brasileira (fora o técnico na campanha na Copa do Mundo de 1950); e também por participar da vida social e política do Flamengo, clube da qual era apaixonada. Tornava-se, então, representante da ala que defendia o clubismo da forma mais “pura”: as paixões, rivalidades e sentimentos que as agremiações esportivas poderiam oferecer aos seus torcedores. Não por acaso fora convidada para escrever em uma coluna social destinada ao Flamengo denominada “Diário do Flamengo”.<sup>17</sup>

Posteriormente, assumiria outra coluna, mais subjetiva e criativa chamada “O meu comentário”. Neste caso, propunha uma análise mais autoral e pessoal sobre o futebol, em especial ao Flamengo. Apesar de sua influência no meio político e social da cidade, e do seu alto grau de autonomia narrativa, Florita invariavelmente incluía seu marido (Flávio Costa) em seus textos, seja no aspecto da defesa do seu trabalho, seja no fato de narrar alguma história quase como se fosse uma dupla.

Outra mulher que escrevia para o *JS* era Inah de Moraes. Casada com Prudente de Moraes Neto, jornalista e neto do ex-presidente Prudente de Moraes (1894-1898).<sup>18</sup> Inah escrevia uma coluna sobre o hipismo chamada “Rondó dos Cavalões”, que também era publicada no jornal carioca e popular *O Dia*.<sup>19</sup> Proprietária de haras em Itaipava (região serrana do Rio de Janeiro), Inah tinha um discurso em favor da melhor organização do esporte e utilizava suas crônicas em ambos os jornais para se dedicar ao ataque

<sup>15</sup> Ver por exemplo a crônica de Vargas Netto sobre o embate entre o jornalismo esportivo de Rio e São Paulo, principalmente ao apelo feito à Mazzoni para ponderar com seus colegas da capital paulista. VARGAS NETTO, Manoel. Espírito Esportivo e Sentimento da Pátria. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 4.680, 16 de novembro de 1944. p. 1. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

<sup>16</sup> Destaque para o debate com Albert Laurence, um cronista francês de futebol internacional que também fazia parte do grupo que escrevia para o *JS*. Ver em: MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). “Grandes” e “Pequenos” serão sempre “Grandes” e “Pequenos”. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.135, 29 de novembro de 1952. p. 5 e 8.

<sup>17</sup> Como já observamos, o jornal desde sua fundação em 1931 tinha a estratégia de publicar colunas sociais sobre os principais clubes do Rio de Janeiro e também de clubes de bairros, como o Olaria, por exemplo. As informações eram voltadas para as festas, celebrações, além de informes sobre os jogos e treinos dos clubes. Ver em: COUTO, André Alexandre Guimarães. *A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.

<sup>18</sup> Prudente de Moraes Neto adotara o pseudônimo de “Pedro Dantas”, e escrevia para o jornal *Diário Carioca*. Sua crônica era voltada para o cronismo esportivo e de acordo com Luís Nassif, sua esposa o assessorava em assuntos ligados ao hipismo. Ver em: NASSIF, Luís. *O cronista do Rio*. Disponível em: <<http://jornalgnn.com.br/blog/luisnassif/o-cronista-do-rio-0/>>. Acesso em: 6/07/2016.

<sup>19</sup> O nome é uma referência ao poema “Rondó dos cavaleiros” de Manuel Bandeira, de quem era amiga pessoal.

aos seus rivais políticos nas associações e clubes de turfe. Desta forma, se alinhava com a política editorial do *JS* na prática do denunciamento, apesar dos interesses particulares envolvidos diretamente em sua atuação no campo esportivo.

Pertencia a um círculo social e cultural do qual conviviam Manuel Bandeira e Cândido Portinari, por exemplos. Uma influência importante na tarefa de se aventurar na construção de textos no limite entre o jornalismo e a literatura.

No contexto de uma sociedade onde a mulher tinha poucas oportunidades para atuar nos jornais, Florita e Inah abriam espaços significativos para a participação feminina no cronismo esportivo, área que inclusive nos dias atuais ainda é bastante masculina.

Portanto, em caráter conclusivo deste artigo, chamamos a atenção para a importância da identificação dos estilos discursivos destes autores e autoras e sua respectiva classificação (com todos os limites de qualquer categorização). Mais do que uma mera separação de discursos e narrativas, verificamos uma diversidade de origens, atuações sociais e profissionais, além do gênero. Tal trabalho possibilitou enxergar que o hibridismo entre o jornalismo e a literatura se fez presente nos cronistas (em alguns em doses maiores do que outros), orientando-nos a pensar sobre os avanços da própria imprensa esportiva em momentos de atuação do rádio e de uma onda “neutra”, “objetiva” e “imparcial” que avançava nas principais redações dos grandes centros urbanos do país. Como mote conclusivo de nosso trabalho, esta pesquisa apontou para duas questões centrais que vislumbramos em nossa tese de doutorado: a primeira é de que o *JS*, por meio de seus diversos cronistas e uma complexa rede de estilos discursivos e narrativos, realizava a defesa do clubismo e do denunciamento. Entendemos o clubismo não apenas pela defesa dos principais clubes da cidade, tentando vender o jornal para os torcedores e aficionados pelas paixões que os seus times poderiam oferecer. É também um discurso em prol da organização do campo esportivo em instituições, agremiações, associações e federações que pudessem regularizar a prática dos esportes. É uma defesa do enquadramento e da disciplinarização social do campo.

Por outro lado, o caráter denunciante do jornal, por meio de seus cronistas, tinha o objetivo de adotar um tom de cobrança e de persuasão da imprensa diante do dirigismo esportivo (do qual muitos dos

próprios cronistas faziam parte) e político com fins de ampliação e aperfeiçoamento dos espaços físicos e institucionais do campo esportivo. Para exemplificarmos este discurso em torno destas duas características, trazemos o texto de João Machado, que apesar de não incluímos em nossa classificação geral por optarmos pelos cronistas que tinham maior regularidade na publicação de seus textos, achamos por bem apontar o trecho de uma crônica específica que sintetiza bastante o espírito do jornal:

(...) O fato, porém, é que o crescimento da área habitada no Rio de Janeiro continua a ser feito desordenada e criminosamente.

Em qualquer parte das zonas suburbana ou rural, continuam a ser feitos loteamentos de grandes extensões, permitindo-se a abertura de ruas estreitas ao lado do incompreensível desaparecimento da zona rural, hoje, transformada em grande parte, em residências para “weekend” ou mesmo domicílios de famílias modestas. (...)

É chegado o momento, portanto, de impedir que a cidade continue a crescer desordenadamente em superfície, ou, pelo menos, que se proíba a abertura de ruas de menos de vinte metros de largura, exigindo-se, a existência de praças ajardinadas no centro de cada área, loteada e, o que é muito mais importante para os desportistas, reservando-se sempre o espaço necessário para a instalação de campos de desportos que compensariam o desaparecimento de mais de trinta pequenos clubes amadoristas, de cujas praças de desportos foram criminosamente arrancados, perdendo anos de trabalho e sacrifício, sem qualquer espécie de indenização, ante a incompreensível indiferença dos poderes públicos. (...) (MACHADO, 28/06/1951, p. 5)

Sob um aspecto bem elitista, o autor ignorava a relação entre o crescimento da cidade e as dificuldades sociais pelas quais passava a população carioca, inclusive com o problema central apontado nesta crônica que era a habitação. Sua crônica, de caráter denunciante, apontava para que o poder público intervisse na estrutura urbana e fazia também ao mesmo tempo uma defesa dos clubes enquanto conservadores de uma ordem eugênica e disciplinada socialmente. Saúde e lazer seriam pontos de trincheira social contra a desordem da ocupação da cidade, a partir da leitura deste autor. De acordo com Couto,

(...) Cabe pensar também que esta defesa em torno dos clubes amadores pequenos não estava descolada

de uma lógica desenvolvimentista de sociedade que proporcionava uma busca pelo movimento de participação comunitária que não ousasse romper com as estruturas de classe, nem com o sistema de produção e de trabalho, muito menos com as formas de institucionalização da dominação social (COUTO: 2016, p. 300).<sup>20</sup>

Refletir sobre o papel denunciante do jornal, envolvendo os clubes ou não, não significa pensar no *JS* como um jornal de causas populares, mas de um veículo que apontava para uma visão de cidade e de sociedade que se aproximava mais de uma local de exclusão e de ordenamento social, tendo o esporte um viés, uma ferramenta forte deste controle.

Por fim, e recuperando a segunda questão apontada anteriormente, devemos refletir sobre a mítica ideia de que Mário Filho teria reinventado o cronismo esportivo brasileiro. Ao estudarmos uma miríade de autores diversos que se alinhavam ou debatiam os temas do esporte e, conseqüentemente da própria sociedade, percebemos que a crônica se consolidou no *JS* e na cidade do Rio de Janeiro por conta da obra de cronistas de origens e estilos discursivos distintos. Além de sua produção jornalística, Mário Filho atendeu, como gestor de uma empresa de comunicação, a necessidade de criar uma ampla equipe de autores que pudesse tornar seu jornal um grande destaque na imprensa esportiva nacional. Neste ponto, foi muito bem-sucedido. Todavia, compreender que os avanços neste campo da comunicação se deveram exclusivamente ao seu brilhantismo narrativo é um exagero sem apoio empírico a não ser se levarmos em conta uma memória ahistórica.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

<sup>20</sup> Corroborando com esta tese, concordamos com Souza: ““(…) Nas décadas de 1950 e 1960, a participação comunitária foi utilizada como dispositivo de controle do Estado em relação aos aglomerados urbanos, como mecanismo de controle social.” Ver em: SOUZA, Rodriane de Oliveira. Participação e controle social. In: SALES, Mione Apolinário; MATOS, Maurílio Castro; LEAL, Maria Cristina (Org.). *Política social, família e juventude: uma questão de direitos*. São Paulo: Cortez, 2004. P. 167-187.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BRITO, Mário da Silva. Vargas Neto. In: *Poesia do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)**. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.

\_\_\_\_\_. **Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**. Curitiba: UFRJ, 2016. Tese de Doutorado em História.

HEIZER, Teixeira. **O Jogo Bruto das Copas do Mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 1997. Edição atualizada 2001. P. 82.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: A Síntese Radiofônica Mundial que Fez História**. Porto Alegre: AGE/EDIPUC, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes Editores, 1989.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo – histórias da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SARGENTINI, Vanice. As relações entre a Análise do Discurso e a história. In: GASPAR, Nádia Regina e MILANEZ, Nilton (Orgs.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010. P. 95-102.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. **Mil e uma noite de Futebol: o Brasil moderno de Mário Filho**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SOUZA, Rodriane de Oliveira. Participação e controle social. In: SALES, Mione Apolinário; MATOS, Maurílio Castro; LEAL, Maria Cristina (Org.). **Política social, família e juventude: uma questão de direitos**. São Paulo: Cortez, 2004. P. 167-187.

## FONTES:

LOPES, Everardo. Mão à Palmatória. Conversão de um descrente. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 8.845, 5 de julho de 1958. P. 5.

MACHADO, João. Novas praças de desportos. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 6.698, 28 de junho de 1951. P. 5. Coluna Às quintas-feiras.

MAZZONI, Thomaz (Olimpicus). “Grandes” e “Pequenos” serão sempre “Grandes” e “Pequenos”. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.135, 29 de novembro de 1952. P. 5 e 8.

NASCIMENTO, Álvaro do. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 6.857, 3 de janeiro de 1952. P. 2. Coluna O Vasco em Dia.

\_\_\_\_\_. (Zé de São Januário). *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.035, 3 de agosto de 1952. P. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

RODRIGUES, Mário Júlio. A grande dúvida. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.824, 10 de junho de 1958. P. 5.

\_\_\_\_\_. Os Urubus passam fome. Mas outros engordam e tomam banho de piscina. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 8.825, 11 de junho de 1958. P. 4.

VARGAS NETTO, Manoel. Espírito Esportivo e Sentimento da Pátria. *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 4.680, 16 de novembro de 1944. P. 1. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

\_\_\_\_\_. Aviso aos Navegantes... *In: Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, n.º 7.581, 20 de maio de 1954. P. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

## FUTEBOL E DRAMATICIDADE: NOTAS SOBRE A CRÔNICA ESPORTIVA DE NELSON RODRIGUES

### FOOTBALL AND DRAMATICITY: NOTES ABOUT NELSON RODRIGUES' SPORTS CHRONICLE

Natasha Santos Lise\*

André Mendes Capraro\*\*

#### RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é localizar, historicamente, a crônica esportiva de Nelson Rodrigues, a partir do levantamento do estado da arte relacionado ao assunto, bem como da análise de algumas de suas crônicas. Para tanto, recorreu-se ao tratamento das especificidades do gênero crônica, sob o ponto de vista da perspectiva de texto e contexto, organizada por Antonio Candido (1992; 2000). Junto a isso, partiu-se de uma breve biografia de Rodrigues, atrelando-a às particularidades de sua crônica esportiva. A título de conclusão, sugere-se que Nelson Rodrigues, até de forma inconsciente, escrevia defendendo a polêmica teoria do irmão, de que o racismo se manifestaria apenas em situações adversas – como a derrota em 1950. O que sugere, ainda, que o livro de cabeceira do dramaturgo não era *Casa Grande & Senzala*, mas *O Negro no Futebol Brasileiro*.

**Palavras-chave:** Literatura; Esporte; Identidade nacional.

#### ABSTRACT

The objective of the present research is to locate, historically, Nelson Rodrigues' sports chronicle, based on the bibliography related to the subject, as well as the analysis of some of his chronicles. In order to do so, we used the treatment of the specificities of the chronicle gender, from perspective of text and context, organized by Antonio Candido (1992; 2000). Along with this, it was necessary a brief biography of Rodrigues, linking it to the particularities of his sports chronicle. As a conclusion, it is suggested that Nelson Rodrigues, even unconsciously, wrote defending the polemic theory of his brother, that racism would manifest itself only in adverse situations – such as the defeat in 1950. This suggests, also, that book most read by Rodrigues was not *Casa Grande & Senzala*, but *O Negro no Futebol Brasileiro*.

**Keywords:** Literature; Sport; National Identity.

---

\*Doutoranda em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná.

\*\* Pós-doutor pela Università Ca Foscari Di Venezia e Professor Associado do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná.

## INTRODUÇÃO – O FUTEBOL NA LITERATURA

O presente estudo se refere a um recorte da pesquisa desenvolvida pelos autores ao longo da dissertação de mestrado<sup>1</sup>, em que se buscava analisar não apenas as crônicas esportivas, como também os roteiros e contos produzidos por Nelson Rodrigues. Nesse sentido, o objetivo aqui proposto é localizar, historicamente, a crônica esportiva rodrigueana, a partir do tratamento da bibliografia relacionada ao assunto, bem como da análise de algumas de suas crônicas. Dessa forma, recorreu-se à abordagem metodológica desenvolvida por Antonio Candido (1992; 2000), no que se refere às características próprias da crônica, enquanto um gênero literário híbrido, que reproduz certo amálgama entre aspectos textuais e contextuais.

Pois bem. O contato desde muito cedo com as tragédias literárias, os escândalos da vizinhança e as atmosferas do meio jornalístico, fariam com que Nelson Falcão Rodrigues adquirisse traços em sua escrita que dificilmente se afastariam da morbidez. De acordo com o próprio autor, ao rememorar sua infância, com cerca de oito anos de idade descreveria um assassinato brutal. Tratava-se de um concurso de redação da classe, em que os alunos estariam livres para desenvolver qualquer assunto. Nelson falava de um tema inédito na turma.

Minha composição era todo um gesto de amor desesperado. Eu escrevia para a professora, isto é, para o ser amado. E me lembro de que começava assim: – “A madrugada raiava sangüínea e fresca”. Confesso que fiz o plágio com um secreto terror.

[...] Com oito anos incompletos, eu contava um adultério, com todos os matadouros. O marido saía e a mulher, nas barbas indignadas dos vizinhos, chamava o amante.

Eu era um moralista feroz. E não fui, confesso, nada compassivo. Um dia, o marido volta mais cedo. Ao entrar em casa, vê aquele homem saltar da janela, pular o muro e sumir. A mulher caiu-lhe aos pés, soluçando: – “Não me mate! Não me mate!”. O marido agarrou-a pelos cabelos. E o que houve, em seguida, foi uma carnificina. Lembro-me de que a composição terminava assim: – “Acabou de matá-la a pontapés”.

A professora acabou de ler e olhara para mim, atarrada (RODRIGUES, 1967. In: Rodrigues, 1993, p 145-146).

Segundo Rodrigues, o plágio se referia apenas à primeira linha do texto (“A manhã raiava sangüínea e fresca”), que pertencia a um soneto de Raimundo Correia, sugerindo que o restante da história, isto é, toda a parte funesta tenha sido criada por ele próprio. Pode ser que o pequeno autor tivesse se lembrado de alguma conversa entre os pais, ou de algum episódio na Rua Alegre, ou mesmo alguma matéria jornalística a que tenha tido acesso.

E é sob essa linha dramática que Nelson Rodrigues desenvolve suas produções, mesmo em se tratando do gênero crônica. Uma de suas características textuais se refere a trazer para os fatos “(...) um toque ficcional estilístico para que adquirissem um sentido transcendente e, conseqüentemente, alcançassem uma dimensão mítica” (SOUZA, 2006, p.13). Rodrigues demonstra em seus textos um desagrado com a realidade, denunciando a decadência do ser humano que vive angustiado e infeliz, sempre em busca de algum elemento que amenize o mal-estar. Logo, suas explanações, mesmo que a respeito de fatos cotidianos e personagens reais, via de regra, são passionais, acompanhadas de uma estrutura estética ímpar, carregada de imaginação.

De acordo com o inventário de Marcos de Souza (2006), quando Rodrigues inicia a jornada como cronista esportivo – em 1955 nos periódicos *Última Hora* e *Manchete Esportiva* –, era, além de polêmico, um reconhecido dramaturgo. Já contava com a encenação de *A Mulher sem Pecado* (1941); com a consagração pela peça *Vestido de Noiva* (1943); com as censuras de *Álbum de Família* (1945), *Anjo Negro* (1946) e *Senhora dos Afogados* (1947); com o fracasso de público que foi *Doroteia* (1949); com um monólogo em *Valsa Nº6* (1951); e com a estreia de sua tragédia carioca *A Falecida* (1953). Isso sem contar a já estabelecida coluna *A Vida Como Ela É...* no jornal *Última Hora*, para o qual escrevia desde 1951.

Apesar de ser considerado um dos grandes contribuidores do desenvolvimento do teatro brasileiro, Nelson Rodrigues precisava escrever outros gêneros para sobreviver, o que lhe forçou a acumular, então, as colocações de cronista, contista, teatrólogo e, ainda, folhetinista. Sob os pseudônimos de Suzana Flag

<sup>1</sup> A dissertação em questão é intitulada “Freud explicaria isso? Os sentimentos e ressentimentos do futebol em Nelson Rodrigues (1951-70)”.

e Myrna, Rodrigues escreveu folhetins, com alguns intervalos, desde a primeira metade da década de 1940 até 1955, quando se iniciariam suas publicações na página esportiva. Os romances foram um sucesso de tiragem, passando por periódicos como as revistas *A Cigarra*, *O Cruzeiro*, os jornais *Diário da Noite*, *Última Hora*, *O Jornal*, acabando na eternidade das páginas do livro – o que indica que, muito provavelmente, fora o sucesso como folhetinista que rendera ao autor a posição fixa tanto na coluna de *A Vida Como Ela É...*, quanto nas crônicas esportivas.

O fato de o teatrólogo paradoxalmente não ter conseguido ganhar dinheiro com o teatro se deu de maneira tensionada<sup>2</sup>, pois, em se tratando especialmente das décadas de 1940 e 50, havia um esforço por parte de intelectuais em romper com o modelo do chamado “teatro comercial” – isto é, que se preocupava primordialmente com o público pagante (PEREIRA, 1998). Nelson Rodrigues, apesar de ter confessado que seu interesse pelo teatro, em um primeiro instante, fora financeiro, fazia parte dos que defendiam o desenvolvimento do teatro nacional, independentemente do gosto da plateia, buscando o reconhecimento intelectual. Assim, tendo em vista a improvável possibilidade de se sustentar por meio do teatro, este irá aparecer imbricado em tudo o que o autor escrevesse.

Nesse sentido, uma particularidade do autor, incomum a outros cronistas, é a criação de personagens imaginários – sendo alguns inventados a partir de personalidades reais – na crônica esportiva. Tal é o caso do “Sobrenatural de Almeida”, personagem clássico que sempre aparecia para explicar uma jogada futebolística inexplicável, fosse esta um gol esquisito ou mesmo um resultado inesperado. Assim como o “Sobrenatural de Almeida”, as demais personagens – como o “Gravatinha”, a célebre “Grã-fina das narinas de cadáver”, o “Padre de Passeata”, os “Idiotas da Objetividade” ou as “Estagiárias de Jornal”, por exemplo – eram frequentemente lembradas nas crônicas, tornando-se familiares ao público.

Essa característica de incluir personagens e dramaticidade nas crônicas esportivas está diretamente vinculada a uma peculiaridade rodrigueana – o trânsito entre um gênero literário e outro. Parte-se

da hipótese de que Nelson Rodrigues se considerava mais dramaturgo do que cronista, entretanto, pela impossibilidade de se dedicar de maneira efetiva ao teatro, transformaria o futebol, na crônica esportiva, e mesmo as matérias da coluna de *A Vida Como Ela É...* em “palcos” onde reinaria o drama teatral. Daí os personagens fictícios nas crônicas – como os supracitados –, ou mesmo nuances de rubricas dos roteiros nos contos.

Em fins da década de 1930, bem como ao longo das de 40 e 50, prevalecia em torno do futebol a iniciativa de um elemento autenticamente nacional, cujas raízes foram estabelecidas por Gilberto Freyre – em sua reflexão sobre as relações entre a casa-grande e a senzala –, e disseminadas por cronistas esportivos, baseados no exemplo do futebol (HELAL, GORDON JR, 2001). Entre os principais literatos freyreanos, estão José Lins do Rego, Mário Filho e também Nelson Rodrigues. Cabe ressaltar que a passagem do futebol ao profissionalismo, que corresponde, sobretudo, ao cenário da década de 1930, era um momento em que se consolidava não só o esporte, mas também, a crônica esportiva (MARQUES, 2000). Segundo a ideia recorrente, pautada na campanha promovida por Nelson Rodrigues, a crônica esportiva se estabeleceria, definitivamente, devido à considerável contribuição de Mário Filho, entre as décadas de 40/50. Perspectiva esta aderida por muitos autores:

O percurso percorrido pelo futebol entre o amadorismo e o profissionalismo tem sua similaridade na trajetória da imprensa esportiva. Até o início da década de 40, o cronista esportivo ocupava a posição mais baixa na hierarquia dos jornais. Com a atuação de Mário Filho, houve a valorização do *métier* do analista e do repórter esportivo, a partir de seu trabalho com a promoção de competições, eventos, notícias e fatos – em suma, do próprio espetáculo. A invenção do profissional, donde temos uma múltipla simbiose: o jornal a criar a demanda para a produção do evento, e este a fornecer elementos para a atuação do homem na imprensa esportiva (MARQUES, 2000, p.17).

É nesse contexto que o futebol, enquanto objeto nacional, se insere como uma tradição inventada<sup>3</sup> (HOBSBAWM; RANGER, 1997), estabelecida e

<sup>2</sup> Para mais detalhes, ver: SANTOS, Natasha. **Freud explicaria isso?** Os sentimentos e ressentimentos do futebol em Nelson Rodrigues (1951-1970). Curitiba, 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 2012.

<sup>3</sup> Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento

reforçada por literatos<sup>4</sup>, através das crônicas<sup>5</sup>, principalmente. A partir da observação do que vinha a ser um fenômeno social das massas, intelectuais passaram a refletir sobre alguns dos dilemas envolvidos na sociedade brasileira, expressando-se por meio de produções artísticas das mais variadas – embora não fosse comum à época, podem-se citar aqui peças teatrais, contos, romances, poesias e mesmo pinturas.

Assim como Mário Filho, José Lins do Rego mantinha uma relação bastante próxima a Gilberto Freyre, permeada por uma admiração recíproca. O primeiro defendia o futebol de maneira “radical”, tratando de questões da constituição da raça e identidade brasileiras, bem como reafirmando a história do futebol de maneira quase literária, aos moldes dos ensaios produzidos por Freyre. Ao título de *O Negro no Futebol Brasileiro*, Mário Filho buscou mostrar a participação do futebol na formação de uma nação integral, a partir das relações raciais no esporte que, para o autor, teriam superado as tensões uma vez existentes. É o que explicam Helal e Gordon Jr:

Como num quebra-cabeça, partindo de “causos” (alguns talvez fictícios) da tradição oral do futebol, Mário Filho teria recortado e montado uma estrutura narrativa, cujo objetivo era mostrar como o futebol teve uma participação decisiva na democratização racial e, portanto, na construção de uma nação integral (HELAL, GORDON JR, 2001, p.53).

Tal narrativa acerca do futebol une as lembranças pessoais do autor a depoimentos orais de jogadores, e é com base neste ensaio que José Lins do Rego e Gilberto Freyre enxergam dois fenômenos derivados do futebol – o legado étnico negro e a música incorporada ao modo de jogar (HOLLANDA, 2003). Desse modo, um dos principais elementos identitários colocados é a miscigenação brasileira, que antes causava vergonha e era tratada como responsável pelo atraso do país, mas que, no futebol, teria se caracterizado como o motivo dos bons resultados diante dos demais países (SOARES; LOVISOLO, 2003). Freyre debate não apenas sobre a necessidade de se estabelecer uma

identidade brasileira, mas também, elaborou uma tese a respeito do que viria a ser uma brasilidade, pautada na cultura, representada por comportamentos como a malemolência e a criatividade. É neste sentido que a escolha do futebol como expressão do povo brasileiro se encontra com a perspectiva freyreana: como um traço essencial e positivo da formação da sociedade brasileira (FACINA, 2004).

Ora, Nelson Rodrigues mantinha laços estreitos a Freyre, Zé Lins e Mário Filho, além de ser um apaixonado pela seleção brasileira, tratando-a como a própria pátria em chuteiras, possivelmente num amálgama entre sua paixão de torcedor e a defesa de uma identidade nacional.

### A CRÔNICA ESPORTIVA RODRIGUEANA

Vejam vocês em que dá a mania da justiça e da objetividade! Um cronista apaixonado havia de retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo. Daria à estúpida e chata realidade um sopro de fantasia. Falaria com os arreganhos de um orador canastrão. Em vez disso, os rapazes cingiram-se a uma veracidade parva e abjeta. Ora, o jornalista que tem o culto do fato é profissionalmente um fracassado. Sim, amigos, o fato em si mesmo vale pouco ou nada. O que lhe dá autoridade é o acréscimo da imaginação (RODRIGUES, 1994, p. 11-12). 6

### O gênero literário, o esporte e um ideal identitário

Nelson Rodrigues, filho do polêmico jornalista Mário Rodrigues, desde muito cedo desempenhou pequenas funções<sup>7</sup> nos jornais do pai. No último deles, o sensacionalista *Critica*, Nelson trabalhava na página policial, colhendo depoimentos na cena do crime e os retratando na notícia com certo grau de ficção, a fim de tornar as histórias mais interessantes (CASTRO,

<sup>6</sup>Originalmente: O passarinho, *Manchete Esportiva*, 31 mar. 1956.

<sup>7</sup>Já em 1925, Nelson Rodrigues trabalhava na página policial do jornal *A Manhã*, do qual Mário Rodrigues era sócio. No começo, sua função era apenas fazer a ronda das delegacias por telefone, mas também escreveu algumas matérias. Em 1926, criou o seu próprio jornal, que sobreviveu cinco números: *A Alma Infantil*, que seguia os padrões do jornal do pai e era, inclusive, impresso nas máquinas de *A Manhã*. No jornal *Critica*, Nelson Rodrigues compunha a “Caravana do *Critica*”, escrevendo as matérias policiais, bem como indo ao local do crime (especialmente quando se tratava de um crime passional), para a obtenção de informações (CASTRO, 1992).

através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBBSAWM, RANGER, 1997, p.9).

<sup>4</sup>Tais como Coelho Netto, João do Rio, José Lins do Rego, Mário Filho, Armando Nogueira (CAPRARO, 2007).

<sup>5</sup>Pode-se entender a crônica como um gênero híbrido, representando uma mistura entre jornalismo e literatura, que deriva dos folhetins (CANDIDO, 1992).

1992). Antes disso, em *A Manhã*, o jovem repórter de apenas 13 anos já se deslumbrava, sobretudo, com os casos de crimes passionais – em especial, pactos de morte entre casais –, que lhe despertaram uma atração que permaneceria em sua vida adulta, sendo frequentemente retratada em seus contos e roteiros.

Já na década de 1930<sup>8</sup>, Nelson Rodrigues foi repórter esportivo do jornal *O Globo*, porém os textos não eram assinados, sendo necessário recorrer às particularidades da escrita ou mesmo às fotos, do repórter e do entrevistado, dispostas ao lado da matéria (SOUZA, 2006). Entretanto, de acordo com o inventário da obra rodrigueana, elaborado por Marcos Francisco de Souza (2006), é a partir da metade da década de 1950, que o já conhecido dramaturgo se (re)apresenta como cronista. Ainda segundo Souza, os periódicos que publicaram as crônicas de Rodrigues foram: o jornal *Última Hora* e a revista *Manchete Esportiva*, a partir de 1955; o *Jornal dos Sports*, no qual inaugura a coluna diária em 1958; o jornal *Diário da Noite*, entre 1961 e 62; retornando para *O Globo* nos anos 1960 e 70 (SOUZA, 2006, p.64).

Assim como muitos outros escritores – como Carlos Drummond de Andrade, Machado de Assis, José de Alencar, João do Rio, José Lins do Rego, Mário e Oswald de Andrade –, Nelson Rodrigues não se dedicou exclusivamente à crônica. Talvez essa ausência de exclusividade voltada a tal gênero se explique pelo fato de este possivelmente representar uma maneira de complementar a renda mensal<sup>9</sup>, ou mesmo por não se tratar de um “gênero maior”, o que prejudicaria o reconhecimento do literato no meio intelectual.

Ora, a crônica, tratada como um gênero literário de “menor grandeza” – tendo em vista sua posição na intersecção entre literatura e notícia –, nasceu do jornal e, portanto, uma de suas principais características é exatamente a mesma efemeridade atribuída às manchetes. Sobre a origem da crônica moderna, Antonio Candido (1992) coloca o decênio de 1930 como o momento quando esta se estabelece no Brasil. Enquanto um gênero genuinamente brasileiro, a crônica teria derivado dos folhetins, os quais foram reduzindo de

tamanho e deixando de informar, ou comentar, para apenas divertir – muito embora não deixe completamente de fazê-lo.

Apresentando-se como literatura de fronteira (GINZBURG, 2004), as crônicas colocam aos leitores a tênue relação entre ficção e realidade, entre a literatura e o acontecido no dia anterior, sendo “[...] de alguma maneira o tempo feito texto, sempre e de formas diversas, uma escrita do tempo. Não fosse senão por essa razão, já seria justo que delas se ocupassem os historiadores” (NEVES In Candido, 1992, p. 82). Não trazendo, portanto, um distanciamento tão enfático do cotidiano.

Mesmo podendo sair do tabloide para o livro e se eternizar, a crônica traz uma linguagem bastante próxima àquele: não tão literária, mas também não tão objetiva. Haja vista a amplitude de seu público, utiliza uma linguagem pouco carregada, sendo mais acessível sua compreensão. Assim, “Num país como o Brasil, onde se costumava identificar a superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias (...)” (CANDIDO, 1992, p. 16). E é a partir dessa leveza de linguagem que ela se torna mais acessível e, por consequência, comunica de maneira mais efetiva sobre a visão do dia-a-dia (isto é, dos fatos). Desse modo, a crônica se fixaria como um ótimo catalisador não só de informações, mas também de teses, ideais e opiniões.

Mas, assim como os demais gêneros literários, ela carrega as particularidades do autor, cujos estilos vão de diálogos a biografias líricas e anedotas desdobradas (CANDIDO, 1992). E esse é o ponto essencial da crônica rodrigueana. Nelson Rodrigues se utiliza dos máximos elementos fictícios, inserindo, inclusive, personagens, como os célebres Sobrenatural de Almeida, a Grã-fina das Narinas de Cadáver ou o Gravatinha. Incorporando traços do teatro – sua principal atividade literária –, o autor faz mais do que enaltecer/criticar as vitórias/derrotas da seleção brasileira ou do Fluminense: ele estabelece as emoções decorrentes de cada situação, indo para além do esporte.

Sobre a peculiaridade ao escrever crônicas, José Marques (2000) propõe o que seria uma “filiação” de Nelson Rodrigues à estética neobarroca, teorizada por Severo Sarduy e posteriormente por Omar Calabrese. Analisa, portanto, não o papel do futebol em si, mas

<sup>8</sup> Tem-se, ainda, a referência de três crônicas publicadas no jornal da família Rodrigues, o *Critica*, em 1929. Tais textos fazem parte da coletânea organizada por Nelson Rodrigues Filho, intitulada “O Profeta Tricolor – cem anos de Fluminense”, de 2002.

<sup>9</sup> Entre os poucos literatos que se dedicaram exclusivamente à crônica (esportiva), pode-se citar Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e João Saldanha (CANDIDO, 1992; CAPRARO, 2007).

de que maneira se dá a manifestação de elementos do neobarroco – cujo conceito define e defende características de uma cultura miscigenada – na crônica esportiva deste literato.

Essa estética barroca, de que fala Marques, se estabelece na crônica de Rodrigues sob o exagero textual, carregado de uma hipérbole tão exagerada a ponto de tornar o futebol mais importante do que os problemas sociais. Ou seja, “O excesso nas crônicas de Nelson serve assim como superação de limites e como espaço desestabilizador” (MARQUES, 2000, p.134). Esse exagero é tratado por Silva (1997) como uma peculiaridade do que denomina “orador canastrão”, mais preocupado em “retocar” os fatos, do que em relatá-los tal como ocorreram. Assim, o principal recurso retórico seria o discurso persuasivo que, no caso desse literato, se mantém sob a ótica de um cronista apaixonado, que escrevia como torcedor, ou seja, de maneira nada objetiva. Segundo as palavras do próprio autor, nas crônicas de Nelson Rodrigues,

[...] faz-se uma utilização engenhosa, radical e deliberada dos recursos retóricos, e todo o discurso se organiza em função da persuasão. Ciente de que a realidade dos fatos esportivos não é nada mais do que uma construção, Nelson se move abertamente no campo da opinião: a sua opinião, a opinião dos torcedores, dos cronistas, a opinião pública, o senso comum (SILVA, 1997, p.103).

Todavia, não se pode esquecer que o autor era um cronista esportivo e, como tal, deveria atentar para os acontecimentos dos gramados e arquibancadas. Somado a isso, segundo Magaldi (2010), é possível perceber por meio dos roteiros rodrigueanos, uma determinada aversão à realidade, o que não é diferente em seus contos e crônicas. Daí o exagero literário com requintes tão estéticos que se aproximam da ficção, que neste caso seria o futebol como maior que os problemas sociais, em um período em que o esporte em si não era reconhecido como um assunto “sério”. Muito pelo contrário, não raro alguns literatos ou intelectuais não o consideravam um assunto sério exatamente porque o ignoravam. São os casos de Sérgio Buarque de Hollanda, Caio Prado, o grupo intelectual da USP – Fernando Henrique Cardoso, Ruth Cardoso, Florestan Fernandes, Otávio Ianni e o próprio Antonio Candido. Na literatura – Érico Veríssimo (embora o filho venha a gostar do futebol), José Mauro de Vasconcelos (*Meu*

*Pé de Laranjas Lima*), Antonio Callado (*Quarup*), entre vários outros.

Sob estas perspectivas, a crônica esportiva (via de regra, futebolística) desenrola, sobretudo nas décadas de 1940 e 50, um alinhamento *freyreano* no que diz respeito à relação entre o futebol e a identidade nacional.

Um dos principais elementos identitários colocados é a miscigenação brasileira, que antes causava vergonha, mas que, no futebol, teria se caracterizado como o motivo dos bons resultados diante dos demais países (SOARES; LOVISOLO, 2003). Mário Filho, ao tratar do negro no futebol brasileiro, não disseminou apenas a tese freyreana, mas também, e principalmente, o já citado “freyrismo popular” (SOARES, 2003).

Entre os principais literatos freyreanos, além de Mário Filho, estão José Lins do Rego e, por maior influência daquele, Nelson Rodrigues. Estabelecendo-se, assim, a crença em uma característica tipicamente brasileira ao jogar futebol, baseada na agilidade e improvisação, que diferenciava os jogadores nacionais dos demais, enaltecendo a mestiçagem e malandragem.

No caso brasileiro, o esporte em questão foi colocado e reforçado por literatos – através das crônicas, em especial –, como uma prática essencialmente nacional, cujas peculiaridades brasileiras seriam a ginga, a malícia e o improviso no jogo (SOARES, 2003). A partir da observação do esporte enquanto um fenômeno social das massas, intelectuais passaram a refletir sobre dilemas envoltos na sociedade brasileira, expressando-se por meio de produções artísticas das mais variadas.

Assim, as proposições “popularizadas” de Gilberto Freyre, no que concerne ao homem negro e mestiço, bem como à sua singularidade no esporte, ganham força e são reafirmadas por literatos brasileiros, via jornais, principalmente. Freyre influenciou uma geração de literatos e contribuiu para uma nova interpretação do Brasil, segundo a qual a figura do mestiço se fazia valer nas representações futebolísticas (SOARES, 2003).

Mas o que levou literatos, como Nelson Rodrigues, a comprarem e disseminarem tal tese? Ora, “como figuras públicas, os literatos necessitavam estabelecer relações de força visando respaldá-los dentro do campo literário / intelectual” (CAPRARO, 2007, p.

8), o que implica, sob a perspectiva ideológica destes intelectuais, a formação de um vínculo, que acarreta comportamentos e atitudes interdependentes (ELIAS, 1994). Nesta perspectiva, Gilberto Freyre seria o grande influenciador de José Lins, Mário Filho e Nelson Rodrigues, mantendo uma admiração que se fazia recíproca, a qual acabaria por ser estendida a Nelson pelo vínculo afetivo com o irmão Mário. Desse modo, pode-se pensar, assim como aponta André Capraro (2007), em uma relação de força favorável a Freyre que, além de deter o respaldo dos cronistas em questão, no meio literário, teve seu modelo explicativo popularizado através do futebol.

Retornando ao embasamento do estudo de Capraro (2007), infere-se que a essência da unidade desses intelectuais era, sobretudo, afetiva. Assim como José Lins – que trocava cartas com Gilberto Freyre –, Mário Filho mantinha uma relação muito próxima ao intelectual, chegando a adaptar sua narrativa acerca da ascensão do negro por meio do futebol à teoria freyreana. Em *O Negro no Futebol Brasileiro*, de 1947, Mário Filho estabelece uma interpretação da tese de Freyre, culminando com o que seria, tal como aponta Soares (2003) um “freyrismo popular”, ao defender que no Brasil as relações entre negros e brancos seria pacífica, não havendo, portanto, racismo. Além disso, conta-se com pistas como as declarações públicas de afeto de Nelson Rodrigues a Mário Filho, conferindo-lhe a imagem de grande homem da imprensa esportiva... “Eis o papel do meu irmão Mario Filho, diretor de ‘Jornal dos Sports’: – o de criador dos fatos. (...) Que fez Mario Filho, no fabuloso mundo dos esportes? Criou seus fatos próprios, seus assuntos exclusivos” (RODRIGUES, 13 set. 1955, p.8).

E é aqui que entra a importância de Nelson Rodrigues: tendo em vista as mortes, de certa forma prematuras, de José Lins e Mário Filho, o teatrólogo acabou por prosseguir associando futebol e nação. E mais, se pensada a popularidade de Nelson Rodrigues, tendo em vista sua posição enquanto escritor dos contos de *A Vida Como Ela É...*, diariamente publicados em jornais, além, é claro, das polêmicas causadas por suas peças incestuosas, é deveras sensato supor que os ideais expostos nas crônicas atingiriam um público maior.

Mesmo antes das vitórias nos Mundiais de 1958 e 1962, Nelson Rodrigues tratava o futebol como uma das paixões do povo brasileiro. Os discursos,

carregados de uma nacionalidade apaixonada, se faziam presentes mesmo nas derrotas da seleção brasileira, pois, para Rodrigues, o país sempre teve o melhor selecionado do mundo. “Basta lembrar o que foi o jogo Brasil x Hungria, que perdemos no Mundial da Suíça. Eu disse ‘perdemos’ e por quê? Pela superioridade técnica dos adversários? Absolutamente. Creio mesmo que, em técnica, brilho, agilidade mental, somos imbatíveis” (RODRIGUES, 2007, p.66)<sup>10</sup>.

A José Olympio – maior editora entre as que se firmam na década de 1930 (OLIVEIRA, 2003) – se tornou um ponto de encontro de grandes nomes da literatura brasileira. Entre os escritores, de variados gêneros, a editora contava com: José Lins do Rego, Mário Filho, Nelson Rodrigues, Otto Maria Carpeaux, Álvaro Lins, João Condé, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Aurélio e Sérgio Buarque de Holanda, além de Gilberto Freyre, cujas visitas à editora eram frequentes (CASTRO, 1992; HOLLANDA, 2004; ANTUNES, 2004; CAPRARO, 2007). Soma-se a tal fato, a aliança entre Getúlio Vargas e Samuel Wainer na fundação do jornal *Última Hora* (FERREIRA, 2008), onde Nelson Rodrigues escreveu os contos quase diários de *A Vida Como Ela É...*, entre os anos de 1951 e 1961, bem como algumas crônicas esportivas.

Assim, mesmo que Nelson Rodrigues buscasse uma postura não tão contundente em relação à política – tendo em vista o empastelamento do jornal do pai, com a Revolução de 1930 (CASTRO, 1992) –, acabava por coincidir com alguns dos ideais de unificação nacional que se iniciam com Vargas e se sobressaem com Juscelino Kubitschek. Tais elementos também eram debatidos pelos escritores com quem Rodrigues se relacionava, mas o diferencial do teatrólogo estava na emoção que sempre vinha atrelada a tais elementos.

Pois bem, são nas linhas de *Manchete Esportiva* que Nelson Rodrigues estabelece um estilo próprio de crônica, fazendo uma mescla de comentários sobre o jogo e observações comportamentais.

Eis outro motivo que justifica o exagero literário: se escrever crônicas esportivas era mais rentável que as peças censuradas, por que não levar a teatralidade ao futebol? É nesse sentido, lapidando os fatos futebolísticos, que o dramaturgo estabelece o esporte: naquilo que seria a limiar entre a imaginação e os

<sup>10</sup>Originalmente: *Manchete Esportiva*, 07 abr. 1956.

lances do jogo. Distorcendo e distanciando acontecimentos esportivos para enquadrá-los sob uma lógica de significação (SILVA, 1997). Nesse sentido, Marques sugere que, mais do que apenas textos, o autor de “Álbum de Família” produzia “narrativas de futebol”, de construção puramente literária.

Ora, Fátima Antunes (2004), ao analisar as constituições representativas de identidade nacional, também aponta para esse exagero, que, de acordo com a sua análise, é compatível à “teatralidade” impressa na crônica esportiva rodrigueana. O que faz muito sentido, porque:

Nelson não deixa de mostrar-se sensível às questões sociais, expondo as conseqüências da miséria no comportamento de suas criaturas, mas se apega particularmente aos mistérios insondáveis da aventura humana, ao sentido metafísico da finitude e suas implicações éticas, à razão de ser da passagem terrena (MAGALDI, 2010, p.191).

Não se pode esquecer que Nelson Rodrigues era um teatrólogo que, embora não fossem altos os rendimentos dos cronistas, via a crônica como uma renda extra, e, inevitavelmente, levaria a dramaticidade com que tratava os mistérios humanos para a subjetividade do futebol. Mais do que o jogo, ele buscava descrever os instintos do atleta que guiava a bola.

Assim, para Nelson Rodrigues, o futebol seria embasado na fantasia e estabelecido pelo exagero de que os pesquisadores anteriormente citados tratam. Independentemente do resultado do jogo, a criação se faz quanto à identidade brasileira que, uma vez reconhecida, traz a vitória, sendo, assim, o fator determinante para o resultado de uma partida. O que se altera nas crônicas de Rodrigues não é a dinâmica do jogo em si, mas os momentos do brasileiro, que definiam uma partida linda ou trágica.

## CONCLUSÕES

Cabe ressaltar que, de acordo com a análise de Antunes (2004), Rodrigues oscilou entre seus discursos, ora tratando o homem brasileiro como vencedor, ora falando da falta de organização que se refletia nos campos de futebol. Entretanto, sobretudo nos fins da década de 1950, o dramaturgo escrevia sobre o esporte de maneira solitária, uma vez que elaborava discursos ufanistas de apoio à seleção brasileira.

Nos estudos de Antunes (2004) e Marques (2000), pode-se perceber que a característica que difere Nelson Rodrigues dos demais cronistas da sua época – como Armando Nogueira, José Lins do Rego e Paulo Mendes Campos –, é exatamente a teatralidade que o autor imprime em seus textos. A marca do autor é exatamente essa autonomia artística, que sempre se faz presente em suas crônicas. Nesse sentido, a problemática de ambos os estudos se pauta na compreensão desta teatralidade, uma vez que, mantendo um forte compromisso com a estética textual, o autor de “Perdoa-me por me traíres” acaba por elaborar representações da nação brasileira, principalmente utilizando-se do futebol para tal.

Sendo assim, Marques (2000), que chama essa dramaticidade exagerada de “neobarroco”, defende que essa estética se estabelece na crônica rodrigueana pelo exagero textual, que tornaria o futebol mais importante do que os problemas sociais. Tal como já exposto, não se pode esquecer de que Nelson Rodrigues era um teatrólogo que via na crônica uma maneira de subsistência e, enquanto cronista, dedicava-se à crônica esportiva.

Ortiz (1994), ao tratar das diferentes abordagens dadas à identidade nacional, variando no decorrer de períodos distintos, estabelece dois aspectos importantes que determinariam o conceito da identidade brasileira: o regime político e a interpretação do autor. Ora, a identidade nacional seria, portanto, correspondente a propostas e ideologias do regime vigente; entretanto, ao mesmo tempo, estaria sujeita ao modo com que cada autor – intelectual ou literato – se posiciona diante de tais ideais.

Nesse sentido, a título de conclusão, infere-se que, em se tratando das crônicas esportivas, pode-se dizer que a identidade nacional, segundo Nelson Rodrigues, se estabelece como uma interpretação dos preceitos de Gilberto Freyre, proposta por Mário Filho. Mesmo que não referenciasse suas obras, de maneira explícita, Nelson Rodrigues era partidário do enaltecimento do homem brasileiro que, para ele, tinha no mestiço a perfeita representação. O mulato era a personificação de uma brasilidade definida pela criatividade, agilidade, ginga e alegria, elementos que, tal como exposto anteriormente, se faziam visíveis ao longo das partidas de futebol. Vez ou outra, ele transitava pelo “homem cordial” de Sergio Buarque de Holanda (CAPRARO, 2007), entretanto para criticar

a submissão do brasileiro, definida sob a figura do complexo de vira-latas, tão recorrente em seus textos, embora com atribuições que variam de acordo com a situação.

Pode-se supor que essa valorização do mulato, por meio do futebol brasileiro, estava mais vinculada a Mário Filho do que a Gilberto Freyre, e explica-se. Com a morte de Mário Rodrigues, em 1930, seguido pelo empastelamento do *Crítica*, a família Rodrigues enfrentou muitas dificuldades financeiras (CASTRO, 1992), tal como aponta Nelson, em uma de suas memórias:

Ninguém queria empregar os filhos de Mário Rodrigues. Em vida de meu pai e enquanto circulou a *Crítica*, tínhamos amigos por toda parte. Eu era tratado, desde os treze anos, como um pequeno gênio. Mas morto Mário Rodrigues e morta a *Crítica*, os rapapés sumiram até o último vestígio. Ninguém era amigo. E adquirir, naqueles dias, uma experiência de Balzac. Todo mundo tinha medo e ódio de meu pai. O ódio era amável, era risonho, era cínico por causa do medo (RODRIGUES, 1967. In: Rodrigues, 1993, p.111).

E seria Mário Filho o primeiro a conseguir um emprego, sendo contratado por Roberto Marinho para dirigir a página esportiva de *O Globo*, podendo assim auxiliar a família, bem como abrir caminho para seus irmãos.

Ficou assentado que, para dirigir a página de esporte de *O Globo*, Mário ganharia 550 mil-réis mensais. Para a época, era um salário de primeiríssima ordem. Eu não ganhava um tostão e continuava desempregado. Mas, para ajudar meu irmão, passei a trabalhar como qualquer funcionário de *O Globo* e mais que qualquer funcionário de *O Globo*. Chegávamos eu e o Mário às sete da manhã; e saíamos às cinco da tarde (RODRIGUES, 1967. In: Rodrigues, 1993, p.118).

Por algum tempo, Mário Filho foi o responsável por manter, financeiramente, a casa, tornando-se, posteriormente, um reconhecido jornalista esportivo. Sob essa nova posição de Mário Filho, Nelson Rodrigues mantém uma quase infundável admiração pelo irmão, não só pela ajuda em tempos difíceis, mas também pelo profissional que se tornara. Assim, sob a perspectiva psicanalítica, pode-se falar em uma transferência da figura paterna, após a morte de Mário Rodrigues, para Mário Filho. Nesse sentido, é possível que a

apropriação desse ideal de identidade se deu muito mais pelos vínculos afetivos (quase de louvor) em relação ao irmão, do que por influência direta (leitura das obras) de Freyre...

Meu Deus, gostaria de dar uma idéia da extensão, movimento e profundidade de sua obra. Quem era Mário Filho? Foi um desses homens fluviais, que nascem de vez em quando. Disse “fluvial” e explico: – imaginem um rio que banhasse e fertilizasse várias gerações. Assim foi Mário Filho. Durante quarenta anos, não houve cronista, não houve talento, vocação, em todo o Brasil, que não tenha sido por ele fecundado (RODRIGUES, 1967. In: Rodrigues, 1993, p.251).

Logo, sugere-se que Nelson Rodrigues, até de forma inconsciente, escrevia defendendo a polêmica teoria do irmão, de que o racismo se manifestaria apenas em situações adversas – como a derrota em 1950. O que sugere, ainda, que o livro de cabeceira do dramaturgo não era *Casa Grande & Senzala*, mas *O Negro no Futebol Brasileiro*.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, F. M. R. F. “**Com Brasileiro Não Há Quem Possa**”: futebol e identidade nacional em José Lins do rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.
- CANDIDO, A. et. al. **A Crônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Quieiroz, 2000.
- CAPRARO, A. M. **Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX**. Curitiba: Departamento de História da Universidade Federal do Paraná (Tese de Doutorado), 2007.
- CASTRO, R. **O Anjo Pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FACINA, A. **Santos e Canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- FERREIRA, G. *Crises da República: 1954, 1955, 1961*. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Org.). **O Brasil Republicano – O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe militar de 1964**. Livro 3. 2a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

GINZBURG, C. **Nenhuma ilha é uma ilha**: quatro visões da literatura inglesa. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

HELAL, R.; GORDON JR, C. Sociologia, História e Romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HOBSBAWM, E. **A era dos extremos – o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_; RENGER, T. (org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOLLANDA, B. B. B. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Dissertação em História – PUC-Rio, 2003.

MAGALDI, S. **Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MARQUES, J. C. **O Futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

OLIVEIRA, L. L. Sinais da Modernidade na Era Vargas: *vida literária, cinema e rádio*. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. A. N. (Org.). **O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estatismo**: do início da década de 1930 ao apogeu do estado Novo. Livro 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ORTIZ, R. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEREIRA, V. H. A. **A Musa Carrancuda**: teatro e poder no Estado Novo. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SANTOS, Natasha. **Freud explicaria isso?** Os sentimentos e ressentimentos do futebol em Nelson Rodrigues (1951-1970). Curitiba, 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 2012.

SILVA, M. R. **O Mundo do Futebol nas Crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação em Letras – UFMG, 1997.

SOARES, A. J. Futebol Brasileiro e Sociedade: a Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre. In: **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Clacso, 2003.

SOUZA, M. F. P. S. F. **Nelson Rodrigues – inventário ilustrado e recepção crítica comentada dos escritos do Anjo Pornográfico**. Tese em Letras – UFRJ, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Menina Sem Estrela: Memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Pátria em Chuteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Berro Impresso das Manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

## FONTES

RODRIGUES, Nelson. **Meu irmão Mario Filho**. Rio de Janeiro: Jornal Última Hora, 13 set. 1955, p.8.

**POLÍTICA, JORNALISMO, IDENTIDADE E FUTEBOL: ANÁLISE DAS CRÔNICAS DO *JORNAL DOS SPORTS* SOBRE A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NAS COPAS DO MUNDO REALIZADAS NA DÉCADA DE 1950**

**POLITICS, JOURNALISM, IDENTITY AND SOCCER: ANALYSIS OF THE *JORNAL DOS SPORTS*' CHRONICLES ABOUT THE BRAZILIAN PARTICIPATION IN THE WORLD CUPS OCCURRED IN THE 1950'S**

**Ana Flávia Braun Vieira\***  
**Miguel Archanjo de Freitas Junior\*\***  
**Bruno José Gabriel\*\*\***

**RESUMO**

Este trabalho propõe um estudo contextual das crônicas do *Jornal dos Sports* acerca da atuação da seleção brasileira nas Copas do Mundo de Futebol realizadas na década de 1950. O sentido em analisar o discurso dos cronistas sobre a participação do Brasil nas Copas ocorridas durante a década de 1950 é o de procurar entender como a interseção entre o contexto político nacional, jornalismo, identidade e futebol colaborou na construção discursiva de um imaginário acerca da seleção e da nação. Com esta investigação, que levou em consideração para a análise questões estruturais mais amplas do campo político e midiático tensionadas pela autonomia discursiva dos cronistas, foi possível compreender que a relevância que ainda hoje é dada a uma ou outra participação do selecionado nas Copas realizadas na década de 1950 está, entre outros motivos, relacionada ao imaginário construído por estas crônicas, que produziram sentidos que vem sendo herdados de geração em geração.

**Palavras-chave:** Política. Jornalismo. *Jornal dos Sports*. Identidade. Futebol.

**ABSTRACT**

This paper proposes a contextual study of the *Jornal dos Sports*' chronicles about the Brazilian Team in the Football World Cups that occurred in the 1950's. The meaning in analyze the chroniclers' speech about the Brasil's participation in the Cups of 1950, 1954 and 1958 is try to understand how the intersection among nacional political context, journalism, identity and soccer collaborated in the discursive construction of a imaginary about the football team and the nation. With this investigation, which took into account for the analysis broader structural issues of the political and media field tensioned by the chroniclers' discursive autonomy, was possible to understand that the relevance which still today is given to a one or another brazilian's football team participation in the Cups realized in the decade of 1950, among others reasons, is related to the imaginary built by these chronicles, which produced meanings that have been inherited from generation to generation.

**Keywords:** Politics. Journalism. *Jornal dos Sports*. Identity. Soccer.

\* Formada em História, mestre e doutoranda em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

\*\* Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná e professor do Programa Stricto Sensu de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

\*\*\* Formado em Educação Física, mestre e doutorando em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade brasileira da década de 1950 experimentou inúmeras transformações em sua organização política, econômica e cultural. A redemocratização, a progressiva abertura ao capital estrangeiro, a crescente urbanização e industrialização foram alguns dos fatores que contribuíram para mudanças estruturais no país, marcadas pelo esgotamento de políticas nacionalistas e a emergência do nacional-desenvolvimentismo. Neste período, entre os mandatos de Eurico Gaspar Dutra, Getúlio Vargas, Café Filho e Juscelino Kubitschek, foram realizadas 03 Copas do Mundo de Futebol.

No Brasil a identificação entre a população e o futebol data do início do século XX (RIBEIRO, 2003) e foi sendo incrementada conforme os usos feitos desta atividade, inclusive na esfera política. Como exemplo, é possível citar o projeto nacionalista do governo Vargas, que se utilizou de práticas populares para forjar um núcleo cultural comum, uma identidade para todos os brasileiros. De acordo com Parada (2007), “diversas instâncias foram mobilizadas, na maioria das vezes com alguma sincronia, nesse esforço de redefinição da nacionalidade” (PARADA, 2007, p.36). Neste sentido, acredita-se que, de maneira interdependente, os campos político, com destaque para a questão identitária, o jornalístico e o futebolístico comungavam e produziam sentidos em relação ao que se entendia sobre o Brasil e o que era ser brasileiro, o papel dos meios de comunicação e a importância do futebol para o sentimento de pertença nacional.

Partindo desse pressuposto, este trabalho propõe um estudo contextual da interseção entre as instâncias supracitadas, observando como foram produzidos os sentidos oriundos desta relação e que colaboraram na formação de um imaginário coletivo acerca da participação brasileira nas Copas do Mundo. Assim, considerando que “o futebol e as conquistas das Copas do Mundo são pontos de referência para a construção de uma história positiva do Brasil” (DaMatta, 1982), optou-se por analisar as crônicas do *Jornal dos Sports (JS)* sobre a participação brasileira nas Copas do Mundo de Futebol realizadas na década de 1950, articulando as visões de mundo presentes na imaginação criadora do jornalista sobre o futebol em relação ao meio em que estava inserido.

Os cronistas do periódico carioca entendiam que o âmbito futebolístico era um dos poucos elementos da cultura nacional livre da interferência de valores estrangeiros e seria nesta esfera que o país poderia competir em condições de igualdade com as demais nações. Neste sentido, por intermédio das crônicas, foi sendo construído um imaginário de que o Brasil seria, finalmente, reconhecido no cenário mundial quando se tornasse campeão da Copa do Mundo de Futebol. Esta vitória seria representativa do potencial nacional nos diversos âmbitos, para além do esportivo. Assim, por ser livre de influências externas, no futebol seria possível perceber os elementos mais característicos da identidade brasileira<sup>1</sup>.

A questão identitária é presente na documentação aqui analisada, a partir da qual é possível afirmar que os cronistas do *JS* buscavam apresentar aos seus leitores uma representação<sup>2</sup> identitária idealizada, influenciando na construção de um imaginário coletivo<sup>3</sup> que relacionou o pertencimento nacional ao futebol – premissa reforçada nos momentos de Copa do Mundo.

De acordo com Barbosa (2007), a construção de um projeto de identidade nacional, iniciado em 1930 e crescente nas décadas seguintes, se valeu de formulações discursivas e ideológicas efetivadas com o auxílio dos periódicos. Enquanto campo de relativa autonomia – porque nele convergem questões estruturais globais e locais que influenciam na capacidade discursiva individual – o jornalismo é mediador entre o acontecimento e a história. Sua eficácia na construção de sentidos está relacionada às convenções de veracidade que contribuem para que seja “acreditado como verídico por antecipação” (BARBOSA, 2007).

<sup>1</sup> O conceito de identidade empregado neste trabalho corrobora com a visão apresentada por Pollak (1992), que o definiu enquanto “... o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria (...) para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros” (POLLAK, 1992). A esta definição é importante acrescentar a ideia de que a identidade pode ser também criada, organizada e sistematizada, não apenas por agentes individuais e instituições, mas também por projetos nacionalistas e desenvolvimentistas.

<sup>2</sup> De acordo com Chartier (1990), “a representação não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele. A representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão. As representações dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apreendem como naturais, dispensando a reflexão” (CHARTIER, 1990, p.38-39).

<sup>3</sup> De acordo com Dürkheim (1989), imaginário coletivo é o “conjunto das crenças e dos sentidos comuns a média de membros de uma mesma sociedade, que forma um sistema determinado com vida própria” (DÜRKHEIM, 1989, p.32).

Aliada a esta questão, a escolha do *JS* está relacionada ao seu capital no campo esportivo, aos seus cronistas e ao contexto nos quais produziram sentidos. Ademais, além de ter sido um dos primeiros jornais a noticiar o esporte, era produzido no Rio de Janeiro, Capital da República no período aqui analisado. Este fator é significativo tanto em relação ao campo esportivo, quanto ao midiático, afinal, o Rio de Janeiro “era um dos Estados mais importantes na estrutura do futebol brasileiro” (FREITAS JUNIOR, 2009, p.04) e possuía um conglomerado midiático (BARBOSA, 2007) que servia de referente aos meios de comunicação espalhados pelo país.

Somado a este fator, os cronistas, em sua maioria, eram agentes diretamente ligados aos principais órgãos administrativos do futebol brasileiro, o que os proporcionou informações privilegiadas, em comparação aos impressos concorrentes. Entre esses colaboradores, destacam-se: José Lins do Rego, Manuel do Nascimento de Vargas Netto e Nelson Falcão Rodrigues, entre outros. Para Barbosa (2007), os intelectuais dos grupos dirigentes e a imprensa foram fundamentais na orientação do povo e na apresentação de preceitos nacionais.

A opção pelas crônicas, em detrimento de outros gêneros jornalísticos, tem relação com sua característica híbrida. Neste tipo de literatura, o real serve de referência para o escritor, mas nem por isso o que escreve é a realidade. Tratam-se de representações simbólicas sobre a vida, estando contida de valores sociais, culturais e ideológicos que o autor e seu grupo trazem consigo. Assim, seguindo as orientações de Candido (1992), a análise será realizada considerando aspectos autorais e contextuais, relacionando-os.

O índice para a composição do conjunto documental para a análise foi a relação entre futebol e identidade nacional. Isso significa dizer que este artigo não irá explicitar a cronologia dos episódios relativos à participação da seleção brasileira nas Copas de 1950, 1954 e 1958. Serão analisados somente os eventos relacionados pelos cronistas às questões identitárias nacionais. Neste sentido, foram também incorporadas à análise – porque produziram sentidos para a interpretação da atuação brasileira e pertencimento nacional durante as Copas – os escritos sobre campeonatos e amistosos que a seleção participou ao longo da década de 1950.

É fundamental destacar que entre os próprios cronistas haviam contradições, entretanto, seus discursos eram “eivados de valores tradicionais, representados nas crônicas por meio do saudosismo, da paixão, do improvisado, do individualismo, da malícia, da ginga, enfim, de atributos que, para os escritores, expressavam a autenticidade do povo brasileiro” (FREITAS JUNIOR, 2009, p.05). Isto significa dizer que, por mais que as posturas entre os cronistas não fossem homogêneas, estes eram cindidos pelos diversos campos dos quais eram produtos e produtores, deixando expressos em seus textos os atributos do povo brasileiro<sup>4</sup>. Diante de algumas posturas divergentes, a análise privilegiou os posicionamentos mais recorrentes nas crônicas do *JS*.

### IDENTIDADE BRASILEIRA: UMA NOÇÃO CONSTRUÍDA

Para a compreensão do imaginário construído pelas crônicas esportivas sobre a participação brasileira nas Copas do Mundo na década de 1950 em relação à identidade nacional e o futebol, faz-se necessário um recuo histórico à década de 1930 e aos processos que construíram elementos da identidade brasileira.

Ao estudar os processos que compõem a história do Brasil é possível perceber que foi a partir da década de 1930, sob as orientações do então Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas, que a constituição da identidade nacional ganhou impulso (FAUSTO, 2015). Antes de ser uma manifestação genuinamente popular, esta foi cooptada para um projeto político nacionalista. Tal projeto estava pautado na premissa de que indivíduos isolados não formavam uma nação. Assim, sendo o Brasil um país tão grande e de discrepâncias culturais, o grupo político interessado em manter-se no poder entendia ser necessário forjar um núcleo cultural comum, que servisse para a identificação de todos.

Para Ribeiro (2003), a criação de uma identidade para o povo brasileiro foi

um processo ideológico e doutrinário que pressupunha repensar a sociedade como um todo, dando-lhe

<sup>4</sup> A este respeito Freitas Junior (2009) escreveu: “tais discursos estavam em consonância com uma cultura política, que buscavam auxiliar a criação de um imaginário desenvolvimentista e modernizador para o Brasil e que tinha a cultura como um dos seus eixos reflexivos centrais” (FREITAS JUNIOR, 2009, p.07).

uma nova fundação. No mesmo movimento que elaboravam o ideário de um passado de crise e de ausência de identidade, davam organicidade à nação definindo elementos como povo e nação (RIBEIRO, 2003, s/p).

Nesse sentido, diversas manifestações culturais populares foram incorporadas ao projeto do governo e incentivadas pelos intelectuais enquanto práticas comuns aos cidadãos como elemento caracterizador da nacionalidade brasileira.

De acordo com Barbosa (2007), este projeto político era centralizador e monolítico. Esta autora afirma que este regime criou “condições favoráveis para a autonomia da sociedade política, instituindo mecanismos para fortalecimento do poder do Estado, aperfeiçoando formas de controle das diferentes esferas da vida social, multiplicando as ações no sentido de se consolidar nacionalmente (BARBOSA, 2007, p.106). Com esta perspectiva, o Estado “não poderia se manter alheio ao fenômeno social que movimentava milhões de brasileiros” (NEGREIROS, 2003, p.128). Assim, ao lado de manifestações musicais, folclóricas e artísticas, o futebol foi utilizado como um fator de coesão nacional<sup>5</sup>.

De acordo com Ribeiro (2003), ‘marcados de maneira significativa pela presença de uma massa de europeus que migravam desde o final do século XIX, os primeiros clubes de futebol surgiram no Brasil no início do século XX’ (RIBEIRO, 2003, s/p) e este esporte passou a ser bem visto por parte da elite dirigente: para fins políticos os desportos serviriam para atenuar as tensões do momento<sup>6</sup>. Com a popularização deste esporte ao longo das primeiras décadas do século XX, enquanto um fenômeno de massa, o futebol passou a ser entendido como um elemento fundamental “na construção da identidade nacional brasileira, na medida em que foi se transformando numa “paixão nacional”, compondo de maneira significativa o mosaico da cultura política nacional” (RIBEIRO, 2003, s/p).

<sup>5</sup> Sobre a interseção entre política e futebol neste momento histórico, Negreiros (2003) escreveu que não é possível detectar claramente os usos do futebol nas diferentes esferas do governo para a manutenção da ordem política vigente. Entretanto, afirmou ser perceptível que “o futebol desse período era considerado como colaborador, no sentido de reforçar a ideia de construção de uma identidade nacional” (NEGREIROS, 2003, p.130).

<sup>6</sup> Ribeiro (2003) entende que tais tensões eram oriundas de pressões do capital internacional e dos conflitos pós 1888 e o surgimento de um mercado de trabalho livre.

No debate intelectual da década de 1930, do qual destacam-se as considerações de Gilberto Freyre, o futebol servia como exemplo e reforço de preceitos nacionais, especialmente em relação à identidade brasileira pautada na miscigenação (CAPRARO; SANTOS; LISE, 2012, p.03). O caráter híbrido da população brasileira foi abordado nas crônicas esportivas do JS, para “mostrar que a miscigenação criou um tipo de homem que apresentava características fundamentais para que se pudesse obter sucesso nesse esporte, em que as situações poderiam ser resolvidas por meio da malícia, da ginga, da esperteza, da criatividade...” (FREITAS JUNIOR, 2009, p.06). À interpretação de cada autor, elementos da “democracia racial” faziam-se presentes em parte da crônica esportiva. Tais elementos também foram incorporados nos intentos nacionalistas do governo Vargas.

No projeto getulista o esporte era entendido como uma das peças chaves para a transformação do brasileiro e para a superação de dificuldades políticas. Em declarações para João Lyra Filho, Getúlio Vargas ponderou sobre a relação esporte e sociedade: “a paixão desportiva tem poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas, ou pelo menos para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas (...) É preciso coordenar e disciplinar essas forças, que se avigoram a unidade da consciência nacional” (Guterman, 2014, p.71). Para auxiliar nestes intentos, foi criado pelo governo departamento específico para a propaganda e difusão cultural.

No período em que Vargas esteve na presidência os meios de comunicação foram importantes instrumentos para a divulgação das ações governamentais e um veículo de controle social. As transmissões esportivas e os impressos contribuíram para a ampliação de sua abrangência e efeitos entre as camadas populares. De acordo com Guterman (2014),

A criação de mitos e heróis pelo rádio esportivo, e posteriormente pela imprensa em geral, ajudou a formatar o caráter nacionalista e épico atribuído ao futebol. A seleção brasileira começava a representar a pátria, e o futebol, em geral, era uma robusta manifestação de brasilidade (GUTERMAN, 2014, p.75).

O aspecto positivo de cidadania presente no futebol<sup>7</sup> contribuiu para a adesão popular a este esporte e às representações nele envolvidas. Assim, este esporte se transformou em uma forma de afirmação da superioridade nacional e elemento caracterizador da “brasilidade”: se em outros aspectos, como políticos e econômicos, os brasileiros sentiam-se inferiores em comparação aos países desenvolvidos da Europa, no futebol era possível demonstrar pujança. Neste sentido, a participação positiva em Copas do Mundo poderia conotar outro capital para o país, visto que internacionalmente e entre as elites locais o Brasil ainda era percebido como um lugar povoado por mestiços de pouca cultura.

Esta associação entre vitória no campo e, por extensão, fora dele, adentrou o imaginário popular e estendeu-se ao longo dos anos, variando de intensidade de acordo com o momento político nacional e as representações deste pelos periódicos, como o *Jornal dos Sports*.

#### **O JORNAL DOS SPORTS E A CONSTRUÇÃO DE UMA REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA IDEALIZADA**

Os elementos que compõem as características do “ser brasileiro” são oriundos de um processo de construção de sentidos no espaço social, “que são constantemente organizados e reorganizados tanto interna quanto externamente” (LOPES, 2007, p.140). Tais rearranjos ocorrem por intermédio do contato com diferentes agentes, atribuindo significados à constituição identitária. Portanto, a identidade não é estável ou homogênea. Esta se edifica sob os pilares de uma estrutura política, econômica, social, cultural – e por que não narrativa? –, que também são mutáveis. Desta forma, a formação identitária se dá a partir de rupturas e permanências estruturais tencionadas em relação ao local/grupo/indivíduo.

Nos processos constitutivos identitários, um dos agentes que merece destaque são os periódicos, por sua eficácia na construção de sentidos em relação a outros meios de comunicação de massa, uma vez que, por sua durabilidade material, as narrativas extrapolam o tempo e o espaço de construção. Por este motivo, os impressos podem ser considerados *lugares de memória* (NORA, 2003) porque servem “não apenas

como cristalizador[es] de uma memória nacional, mas onde se pode perceber as dimensões do vivido, que se manifestam a partir de sua forma e de seu conteúdo” (SANTOS, 2002, p.74). Logo, possuem a capacidade de criar memórias a partir do conteúdo selecionado e publicado, interferindo nos processos identitários<sup>8</sup>. Ao mesmo tempo, podem contribuir ao esquecimento quando deixam de narrar determinados episódios ou pela forma como os abordam.

Por este ângulo, entende-se que a importância dos impressos se encontra na produção de representações sobre uma determinada história e uma memória: “ao mediar a relação dos sujeitos com as transformações do seu cotidiano, produzem no âmbito do senso comum sentidos para os processos históricos nos quais esses sujeitos estão inseridos, da mesma forma que participam da constituição das próprias subjetividades” (RIBEIRO; FERREIRA, 2007, p.07).

No campo esportivo, um dos veículos de comunicação que apresentava significativo capital simbólico e que contribuiu na construção de sentidos sobre a identidade nacional relacionada ao futebol foi o *Jornal dos Sports*. O diário carioca foi um dos primeiros jornais brasileiros destinados somente a noticiar o esporte.

Este periódico “inaugurava uma nova forma de comunicação entre as práticas esportivas e a camada de pessoas da sociedade que cada vez mais ansiava por informações e histórias sobre esporte, saúde e atividades físicas” (COUTO, 2016, p. 110). Sua fundação, no início da década de 1930, coincide com o processo de ampliação dos interesses pelo esporte, inclusive no plano político. Sobre isto Couto (2016) escreveu:

Os esportes, então, tornavam-se um caminho para o fortalecimento desta política ideológica do Estado, tendo em vista sua capacidade de aglutinar elementos nacionalistas com as sensibilidades e interesses emotivos da população, sem falar nas possibilidades de lazer e entretenimento. Desta forma, uma imprensa que pudesse alinhar a ideologia do Estado getulista com a possibilidade de criar uma cobertura diária dos esportes poderia ser um investimento de longo prazo (COUTO, 2016, p. 112).

<sup>7</sup> Para DaMatta (1982), o esporte teria a capacidade de criar um sentimento de igualdade momentânea entre todos os brasileiros.

<sup>8</sup> A memória é uma dimensão fundamental da identidade. De acordo com Lopes (2007), “muito do que dizemos de nós mesmo ou do que os outros dizem de nós se constrói a partir de lembranças. Por isso, a memória é um atributo de suma importância” (LOPES, 2007, p.145).

Isto não significa dizer que o que os cronistas escreviam visava apenas atender questões políticas mais amplas. Apesar da linha editorial do *JS* não ser opositora ao governo, é necessário considerar que seus jornalistas eram brasileiros e que as contradições vivenciadas no tecido intelectual e popular do país também se faziam presentes em seus textos (RIBEIRO, 2012, p.42). Entretanto, este fator não minimiza a colaboração da imprensa na formação do imaginário coletivo sobre o futebol. Para Santos (2012), “a postura desses cronistas era transmitida a todas as camadas da sociedade, reafirmando o esporte como um ponto essencial da identidade do país” (SANTOS, 2012, p.104).

Neste ponto é importante ponderar que se trata da construção de uma representação identitária idealizada por um grupo específico, o que não significa, necessariamente, que todos os brasileiros entendiam a questão da forma que a apresentada pelos cronistas. Entretanto, além de ser um dos poucos periódicos especializados na temática, o *JS*, por se localizar na capital federal, possuía um potencial de influência maior, em comparação com impressos de outras regiões do país. Ademais, é necessário acrescentar a esta discussão alguns aspectos relativos ao campo jornalístico.

No período aqui analisado o campo jornalístico estava sendo formado, pautado especialmente nos valores de neutralidade, imparcialidade e objetividade. A construção desse processo de credibilidade na exposição dos fatos que o jornal foi ganhando socialmente desde o início do século – a partir das narrativas organizadas pela própria comunidade jornalística – teve sua consolidação por volta da década de 1950. Barbosa (2007) afirma que essa mítica “é fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor” (BARBOSA, 2007, p.150). A esse respeito, Barbosa (2007) citando o trabalho de Ana Paula Goulart Ribeiro (2000, p.08), escreveu:

A modernização gráfica, editorial, linguística e empresarial dos jornais (...) apresenta para a imprensa a instauração de um lugar institucional que lhe permite, a partir de então, enunciar as verdades dos acontecimentos de forma oficializada e se constituir como registro factual por excelência. Para a pesquisadora [Ana Paula Goulart Ribeiro], a partir desse momento, o jornalismo se afirma como fala autori-

zada em relação à constituição do real. O discurso jornalístico se reveste da aura de fidelidade aos fatos, o que lhe confere considerável poder simbólico (BARBOSA, 2007, p.150-151).

Partindo desse pressuposto é possível dizer que o discurso jornalístico fazia entender sua prática como uma representação exata da realidade. Logo, a credibilidade das palavras publicadas nos jornais formava e cristalizava visões sobre o real. Mesmo as crônicas sendo repletas de considerações e opiniões pessoais daqueles que as escreviam, pelo simples fato de terem sido publicadas em um jornal, tinham seu discurso autorizado, aumentando sua capacidade de influenciar na formação do imaginário coletivo em relação ao futebol e pertencimento. Assim, quando os cronistas do *JS* escreviam sobre futebol, ser brasileiro, o significado das Copas do Mundo e sobre a imagem do Brasil colaboravam à percepção popular em relação aos sentidos da identidade nacional.

Estas escolhas em relação ao que noticiar pertenciam a um pano de fundo nacional comum. Nenhum jornal seria capaz de impor uma visão de mundo aos seus leitores tratando de temas alheios aos mesmos, afinal, é a relação entre texto e contexto que o torna inteligível. A este respeito Melo (2007) escreveu:

o jornalismo possui uma ‘relativa autonomia’ em relação ao sistema que se insere, já que possui um ‘modus operandi’ próprio que se superpõe e interage com o sistema. Dessa forma não corremos o risco nem de superestimar o poder da mídia – que é condicionada culturalmente – nem muito menos menosprezamos sua importância – já que possui relativa autonomia no sistema social além de ter uma posição institucionalmente importante e reconhecida nele (MELO, 2007, p.02).

Nesta relação dialética, os cronistas do *JS* não apenas reproduziam, mas também alimentavam o sistema ideológico e cultural. O que se publicava, apesar de muitas vezes ser lido como um reflexo no espelho, era uma representação, na qual vários fatores interferiam em suas construções discursivas: “Ao produzir um texto, o profissional, ao mesmo tempo, imprime nele algumas marcas pessoais e reproduz modelos já estruturados pela coletividade” (LOPES, 2007, p.140). Assim, se por um lado os cronistas tinham autonomia literária para escrever, por outro estavam inscritos nos limites da linha editorial do jornal, de

seus pares, da ideologia de seu grupo; nas lógicas do campo futebolístico; e nas estruturas políticas nacionais. Seus escritos eram resultantes deste conjunto.

A título de exemplo é possível citar o uso recorrente de palavras como “nação”, “progresso” e “pátria”, o que demonstra uma consonância de ideias com a política nacionalista. Segundo Couto (2016), um dos objetivos do periódico era tornar os esportes comerciais. Este intento demonstra a estreita relação entre a busca por legitimidade no campo jornalístico e o reforço aos preceitos políticos nacionalistas vigentes por meio do esporte, com destaque para o futebol. Este, por sua vez, ao ser caracterizado como um elemento da identidade nacional, tem sua importância legitimada pela imprensa e pela política, estabelecendo, assim, uma rede interdependente de fatores que podem ter contribuído para que determinadas representações sobre as Copas do Mundo realizadas na década de 1950 produzam sentidos nos dias atuais.

### REPRESENTAÇÕES DAS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL DA DÉCADA DE 1950 NO JORNAL DO SPORTS

Considerando a história um processo formado por rupturas e permanências, as ações políticas anteriores promovem sentidos em relação as atuais. Assim, as noções identitárias relativas ao futebol formuladas de 1930 a 1945 foram ganhando novas representações, inclusive midiáticas, ao longo do contexto político da década de 1950.

Neste período o espaço da crônica no *JS* não era restrito à descrição de questões relativas ao futebol, mas os cronistas, ao escrever sobre ele, englobavam debates sobre a sociedade brasileira e pertencimento. Neste sentido, torna-se pertinente a análise dos posicionamentos elementares da crônica do *JS* ao longo da década de 1950, relacionando-a com o campo político, identitário e futebolístico, observando como esta relação contribuiu na formação de um imaginário acerca da participação brasileira nas Copas do Mundo de Futebol realizadas na década de 1950.

#### A copa do brasil (1950)

Entre os anos de 1946 e 1951 Eurico Gaspar Dutra foi Presidente do Brasil. Destaca-se em sua trajetória política a atuação como Ministro da Guerra

no Governo de Getúlio Vargas e seu apoio ao golpe de 1937. Por sua vez, contou com o apoio de Vargas quando de sua candidatura à presidência da república, tendo rompido com o mesmo após sua eleição<sup>9</sup>. De acordo com Fausto (2015), em sua gestão Dutra optou pelo modelo liberal-democrático, apesar de, em alguns pontos, ainda representar a continuidade do modelo corporativo de Vargas, especialmente em relação à organização dos trabalhadores.

Sua postura liberal, aliada à redução da intervenção estatal, colaborou para que a situação econômica do país fosse favorável. A partir de junho de 1947 passou a estimular a produção para o mercado interno, incentivando a industrialização<sup>10</sup>. E foi nesse contexto de otimismo econômico que a sociedade brasileira recebeu a notícia que a Copa do Mundo de Futebol de 1950 seria realizada em casa.

A possibilidade de sediar o evento atende a questões políticas nacionais. Visando intensificar suas relações no mercado internacional, a realização da competição no Brasil foi uma forma de atrair as atenções mundiais para o país. Entretanto, era necessária a criação de toda uma estrutura para receber um evento desta dimensão. Neste sentido, foram iniciados os primeiros debates acerca da construção do estádio que, à época, seria o maior do mundo. No campo jornalístico, a maioria dos cronistas do *JS* apresentavam-se favoráveis à construção. Entre outras iniciativas visando o apoio popular na empreitada, destacam-se duas campanhas organizadas pelos cronistas Mario Filho e Geraldo Romualdo da Silva<sup>11</sup> – que buscava construir uma relação entre o estádio e a credibilidade depositada no Brasil.

O próprio processo de construção do estádio foi utilizado enquanto estratégia discursiva na produção de sentimentos nacionais. Os cronistas do *JS* utilizaram um fato ocorrido durante a construção do Estádio, como exemplo do sentimento patriótico que acompanhava o povo brasileiro. Esse acontecimento foi protagonizado por um operário chamado Alcebíades

<sup>9</sup> Disponível em: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/dutra-eurico-gaspar>. Acessado em: 15.06.2017.

<sup>10</sup> Tendo como referência o ano de 1947, entre 1948 e 1950 o Produto Interno Bruto cresceu, em média, 8% ano.

<sup>11</sup> A campanha criada a favor da construção do Estádio Municipal contou também com a participação de articulistas de grande capital simbólico, tais como: Manuel do Nascimento Vargas Netto, sobrinho de Getúlio Vargas e presidente da Federação Metropolitana de Futebol do Rio de Janeiro; João Lyra Filho, que naquele momento era presidente do Conselho Nacional dos Desportos (CND) e também Secretário de Finanças do Distrito Federal.

de Souza Filho, que se atirou sobre um botijão de gás para evitar que ele explodisse. Quando questionado sobre o motivo de ter tomado tal atitude, considerada heroica, ele respondeu: “A minha vida valia muito menos do que as outras e o Estádio Municipal muito mais. Francamente pelo estádio eu correria o risco outra vez. O Brasil não pode fazer feio”<sup>12</sup>. Este episódio foi utilizado pelos cronistas favoráveis ao estádio como fato representante do desejo e da união do povo.

Mesmo com as campanhas promovidas por alguns cronistas do *JS*, havia posicionamentos dissonantes. Dadas as condições estruturais do país, Maurício Medeiros escreveu sobre a necessidade de investimentos em saúde e educação<sup>13</sup>, como prioridade em relação à construção do estádio. Em uma de suas crônicas Vargas Netto contrapôs estes argumentos:

[...] o conforto que o estádio vai proporcionar ao torcedor vai diminuir a necessidade da construção de tantos hospitais. [...] Não vamos voltar ao velho slogan de que o Brasil é um vasto hospital. O Brasil não é só isso, pessimistas perniciosos! O Brasil também é graça da juventude, da força dos atletas, da musculatura do trabalho, da malícia de um povo que sabe sorrir dos falsos apóstolos<sup>14</sup>.

As estratégias discursivas utilizadas pelos cronistas pró-estádio apelavam aos sentimentos e reforçavam questões identitárias brasileiras relativas ao estádio. Ou seja, a construção de algo de tamanho relevo seria motivo de orgulho para os brasileiros e para o país, especialmente porque, segundo a crônica esportiva, a realização deste evento de maneira satisfatória poderia significar a primeira vitória no Brasil frente as demais nações. Neste sentido, os cronistas defendiam que somente com o esforço e união de todos os brasileiros seria possível demonstrar ao mundo a realidade brasileira em processo de modernização<sup>15</sup>. Esta ligação entre estádio e povo brasileiro era

recorrente no *JS*. A título de exemplo é possível citar uma crônica de José Lins do Rego, em que descreveu o Estádio Municipal como um “empreendimento de feição e características eminentemente populares”<sup>16</sup>.

No que tange a identidade brasileira, os cronistas também se demonstravam preocupados com a forma como os europeus percebiam o Brasil, que ainda era visto como um país agrícola, cheio de matas, indígenas e animais. As representações negativas do país feitas por jornalistas correspondentes estrangeiros foram duramente criticadas pelos cronistas esportivos, que ficaram indignados com os relatos, que iam na contramão das aspirações políticas e midiáticas da época. Sobre estas publicações Vargas Netto escreveu: “Nem como ficção presta!”<sup>17</sup>. Em resposta foi também publicada uma crônica intitulada “As ervas da vitória”<sup>18</sup>, aproveitando a oportunidade para valorizar as riquezas naturais do país.

Os resultados dos jogos eliminatórios e amistosos para a Copa levaram a torcida brasileira a questionar o desempenho nacional. Diante disto, tem-se início uma tentativa do *JS* em fazer com que o povo/torcida se tornasse símbolo identitário do futebol nacional. O apelo às emoções, a presença dos sentimentos era recorrente nas crônicas do periódico e atribuíam ares de dramaticidade para os jogos. Mario Pollo (cronista do *Jornal dos Sports* e chefe da delegação brasileira na Copa de 1950) convocou o torcedor carioca para aplaudir o selecionado, apoiando a equipe nessa hora de necessidade<sup>19</sup>. Busca-se criar um imaginário de que a torcida possuiria parcela de responsabilidade nos resultados dos jogos.

O recurso às paixões da torcida aumentava esta identificação entre a população e o futebol:

os jogadores receberão desde a entrada em campo a manifestação de confiança e apreço (...) Este triunfo tem que ser conquistado pelos jogadores e pelo povo. Em nenhum momento a torcida poderá desassociar-se dos lutadores em campo<sup>20</sup>.

<sup>12</sup> JORNAL DOS SPORTS. Ato heróico. Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1948, p. 03.

<sup>13</sup> MEDEIROS, Maurício. Prioridades do Rio de Janeiro. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 01 de junho de 1947.

<sup>14</sup> VARGAS NETTO, Manunel do Nascimento. *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, 03 de junho de 1947.

<sup>15</sup> Este posicionamento sintetiza a ideia de um recálculo brasileiro, especialmente em relação aos países desenvolvidos – algo que não era exclusividade do campo esportivo. Existia uma grande indignação, especialmente por parte dos cronistas esportivos, que não entendiam como os europeus poderiam ignorar um país que apresentava “o melhor futebol do planeta”. É importante lembrar que na década de 1950 o Brasil realizou investimentos em diversas áreas, visando superar o subdesenvolvimento.

<sup>16</sup> JORNAL DOS SPORTS. Cadeiras cativas. Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1950, p.01.

<sup>17</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Vitória dupla. Rio de Janeiro: *Jornal dos Sports*, 4 de julho de 1950, p.05.

<sup>18</sup> JORNAL DOS SPORTS. As ervas da vitória. Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1949.

<sup>19</sup> POLLO, Mario. Unamo-nos todos pelo Brasil. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 1 de julho de 1950, p.5.

<sup>20</sup> POLLO, Mario. Unamo-nos todos pelo Brasil. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 1 de julho de 1950, p.5.

A vitória em campo seria também a vitória da população. A participação da torcida seria como uma “alavanca moral no ânimo dos desportivo dos atletas”<sup>21</sup>.

A esse respeito, os cronistas do *JS*, cada qual a sua maneira, procuravam demonstrar que havia sido criado um sentimento de união em torno dos jogos da seleção brasileira. Em seus textos eram suplantadas as diferenças culturais e sociais, produzindo efeitos de sentido para a formação de uma nação una, com um traço marcante: a paixão pelo futebol. A este respeito Vargas Netto escreveu: “nessa hora culminante para a nossa trajetória, em todo o Brasil terão os olhos, os ouvidos, os corações, os temores, os sentimentos e os anseios postos em vocês”<sup>22</sup>.

Por este motivo, autoproclamando-se porta voz das massas trabalhadoras, o jornal solicitava aos donos de comércio e indústrias que encerrassem mais cedo as suas atividades, de maneira que o público pudesse prestigiar o jogo do selecionado: “assim sendo, interpretando o pensamento da imensa massa de torcedor do Rio, o *Jornal dos Sports*, faz um apelo aos poderes competentes (...) para que siga o exemplo do que já foi espontaneamente feito pelo prefeito”<sup>23</sup>. Mario Filho escreveu que a maciça presença do povo no estádio era a maior prova de que eles acreditavam no Brasil e aproveitou para reforçar seu discurso sobre a relação criada entre a população e o estádio de futebol. Este era visto como um local propício para o encontro de diferentes pessoas, que tinham a possibilidade de vivenciar momentos de democracia, expressando os seus sentimentos autênticos e unidos em torno da expectativa de uma vitória brasileira<sup>24</sup>.

As crônicas publicadas no *JS* colaboram para a criação de um cenário que contribuiu para o fortalecimento nacionalista. Neste projeto discursivo, o povo era o elemento central, por isso era recorrente a sua presença nas crônicas, bem como eram feitas analogias entre o povo e o estádio ou então entre o homem da arquibancada e o sucesso da seleção. Os autores compreendiam que a autenticidade brasileira estava

presente no povo, o qual aumentava cada vez mais a sua participação nos jogos do selecionado nacional, dando provas de sua identificação com o *scratch* e com o país. Nas crônicas há relatos sobre torcedores que passaram a utilizar, orgulhosamente, utensílios que simbolizavam a pátria e durante a execução do hino nacional podia-se sentir no estádio lotado um clima de tensão e êxtase da população presente, que proporcionava um belo exemplo de patriotismo<sup>25</sup>.

Em relação ao selecionado, os cronistas relatavam que os jogadores escolhidos para sua composição eram ideais para representar o povo brasileiro, pois apresentavam um futebol alegre e criativo, fazendo o torcedor esquecer-se das diferenças e dificuldades, criando uma crescente onda de otimismo e ufanismo<sup>26</sup>. Utilizavam expressões como “espontaneidade”, “individualismo”, “improvisado” e as características decorrentes da miscigenação para descrever o time que representaria o país. Sobre esta articulação entre características do povo brasileiro e o futebol, é importante destacar que os cronistas do *JS* tentavam criar um imaginário vitorioso, destacando as possíveis qualidades do jogador brasileiro, justificando que o futebol nacional era melhor porque era mais bonito, era plástico, era diferente - posicionamento de Gilberto Freyre na década de 30 e que foi apropriado por cronistas como Nelson Rodrigues.

Além deste clima otimista construído discursivamente, o desempenho deste time de características genuinamente brasileiras ao longo desta Copa do Mundo colaborou à expectativa de vitória, especialmente com a classificação para disputar a final. Sobre isto Mario Rodrigues Filho escreveu: “nunca a capital da República viveu tanto um acontecimento. E um acontecimento que ainda não aconteceu. É a antecipação do vai acontecer que empolgou a cidade de uma forma jamais vista”<sup>27</sup>.

Era o auge do sentimento de pertença nacional e da certeza que o Brasil era tão bom em futebol e nas demais esferas, quanto qualquer país europeu. Entretanto, o que se viu foi “um povo derrotado”<sup>28</sup>.

<sup>21</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Traço de união. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 15 de junho de 1950, p.05.

<sup>22</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Está na hora. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1950, p.05.

<sup>23</sup> RODRIGUES FILHOS, Mario. Este sim foi um triunfo a altura do nome do nosso football. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 2 de julho de 1950, p.11.

<sup>24</sup> Este potencial unificador dos estádios foi incorporado por Getúlio Vargas, que em 1951 discursou para milhares de pessoas no São Januário, no Rio de Janeiro.

<sup>25</sup> JORNAL DOS SPORTS. Milhares de torcedores acompanham a vitória brasileira. Rio de Janeiro, 11 a 13 de julho de 1950.

<sup>26</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O *scratch* brasileiro. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 01 de julho de 1950. p.05.

<sup>27</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. O match que vale o campeonato do mundo. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 15 de julho de 1950, p.05.

<sup>28</sup> REGO, José Lins. A derrota. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 18 de julho de 1950, p.05.

Os “campeões do mundo” ficaram em segundo lugar, perdendo na final para o Uruguai. O sentimento de pertença identitária, o resultado das partidas anteriores e as narrativas organizadas pelos periódicos tinham criado a expectativa de uma goleada na partida decisiva, que não veio. A repercussão da derrota, em casa, entre aqueles que assistiram ao vivo, ouviram pelo rádio e/ou acompanharam pelos jornais foi grande. A confiança em si e no triunfo da nação brasileira via futebol amargou com o sabor da derrota.

Muitos foram os cronistas que escreveram sobre o fracasso do selecionado brasileiro em projetar o país internacionalmente, fosse tentando aliviar a tristeza que se estabelecera diante a uma expectativa alimentada pelos próprios meios de comunicação ou buscando encontrar motivos que justificassem o fracasso ocorrido. De acordo com Guterman (2014), o lance final da derrota foi repetido milhões de vezes desde de então, gravando infeliz disputa no imaginário brasileiro. As analogias feitas pelos cronistas do *JS* entre desempenho em campo e desempenho nacional, colaboraram para que o episódio fosse profundamente simbólico no que diz respeito à percepção de si da sociedade brasileira.

Esta atuação da seleção no ano de 1950 continuaria a produzir sentidos na Copa do Mundo de 1954, visto que se tornou referente para pensar a atuação em campo e as relações identitárias brasileiras nos anos subsequentes.

### A copa da suíça (1954)

A derrota no mundial de 1950 foi significativa, posto que havia toda uma expectativa, que fora discursivamente organizada, em relação ao significado daquela vitória. Com a derrota, as certezas identitárias do brasileiro foram abaladas. Acredita-se que, entre outros fatores, a opção pelo modelo nacionalista nas eleições de 1950 possa estar relacionada a esta questão. Assim, 48,7% da população votou em Getúlio Vargas, que prometeu impulsionar a industrialização nacional visando criar um sistema econômico autônomo (FAUSTO, 2015).

No início da década de 1950, foram desenvolvidas medidas objetivando o desenvolvimento econômico. Entre estas é possível destacar o investimento público no sistema de energia e de transportes (FAUSTO, 2015). Entretanto, o Brasil enfrentava dificuldades,

especialmente no que diz respeito à inflação, que chegou a 20,8% em 1953. Assim, o desafio político era o equilíbrio entre questões trabalhistas e a promoção do crescimento. Para Guterman (2014), “o momento brasileiro, de crise econômica e de identidade, favoreceu o populismo de modo decisivo” (GUTERMAN, 2014, p.102).

Esta política de massas não era bem vista pelos liberais, que defendiam menor intervenção do Estado e abertura ao capital estrangeiro. Assim, Carlos Lacerda, do partido de oposição, iniciou uma campanha defendendo a renúncia de Getúlio. Apesar de seus esforços populistas, com o aumento de 100% do salário mínimo, visando diminuir os impactos da inflação e promover o desenvolvimento de um mercado consumidor interno, e investimentos em infraestrutura e energia, havia no país uma instabilidade conjuntural e “o nacionalismo varguista encontrava no futebol um respaldo ressabiado, incompleto” (GUTERMAN, 2014, p.104).

Diferentemente das expectativas para a Copa realizada em 1950, as certezas em relação aos encaminhamentos nacionais e o sentido da “brasilidade” estavam abalados para a Copa de 1954, realizada na Suíça. Havia um clima de desconfiança, pautado nos resultados futebolísticos e culturais da competição anterior. Entretanto, os cronistas reforçavam a necessidade de uma vitória para curar a chaga aberta há quatro anos<sup>29</sup>.

Neste ponto é importante destacar que o contrato de leitura<sup>30</sup> entre os cronistas do *JS* e seus leitores já estava firmado. Assim, antigas noções que relacionavam a identidade brasileira ao futebol foram reiteradas em relação à Copa de 1954, como o caso da relação entre a população e o futebol, em seu papel de torcedora<sup>31</sup>. Entretanto, diferentemente das crônicas escritas em meados de 1950, existia agora um referente recente para pensar o futebol nacional

<sup>29</sup> REGO, José Lins do. A revanche. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 2 de julho de 1952. p.05.

<sup>30</sup> Neste trabalho, o entendimento da noção de contrato de leitura tem pressupostos teóricos em Fausto Neto (2007). Para este autor, “entende-se, aqui, por contratos de leitura, regras, estratégias e ‘políticas’ de sentidos que organizam os modos de vinculação entre as ofertas e a recepção dos discursos midiáticos e que se formalizam nas práticas textuais, como instâncias que constituem o ponto de vínculo entre produtores e usuários” (FAUSTO NETO, 2007, p. 10).

<sup>31</sup> “(...) Uma das razões da paixão pelo football no Brasil é justamente esta, os que não jogam sentem como que substituídos pelos que jogam. A identificação do torcedor com o jogador é completa”. RODRIGUES FILHO, Mario. O football brasileiro. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1953.

e, por extensão, as próprias questões do país. Esta questão pode ser percebida na crônica de José Lins do Rego, quando da participação do selecionado no Pan-Americano de 1952, realizado no Chile:

Embarcaram os nossos rapazes para mais uma competição internacional, de football. Muito temos sofrido nestes embates, com derrotas que muito nos têm sangrado. Às vezes, tudo temos para vencer, e lá vem um impossível qualquer, e vamos ficando para trás. Esperamos que as coisas corram, neste campeonato do Chile, a nosso favor. Tudo temos para vencer. A nossa rapaziada vai com a disposição para vencer. E que nos traga uma vitória para curar daquela chaga que foi o Campeonato do Mundo<sup>32</sup>.

Este fragmento ilustra a tendência dos cronistas do *JS* em alimentar uma rivalidade entre as seleções brasileira e uruguaia, tendo como referente a derrota na final do Mundial de 1950. Além disto, aborda questões presentes na sociedade, como o desejo de modernizar-se e tornar o Brasil um país desenvolvido. Este sentimento foi alimentado com a vitória neste campeonato, narrado pelos cronistas como uma revanche.

A despeito desta vitória Getúlio Vargas escreveu para os jogadores, parabenizando-os. E a torcida, que vinha sendo estimulada pelas crônicas, foi às ruas para comemorar:

Mais uma vez o povo brasileiro veio às ruas para aclamar os heróis do futebol. As massas vibraram, com entusiasmo, sem limites. Muita gente não tolera football e considera estes entusiasmos como manifestações fúteis. Mas com o espetáculo de anteontem, estes cétricos deverão mudar de opinião. [...] anteontem vi o bom povo, nas suas exuberâncias de coração. E os rapazes que tanto fizeram em Santiago bem mereceram as aclamações das massas generosas<sup>33</sup>.

Novamente foram feitas analogias entre o desempenho em campo e as qualidades da população brasileira, contribuindo para o fortalecimento identitário. Neste sentido, a vitória de goleada no primeiro jogo do campeonato Sul-Americano, realizado em 1953 em Lima, foi um contributo. Entretanto, era

preciso ficar atento com o “excesso de elogios”<sup>34</sup>. A cada vitória neste campeonato, os cronistas reiteravam a necessidade de não menosprezar os adversários<sup>35</sup>. Sobre essa “cultura do deboche” (FREITAS JUNIOR, 2009), é importante destacar que o brasileiro se sentia superior em relação aos adversários Sul-Americanos. Entretanto, em relação às equipes europeias, que representavam o patamar de desenvolvimento no qual o país almejava chegar, a percepção era outra.

Além da necessidade dos brasileiros encontrarem um equilíbrio entre sentimentos e atitudes, outras questões foram abordadas pela crônica, como o comportamento da comissão no Peru. Publicou-se sobre possíveis desentendimentos entre seus membros e a mudança do local de concentração levantou suspeição em relação aos reais objetivos da equipe: “também aqui não foi bem recebida a notícia da mudança (...) A nossa representação não foi ao Peru fazer turismo e se divertir! Foi representar o Brasil! Obteve a honra e o dever de representa-lo dignamente”<sup>36</sup>.

Este posicionamento permite compreender como era concebida a representação da pátria por meio do futebol: algo nobre. Sobre o papel dos jogadores, Freitas Junior (2009) escreveu: “são tidos como os legítimos representantes dos sonhos, das esperanças e dos desejos das pessoas que ficaram no país torcendo para que eles não fracassassem. Um possível revés do selecionado, significaria um novo fracasso do homem brasileiro – e também do Brasil” (FREITAS JUNIOR, 2009, p. 73). Este tipo de discurso, assim como em momentos anteriores, colaborou para a criação de expectativas em relação a participação do Brasil no Sul-Americano.

A vitória do Brasil contra o Uruguai – com ares de “vingança” – fez com que fossem retomadas possíveis explicações para a derrota do selecionado brasileiro na final da Copa do Mundo de 1950. No entanto, na partida final contra o Paraguai, o selecionado brasileiro não saiu vitorioso. E a partir daí seguiram diversos escritos sobre os motivos que teriam levado à derrota, perpassando especulações sobre o comportamento da delegação<sup>37</sup>.

<sup>34</sup> REGO, José Lins. Excesso de elogios. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 04 de março de 1953, p.05.

<sup>35</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Todo adversário merece respeito. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 13 de março de 1953, p.05.

<sup>36</sup> ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Mudança na concentração. Rio de Janeiro, 08 de março de 1953, p.05.

<sup>37</sup> JORNAL DOS SPORTS. Aimoré é o único responsável. Rio de Janeiro,

<sup>32</sup> REGO, José Lins. A revanche. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 02 de julho de 1952, p.05.

<sup>33</sup> REGO, José Lins. O Bom povo. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 27 de abril de 1952, p.05.

Esta derrota aliada a instabilidade política do período, contribuiu para a desconfiança de si, do Brasil enquanto uma nação. Entretanto, Getúlio ainda insistia em seu projeto nacionalista, que havia dado frutos em seus governos anteriores. Em 1954, na despedida do selecionado que partia para o Campeonato Mundial de Futebol na Suíça, declarou: “E não esqueçam que representarão lá fora a habilidade, a força e a resistência de uma raça. Se vencerem, o Brasil será o vitorioso. Se perderem, quem perderá será o Brasil” (GUTERMAN, 2014, p.106).

Preocupados com a possibilidade de um resultado negativo, dada a conjuntura e os resultados oscilantes em campeonatos e amistosos que antecederam a Copa de 1954, muitos cronistas preferiram não se entusiasmar antecipadamente. Vargas Netto escreveu sobre esse posicionamento pessimista, entendendo-o como um aprendizado decorrente da derrota no Mundial anterior<sup>38</sup>. Já Nelson Rodrigues versava sobre a necessidade da valorização do futebol e do país, não devendo sentir-se inferior, nem se deixar tratar como inferiores. Dados os posicionamentos diversos, é possível perceber que existia uma dificuldade em encontrar um meio termo entre o excesso e a falta de confiança. Tal postura demonstra sinais da fragilidade identitária brasileira em relação à representação de si.

Assim, neste momento, o *JS* adotou uma nova linha discursiva, tendo como referente os diagnósticos da derrota no Maracanã, em 1950. Os cronistas passaram, então, a valorizar a organização e a preparação antecipada do selecionado nacional – em convivência com os ideais modernizadores do país –, uma vez que entendiam ser necessário encontrar um ponto de equilíbrio entre os problemas que estariam afetando o futebol no país<sup>39</sup>. Como uma espécie de apoio, de auxílio à seleção brasileira, optam por deixar de lado o que seria fundamental em sua profissão: o posicionamento crítico<sup>40</sup>.

31 de março de 1953, p. 01 e 04. ZÉ DE SÃO JANUÁRIO. Uma pedrinha na shooteira. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 03 de abril de 1953, p.02.

<sup>38</sup> VARGAS NETTO, Manuel do Nascimento. Falta de confiança. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 05 de março de 1953, p.06.

<sup>39</sup> JORNAL DOS SPORTS. Seleção terá um vasto programa de preparação para a Copa da Suíça. Rio de Janeiro, 17 de abril de 1953. p. 01 e 06.

<sup>40</sup> Sobre este acordo realizado entre os cronistas, publicou-se: “Houve gente inclusive que em pleno fervor patriótico quis selar com sangue qualquer documento que surgisse. O que afinal não foi julgado necessário. Não estavam ali homens de palavra? Resolvido então ficou sem sangue e certo, que o scratch estaria isento de críticas. Ainda que a crítica representasse o que ficou salientado, como sempre representou e continuara a representar o principal papel

Entretanto, a preparação na Suíça não ocorreu a contento. Foram realizados poucos jogos preparatórios, com equipes locais. Com o início do campeonato, a crônica, além de dirigir suas atenções aos dirigentes da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), versava sobre a nostalgia dos jogadores há tanto tempo longe de sua pátria, reforçando sentimentos identitários nacionais: “[...] o brasileiro no exterior longe da Pátria é um triste sem vontade, um desanimado. Alguns jogadores escrevem 18 cartas por dia<sup>41</sup>”. Ademais, outros foram os problemas que afetaram a delegação e, segundo os cronistas, foram responsáveis pelo mau desempenho da seleção na competição: desconhecimento do regulamento, ausência de árbitros sul-americanos e um plano conduzido pelos dirigentes da FIFA, que, segundo o periódico, não poderiam permitir uma nova conquista por parte de uma equipe Sul-Americana (o Uruguai havia vencido as edições de 1930 e 1950), o que prejudicaria o futebol europeu<sup>42</sup>.

“Depois do Maracanazo, a derrota, qualquer uma, não era somente a prova de que éramos inferiores ao adversário: como notou o escritor [Lins do Rego], era a prova de que éramos os piores do mundo” (GUTERMAN, 2014, p.106). Logo, com o sexto lugar na Copa da Suíça, após derrota para a Hungria nas quartas de final, as bases identitárias que vinham sendo construídas ancoradas no futebol foram fragilizadas e a reputação do Brasil foi bastante questionada em relação à violência – que supostamente seria um atributo da sociedade brasileira<sup>43</sup>.

O jogo que eliminou o Brasil da competição ficou conhecido como a “Batalha de Berna” (nome da cidade Suíça onde o jogo foi realizado), por este ter sido marcado por muita tensão e jogadas violentas. Sobre esta questão, verificou-se uma tendência dos periódicos nacionais (*JS*, *Gazeta Esportiva*, *O Cruzeiro* e *Manchete Esportiva*) em defender os brasileiros, relatando que estes não iniciaram os tumultos. No limite, buscou-se demonstrar que foram levados a tal,

da imprensa. Mas era necessário um grande sacrifício. Este compromisso foi honrado mesmo diante de apresentações não convincentes” JORNAL DOS SPORTS. O Banquete da vitória. Rio de Janeiro, 09 de março de 1954.

<sup>41</sup> REGO, José Lins. Porque perdemos. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 10 de julho de 1954, p.05.

<sup>42</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. A justiça que se deve fazer aos brasileiros. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 29 de junho de 1954, p.05.

<sup>43</sup> JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Um futebol violento. Londres, 28 de junho de 1954.

influenciados por um resultado negativo, decorrente de uma arbitragem tendenciosa e, principalmente, pela necessidade de auxiliar um companheiro, atingido por uma garrafa lançada pelo adversário<sup>44</sup>, que gerou um tumulto em que até os dirigentes acabaram se envolvendo diretamente na briga.

Se até este momento havia uma preocupação com a imagem apresentada do Brasil ao exterior – já que as atitudes na esfera do futebol eram análogas às dos brasileiros em sociedade –, esta tinha sido comprometida internacionalmente. O desempenho da seleção e todos os episódios relacionados a este, “apontavam que muitos dos problemas sociais brasileiros ainda permaneciam sem solução, ou seja, o país pouco havia caminhado rumo à modernidade” (FREITAS JUNIOR, 2009, p.105).

A derrota de 1954 foi – assim como a de 1950 – reiterada como referente para ações futuras no futebol e na sociedade brasileira. Entretanto, adentrou ao imaginário coletivo de maneira diferente, como “um passado que deve ser redimido, ou, por outra, apagado até o último vestígio”<sup>45</sup>. A tentativa de esquecer uma segunda derrota do selecionado brasileiro pode estar relacionado ao que Pollak (1992) chamou de memória traumática, que consiste na iniciativa de poupar as próximas gerações de lembranças desagradáveis. Não se tratava de esquecer a derrota em si, mas o que ela representava em relação às questões identitárias brasileiras.

Após a derrota na Suíça, além da crise no campo futebolístico – e, por conseguinte, cultural –, na esfera política os problemas se agravaram: um dos homens de Getúlio armou contra Carlos Lacerda – jornalista e político da UDN que encabeçou a campanha para a renúncia do então Presidente da República. O atentado fracassou, mas contribuiu para o aumento das pressões favoráveis ao desligamento de Vargas do governo federal. Este, por sua vez, tirou sua própria vida em agosto de 1954. O vice Café Filho assumiu a presidência até 1956, quando Juscelino Kubitschek (JK) assumiu o poder.

<sup>44</sup>Sobre este episódio o JS publicou: “Puskas arrebitou uma garrafa de leite na cabeça de Pinheiro quando o nosso jogador procurava dizer algo a um jogador húngaro, ele recebeu o revide que merecia. Pinheiro sofreu um ferimento sobre o olho esquerdo” (JORNAL DOS SPORTS. A batalha de Berna. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1954. p.07).

<sup>45</sup>RODRIGUES, Nelson Falcão. O Brasil em Lima. Revista Manchete Esportiva, 09 de março de 1957.

### A copa da suécia (1958)

Os planos de JK resumiam-se no slogan “50 anos em 05” e visavam a modernização do país a partir do interior – daí a construção de uma nova capital federal no Planalto Central. Com a promessa de desenvolvimento e ordem, “depois de tensão e conspiração, finalmente parecia começar um período de estabilidade política no Brasil” (GUTERMAN, 2014, p.113). Economicamente falando, Juscelino seguiu as linhas varguistas de intervenção estatal, mas abrindo o país para investimentos do capital estrangeiro. O “nacional-desenvolvimentismo” contribuiu para o avanço da atividade econômica, que cresceu anualmente na média de 7% até 1961. Este novo cenário contribuiu para a recuperação da autoestima brasileira, atrelada, mais uma vez, ao futebol.

Comungando com os sentidos vigentes, Nelson Rodrigues afirmava que a missão atribuída aos cronistas era “auxiliar para que o brasileiro conseguisse enxergar suas virtudes”<sup>46</sup>, deixando no passado seu complexo de vira-latas. O autor busca convencer seus leitores, utilizando posicionamentos metafóricos que potencializam a formação de sentidos, que o brasileiro tinha dificuldades em se valorizar. Assim, o autor buscava argumentos que pudessem auxiliar na mudança do estado de espírito do povo, tornando-os outra vez otimistas em relação ao futuro do futebol nacional.

Ao mesmo tempo, as vitórias do Brasil em competições como a Taça Bernardo O’Higgins, reativava a “cultura do deboche”, o que levou Nelson Rodrigues a ponderar sobre algumas características do povo brasileiro:

Quando a equipe nacional ganha é porque o adversário é fraco, quando perde é porque somos incompetentes e quando goleia sente-se melhor do que os outros, menosprezando o adversário, esquecendo que cada jogo é uma história única que acontece em situações especiais<sup>47</sup>.

Esta oscilação entre o excesso e a falta de confiança também foi percebida por Nelson Rodrigues durante o campeonato Sul-Americano, que ocorreu em 1956, no Uruguai. Para o autor, isto seria demonstrativo da dificuldade na definição da identidade

<sup>46</sup>RODRIGUES, Nelson Falcão. O problema do brasileiro. Jornal Última Hora: Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1958. p.07.

<sup>47</sup>RODRIGUES, Nelson Falcão. A gente é que atrapalha. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1958, p.05.

nacional. Somada a esta situação, as crônicas sobre os problemas organizacionais da seleção eram constantes, a exemplo do envio de um time formado por jogadores gaúchos como representantes do Brasil no Pan-Americano realizado no México.

As estratégias discursivas das crônicas do *JS* auxiliaram para elevar a autoestima do torcedor para a Copa de 1958. Entretanto, a sombra – constantemente reafirmada pelo próprio *JS* e outros meios de comunicação – da derrota de 1950, seguida pela de 1954, ainda se fazia presente. A expectativa sobre o campeonato mundial demonstrava-se pessimista. Entretanto, tal qual no plano político, a organização do futebol estava passando por transformações.

No contexto nacional mais amplo havia uma preocupação organizatória, com planejamentos mais delineados – a exemplo da construção planejada da nova capital federal. Em resposta às aspirações vigentes, a Confederação Brasileira de Desporto propôs o Plano Paulo Machado de Carvalho (PPMC)<sup>48</sup>, que traçou diretrizes para um futebol mais coletivo e científico. A despeito das tendências nacionais e das atitudes da CBD, o *JS*, em 1958, quase não publicou escritos versando sobre o PPMC e os aspectos de um futebol mais coletivo, mas valorizou características do futebol-arte brasileiro – criando mitos em torno de atuações individuais, como as de Garrincha e Pelé.<sup>49</sup>

Ao exaltar o desempenho de um atleta mestiço e outro negro, que jogavam em condições de igualdade ao futebol europeu, o *JS* enaltecia as “reais virtudes” do jogador/ homem brasileiro. Nota-se aqui um retorno ao elemento discursivo que fora caracterizador da identidade nacional nas décadas anteriores: a miscigenação. Acredita-se que a exaltação à mistura étnica contribuía ao sentimento de pertença, estreitando laços identitários e fortalecendo uma torcida favorável ao selecionado. Ao mesmo tempo, o bom

desempenho da seleção na primeira fase desta Copa contribuiu à recuperação da autoestima da população frente ao cenário internacional. Se o Brasil era capaz de vencer o mundial, talvez a nação fosse capaz de vencer o subdesenvolvimento...

A respeito da representação do Brasil às demais nações, por meio do futebol, o comportamento dos jogadores dentro e fora do campo foi elogiado, por jornalistas nacionais e internacionais. De acordo com o presidente da comissão de arbitragem da FIFA,

Os brasileiros merecem ganhar este campeonato. (...) sua conduta foi exemplar no campo da prática esportiva e fora dele, cativando os habitantes de Hinas, onde ficaram concentrados durante a realização do torneio. [...] eles foram sempre obedientes com os juizes a ponto de jamais contestarem qualquer decisão<sup>50</sup>.

Apesar deste tipo de reconhecimento, não houve por parte do *JS* publicações associando este bom comportamento às ações do PPMC. E, ao contrário de incentivar o trabalho coletivo, que já era presente na atuação futebolística dos países europeus, o *JS* publicou sobre a genialidade, a capacidade criativa e o futebol-arte, característicos da identidade brasileira – que, segundo os cronistas, teriam sido fundamentais para que o Brasil chegasse às finais do Mundial de Futebol de 1958.

Evitando incorrer nos mesmos erros, os cronistas retomam frequentemente a derrota de 1954 como um acontecimento traumático, porém pedagógico, que serviu para o amadurecimento do homem brasileiro<sup>51</sup>. Em seus escritos, tendo como exemplo 1950, versavam sobre a necessidade de que pessoas de fora não se envolvessem na organização do selecionado e que os jogadores fizessem aquilo que sabiam e faziam muito bem<sup>52</sup>. Assim, a esperança de colocar-se mundialmente foi consagrada com a vitória brasileira na Copa da Suécia, contra seus anfitriões: “então veio do dia 15 de junho de 1958, a data da redenção do futebol brasileiro – redenção da derrota de 1950, redenção das suas possibilidades nacionais (...) redenção da arte contra a técnica” (GUTERMAN, 2014, p.126).

<sup>48</sup> De acordo com Freitas Junior (2014), tratava-se de “um projeto intervencionista de cunho civilizatório, composto por 96 artigos, dos quais os primeiros 63 eram relativos aos procedimentos administrativos que envolviam a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o Conselho Nacional de Desportos (CND), o Conselho Técnico de Futebol (CTF), bem como detalhava as atribuições de cada membro da comissão técnica, detalhes das convocações e obrigações das equipes que tivessem jogadores convocados e as funções do capitão da equipe” (FREITAS JUNIOR, 2014, p.04). Para este autor, a eficácia desta iniciativa foi proveniente de um conjunto de medidas voltadas para os aspectos técnicos, físicos, psíquicos, sociais e culturais do selecionado brasileiro.

<sup>49</sup> Para Freitas Junior (2009), “os literatos desprezavam o projeto modernizador implantado no selecionado nacional, não realizando nenhum comentário sobre ele” (FREITAS JUNIOR, 2009, p.122).

<sup>50</sup> ROUS, Stanley. Prefácio. In: ESCARTIN, Pedro. Apoteose ao Brasil. Tradução Tito Leite. Rio de Janeiro: Monterrey, 1959, p.09.10.

<sup>51</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Faltam apenas dois dias. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 27 de junho de 1958, p.05.

<sup>52</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Vemos deixar o scratch ser campeão do mundo. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 17 de junho de 1958, p.05

Mario Filho, em “Palavras aos jogadores brasileiros” atribuiu a vitória à dedicação, ao amor, à pátria, ao entusiasmo e à técnica, qualidades que seriam características naturais dos brasileiros:

Vocês estão longe, jogadores do Brasil, e não vão me escutar. Mas todos nós sentimos a necessidade de dizer alguma coisa ou de exprimir alguma coisa. O que eu queria dizer a vocês era muito obrigado. Sempre tínhamos uma prova como a que vocês venceram. Não se tratava apenas de uma herança de 16 de julho. Mas, em 16 de julho de 50, não foi apenas um escrete brasileiro que perdeu. Sentimos mais a derrota, porque era também a nossa derrota. Faltava-nos alguma coisa para uma conquista tão grande. (...) Por isso, toda vez que um escrete brasileiro ia para um Campeonato do Mundo, tínhamos maior medo das nossas falhas do que confiança nas nossas virtudes. Não bastava ter o melhor futebol, que tínhamos, para sermos campeões do mundo (...) Somos brasileiros e isto basta. Já não haverá brasileiros que, como em 16 de julho, se lamentavam de ser brasileiros. Nunca se negou tanto o Brasil como em 16 de Julho. Porque aquele escrete de 50 resumia as nossas virtudes e defeitos. Esquecemos as virtudes que tínhamos para lastimar os defeitos que tinham nos tirado um campeonato do mundo. Vocês aí na Suécia, só exibiram e só exaltaram as nossas virtudes. Mostraram até onde o brasileiro pode ir, pela dedicação, entusiasmo, pelo amor a pátria, pelo vigor atlético, pela disciplina e pela técnica... Duvida-se do futebol brasileiro, duvidando-se do Brasil. E vocês varreram essa dúvida, exaltaram o Brasil perante o mundo. Não somos apenas brilhantes, não somos apenas malabaristas, não somos apenas artistas de circo: somos campeões do mundo. (...) porque tivemos o melhor futebol do mundo. Muito obrigado, jogadores brasileiros: vocês mostraram ao mundo um Brasil perfeito<sup>53</sup>.

Neste excerto é possível observar a reiteração da Copa de 1950, como se a vitória em 1958 fosse a redenção brasileira em relação às suas questões identitárias. Esse “Brasil perfeito” reavivou o sentimento de pertencimento nacional. Em comemoração à grande vitória, dentro e fora do campo, novos símbolos identitários atrelados ao futebol foram se formando e legitimando esta relação<sup>54</sup>. Finalmente o futebol,

um dos elementos constituintes do “ser brasileiro”, mostrava ao mundo as potencialidades do país.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se observa na trajetória das Copas do Mundo de Futebol da década de 1950 é uma relação estreita entre o contexto político, jornalismo identidade e futebol. O estudo histórico da intersecção entre estes campos permite compreender que a valorização do *JS* a uma vitória ou derrota na Copa estava relacionado ao contexto político mais amplo, tensionado pelas ideologias e paixões dos cronistas – que, em última (ou primeira?) instância, eram também torcedores.

Ao longo da década de 1950 diferentes governos e projetos identitários perpassaram a sociedade brasileira. Por sua vez, diferentes foram as estratégias narrativas adotadas pelos cronistas do *JS* em relação ao pertencimento e o futebol. Em momentos em que a política estava forte e organizada sob um projeto nacionalista, os cronistas – tal qual seus leitores, mas com discurso autorizado – encontravam-se imersos em uma atmosfera que valorizavam determinados preceitos e reafirmavam o futebol enquanto elemento característico da “brasileidade”. Esta identidade construída, que valorizava a cultura nacional a partir de sua diversidade étnica (democracia racial), encheu a população de otimismo em relação à Copa do Mundo de 1950, sediada em casa. Esperava-se mostrar ao mundo, através da organização do campeonato e da vitória no futebol, a pujança nacional. Postas estas questões, acredita-se que esta derrota tenha sido marcante por frustrar as expectativas nacionalistas, fomentadas pelas crônicas esportivas.

Outra derrota, que não recebeu o mesmo relevo, foi no campeonato mundial de 1954. Acredita-se que este fracasso não configurou um “trauma” por uma série de motivos, da qual destaca-se: a) as estruturas identitárias e o projeto de nação já vinham abalados desde 1950 e asseveraram-se com a instabilidade econômica do período; b) ao mesmo tempo, os meios de comunicação, com destaque para o *Jornal dos Sports*, constantemente retomavam a Copa anterior como referente nas crônicas em 1954, tornando a derrota de 1950 um trauma que por sua constante enunciação ficou gravado no imaginário popular<sup>55</sup>.

<sup>53</sup> RODRIGUES FILHO, Mario. Palavras aos jogadores brasileiros. *Jornal dos Sports*: Rio de Janeiro, 30 de junho de 1958, p.01 e 05.

<sup>54</sup> A título de exemplo, é possível citar a composição “A taça do mundo é nossa”, escrita por Wagner Maugeri, Lauro Müller, Maugeri Sobrinho e Victor Dagó.

<sup>55</sup> Em menor proporção, acredita-se que o posicionamento “neutro” adotado

Já a vitória na Copa do Mundo de 1958 ocorreu em um momento em que as condições políticas e econômicas estavam se transformando. O nacional-desenvolvimentismo trouxe novamente aos brasileiros a segurança de si. Ao mesmo tempo, aquele antigo projeto de identidade nacional, atrelado ao futebol e a miscigenação, ganhou novo fôlego com a presença de Garrincha e Pelé no selecionado. Neste contexto do qual o *JS* partilhava sentidos, os cronistas escreviam sobre a necessidade de os brasileiros deixarem o passado para trás, valorizando-se. Por meio destes discursos, compreendia-se que com a vitória no mundial seria possível conquistar novos capitais e mudar sua representação no cenário internacional e de vez acabar com o “complexo de vira-latas”<sup>56</sup>.

Com análise das crônicas do *JS*, na perspectiva da intersecção entre política, jornalismo, identidade e futebol, foi possível perceber que determinadas considerações contemporâneas sobre as Copas realizadas na década de 1950 estão relacionadas – entre outros motivos a serem investigados – ao imaginário construído por estas publicações, que foram passando de geração em geração como uma herança. Segundo Pollak (1992), existem alguns elementos que são constitutivos da memória, dos quais destaca-se para esta problematização os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, aqueles acontecimentos nem sempre vividos pela pessoa, mas pelo grupo com o qual se identifica e que no imaginário coletivo tomaram grande relevo. Assim, “é perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada” (POLLAK, 1992, p.02).

A esse respeito, ainda hoje é possível observar que praticamente não existem estudos e/ou livros que tratem da participação brasileira na Copa do Mundo de 1954 (FREITAS JUNIOR, 2009). Em contrapartida, para além de trabalhos acadêmicos, a “derrota de 50” é popularmente conhecida, tanto ou mais que primeira vitória brasileira no mundial, em 1958. Acredita-se que isto ocorre porque, além do

fato de existirem acontecimentos que marcam tanto determinado grupo que sua memória irá por muito tempo transmitir determinado sentido com alto grau de identificação (POLLAK, 1992), houve um trabalho de enquadramento de memória por parte dos historiadores e instituições sociais, incluindo a própria imprensa, realizado posteriormente aos eventos. E agora “quando vemos esses pontos de referência de uma época longínqua, frequentemente, os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e de origem, de modo que certos elementos são progressivamente integrados num fundo cultural comum a toda humanidade” (POLLAK, 1989, p. 11)

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Marialva Carlos. Meios de comunicação e história: um universo de possíveis. In: RIBEIRO; FERREIRA. **Mídia e memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa – Brasil 1900 – 2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CANDIDO, Antonio (et. al). **A Crônica**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- CAPRARO, André; SANTOS, Natasha; LISE, Riqueldi. O enredo da vitória – Seleção brasileira de futebol e identidade nacional (1950-1970). Record: **Revista de História do Esporte**. Vol.5, n.2, julho-dezembro de 2012.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. O Discurso competente. In: CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1989.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas esportivos em campo: letras, imprensa e cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**. (Tese) Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- FAUSTO NETO, Antônio. Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos. In: Diálogos Possíveis - **Revista da Faculdade Social da Bahia**. Ano 6, n.2 (jul./dez) Salvador: FSBA, 2007.
- FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. **No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o**

pelo *Jornal dos Sports* em relação aos jogos que antecederam a Copa de 1954 contribuiu para uma menor visibilidade desta em detrimento de outros mundiais de futebol que o Brasil participou.

<sup>56</sup> RODRIGUES, Nelson Falcão. A humilhação. *Revista Manchete Esportiva*: Rio de Janeiro, 5 de maio de 1956.

futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950. (Tese) Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

\_\_\_\_\_. Plano Paulo Machado de Carvalho: um projeto modernizador ou uma tentativa de civilizar os jogadores brasileiros? **Recorde**: Revista de História do Esporte Artigo Volume 7, número 1, janeiro-junho de 2014, p. 1-33.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2014.

LOPES, Fernanda Lima. Identidade jornalística e memória. In: RIBEIRO; FERREIRA. **Mídia e memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MELO, Isabelle Anchieta de. A defesa de uma nova objetividade jornalística: a intersubjetividade. BOCC. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 01, p. 07, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-intersubjectividade.pdf>. Acesso em: 18.06.2017.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: questões & debates**. Curitiba, PR. UFPR, ano 20, n 39, jul/dez. 2003. p.150.

PARADA, Maurício. A ordem da memória: a imprensa e o imaginário político do Estado Novo. RIBEIRO; FERREIRA. **Mídia e memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

RIBEIRO, Luiz Carlos. A crônica esportiva como fonte para o estudo histórico. In: FREITAS JUNIOR; CAPRARO. **Passe de Letra**: crônica esportiva e sociedade brasileira. Ponta Grossa: Editora Vila Velha, 2012.

\_\_\_\_\_. Brasil: futebol e identidade nacional. **EFDeports Revista Digital** – Buenos Aires – Ano 8 – Nº56 – Janeiro de 2003.

RIBEIRO; FERREIRA. **Mídia e memória**: a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SANTOS, Regina Maria dos. O jornal como lugar de memória: um debate sobre memória coletiva e a aceleração do tempo. OPSIS, **Revista do Niesc**, V.2, N.2 Jul/Dez de 2002.



## FUTEBOL, MUNDIALIZAÇÃO E IDENTIDADES: NOTAS A PARTIR DA EUROCOPA DE 2008

### FOOTBALL, GLOBALIZATION AND IDENTITIES: NOTES FROM 2008 EURO CUP

Emerson Luís Velozo\*  
Jocimar Daolio\*\*

#### RESUMO

Este estudo teve como objetivo discutir determinados processos de significação que afetam o futebol a partir do advento de sua mundialização, o que produz implicações para as relações identitárias que envolvem este esporte. Para tanto, a Eurocopa de 2008 foi tomada como foco da análise, inspirada pelo olhar etnográfico e tendo como ponto de partida o contato com o povo português, bem como certos conteúdos divulgados pela mídia. Isso possibilitou a compreensão de determinados contornos assumidos pelo futebol – o que talvez possa ser estendido a outros esportes – como consequência de fenômenos como a globalização da tecnologia e da economia e a mundialização da cultura. Nesse contexto, o futebol mundializado, passa a ter os seus significados construídos e reconstruídos em diferentes escalas, da local/nacional à mundial/internacional.

**Palavras-chave:** esporte; futebol; mundialização; identidade.

#### ABSTRACT

This study aimed to discuss certain meaning processes that affect football since the advent of its globalization, which produces implications for identity relationships that involve this sport. Therefore, 2008 EuroCup was taken as the focus of analysis, inspired by ethnographic view and taking as a starting point the contact with Portuguese people, as well as certain information propagate by media. This allowed us to understand certain contours assumed by football - which might be extended to other sports - as a result of phenomena such as globalization of technology, economy and culture. In this context, globalized football starts to exhibit its meanings constructed and reconstructed at different scales, from local / national to global / international.

**Keywords:** sports; football; globalization; identity.

\*Doutor em Educação Física pela UNICAMP, Professor do Departamento de Educação Física da UNICENTRO e participante do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (GEPEFIC).

\*\*Doutor em Educação Física pela UNICAMP, Professor da Faculdade de Educação Física da UNICAMP e participante do Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura (GEPEFIC).

## INTRODUÇÃO

O futebol atingiu um nível de globalização e mundialização muito mais abrangente do que qualquer outro tipo de prática corporal, de maneira que é possível arriscar alguns exemplos para ilustrar esta questão. Este esporte ocupa posição privilegiada no espaço midiático. Vários programas esportivos dedicam a maior parte do tempo que dispõem na mídia televisiva com temas relacionados ao futebol, sem falar que, no Brasil, ele é uma das poucas modalidades esportivas com horários semanais exclusivos para a transmissão dos jogos nas redes de televisão aberta. Em Portugal isso não é diferente e, além disso, nos três importantes jornais esportivos impressos, “A Bola”, “*Record*” (de Lisboa) e “O Jogo” (do Porto), quase a totalidade das notícias são sobre o futebol. Não é preciso se esforçar muito para demonstrar o lugar de destaque que o futebol assume nos meios de comunicação da atualidade. Isso pode nos fazer imaginar a soma de capital envolvido na veiculação e na comercialização desta prática corporal. Mas, neste momento, não são os aspectos financeiros e econômicos que interessam, mas os aspectos simbólicos que envolvem esta prática mundializada.

Este texto discute certos significados do futebol, a partir da exposição de fatos relativos ao Campeonato Europeu de Futebol (EUROCOPIA) de 2008<sup>1</sup>. O Campeonato Europeu de Futebol, também conhecido como Eurocopa, ocorre a cada quatro anos e é a principal competição entre seleções da Europa. Ele é disputado pelas seleções de países pertencentes à *Union of European Football Association* (UEFA), instituição que controla o futebol europeu, semelhante à *Confederación Sudamericana de Fútbol*, que comanda este esporte na América do Sul. A Eurocopa é, portanto, uma competição similar à Copa América, que acontece no continente sul-americano.

A análise da Eurocopa de 2008, a partir de um olhar a um passado não muito distante, representa uma tentativa de compreensão de importantes aspectos relacionados à construção das identidades culturais numa época em que se exacerba o processo de globalização e de mundialização da cultura esportiva. É importante definir o que se entende por este conceito:

Quando se fala de economia global tem-se em mente uma única estrutura marcando as trocas comerciais em todo o planeta. Os economistas podem inclusive medir a dinâmica dessa ordem globalizada utilizando um conjunto de indicadores: trocas e investimentos internacionais. O mesmo pode ser dito em relação à esfera tecnológica: ela é marcada pela unicidade das técnicas (computadores, satélites, energia nuclear etc.). Mas teria sentido pensarmos a dimensão cultural da mesma maneira? Existiria “uma cultura global” ou “uma identidade global”? Certamente que não (Ortiz, 1994, 2006b). Por isso prefiro diferenciar entre os termos globalização e mundialização. O primeiro aplica-se bem à realidade técnica e econômica, o segundo adapta-se melhor ao universo da cultura. (ORTIZ, 2007, p.11).

A apropriação do termo “mundialização”, ao longo do texto, deve-se, portanto, à sua maior afinidade com os processos de trocas globais/mundiais dos produtos culturais. Mesmo assim, se reconhece que os elementos culturais também articulam-se com os processos técnicos e econômicos, ou seja, não conseguem deles escapar.

Numa época dominada pela globalização da técnica (SANTOS, 1994) e da economia (IANNI 1994, 2000, 2008) e pela mundialização da cultura (ORTIZ 1994; 1999), o Campeonato Europeu de Futebol se torna espaço privilegiado para a análise das relações identitárias que envolvem as práticas corporais.

Nesse contexto, questões como as das identidades nacionais, da mundialização da cultura do futebol, da nação, da mundialização e da desterritorialização das identidades são fatores que se materializam no futebol e no referido Campeonato Europeu. Não há, no entanto, um esgotamento do tema em questão, mas o encadeamento de algumas situações que podem contribuir para a compreensão dessas relações identitárias.

## PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Os dados apresentados neste estudo foram obtidos por meio de observações inspiradas etnograficamente a partir do contato com o povo português no período em que se realizou a “Euro 2008”, e com informações divulgadas pela mídia na época do evento. Isso possibilitou o contato com uma riqueza de fatos que proporcionaram as interpretações aqui

<sup>1</sup> A Eurocopa de 2008, realizada na Áustria e na Suíça entre os dias 7 e 29 de junho de 2008, contou com a participação de 16 seleções e teve como campeã a equipe espanhola, que venceu a final disputada contra a Alemanha.

apresentadas. As reflexões possuem como ponto de partida as observações realizadas na cidade de Lisboa, sobre os sentidos atribuídos à Eurocopa pelos adeptos ao futebol, o que nos permitiu a produção de interpretações etnográficas inspiradas por duas importantes referências teóricas: a) a influência da antropologia interpretativa de Clifford Geertz (1989) como busca da compreensão sobre “hierarquia estratificada de estruturas significantes” de determinada sociedade. O pensamento do autor, fundamentado em bases semióticas e hermenêuticas, permite a compreensão do fenômeno estudado a partir da interpretação da dinâmica de significação em que está inserido, pois a cultura é entendida justamente como uma rede de significados; b) a postura teórico-metodológica inspirada nos escritos de Marc Augé (1997; 2004) descrita como “antropologia dos mundos contemporâneos”, que possui como interesse principal, não aquilo que é definido pela “antropologia clássica” como o “lugar antropológico”, mas a cultura relacionada com aquilo que o autor chama de “não lugares”, característica marcante da sociedade contemporânea. Assim, a cultura na contemporaneidade pode ser compreendida a partir de diferentes escalas – local, nacional, global – nas quais os significados são difundidos, se constituindo como referentes para novas significações.

Buscou-se, portanto, interpretar os sentidos atribuídos ao futebol a partir de categorias teóricas que se dedicam a explicar a contemporaneidade. Além da observação da cultura cotidiana relacionada ao futebol o estudo contou com a análise de material midiático relacionado ao tema da pesquisa. Especificamente foram analisados conteúdos de mídia dos seguintes sites: UEFA EURO, GLOBOESPORTE, COMEMBOL, FIFA. A adoção deste tipo de procedimento deve-se à opção de se preservar aquilo que dispúnhamos de mais profícuo em termos de fontes para o estudo.

## I – CAMPEONATOS CONTINENTAIS E MUNDIAIS DE FUTEBOL E OS VÍNCULOS IDENTITÁRIOS

A Eurocopa é uma competição que se caracteriza como o segundo principal campeonato que uma seleção europeia pode participar, ficando atrás apenas da Copa do Mundo de Futebol. Apesar de a Eurocopa se constituir como um campeonato equivalente à Copa América, a importância dada por Portugal e pelo Brasil

aos seus respectivos campeonatos continentais possui diferenças bastante significativas. Se no Brasil a Copa América pode ser considerada como uma competição cuja conquista do título tem alguma importância para os jogadores e torcedores, mas que está extremamente distante de se comparar com o significado da conquista de um título mundial, em Portugal o sentido que a conquista de um campeonato continental possui é, em certos aspectos, muito diferente, haja vista que em 2008 a seleção daquele país não possuía nenhum título europeu<sup>2</sup>.

No entanto, quando se compara as especificidades de cada uma dessas competições continentais e o *status* de que gozam as seleções portuguesa e brasileira em nível mundial, é possível perceber melhor certas diferenças. No contexto do Campeonato Europeu há seleções de forte expressão no futebol mundial como Itália, Alemanha, França, Inglaterra e Espanha<sup>3</sup>, sendo que todas elas já conquistaram o título de campeã do mundo. Há ainda, outras seleções como Holanda e a própria seleção portuguesa, entre outras, que apresentam um futebol reconhecido no cenário internacional. Não apenas os títulos, mas também as boas colocações nos campeonatos contribuem para elevar a referência das seleções no contexto do futebol mundial. Isso fornece certo reconhecimento e autoridade ao futebol europeu em competições mundiais e ajuda a fortalecer a imagem do campeonato de seleções daquele continente.

Na América do Sul, os títulos em Copas do Mundo estão divididos entre Brasil, Argentina e Uruguai que, em conjunto, somam 9 conquistas, duas a menos que as obtidas pelas seleções europeias nestas competições, as quais somam 11 títulos. No entanto, as demais seleções sul-americanas não possuem boas colocações em Copas do Mundo, com exceção do Chile, que conseguiu a terceira colocação jogando em casa em 1962. Nenhum outro continente teve alguma seleção vitoriosa em Copas do Mundo, fazendo com que Europa e América do Sul mantenham a supremacia nestas competições e um rigoroso equilíbrio no número de títulos.

O prestígio dos jogadores brasileiros e a autoridade que eles exercem como símbolos do bom futebol devem-se, em grande parte, à tradição construída pelo

<sup>2</sup> O título de Campeão Europeu veio a ser conquistado em 2016.

<sup>3</sup> Na época da Eurocopa de 2008 a Espanha ainda não possuía título mundial. Tal conquista aconteceu na Copa da África do Sul, em 2010.

Brasil no contexto desse esporte. Não é por acaso que o futebol brasileiro já foi considerado, por várias vezes, como “o melhor do mundo”, mas isso ocorre pelo fato de a seleção brasileira ter se consolidado na competição mais significativa do futebol mundial, as Copas do Mundo. Édison Gastaldo (2006) observou muito bem que o Brasil passou a ocupar uma posição isolada na liderança do futebol mundial após a vitória contra a Alemanha na final da Copa do Mundo de 2002. Caso tivesse perdido, a hegemonia seria dividida com a Alemanha e com a Itália<sup>4</sup>. Esse fato chama a atenção para a importância que a Copa do Mundo possui na exaltação das identidades nacionais. No Brasil, e talvez de modo semelhante em outros países, a Copa do Mundo de Futebol assume um significado singular se comparada com competições de outras modalidades esportivas em nível mundial. Há toda uma reorganização nos horários e itinerários das pessoas e das instituições em virtude da transmissão dos jogos, fato que não é observado em relação a nenhum outro esporte. Neste sentido, Simoni Lahud Guedes (2006, p.74) afirma que “as Copas do Mundo constituem-se, para os brasileiros, em verdadeiros rituais nacionais, ocasiões em que se celebra a brasilidade, construção simbólica da unidade nacional, ‘suspendendo-se’, de certo modo, as diferenças e desigualdades que permeiam a estrutura social”.

A tradição do futebol brasileiro, fruto dos seus títulos mundiais e continentais, é um aspecto que confere autoridade aos jogadores deste país, que há décadas são contratados para atuar em equipes estrangeiras. Um dado interessante é que as Copas do Mundo possuem maior eficácia em legitimar a autoridade dos países no que diz respeito ao futebol do que outros tipos de campeonatos internacionais ou mundiais de futebol. Por exemplo, até o ano de 2016 os times argentinos possuíam, em conjunto, a grande maioria dos títulos de campeão da “Taça Libertadores da América”, principal campeonato sul-americano de futebol, pois venceram a competição 24 vezes, sendo que os times brasileiros ficam na segunda posição, com 17 títulos. Além disso, as equipes argentinas possuem o maior número de títulos mundiais de clubes de futebol<sup>5</sup>. Apesar do grande êxito das equipes

argentinas em competições internacionais de clubes, o efeito destas vitórias para legitimar a nação argentina como potência do futebol mundial não é o mesmo quando comparado com o efeito das conquistas obtidas pela sua seleção nacional. A seleção argentina, detentora de dois títulos mundiais, se iguala ao Uruguai, e se coloca, no cenário mundial, atrás de Brasil, Alemanha e Itália.

A Copa do Mundo de Futebol, mais que qualquer outro campeonato mundial, tem a capacidade de “reanimar” o vínculo de pertencimento do sujeito à sua nação, uma vez que os clubes não conseguem realizar de forma satisfatória este movimento, reforçando aquilo que Benedict Anderson (1991) chamou de Nação como uma “comunidade imaginada”. Nos campeonatos de clubes, ao contrário, os adeptos do futebol, em certos casos, torcem contra os times do seu próprio país em competições internacionais, quando estes são rivais dos seus “times do coração”. Isso mostra a veracidade das palavras de Gastaldo (2006, p.93) quando afirma que “Em uma Copa do Mundo, os participantes não são meros times de futebol, mas ‘seleções nacionais’, uma espécie de ‘encarnação simbólica’ de cada nação participante do evento”. Estas questões permitem compreender que parte da eficácia simbólica e do prestígio que o futebol brasileiro possui pode ser atribuída à sua tradição de conquistas de Copas do Mundo. Como sabemos, os jogadores que são convocados para disputar uma Copa do Mundo pelo seu país tendem a ser valorizados, tanto do ponto de vista financeiro quanto simbólico e a conquista de um desses campeonatos significa uma espécie de “coroamento” do atleta na hierarquia do futebol.

Mas o que mais chama a atenção nesta breve comparação entre o futebol europeu e o sul-americano diz respeito à posição ocupada pelo Brasil e por Portugal nesta hierarquia simbólica herdada das participações em Copas do Mundo. Enquanto o Brasil acumulou cinco títulos de campeão, dois vice-campeonatos, duas terceiras colocações e ficou uma vez em quarto colocado, sendo o país que mais vezes foi campeão do mundo, Portugal possui apenas uma terceira e uma quarta colocações. Com isso, Brasil e Portugal ocupam posições bastante distintas no cenário do futebol mundial, de maneira que os significados atribuídos a cada uma dessas equipes também serão diferentes. Assim, o termo “O Brasil é o país do futebol”, que aparece com frequência no senso comum brasileiro,

<sup>4</sup> Atualmente o Brasil possui 5 títulos mundiais e a Alemanha e a Itália possuem 4 títulos cada.

<sup>5</sup> Incluindo os campeonatos realizados ou não pela FIFA e realizados a partir de 1960.

pode ser visto com algum sentido: não o de denotar uma situação ontológica na qual no Brasil tudo estaria em função do futebol, mas em fazer emergir uma cena na qual a relação simbólica com este esporte seria realmente incontestada, pois o vínculo identitário construído com o futebol está suturado em episódios concretos de vitórias e conquistas nas competições mais representativas deste contexto esportivo. Neste sentido, simbolicamente o Brasil é o “país do futebol” e não Portugal, fato que coloca estes dois países em situações distintas quando o que está em pauta é a hegemonia do futebol mundial<sup>6</sup>, as expectativas sobre as possíveis vitórias e derrotas etc.

Ver a sua seleção de futebol ser campeã da Copa América não parece ser tão entusiasmante para o torcedor brasileiro quanto parece ser para o torcedor português, ao ver a sua seleção ganhar o título do Campeonato Europeu de Futebol. A relação entre a equipe e a competição que disputa tende a fornecer a medida da importância atribuída ao evento. De certa forma, isto se traduz pela relação distinta entre Brasil e Copa América e entre Portugal e Eurocopa. Em Portugal também há expectativa em relação à Copa do Mundo, mas como o país não é um referente forte nesta competição, a Eurocopa tende a se tornar um campeonato cuja probabilidade de se chegar ao título é muito maior. Pelo menos é isso o que se pode perceber nas conversas entre os portugueses. E isso pode ajudar na compreensão do entusiasmo português na Eurocopa de 2008<sup>7</sup>. Pode-se dizer que a euforia do povo na ocasião daqueles jogos assemelhou-se com aquilo que vemos no Brasil em tempos de Copa do Mundo. Em síntese, o Campeonato Europeu de Futebol parece possuir um prestígio maior que o campeonato continental sul-americano, o que se torna, para uma seleção como a portuguesa, que não possui tradição em títulos internacionais, um evento esportivo altamente atrativo, cuja expectativa de vitórias é amplamente alimentada pelos adeptos. Isso tudo fez com que o “clima” em Portugal fosse aquecido pela

Eurocopa, proporcionando a atualização da identidade nacional portuguesa pelo viés dos significados esportivos.

## II – FUTEBOL MUNDIALIZADO E IDENTIDADES DESTERRITORIALIZADAS

O fato de ter sediado e tido uma excelente participação na Eurocopa de 2004, além da expectativa de que o bom desempenho voltasse a se repetir, fez com que Portugal fosse “contagiado” por um clima “Pró-Euro 2008”. A “Euro 2008” foi uma competição apreciada com muito ânimo pelos portugueses adeptos do futebol ou mesmo por aqueles que se interessam apenas pela seleção nacional.

Assim, a Euro 2008 foi um momento em que a identidade nacional portuguesa foi exaltada, pois eventos esportivos de nível internacional constituem-se como ocasiões importantes para a valorização das identidades nacionais. Os jogos da seleção em eventos internacionais são momentos em que todos os indivíduos que possuem algum grau de afinidade com o esporte reforçam o sentimento de pertencimento à nação. Nesta situação, a nação acaba se tornando um importante agente de atribuição de identidade ao seu povo. É importante compreender que os vínculos identitários na contemporaneidade não se constituem como “herança natural”, com a qual o indivíduo teria que conviver por toda a vida, como acontecia nas chamadas sociedades tradicionais<sup>8</sup>. Nascer brasileiro não nos prende eternamente ao Brasil, nascer português não prende mais nenhum indivíduo a Portugal. Entre todos os jogadores que participaram da “Euro 2008”, seis são de origem brasileira: Deco e Pepe, de Portugal; Kevin, da Alemanha; Marco Aurélio, da Turquia; Marcos Senna, da Espanha; e Roger, da Polônia. Todos estes jogadores são nascidos no Brasil e se naturalizaram em outros países. Nesse sentido, várias seleções tiveram em suas equipes jogadores com dupla-nacionalidade. A seleção portuguesa, além de ter os “brasileiros” Deco e Pepe, contou com a participação de Nani, originário do Cabo-Verde, Nuno,

<sup>6</sup> Referimo-nos à hegemonia em relação aos campeonatos de seleções nacionais de futebol, pois neste tipo de competição o Brasil ocupa a primeira posição da lista, pelo menos em se tratando de Copas do Mundo. No que diz respeito aos campeonatos internacionais e mundiais de clubes este quadro sofre alterações.

<sup>7</sup> Parte do entusiasmo do torcedor português com a Euro 2008 vinha da boa participação que a seleção portuguesa obteve no Campeonato Europeu de 2004, quando ficou na 2ª colocação. O título Campeão Europeu só veio a ser conquistado pela seleção portuguesa em 2016.

<sup>8</sup> Gilles Lipovetsky (2004) afirma que a identidade como algo natural, herda-da, definitiva e intangível era uma característica das sociedades tradicionais. Na “supermodernidade”, época atual, a identidade está relacionada com as escolhas individuais, com o processo de reivindicação e apropriação por cada indivíduo.

de São Tomé e Príncipe, Bosingwa, do antigo Zaire e atual Congo, e Petit, da França. Este movimento de naturalização dos jogadores de futebol em outras nações, que tem se tornado bastante comum no meio esportivo em geral, reafirma a ideia de que os vínculos identitários na contemporaneidade passam pelo arbítrio do indivíduo, não se constituindo mais como um atributo exclusivamente herdado da nação em que se nasceu. Para estes jogadores, é provável que os referentes “futebol”, “seleção”, “dinheiro”, “sucesso”, tenham adquirido um significado mais mobilizador do que o referente “nação”, motivando-os a buscar em outras nacionalidades a chance de concretizar certos objetivos de vida oferecidos por aqueles primeiros tipos de referentes. Se o objetivo de vida é, por exemplo, participar de uma Copa do Mundo, a nacionalidade não se constitui mais como um obstáculo tão rígido, pois, se o jogador não consegue lugar na seleção do seu país, pode tentar defender as cores daquela seleção que o aceitar como um dos seus “filhos”. Nesse sentido, a imprensa oficial da “Euro 2008” estampa o “patriotismo” do jogador Pepe, da seleção portuguesa.

Durante a conferência de imprensa, o luso-brasileiro Pepe deixou ainda claro o seu empenho em honrar a camisola das “quinas” e que a motivação que o move dentro de campo é simples. “Estou bem onde estou, as pessoas tratam-me bem, sou feliz por aquilo que faço”, referiu o central do Real Madrid CF, reforçando: “Estou aqui por causa dos portugueses” (UEFA EURO, 2008a).

Este tipo de situação, em que o atleta possui dupla nacionalidade, pode gerar cenas interessantes como aquela em que o jogador tem como adversária a seleção do seu próprio país de origem. Caso Portugal tivesse enfrentado a França nesta edição da Eurocopa, o jogador Petit poderia enfrentar os seus compatriotas. Este foi o caso do jogador Lukas Podolski, da Alemanha, ao fazer os dois gols na vitória sobre a Polónia na estreia da “Euro 2008”. O primeiro gol de Podolski ainda contou com o passe de Ballack, outro jogador alemão nascido na Polónia. “É evidente que senti um misto de emoções”; “Nasci na Polónia e tenho lá família, por isso tenho fortes laços com o país”, revelou Podolski à imprensa que cobria o evento (UEFA EURO, 2008b). Após a vitória contra a seleção polonesa, Podolski foi excomungado pelo partido católico LPR (GLOBO ESPORTE, 2008). Já Miroslaw Orzechowski, um ex-ministro polonês, declarou que

a cidadania polonesa de jogadores que representaram outros países deveria ser retirada (GLOBO ESPORTE, 2008). Tornar-se-ia repetitivo citar outros casos de atletas que reivindicam outra nacionalidade com o objetivo de atuar em campeonatos internacionais ou mundiais de seleções. Também é preciso reconhecer que nem todos os jogadores que possuem dupla nacionalidade o fizeram exclusivamente com o mesmo objetivo, ou seja, jogar na seleção do país. Cada atleta possui uma história de vida e um percurso profissional específico, cujas peculiaridades extrapolam os objetivos deste estudo.

Cada um desses jogadores, que defendem em competições internacionais uma seleção que não é a de sua origem, acaba sendo aceito<sup>9</sup> pela nova nação sem maiores problemas, o que mostra a passagem para um novo tipo de vínculo identitário, o qual não está mais atrelado fundamentalmente à territorialidade de uma nação, como acontecia com a de origem, mas com um referente essencialmente simbólico que é a seleção nacional de futebol. Isso pode ser dito porque, em alguns casos, o laço construído entre o atleta e a nova nação tem relação apenas com o esporte e com a seleção, deixando de lado outras esferas, como a vida no território nacional, a sua cultura etc., pois são casos em que o atleta se “filia” à nação apenas para participar de determinadas competições. O que passa a importar não é mais a nação a defender, mas o objetivo cumprido de se chegar a uma seleção e disputar competições internacionais, cujo melhor exemplo é a Copa do Mundo de Futebol. Isso ratifica a ideia de que o estado-nação não possui mais o monopólio da definição das identidades (ORTIZ, 1999).

### III – VÍNCULOS DE IDENTIDADES: DO POLÍTICO AO HUMANITARISMO

Campeonatos internacionais de seleções como a Eurocopa acabam se transformando também em oportunidades para que o vínculo político de identidade se aproxime do esportivo. Chefes de Estado e representantes políticos dos países envolvidos nas disputas, ao se fazerem presentes nos locais das competições,

<sup>9</sup>Considerando que este processo ocorre no “mercado do futebol”, isso parece se constituir como uma expressão da globalização e mundialização próprias da sociedade capitalista, ou como afirma Ianni (2008, p. 55), “A rigor, a história do capitalismo pode ser vista como a história da mundialização, da globalização do mundo”. Isso tudo provoca um movimento de desenraizamento dos atores de suas sociedades nacionais, para ocupar papéis no cenário global.

reforçam a ideia de uma “unidade nacional”, na qual a esfera política garante o seu apoio à esfera esportiva<sup>10</sup>. Ao mesmo tempo em que a presença de tais personagens ao longo dos jogos pode acrescentar uma espécie de legitimidade política à competição, esses momentos veiculam a ideia de maior proximidade entre os representantes políticos e o povo da nação.

A realza vai estar presente, na noite desta quinta-feira, no Ernst-Happel-Stadion, quando o príncipe da Coroa espanhola, Felipe, e a sua esposa Letizia se juntarem aos mais de 50,000 espectadores que vão assistir à segunda meia-final do UEFA EURO 2008™, entre Espanha e Rússia, apesar de se prever que a embaixada espanhola em Viena fique quase deserta (UEFA EURO, 2008c).

Na medida em que a competição se desenvolve e que os jogos vão se tornando cada vez mais importantes, como é o caso da final da “EURO 2008”, a ênfase da participação dos mais importantes representantes políticos dos países envolvidos parece aumentar.

Entre a lista de VIP’s presentes no Ernst-Happel-Stadion vão estar, claro, personalidades das duas nações que disputam a final. A Espanha estará representada pelo Rei Juan Carlos e pela Rainha Sofia, bem como pelo primeiro-ministro Jose Luis Zapatero, enquanto o presidente alemão, Horst Köhler, e a chanceler Angela Merkel também vão marcar presença no estádio. “É um dia especial e a lista de convidados honorários é extraordinária”, disse o presidente da Federação Austríaca de Futebol, Friedrich Stickler (UEFA EURO, 2008d).

A “Euro 2008” também foi palco para a realização de iniciativas “politicamente corretas” e humanitárias relacionadas à questão ambiental, ao apoio à Cruz Vermelha, à luta contra o racismo, ao apoio aos portadores de deficiência. O site oficial da competição divulgou a notícia de que a “Euro 2008” cumpre a meta ambiental: “O chanceler austríaco, Alfred Gusenbauer, e o chanceler federal suíço, Samuel Schmid, anunciaram que o UEFA EURO 2008™ foi uma prova amiga do meio ambiente”. Esta conclusão está atrelada ao bom funcionamento dos meios de transporte público na Áustria e na Suíça, que teria diminuído significativamente o volume do tráfego

de automóveis particulares nestas cidades, mesmo durante a Eurocopa, com o aumento de turistas com necessidade de se locomover pela cidade.

Estive a analisar alguns dados e cheguei à conclusão que este foi um campeonato verde, pois 80 por cento das viagens de longa distância e 60 por cento das deslocações curtas foram realizadas em transportes públicos”, explicou Gusenbauer. “Criámos ofertas que se revelaram muito bem sucedidas, por isso este campeonato mostrou enorme preocupação com a vertente ecológica (UEFA EURO, 2008e).

“A estrela portuguesa Cristiano Ronaldo tem a noção que quando marca golos no UEFA EURO 2008™ está a ajudar uma causa humanitária” (UEFA EURO, 2008f). Esta frase estampou a notícia sobre o gol do jogador português na partida contra a República Tcheca no *site* da “Euro 2008”. Cristiano Ronaldo foi embaixador da campanha “Gols pela Cruz vermelha” na Eurocopa de 2008, empreitada que teve como objetivo arrecadar fundos para o auxílio às vítimas de minas terrestres no Afeganistão. Cada gol marcado renderia quatro mil euros para a campanha. Além dos gols marcados pelos jogadores, outra frente de arrecadação de donativos nesta campanha foi a possibilidade dada aos torcedores de comprar “gols virtuais” para a seleção preferida.

Outra campanha lançada na “Euro 2008” foi a “Unidos Contra o Racismo”, numa parceria da UEFA com a Rede Pan-Européia Contra o Racismo no Futebol (FARE) e com o Sindicato profissional dos jogadores de Futebol (FIFPro). A campanha adotou como estratégias o lançamento de uma propaganda de 30 segundos chamada “línguas diferentes, um só objetivo”; mensagens lidas pelo capitão de cada equipe antes do início da partida; distribuição de coletes coloridos para os adeptos, simbolizando a diversidade cultural; o logotipo da campanha estampado nas braçadeiras de capitão, nos bilhetes de ingresso, nos coletes dos jogadores reservas entre outros objetos e locais.

A Eurocopa de 2008 contou ainda com a campanha “Futebol para todos”, que se constituiu em disputas entre equipes formadas por atletas portadores de deficiências. Estas partidas eram realizadas antes do início de cada jogo das quartas de final da Eurocopa e possuíam dois tempos de sete minutos cada. A campanha foi organizada pela instituição que coordena o

<sup>10</sup> Esse foi o caso da Eurocopa de 2008, mas obviamente, a relação entre o “político” e o “popular” nos eventos esportivos pode se desenhar de formas distintas, como foi o caso das manifestações contrárias ao Michel Temer na abertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro, em 2016.

esporte adaptado na Suíça, a Plusport, e pela Federação Austríaca de desporto adaptado (ÖBSV).

O fato de a Eurocopa ser uma competição esportiva importante não apenas no continente europeu, mas também em todo o resto do mundo, dota este evento da capacidade de “pautar” certos debates que perpassam o contexto do futebol e que podem ter uma abrangência para além deste esporte. Questões relacionadas ao meio ambiente, Cruz Vermelha, racismo, e portadores de deficiências foram foco das campanhas acima citadas, e são bons exemplos de temas que estiveram na pauta da Eurocopa e que possivelmente estarão presentes em outros eventos esportivos e nas futuras edições deste mesmo torneio. Se as atitudes racistas serão diminuídas, se os portadores de deficiências terão mais projetos voltados para as suas necessidades, se a preocupação em não poluir o meio ambiente aumentará e se os mutilados pelas minas terrestres no Afeganistão terão uma vida melhor, tudo isso não sabemos. Mesmo assim, qualquer sujeito que esteja razoavelmente atento aos problemas ditos “universais” difundidos em nossa época, provavelmente construirá certa expectativa e esperança de que estas campanhas tenham alguma eficácia. Mas o que queremos chamar a atenção nisso tudo é que estes problemas não são “universais” em si mesmos, pois ocorre que eles adquirem um valor quase unânime porque são pautados por instituições detentoras de prestígio e se irradiam para todo planeta num movimento modernizador. Estes tipos de problemas sociais tendem a ser tornar novas grandes narrativas do mundo moderno (LIPOVETSKY, 2004; ORTIZ, 1999)

Os significados destes problemas e também das atitudes para resolvê-los extrapolam o contexto local do evento esportivo em questão, neste caso a Eurocopa, e difundem-se para todo o planeta pelo processo de mundialização. Tais significados não terão sentido apenas para o povo europeu, mas alcançarão uma escala mundial exercendo influência em toda a variedade de adeptos do futebol. Não serão apenas os suíços e austríacos, que sediaram o evento, e nem apenas os portugueses ou os espanhóis, que dele participaram, mas também, os africanos, os asiáticos, os sul-americanos, entre outros povos, os que compreenderão e compartilharão os significados destas campanhas. Isso pode ser explicado pela posição central

que a Europa<sup>11</sup> possui como referente cultural, o que faz com que as iniciativas que dela partem possuam grande visibilidade no plano mundial. Desta maneira os discursos produzidos no contexto europeu possuem facilidade para se expandir aos outros continentes, isto é, para todos os outros “cantos” do mundo.

#### IV- MUNDIALIZAÇÃO DE SIGNIFICADOS E GESTOS

Certos gestos realizados pelos jogadores de futebol podem constituir-se como atos altamente eficazes, não somente pela sua *performance* mecânica, mas principalmente pela sua disposição estética e pelos aspectos simbólicos que a envolvem. A tentativa de um drible arrojado, por mais que se tenha uma pequena possibilidade de êxito, tende a ser valorizada pelos espectadores, pois demonstra a criatividade, a audácia, a sagacidade do executante na realização do gesto, o que é bastante valorizado na tradição deste esporte. Ao contrário, um conjunto de gestos mais simples e sem muitas alegorias pode até se constituir como mais eficiente do ponto de vista dos resultados objetivos, mas, ao mesmo tempo, poderão ser considerados mais “mecânicos” e “frios”. Estes gestos que, para além da eficiência mecânica, conferem um componente de “magia” ao drible no futebol, são atos dotados de eficácia, no sentido conferido por Marcel Mauss (1974). É interessante perceber que este não é o tipo de gesto ensinado nas aulas de futebol, que por sua tradição moderna, privilegia o ensino da eficiência mecânica a partir do tratamento fragmentado da técnica. Ele é produto da imitação prestigiosa de gestos realizados por atores sociais dotados de prestígio, e é o seu êxito simbólico que lhe confere autoridade e que possibilita a sua transmissão.

Numa cultura mundializada, estes gestos eficazes, realizados por jogadores portadores de prestígio junto ao público, tendem a ser imitados pelos atores sociais que se identificam com o futebol. Qual menino que goste de futebol nunca tentou realizar um

<sup>11</sup> Octávio Ianni (2008), explica este processo de influência europeia sobre as demais nações a partir da noção de ocidentalização, como uma dinâmica que atua nos níveis social, econômico, político e cultural. Esta ocidentalização do mundo seria “Originária da Europa, e revigorada nos Estados Unidos, ela se expande pelos países e continentes, em surtos sucessivos, frequentemente contraditórios. Sintetiza-se em padrões e valores sócio-culturais, modos de vida, trabalho, formas de pensamento, possibilidade de imaginação” (IANNI, 2008, p.71).

drible igual ao do seu ídolo? A imitação dos gestos de jogadores famosos não parece ser algo recente e provavelmente remonta à própria história deste esporte. Desde o momento em que se constitui como prática espetacularizada, o futebol parece fornecer os gestos dos seus jogadores prestigiosos como referências para os demais praticantes (DAOLIO; VELOZO, 2008). Mas um fato interessante é que os gestos de determinado jogador não se tornam referência apenas para os praticantes e apreciadores que compartilham com ele a mesma nacionalidade. A identificação dos adeptos não ocorre somente com os jogadores do mesmo país, da mesma nação. A identidade não assume um caráter exclusivamente nacional. O prestígio dos jogadores, os seus gestos e os seus atos assumem uma dimensão que extrapola as fronteiras nacionais e tornam-se referentes mundiais.

Além dos gestos técnicos que tendem a ser imitados pelos adeptos do esporte, há outros tipos de gestos que também se tornam referentes eficazes e importantes para a construção de identidades. As comemorações dos jogadores no momento do gol, com movimentos, saltos, danças, enfim, gestos, são formas de comunicação dos atletas com a torcida.

Para ilustrar essa questão “abro parênteses” para mencionar o exemplo exposto por Maria Eduarda Guimarães, que cita como exemplo o caso do jogador Cafu, capitão da seleção brasileira de futebol na Copa da Alemanha em 2002, que, ao receber a taça de campeão, mostrou a segunda camisa que vestia, estampada com a frase “100% Jardim Irene”<sup>12</sup> (GUIMARÃES, 2005, p.83). Ainda segundo Guimarães, o gesto de mostrar uma segunda camiseta com mensagens ao público ficou conhecido depois que o jogador Romário do Flamengo, após marcar um gol pela Taça Guanabara, no final dos anos 1990, levantou a camisa e mostrou a segunda camiseta com a inscrição “*No war, peace in world*” (GUIMARÃES, 2005, p.84).

Um aspecto interessante no primeiro exemplo deve-se ao fato de que, de um ponto de vista global, o jogador Cafu é um referente desterritorializado. O seu vínculo identitário, para grande parte dos adeptos, não é com o Jardim Irene, local de suas origens, mas com a seleção brasileira de futebol, que representa uma sociedade nacional chamada Brasil, ou ainda, com o clube em que ele atuava na época. Apesar dessa

vinculação desenraizada, ele insistiu em demonstrar o seu vínculo identitário original ao exaltar o seu pertencimento ao Jardim Irene. Outro aspecto importante é o fato de que o gesto de transmitir mensagens utilizando camisetas é uma prática que se popularizou entre os jogadores de futebol, sendo que a cada jogo surgem novos exemplos. Isso tudo mostra que, por ocuparem uma posição central no cenário da cultura esportiva espetacularizada, os ídolos esportivos constituem-se como importantes referentes simbólicos para os adeptos do esporte.

Fechando os “parênteses” abertos anteriormente, e tomando novamente emprestado alguns pressupostos de Marcel Mauss, é possível afirmar que o prestígio e a eficácia que eles possuem permitem que os seus gestos e atitudes se transformem em códigos capazes de influenciar boa parte daqueles que se colocam sob a sua autoridade.

Com isso, é possível afirmar que o processo de “imitação” dos gestos portadores de “eficácia simbólica” desses atores, que na sociedade contemporânea se tornaram referentes globais, é um aspecto que deve ser levado em consideração na análise da mundialização da cultura de movimento. Essas trocas simbólicas em nível global geram consequências em cada local, conforme a maneira como os códigos são captados e interpretados por cada grupo social. No entanto, esta lógica não se faz presente apenas no âmbito do futebol ou do esporte de modo geral. Ela também diz respeito à cultura de movimento e a todas as práticas culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando-se de um texto com a pretensão de ensaiar algumas reflexões sobre futebol, mundialização e identidades utilizando-se de notas obtidas a partir da Eurocopa de 2008, tomou-se a liberdade de adotar um estilo de redação um pouco mais livre, ora dialogando com os fatos advindo do Campeonato Europeu, ora articulando as ideias com fatos variados que, certamente, ultrapassam aquele contexto. Nesse sentido, processos como o de mundialização da cultura de movimento e, conseqüentemente, de construção de identidades puderam ser pensados a partir da Eurocopa de 2008.

Este tipo de competição continental pode assumir uma relatividade de valor de acordo com o ponto de vista de cada seleção, mas, ao mesmo tempo, foi

<sup>12</sup>O Jardim Irene é um bairro localizado na periferia da cidade de São Paulo.

possível perceber a centralidade da importância que o campeonato europeu, especificamente, possui se comparado com outros torneios equivalentes. Diferentes dos outros campeonatos continentais de seleções, o europeu reúne equipes com muita tradição no futebol, o que o dota de grande prestígio. Com isso ele acaba, também, tornando-se palco para a propagação de referentes que, por influência da centralidade e do prestígio do lugar de onde são enunciados, adquirem imensa eficácia. É o caso das campanhas contra o racismo, das que buscam angariar recursos para as vítimas das guerras, das que incentivam a prática esportiva para os portadores de deficiências etc, independente da genuinidade ou não de tais iniciativas.

Outro aspecto a ser destacado sobre os campeonatos entre seleções diz respeito ao papel da nação como referente identitário. A seleção de Portugal, ao representar o país na “Euro 2008”, provocou certo tipo de exaltação da identidade nacional portuguesa. Tanto os torcedores como os jogadores foram envolvidos num discurso que resgatava a noção de ser portugueses. A seleção representava a nação e o seu povo, de maneira que o seu sucesso na competição implicava também o sucesso desses outros dois agentes. Nesse momento, a nação retoma parte da sua capacidade de atribuir sentido à vida dos indivíduos.

Mas a “Euro 2008” também foi um exemplo de outro tipo de relação dos indivíduos com a sua nação de origem nos tempos atuais. Representar a nação em competições internacionais sempre foi um dos maiores objetivos de boa parte dos atletas de futebol, mas, agora, a pretensão de participar de campeonatos internacionais, como a Copa do Mundo, faz com que eles busquem em outras seleções nacionais a chance de realizar tal objetivo. A dupla nacionalidade permite que determinados jogadores participem destas competições representando não mais a sua nação de origem, mas alguma outra em que eles tenham conseguido se naturalizar. O desejo individual de participar de um selecionado nacional sobrepõe-se à noção de pertencimento exclusivo à nação em que o atleta nasceu. Assim, a relação do indivíduo com um referente mais global/mundial – uma Copa do Mundo, por exemplo – contorna a barreira colocada pelas fronteiras nacionais.

Neste aspecto, a força do referente nação perde parcialmente a sua força, ao mesmo tempo em que o referente “campeonato mundial” fortalece-se. Isso

denota a importância que determinados conteúdos dispostos numa escala global/mundial possuem para a construção dos vínculos identitários nas escalas mais locais. Estas competições de grande visibilidade tornam-se espaços difusores de discursos, ideologias, referências, estilos, ações, produtos, entre uma série de outros elementos que produziram interações com as identidades locais.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. 2ª Ed. Lisboa: Edições 70, 1991.
- AUGÉ, M. **Por uma antropologia dos mundos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 4ª ed. Campinas: Papirus, 2004.
- CONMEBOL. Disponível em: <<http://www.conmebol.com>>. Acesso em: 02 jun. 2008.
- DAOLIO, J. VELOZO E. L. A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a pedagogia do esporte. **Pensar a Prática**, 11(1): 9-16, 2008.
- GASTALDO, E. A pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: Gastaldo E, Guedes SL (2006). **Nações em campo**: copa do mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GLOBO ESPORTE. **Atacante Podolski é excomungado por fazer gols contra Polônia na Eurocopa**. Disponível em: < <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Futebol/0,,MUL596898-15699,00-ATACANTE+PODOLSKI+E+EXCOMUNGADO+POR+FAZER+GOLS+CONTRA+POLONIA+NA+EUROCOPIA.html> >. Acesso em: 20 ago, 2008.
- GUEDES, S. L. Os “europeus” do futebol brasileiro ou como a “pátria de chuteiras” enfrenta a ameaça do mercado. In: Gastaldo, E.; Guedes S. L. **Nações em campo**: copa do mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.
- GUIMARÃES, M. E. A. Globalização: corpo como campo de batalha. In: Bueno ML, Castro AL (2005). **Corpo, território da cultura**. São Paulo: Annablume, 2005.
- IANNI, O. **Teorias da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Globalização e o retorno da questão nacional**. Primeira versão, IFCH/UNICAMP, n. 90, Junho, 2000.

\_\_\_\_\_. **A sociedade global**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Um outro território**: ensaios sobre a mundialização. 2ª ed. São Paulo: Olho D'água, 1999.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico internacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

UEFA EURO 2008. **Eliminatória discutida nos detalhes**. Disponível em: <<http://pt.uefa.com/uefaeuro/news/newsid=719475.html>>. Acesso em: 29 jun, 2008a.

\_\_\_\_\_. **Podolski não esquece as raízes**. Disponível em: <<http://pt.uefa.com/uefaeuro/news/newsid=710055.html>>. Acesso em: 29 jun, 2008b.

\_\_\_\_\_. **Espanha com apoio real**. Disponível em: <<http://pt.euro2008.uefa.com/news/kind=1/newsid=727800.html#espanha+apoio+real>>. Acesso em: 29 jun, 2008c.

\_\_\_\_\_. **Passadeira vermelha em Viena**. Disponível em: <<http://www1.pt.uefa.com/countries/cities/city=3088/news/newsid=728955.html#passadeira+vermelha+viena>>. Acesso em: 29 jun, 2008d.

\_\_\_\_\_. **EURO cumpre meta ambiental**. Disponível em: <<http://pt.euro2008.uefa.com/news/kind=1/newsid=729993.html#euro+cumpre+meta+ambiental>>. Acesso em: 29 jun, 2008e.

\_\_\_\_\_. **Ronaldo marca pela Cruz Vermelha**. Disponível em: <<http://pt.euro2008.uefa.com/countries/organisation/socialproject/kind=4/newsid=71>>. Acesso em: 29 jun, 2008f.



# MEGAEVENTOS ESPORTIVOS: BREVE ANÁLISE ECONÔMICA DA COPA DO MUNDO (FIFA)

## SPORTING MEGA EVENTS: BRIEF ECONOMIC ANALYSIS OF THE FOOTBALL WORLD CUP (FIFA)

Elaine Carvalho de Lima\*

Calisto Rocha de Oliveira Neto\*\*

Érica Priscilla Carvalho de Lima\*\*\*

### RESUMO

A realização de megaeventos tem se tornado uma estratégia bastante utilizada, já que a promoção destes eventos pode contribuir para o desenvolvimento de uma região e estimular as relações com outros países. Neste contexto, a Copa do Mundo FIFA é um dos maiores megaeventos esportivos mundiais, pois é notória a relevância desse evento na sociedade. Assim, o presente trabalho busca realizar uma análise da Copa do Mundo FIFA destacando seus aspectos econômicos e sociais. A metodologia do trabalho é baseada em pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema, buscando fazer uma análise do conhecimento da área de megaeventos e, sobretudo, direcionada a uma melhor contribuição dos seus impactos. Em suma, o custo de um evento não pode ser medido pela quantidade de recursos necessários para executá-lo, mas pelo valor que a sociedade perderá se esse investimento fosse alocado para um melhor projeto público.

**Palavras-chave:** Megaeventos Esportivos; Copa do Mundo; Legados.

### ABSTRACT

Mega-events have become a widely used strategy, since a promotion of these events can contribute to the development of a region and stimulate relations with other countries. In this context, a FIFA World Cup is one of the largest mega-sport events in the world, as the relevance of an event in society is notorious. Thus, the present work seeks to carry out an analysis of the FIFA World Cup emphasizing its economic and social aspects. A methodology of the work and research in bibliographical and documentary research on the subject, seeking an analysis of the knowledge of the area of mega-events and, above all, directed to a better contribution of its impacts. In short, the cost of an event can not be measured by the amount of resources needed to execute, but by the value that a society will lose if that investment were allocated to the best public project.

**Keywords:** Sports mega-events; FIFA World Cup; Legacies.

\*Doutoranda em economia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestra e graduada em economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: elaine.alirn@gmail.com

\*\*Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestre e graduado em economia pela UFRN. E-mail: calisto\_neto@hotmail.com.

\*\*\*Doutoranda em economia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestra em estudos urbanos e regionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: ericaprisillaufnrn@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, grandes interesses surgiram em sediar megaeventos esportivos. Os principais defensores desses eventos afirmam que estes podem atrair um grande número de investimentos, aumentar o fluxo turístico e provocar um impulso geral na economia com efeito duradouro sobre as regiões de acolhimento. Entretanto, sabe-se que sediar esses eventos, em geral, implica em despesas operacionais e de infraestrutura, o que pode ser extremamente oneroso, pois não é tão claro o retorno a curto e longo prazo (ANDREFF, 2006).

Há uma carência de estudos que busquem uma investigação sobre os possíveis impactos dos Megaeventos nas cidades-sede, já que muitas pesquisas verificam apenas aspectos meramente econômicos (BAADE; MATHESON, 2004). Como exemplo, os resultados de estudos de impactos econômicos feitos por consultorias contratadas pelas autoridades governamentais. No entanto, muitos pesquisadores afirmam que essas pesquisas podem ser suscetíveis a erros e manipulação, pois envolvem aspectos subjetivos sobre os verdadeiros impactos sobre determinada região (BAADE; MATHESON, 2004; IPEA, 2008).

Assim, como a determinação do impacto econômico pode ser uma tarefa desafiadora, principalmente quando não se conhece a realidade local onde o evento irá acontecer, algumas diretrizes são importantes para determinar ou identificar esses impactos. Em primeiro lugar, é necessário entender o evento e suas particularidades, para adquirir um quadro mais amplo de compreensão da magnitude de possíveis impactos. Em seguida, tentar entender a comunidade na qual o evento será realizado, bem como as atividades econômicas que são realizadas no local da sede, isso permitirá não só o entendimento das características locais da comunidade, e, principalmente, as atividades que terão relação direta com o evento. O terceiro passo, é identificar o impacto para a comunidade em questão, sendo importante se concentrar nos impactos imediatos antes de verificar os possíveis impactos a longo prazo (DOMINGUES; BETARELLI JR; MAGALHÃES, 2010).

Um dos principais exemplos de megaeventos esportivos é a Copa do Mundo de Futebol FIFA, que passou a ter uma grande relevância entre as mais diferentes nações. Neste contexto, o Brasil foi escolhido

como sede da Copa do Mundo 2014 e da Copa das Confederações de 2013, após aprovação da Federação Internacional do Futebol (FIFA).

Acolher um evento desse porte significa hospedar 32 equipes e suas comitivas durante aproximadamente um mês, para isso é imprescindível uma estrutura que permita a realização das 64 partidas, além de recepcionar espectadores de todo o mundo. De modo geral, é necessário um planejamento, preparação e execução de várias etapas do evento.

Dessa forma, o presente estudo busca realizar uma breve análise do mundial da Copa FIFA destacando seus aspectos econômicos e sociais. Em termos metodológicos, a pesquisa se desenvolveu por meio de dados secundários, que foram obtidos através de dois tipos de pesquisa: documental e bibliográfica. A revisão bibliográfica sobre o tema buscou fazer uma análise do conhecimento da área de megaeventos e, sobretudo, direcionada a uma melhor contribuição dos impactos desses projetos.

Dessa maneira, o trabalho está estruturado em três seções, além dessa parte introdutória. Na segunda seção, será abordada a problemática de pesquisa, envolvendo os aspectos conceituais sobre megaeventos esportivos. A terceira seção apresenta a discussão sobre os legados e impactos dos megaeventos. A quarta seção se dedica à análise do megaevento Copa do Mundo da FIFA. Finalmente, na última seção temos as considerações finais.

## MEGAEVENTOS ESPORTIVOS E A COPA DO MUNDO DE 2014

### Discussão de megaeventos esportivos

Nas últimas décadas, a realização de eventos esportivos tem se tornado uma estratégia bastante utilizada. Esses eventos podem ser uma alternativa para o desenvolvimento de uma região e estimular as relações com outros países. Assim, a atração de eventos de porte internacional, com destaque para os megaeventos esportivos, tem sido observada por planejadores e governantes como uma forma de dinamizar a economia local em grandes metrópoles e de se tentar resolver graves problemas relacionados às desigualdades sociais (BAADE; MATHESON, 2004; IPEA, 2008; SWINNEN; VANDEMOORTELE, 2008).

Dentro da classificação de eventos esportivos, os megaeventos são uma classe de destaque. Esses eventos, em geral, são de curto prazo e com efeitos de longo prazo, possuem o foco no mercado de turismo internacional e causa impactos nas cidades-sede. Podemos citar como exemplos de megaeventos: a Copa do Mundo, os Jogos Olímpicos, *Commonwealth Games*, Olimpíadas de Inverno, Jogos Pan-americanos, entre outros.

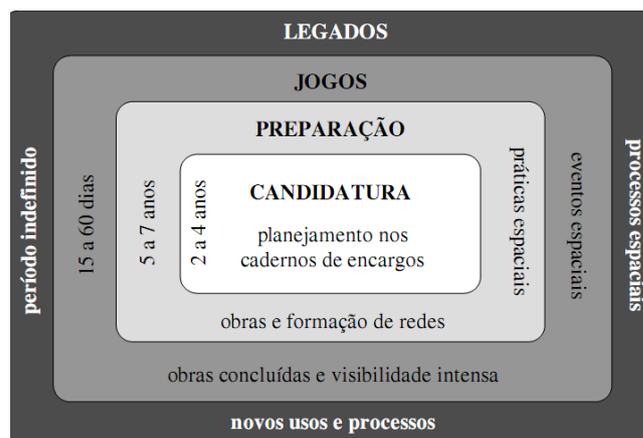
Não é apenas as autoridades públicas que buscam legados positivos, mas também os órgãos esportivos internacionais. Três são as possíveis justificativas: a primeira é que um legado positivo evita descontentamentos do público e dos órgãos desportivos internacionais, fornecendo provas dos benefícios de sediar o evento. Em segundo lugar, isso poderá justificar a utilização de recursos públicos escassos para a infraestrutura permanente ou temporária do evento, garantindo que todas as estruturas necessárias para a execução estarão prontas no tempo previsto para o evento. Por último, um legado positivo também estimula outras cidades ou nações para sediarem megaeventos (PREUSS, 2006).

Verifica-se que eventos esportivos como a Copa do Mundo da FIFA alteram a disposição para investir ao invés de poupar, de forma que o anúncio de um evento impulsiona o investimento. “Enquanto isso tudo impele a economia local [...] a chave para qualquer efeito em longuíssimo prazo encontra-se na possibilidade de formação de um legado permanente na infraestrutura ou nas competências da indústria” (RUBIO, 2008, p. 28).

Para acolher esses eventos a cidade sede precisa oferecer alguns equipamentos relacionados ao evento, dispondo de uma rede de hotéis e uma rede de transporte que permita o deslocamento dos visitantes ao evento. Há críticas com relação aos locais que irão sediar os jogos, especialmente em países em desenvolvimento, pois o acolhimento dos megaeventos está relacionado com a criação de uma grande infraestrutura de apoio, que implica numa grande quantidade de recursos ou em dívidas de longo prazo.

Para Raeder (2010), o megaevento esportivo possui quatro fases para implementação:

Figura 1 - Fases de implementação dos megaeventos esportivos



Fonte: RAEDER (2010).

Na fase da candidatura são estabelecidos os cadernos de encargos, que são uma espécie de contrato com a entidade responsável pelos jogos. A segunda etapa abrange o período de escolha da cidade que irá acolher o evento e o início das atividades esportivas, que em média varia de 5 a 7 anos antes da realização do evento. Nessa etapa são feitas as intervenções para a construção ou reforma das arenas esportivas e a estruturação da rede de transportes. A terceira etapa dos Jogos é a fase de realização do evento nas arenas preparadas na fase anterior, sua duração pode variar de 15 a 60 dias, esse período é marcado por uma intensa visibilidade da cidade sede. A última fase consiste nos Legados, e é bastante anunciada pelos organizadores do evento para legitimá-los, os legados que se destacam para a sede podem ser, melhorias nos transportes, como a ampliação de aeroportos, construção de novas vias e novos usos das arenas.

O relatório da “*Commonwealth Games Benefits Study*”<sup>1</sup> faz algumas recomendações sobre as melhores práticas de planejamento, bem como, operações de grandes eventos e as formas de organização e construção do legado. O estudo afirma que, antes de tudo é necessário reconhecer que cada evento pode ter um único conjunto de circunstâncias que podem ajudar a ditar se vai ter sucesso ou não.

No caso dos Jogos Olímpicos nas cidades de Seul, na Coreia do Sul (1988) e Barcelona, na Espanha (1992), foram realizadas várias intervenções urbanas

<sup>1</sup> Também denominado “Jogos da Amizade”, é uma competição multi-desportiva e multinacional, acontece a cada quatro anos com os atletas da *Commonwealth* inglesa.

em áreas degradadas dessas cidades. Em Seul executaram diversas remoções de favelas e a recuperação de sítios históricos. Já as transformações em Barcelona é um dos casos de maior sucesso de desenvolvimento urbano relacionados aos jogos. Na cidade foram feitas decisões locacionais compatíveis com os desafios que enfrentava. A cidade catalã utilizou a oportunidade dos Jogos para transformar a cidade, dinamizando as potencialidades turísticas e reduzindo as fragilidades sociais existentes (MASCARENHAS, 2009).

Os estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2008) mostram os resultados satisfatórios obtidos pelos Jogos Olímpicos nas cidades de Barcelona 1992 (Espanha), Sydney 2000 (Austrália) e Pequim 2008 (China), confirmam que os jogos podem resultar em legados positivos, principalmente, para as cidades que sediam esses eventos. A pesquisa elaborada pela instituição revelou que investimentos em eventos esportivos proporcionaram bons resultados nas cidades analisadas. No caso de Barcelona, a cidade saiu da fase da depressão na década de 1980 para o *boom* econômico após a realização do evento. Os investimentos para os Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona promoveram uma transformação urbana na cidade e diminuição da taxa de desemprego. O mesmo aconteceu em Sydney e em Pequim: aumento do PIB e emprego. Um dos grandes desafios contestados pelo estudo é como conseguir, depois do evento, manter o nível de atividade econômica dos anos de preparação. Assim:

Investir na cidade (e região), e não no evento, é algo que deve ser colocado como prioridade na hora de formular uma proposta de candidatura. Antes dos estádios, ginásios, piscinas, alojamentos é importante pensar na questão das facilidades de transporte e comunicação, na questão ambiental e na segurança e conforto dos turistas e atletas, por exemplo. (IPEA, 2008, p. 47)

Proni (2010) também faz algumas constatações a partir das experiências de Barcelona (1992), Sydney (2000) e Pequim (2008):

1. O megaevento pode dinamizar o turismo, gerar novos empregos e catalisar novos investimentos na infraestrutura urbana;
2. Pode beneficiar poucos segmentos econômicos e sociais, de forma que os investimentos ficam concentrados apenas nas cidades-sede;

3. É importante evitar usos abusivos de recursos públicos, como foi o caso de Atenas (2004) e dos Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro (2007);
4. Há uma dificuldade de estimação dos reais efeitos de um megaevento.

Os megaeventos esportivos podem beneficiar suas sedes com os investimentos realizados, por exemplo, em infraestrutura urbana. Uma infraestrutura imprópria em certa localidade, quando é revigorada devido a Copa do Mundo, pode garantir uma diminuição dos custos e fornecer um impulso da produtividade à economia (SWINNEN e VANDEMOORTELE, 2008). Barclay (2009), afirma que a vinda de novas infraestruturas, como a construção de novos estádios, por um lado pode elevar a atividade econômica, entretanto, pode elevar os custos de oportunidades para o setor público, ocasionando numa redução de outros serviços públicos.

Swinnen e Vandemoortele (2008) verificaram que em sua maioria, os governantes e empresários contratam agências de consultorias para elaborar seus estudos de impacto econômico, que no geral apontam resultados bastante otimistas para a economia. No entanto, há muitas pesquisas que criticam a validade desses estudos, apontando que muitas exageram nos resultados dos impactos econômicos em comunidades locais. Para Matheson (2006) os multiplicadores destas análises são duvidosos porque eles são baseados nos padrões normais de produção em uma área econômica, entretanto, a economia de uma cidade que for sediar tais eventos poderá se comportar de maneira diferente, invalidando esses multiplicadores.

Matheson (2002) também faz uma avaliação dos megaeventos, e no caso da Copa do Mundo, ele acredita que esse evento apenas substitui turistas usuais por “turistas-copa”, esses últimos podem efetuar um gasto na cidade-sede significativamente menor, já que estes terão gastos com ingressos e deslocamentos para o evento.

Comparando as duas últimas edições da Copa do Mundo, na África do Sul (2010) e os jogos ocorridos na Alemanha (2006), é importante esclarecer que além das disparidades de renda e desenvolvimento econômico entre os dois países, é difícil transpor os impactos desse Megaevento na Alemanha para a África do Sul. Uma das diferenças entre os dois países

foram os custos de investimento em infraestrutura. No caso da África do Sul, esses investimentos foram maiores. Enquanto, que na África do Sul havia a necessidade de construção de muitos estádios, na Alemanha isso não foi necessário, pois já tinha a maioria.

Dessa forma, o pós Copa do Mundo pode proporcionar retornos diferentes dos investimentos econômicos, como na comparação entre países de diferentes níveis de renda, no caso da Alemanha (2006) e África do Sul (2010). Quanto aos estádios, estes são bem utilizados na Alemanha com um grande comparecimento na Bundesliga<sup>2</sup>. Já na África do Sul, a demanda pelos estádios de futebol no pós Copa do Mundo se tornou algo incerto. Nota-se que o grau de utilização dos estádios para estas demandas diferentes irá afetar os benefícios para as regiões que sediaram os eventos. Assim, a baixa utilização e os altos custos de manutenção podem acarretar em um “legado” negativo desse megaevento. Depken e Wilson (2008) retratam o pós Copa do Mundo de 2002, com relação aos seus efeitos da Coreia do Sul e do Japão, ele adverte que as preocupações com a baixa utilização e altos custos de manutenção dos estádios são justificáveis.

### E O QUE FICA? ANÁLISE DOS LEGADOS E IMPACTOS

Nos últimos anos, os megaeventos esportivos tem apresentado grande visibilidade, tendo em vista os possíveis impactos e legados deixados para as cidades-sede. Nesse sentido, várias discussões em torno desses temas são necessárias, já que esta “área de conhecimento ainda encontra-se em fase de construção” (SEIXAS 2010, p. 25), várias pesquisas ressaltam que o termo “legado” é complexo e multidisciplinar.

De todo modo, é importante a tentativa de se fazer uma diferenciação entre o impacto econômico e legado, mesmo em decorrência das dificuldades conceituais. Em primeiro lugar, os impactos econômicos se referem aos efeitos imediatos que são resultados da preparação e realização dos jogos, tendo em geral, uma duração de curto prazo, são provisórios e podem ser controlados. Enquanto, o legado, engloba a ideia de longo prazo e a oportunidade de valor positivo

(PRONI apud PREUSS 2006). Nesse contexto, o legado se refere às possibilidades de desenvolvimento sustentável, garantindo que o crescimento econômico da produção não comprometa as gerações futuras.

De qualquer maneira, quando se referem aos eventos esportivos, alguns legados podem não ser planejados, como as externalidades<sup>3</sup> negativa/positiva (PREUSS, 2006). Ou seja, custos ou benefícios decorrentes de uma atividade econômica que afete uma comunidade que não está envolvida nessa atividade econômica. Dessa forma, uma melhor definição de legado pode ser: “*legacy is planned and unplanned, positive and negative, intangible and tangible structures that were/will be created through a sport event and remain after the event*” (PREUSS, 2006, p.3).

Preuss (2006) também afirma que na literatura podem ser encontrados vários conceitos para o termo “legado” de eventos esportivos, no entanto, são poucos que satisfazem a definição da avaliação dos “legados”. Segundo o autor, entre os legados positivos se destacam: novas instalações para os eventos, melhorias na infraestrutura geral, revitalização urbana, crescimento do turismo internacional, aumento do emprego, marketing da cidade, produção de valores culturais, novas oportunidades de negócios locais, cooperação inter-regional, experiências e know-how. Enquanto, os legados negativos podem ser: elevados custos de construção, perda permanente de visitantes, aumentos das propriedades alugadas, investimentos em estruturas desnecessárias e endividamento do setor público, crescimento de empregos temporários e empresas temporárias.

Um mesmo evento sediado duas vezes na mesma cidade cria diferentes legados cada vez que é realizado, sabe-se que para a realização desses eventos é necessária uma infraestrutura esportiva para os treinamentos e competições, como também é necessário a infraestrutura da cidade, como estradas, aeroportos, telecomunicações, hotéis, estruturas para entretenimento etc. Portanto, o evento pode demandar outras necessidades em épocas diferentes. Fato semelhante acontece quando o mesmo evento é sediado em cidades diferentes, verifica-se uma dificuldade de um julgamento comparativo, pois o “sistema de alvo” de cada é diferente (PREUSS, 2006).

<sup>2</sup> Liga profissional de futebol da Alemanha, informações no site: [www.bundesliga.de/de/](http://www.bundesliga.de/de/)

<sup>3</sup> As externalidades ocorrem quando os agentes numa economia interagem no mercado, gerando, sem intencionalidade, malefícios ou benefícios para indivíduos alheios ao processo.

Com relação aos impactos, estes podem ser quantificados em somas de dinheiro ou outras medidas concretas, enquanto há diversos outros em que uma resposta quantitativa é quase impossível de ser alcançada. Podemos classificá-los respectivamente em impactos tangíveis (impactos econômicos na infraestrutura e modificações urbanas, por exemplo) e intangíveis (pode ser: promoção de imagem, impactos socioculturais e impactos políticos).

A literatura de economia dos esportes geralmente abrange outros impactos resultantes dos eventos esportivos, por exemplo: ampliação dos setores de serviços e hotelaria; fluxo adicional de turistas no evento; e marketing internacional do país, com atração de investimento externo. No entanto, uma característica comum desses impactos é que eles são difíceis de mensuração e projeção. Isso é devido a complexidade e a singularidade desses eventos, sendo muitas vezes inúteis prever os impactos e legados a partir das “melhores práticas” (*benchmarks*) de experiências do passado.

Kurscheidt (2006) menciona três razões que induz os impactos econômicos: 1) nível de investimento no estádio na fase de pré-evento; 2) os gastos de turistas estrangeiros, na fase atual e 3) resultados da “exploração” dos estádios na fase pós-evento.

Nesse sentido os investimentos são de extrema importância, pois podem gerar renda adicional pelo efeito multiplicador na economia. Contribuindo também com os gastos de turismo, já que este poderá ser impulsionado pela capacidade do estádio e pela atratividade regional direcionada para os turistas da Copa do Mundo. Outra tarefa crucial é a escolha dos locais dos jogos para o sucesso econômico do evento, isto é, uma gestão eficiente dos recursos.

Alguns aspectos sociais também devem ser considerados ao sediar esses eventos, entre eles, dinheiro público investido nos jogos cria “custos de oportunidades” significativos, ou seja, quando gastos em alguns setores essenciais, deixam de ser priorizados em benefício do evento esportivo. Dessa forma, os gestores públicos necessitam verificar os efeitos econômicos e sociais para a população. Um dos efeitos negativos que podem surgir, é que devido à criação de novas instalações para o evento, sejam necessárias desapropriação e realocação de cidadãos, especialmente em espaços que se localizavam nas áreas mais pobres, ocasionando uma valorização econômica da área e

levando a perda de seu ambiente social (RUBIO, 2008).

## COPA DO MUNDO DA FIFA

A Copa do Mundo de futebol teve sua origem no *Olympic Football Tournament* que era organizado pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), na França em 1924. Os bons resultados deste evento permitiram que a FIFA tivesse a competência de escolha da melhor seleção de futebol do mundo a cada quatro anos independente do Comitê Olímpico Internacional (COI). Assim, em 1929 a FIFA elegeu o Uruguai para sediar a primeira edição da Copa do Mundo, nessa época, esse país tinha a maior equipe nacional e também ganhou duas vezes consecutivas o *Olympic Football Tournament*. (KURSCHEIDT, 2006).

Os jogos da Copa do Mundo da FIFA evoluíram muito desde a primeira edição no Uruguai em 1930, onde treze seleções participaram, sendo nove da América (Argentina, Uruguai, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai, Peru, México e EUA) e quatro da Europa (Bélgica, França, Romênia e Iugoslávia), foram duas semanas de partidas.

Já em 2006, na Alemanha, as fases finais da Copa tinham 32 países classificados, dentre aproximadamente 200 que disputavam as fases eliminatórias. Os estádios estavam próximo da capacidade total instalada de público, nas 12 sedes espalhadas pelo país, disputando 64 partidas durante o mês (RUBIO, 2008). Na edição mais recente em 2010, na África do Sul, compareceram 3,18 milhões de torcedores às 64 partidas do Mundial, número um pouco menor que o recorde observado na Copa do Mundo dos Estados Unidos 1994, quando 3,59 milhões de pessoas passaram pelas catracas dos estádios americanos. A tabela abaixo mostra as sedes das 19 edições da Copa do Mundo da FIFA:

Tabela 1 - Cidades-sede da copa do mundo- fifa

Edições da Copa do Mundo- FIFA			
Ano	País	Público Total	Média de Público por jogo
1930	Uruguai	434.500	24.000
1934	Itália	395.000	23.235
1938	França	483.000	26.833
1950	Brasil	1.337.000	60.772
1954	Suíça	943.000	36.269
1958	Suécia	868.000	24.800
1962	Chile	776.000	24.250
1966	Inglaterra	1.614.700	50.459
1970	México	1.674.000	52.312
1974	Alemanha	1.774.000	46.684
1978	Argentina	1.610.200	42.374
1982	Espanha	1.856.200	33.967
1986	México	2.403.000	43.211
1990	Itália	2.517.300	48.411
1994	Estados Unidos	3.557.500	68.413
1998	França	2.923.000	45.672
2002	Coréia-Japão	2.709.100	42.330
2006	Alemanha	3.353.655	52.500
2010	África do Sul	3 178 856	49.669
2014	Brasil	3 429 873	53.591

Fonte: Elaboração própria da autora, a partir de informações do site FIFA

Após a Segunda Guerra Mundial, a competição teve um grande crescimento com a contribuição das novas tecnologias que possibilitaram a cobertura no evento em âmbito mundial, passando a ser televisivada a partir de 1954. Atualmente, a Copa do Mundo não é apenas a principal fonte de recursos financeiros da FIFA, sendo também um evento bastante disputado por diversos países que possuem vários interesses em sediar este megaevento, tais como, impactos socioeconômicos positivos no esporte, desenvolvimento nacional e regional.

Ao longo dos últimos anos, especialmente com o fenômeno da “globalização”, houve uma ampla integração dos mercados, transportes e comunicação. Assim, o esporte ingressou como uma das formas de indústria de entretenimento e está diretamente associada ao mundo dos negócios. As inovações tecnológicas permitiram uma maior integração entre os diversos países, e como o esporte possui uma linguagem universal, isso reforça a ideia de que esses eventos sejam um poderoso recurso de articulação política, social e

econômica (PEREIRA, 2009). Por exemplo, as inovações tecnológicas das transmissões por satélite, da Copa do México (1970) e das Olimpíadas de Munique (1972), e posteriormente com a mídia e a internet, se tornaram um poderoso instrumento no processo de globalização dos times, patrocinadores, marcas esportivas e a difusão de produtos com as principais marcas (com o selo FIFA). Na edição mais recente da Copa, na África do Sul em 2010, foi utilizado pela primeira vez nos jogos o Índice Castrol, que é uma inovação tecnológica, que utiliza métodos estatísticos para examinar e classificar os resultados individuais dos jogadores.

Em meados dos anos 1970 houve um grande impulso ao marketing esportivo, grandes empresas multinacionais passaram a criar estratégias globais de marketing e a promoção de eventos esportivos permitiu uma expansão enorme de mercados consumidores. Destacam-se a Coca-Cola e a Philips Morris que utilizavam esses eventos como estratégia de divulgação por diversos países, patrocinando a Copa do Mundo e

a Fórmula 1, respectivamente. Com o passar dos anos, a utilização do esporte como veículo de propaganda e *merchandising* aumentou bastante. “Atualmente, o esporte é considerado uma das ‘atividades econômicas’ que mais crescem nos mercados globalizados, o que tem estimulado a entrada de grandes corporações empresariais e tem requerido métodos modernos de administração” (PRONI, 1998).

A FIFA é constituída por 208 federações afiliadas, estas recebem ajuda financeira e apoio logístico por meio de programas da federação. Para sediar uma Copa do Mundo o país selecionado passa por um processo rigoroso de exigências estabelecidas pela FIFA, entre elas: construção de novos estádios ou reformar os antigos, modernização e melhorias na acessibilidade ao evento.

A Copa do Mundo se tornou uma marca global e um produto bastante valorizado, sem levar em conta o crescimento do patriotismo de um país que reúne quase toda sua população representada por uma equipe.

De acordo com Kurscheidt (2006), a Copa do Mundo é “instrumento econômico” utilizado em diversos níveis: 1) é a base de financiamento econômico da FIFA; 2) assume um papel semelhante para as corporações patrocinadoras da FIFA, com destaque para a indústria de artigos esportivos; 3) é uma oportunidade para os jogadores profissionais ascenderem sua carreira; 4) pode ser (ou não) um caminho para o desenvolvimento econômico para os países e cidades de acolhimento dos jogos.

As competições da Copa do Mundo podem ser economicamente caracterizadas da seguinte maneira; são organizadas em um campeonato em que a marca global, FIFA, é a detentora dos direitos de propriedade

exclusiva. Esta organização econômica é uma fornecedora monopolista do direito de sediar a Copa do Mundo em um determinado ano e locais escolhidos de um determinado país. Assim, a FIFA funciona como um sistema de franquia, no entanto, diferentemente da relação de longo prazo entre sócios de uma franquia, o direito de sediar o evento é limitado por um único campeonato em um determinado período de tempo, sendo que o país selecionado é alocado para o evento em uma espécie de “leilão” com vários licitantes concorrentes.

Cada vez mais, a FIFA busca atingir novos mercados com a Copa do Mundo. Algumas constatações evidenciam essa expansão: a Copa de 1994 nos Estados Unidos desfez uma antiga tradição de que o evento fosse realizado alternadamente nas regiões da Europa e América do Sul. Já em 1996, o Comitê Executivo da FIFA selecionou um país asiático para sediar a Copa de 2002, sendo o primeiro evento organizado pela Coreia do Sul e Japão. Nos dois casos, as escolhas não foram, certamente, por motivos de méritos do futebol, mas por razões estritamente econômicas (BAADE e MATHESON, 2004).

A tabela 2 mostra a expansão do número de equipes participantes das edições da Copa do Mundo. Verifica-se que a partir de 1982 houve uma elevação de 16 para 24 equipes, já em 1998 há um aumento de 24 para 32 equipes, o que permanece nas edições mais atuais. Isso evidencia não só o crescimento no esporte, mas também objetivos estritamente econômicos, como a maximização das vendas de *tickets* para entrada nos estádios, abertura e ampliação de novos negócios.

Tabela 2 - Estatísticas da copa do mundo, 1930-2010

Edições	Ano	País sede	Nº de equipes	Nº de cidades/estádio
1 <sup>a</sup>	1930	Uruguai	13	1/3
2 <sup>a</sup>	1934	Itália	16	8/8
3 <sup>a</sup>	1938	França	15	9/10
4 <sup>a</sup>	1950	Brasil	13	6/7
5 <sup>a</sup>	1954	Suíça	16	6/6
6 <sup>a</sup>	1958	Suécia	16	12/12
7 <sup>a</sup>	1962	Chile	16	4/4
8 <sup>a</sup>	1966	Inglaterra	16	7/8
9 <sup>a</sup>	1970	México	16	5/5
10 <sup>a</sup>	1974	Alemanha	16	9/9

continua

conclusão

Edições	Ano	País sede	Nº de equipes	Nº de cidades/estádio
11 <sup>a</sup>	1978	Argentina	16	5/6
12 <sup>a</sup>	1982	Espanha	24	14/17
13 <sup>a</sup>	1986	México	24	9/12
14 <sup>a</sup>	1990	Itália	24	12/12
15 <sup>a</sup>	1994	Estados Unidos	24	9/9
16 <sup>a</sup>	1998	França	32	9/10
17 <sup>a</sup>	2002	Coréia-Japão	32	20/20
18 <sup>a</sup>	2006	Alemanha	32	12/12
19 <sup>a</sup>	2010	África do Sul	32	9/10

Fonte: KURSCHIEDT (2006).

Em 3 de agosto de 2000, o Comitê executivo da FIFA aderiu ao sistema de rotatividade, permitindo o acesso a todos os países interessados por um novo processo de licitação para sediar a Copa do Mundo, a decisão aconteceu no 52º Congresso Ordinário da FIFA, em Zurique. Em 2001, a FIFA decidiu que o princípio de rotação começaria na África, e em 2003, ficou decidido que a América do Sul irá sediar os Jogos de 2014 (FIFA, 2007).

Com relação a Copa do Mundo da África do Sul, informações do site oficial da Copa da África 2010, destacam que os recursos destinados para a Copa de 2010 foram baseados em um programa de financiamento do tesouro nacional que priorizou o investimento em infraestrutura, comunicação, segurança e logística, sendo que as principais instalações começaram a ser construídas em 2007.

Nesse contexto, do total de dez estádios disponíveis para sediar a Copa, cinco foram construídos, são estes: Greenpoint Stadium, Nelson Mandela Bay, Moses Mabhida Stadium, Matabaffin Stadium e Peter Mokaba Stadium. Enquanto, os demais passaram por reformas: Royal Bafokeng Stadium, Vodacom Park, Ellis Park Stadium, The Soccer City Stadium e Loftus Versveld Stadium. Os investimentos nos 10 estádios geraram aproximadamente 66 mil postos de trabalho, principalmente, para famílias de baixa renda.

The *Soccer City* é o maior estádio do continente africano e foi responsável por receber os jogos de abertura e os jogos finais da Copa de 2010, localizado em Johannesburg, centro econômico da África, que possui o principal aeroporto africano: Aeroporto Internacional de Johannesburg.

A Cidade do Cabo (Cape Town) é a segunda maior cidade da África do Sul, recebeu uma das semifinais dos jogos da Copa no estádio Greenpoint, este foi construído com a capacidade para 70 mil pessoas, após os jogos houve uma redução para 55 mil lugares, recebendo também eventos culturais e shows. A partir das experiências da Copa da Alemanha em 2006, as cidades mencionadas, Johannesburg e a Cidade do Cabo, aderiram ao programa da FIFA, Green Goal, que objetiva a redução das emissões de CO2 nos eventos.

Aproximadamente 3,1 milhões de espectadores assistiram aos 64 jogos da Copa do Mundo da FIFA 2010 nos 10 estádios. As informações divulgadas pelo site oficial mostram que aproximadamente 1,4 milhões de estrangeiros visitaram a África do Sul durante os jogos de 2010, devido a grande quantidade de turistas a África do Sul passou a ofertar vistos específicos para o evento.

Um dos principais desafios para as sedes da Copa 2010 foi a questão da mobilidade urbana, uma das soluções encontradas foi a utilização do Metrorail, que eram trens que transportavam gratuitamente os passageiros que tivessem os bilhetes para a Copa 2010, o Metrorail era direcionado para os estádios e tinha finalidade de evitar os congestionamentos nas estradas. Também foram disponibilizados 700 ônibus para utilização no evento.

Entretanto, apesar de todo entusiasmo, o evento se tornou preocupante para a população sul-africana, especialmente quanto aos legados prometidos, os altos custos decorrentes da instalação do evento e a má gestão dos recursos (COTTLE, 2011). Para além dessa discussão, ao que tudo indica, os legados gerados

foram mínimos, em que o grande ganhador foi a FIFA (MARCHI JÚNIOR; BOLSMANN; ALMEIDA; SOUZA, 2014).

O Brasil sediou a Copa do Mundo em 2014, pela segunda vez o país acolheu esse tipo de evento, anteriormente em 1950 em outro contexto social e econômico. As promessas advindas para hospedar tal evento, não poderiam ser diferentes dos demais locais, se direcionavam a oportunidade de catalisar investimentos, melhorias na infraestrutura do país e nas condições de vida da população brasileira.

Em 2007 ocorreu a oficialização que garantia ao Brasil a realização da Copa 2014, após a aprovação da FIFA em Zurique, na Suíça. Através do documento oficial, a FIFA destaca para a comunidade do futebol e população em geral: “[...] will gain considerably from the hosting of the 2014 FIFA World Cup™ in Brazil in terms of the economy, transport, communication, public services and facilities, safety and the enhancement of sporting facilities” (FIFA, 2007).

Um dos documentos disponibilizados para o público é o “*Football Stadiums: Technical Recommendations and Requirements*” (2007)<sup>4</sup>, este manual contempla as exigências e orientações para a construção e reforma dos estádios. Para atender a uma grande demanda, essas são as principais exigências requeridas:

1. Decisões de pré-construção: aconselha elaborar um estudo de viabilidade do estádio, levando em consideração que o período de vida útil dos estádios modernos é de 30 anos. É importante compatibilizar o tamanho e o nível de conforto do estádio com sua futura demanda de utilização, respeitando a restrição orçamentária para a construção. Com relação à localização do estádio, a instituição orienta para a existência de estacionamentos para veículos ao redor do estádio, incentivando também a utilização de transporte de massa. É necessário que a localização do estádio permita um bom acesso e fácil circulação para a rede hoteleira, centros comerciais e aeroportos.
2. Orientação do campo: deve ser adaptado de acordo com as especificidades regionais. Todos os participantes do evento devem ser protegidos do ofuscamento dos raios solares. No caso da existência de cobertura, o material utilizado deve

possibilitar uma boa ventilação e recebimento de luz solar para o gramado.

3. Segurança: é um dos itens prioritários da FIFA. A segurança do torcedor deve ser garantida por uma série de recomendações: câmeras de vigilância internas e externas, sala de primeiros socorros, sinalização de portas e corredores, entre outras medidas.
4. Estacionamento: torcida, público VIP, delegações, veículos de emergência e segurança, veículos de transmissão via satélite e a existência de um heliporto nas proximidades do estádio.
5. Área do Jogo: são feitas exigências para o gramado, recomenda a existência de barreiras separando as arquibancadas do campo de jogo, com a presença de seguranças e policiais para evitar invasão de torcedores.
6. Vestiários e acessos: área de entrada exclusiva para jogadores e árbitros que permita a circulação de veículos. Faz algumas recomendações sobre os escritórios dos técnicos, vestiário dos árbitros, túnel de acesso.
7. Conforto do público: cobertura para áreas de alta incidência solar e de climas frio; assentos VIPs com localização central e separada das cadeiras do público geral; garantia de uma perfeita visibilidade do campo; os estádios modernos devem ter no mínimo cinco pontos de venda para cada mil torcedores; atendimento das normas de acessibilidade para portadores de deficiência.
8. Mídia: cabine de imprensa, cabines de rádio e TV, estúdios de televisão, centro de mídia, sala de coletiva de imprensa, zona mista etc.
9. Energia e iluminação: existência de um sistema alternativo de geração de energia, em ocasião de falta de energia elétrica.
10. Green Goal (sustentabilidade): A preocupação com o meio ambiente vem sendo enfatizada, pois um evento desse porte pode causar sérios impactos ambientais. A FIFA incentiva a adoção de projetos sustentáveis, entre eles o Green Goal, é um programa da instituição que objetiva a redução das emissões de CO<sub>2</sub> em seus eventos. Aborda quatro pontos:
  - a) Água: armazenagem de água potável para irrigação e utilização nas instalações sanitárias;
  - b) Resíduos: coleta seletiva de lixo e a comercialização de comidas e produtos sem embalagem, para restringir o lixo gerado durante o evento;

<sup>4</sup> FIFA (Ed). 2007. *Football Stadiums: Technical Recommendations and Requirements* (4<sup>th</sup> edition). FIFA, Zurique. Disponível em: <<http://www.fifa.com>>.

- c) Energia: utilização de estratégias alternativas para economia de energia;
- d) Transporte: utilização de sistema de transporte público, como ônibus e trens.

No documento de candidatura, o Governo Federal assumiu alguns compromissos para assegurar a execução da Copa no país. Entre as principais Garantias Governamentais estabelecidas pela FIFA, podem ser citados: permissão de entrada e saída do país para membros da FIFA, parceiros comerciais e espectadores com ingressos; permissões de trabalho para estrangeiros em atividades relacionadas à Copa do Mundo; isenção geral de impostos a FIFA e seus parceiros comerciais e operacionais; autorização para bancos e câmbios na entrada e saída irrestrita de moedas estrangeiras, bem como na troca e conversão irrestrita destas moedas para dólares dos EUA, Euros ou Francos Suíços, para a FIFA e parceiros comerciais; proteção e exploração de direitos comerciais; todos os hinos e bandeiras de países participantes das competições deverão ser reproduzidos, entre outras garantias.

A despeito da boa aceitação do evento no país quanto a possibilidade de geração de benefícios à população. Observa-se que os resultados nem sempre são tão otimistas como são “vendidos”. Tal fato torna-se preocupante em países em desenvolvimento e com histórico de grandes disparidades sociais e econômicas, como é o caso do Brasil.

Andreff (2006) declara que para além das declarações dos governos, o esporte não é uma área prioritária no orçamento dos países em desenvolvimento. Isso só levanta o questionamento até que ponto vale a pena sediar esses eventos, especialmente em alocar recursos que poderiam ir para as principais demandas sociais desses países.

Além disso, alguns aspectos negativos foram verificados no Brasil, como a remoção forçada de famílias de suas residências em prol dos interesses do capital na especulação imobiliária. Silva (2016) destaca que esse risco foi mais recorrente nos preparativos da Copa de 2014 do que entre as edições anteriores de 1994 a 2014. Os protestos contra FIFA e o governo evidenciados nas mídias nacionais e internacionais mostraram o lado obscuro que envolve não só a FIFA, como a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), os atores políticos e as construtoras das arenas.

Em suma, um planejamento adequado torna-se primordial para a realização do evento e possível geração de benefícios locais. Além disso, há uma necessidade de proximidade dos comitês organizadores e dos estados com as necessidades da população, o que nem sempre ocorre. Por isso, sediar um evento dessa proporção, como a Copa do Mundo, traz uma série de dilemas quanto aos legados deixados para os locais que os hospedam. Dessa forma, o questionamento que é levantado é até que ponto vale a pena sediar tais eventos?

## CONCLUSÃO

Como visto nas seções anteriores, os defensores dos megaeventos esportivos afirmam que esses eventos atraem um grande número de visitantes, provocando um impulso geral a economia com efeito duradouro sobre as regiões de acolhimento. Entretanto, sabe-se que sediar esses eventos, em geral, implica em despesas operacionais e de infraestrutura, o que pode ser extremamente oneroso, pois não é tão claro o retorno a curto e longo prazo, nas regiões que sediam esses megaeventos.

O questionamento que permanece é que, se a análise realizada por agentes com interesses no resultado, pode ser considerada um exame objetivo dos verdadeiros impactos econômicos dos eventos. Na literatura encontramos análises que chamam atenção para algumas observações, como a de que os estudos de impacto econômico frequentemente extrapolam o verdadeiro impacto do evento, muitas vezes há falhas na contextualização do impacto com a referência local e a posição econômica da região. Além disso, os estudos mais amplos podem incluir importantes efeitos intangíveis, tentando associar esses ao evento e aos indicadores sociais, o que na prática são difíceis de mensuração real (como, fitness e saúde, participação do esporte e criminalidade juvenil).

Por isso, é essencial ser realista sobre os possíveis benefícios da Copa do Mundo, para que estes não se percam em projetos superestimados e que não atendam as necessidades locais da comunidade. Desse modo, se faz necessário um planejamento adequado para o sucesso do evento. De forma que é essencial a proximidade dos Comitês Organizadores com a população, tendo em vista perceber suas necessidades,

dirimir possíveis dúvidas, para que haja uma parceria entre o ente público e a população.

No caso do Brasil, a conta em termos sociais torna-se maior, especialmente por se tratar de um país bastante heterogêneo e desigual. Ademais, os legados e impactos não se mostraram dinamizadores na economia do país. Ao contrário, muitas das arenas construídas não se mantiveram viáveis economicamente e, ao que tudo indica, se tornaram elefantes brancos, pois muitas não conseguem pagar suas contas de manutenção mensal.

## REFERÊNCIAS

- ANDREFF, W. Sport and financing. In ANDREFF, W.; SZYMANSKI, S. (Eds.), **Handbook on the Economics of Sport**, Cheltenham, UK, and Northampton/MA: Edward Elgar, 2006.
- BAADE, R.A.; MATHESON, V.A. **The quest for the cup: Assessing the economic impact of the World Cup**, *Regional Studies*, 38, 343-354, 2004.
- COTTLE, E. **South Africa's World Cup: a legacy for whom?** University of KwaZulu, Natal Press, 2011.
- DEPKEN, C. A.; WILSON, D. P. **The long-run impacts of the World Cup**. Southern Economic Association meetings. Washington-DC. 2008.
- DOMINGUES, E. P.; BETARELLI JR., A. A.; MAGALHÃES, A. S. **Copa do mundo 2014: Impactos econômicos no Brasil**, em Minas Gerais e Belo Horizonte. CEDEPLAR, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <[http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario\\_diamantina/2010/D10A119.pdf](http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2010/D10A119.pdf)>.
- FIFA. **Football Stadiums: Technical Recommendations and Requirements (4<sup>th</sup> edition)**, 2007. FIFA, Zurique. Disponível em: <<http://www.fifa.com>>.
- FIGUEIREDO, F. F.; LIMA, E. C.; ARAUJO, M. A. **OS IMPACTOS E LEGADOS NEFASTOS DOS MEGAEVENTOS ESPORTIVOS NO BRASIL: COPA DO MUNDO DE 2014 E JOGOS OLÍMPICOS 2016**. In: XIV Ecuentero de Geógrafos de America Latina (XIV EGAL), 2013, Lima. Anais do XIV EGAL, 2013. v. 1. p. 1-14.
- KURSCHEIDT, M. The World Cup. In ANDREFF, W.; SZYMANSKI, S. (Eds.), **Handbook on the Economics of Sport**, Cheltenham, UK, and Northampton/MA: Edward Elgar 2006, pp. 197-213.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Leitura Econômica dos Jogos Olímpicos: financiamento, organização e resultados**. IPEA, 2008.
- MARCHI JÚNIOR, W.; BOLSMANN, C.; ALMEIDA, B. S.; SOUZA, J. A copa do mundo FIFA na África do Sul/2010- como foi a experiência e o que podemos aprender com ela? **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 711- 733, 2014.
- MASCARENHAS, G.; BORGES, F. S. da. Entre o empreendedorismo urbano e a gestão democrática da cidade: dilemas e impactos do Pan-2007 na Marina da Glória. **Esporte e Sociedade**, n.10, p. 1-26, 2009. Disponível em <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1004.pdf>>.
- MATHESON, V.A. **Upon Further Review: an examination of sporting event economic impact studies**. *The Sport Journal*, vol. 5, nº 1, 2002.
- MATHESON, V. A. **Mega-events: The effect of the world's biggest sporting events on local, regional, and national economies**, Holy Cross Working Paper Series, nº. 06-10, 2006.
- PEREIRA, T. G. **Eventos esportivos e sua influência no contexto social**. 2009. 31 f. Monografia (Curso de Educação Física )-Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, 2009.
- PREUSS, H. **Winners and losers of the olympic games**. In B. Houlihan (ed), *Sport & Society*, 2. Pag. 415-438. London, Thousand Oaks, CA & New Dehli: Sage, 2006.
- PRONI, M. W. Observações sobre os impactos econômicos esperados dos jogos olímpicos de 2016. IN **Motrivivência** Ano XXI, Nº 32/33, p. 49-70 Jun-Dez./2010.
- RAEDER, S. Planejamento urbano em sedes de megaeventos esportivos. **PLURIS 2010, 4º Congresso para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável**. Universidade do Algarve, em Faro, Portugal, 2010.
- RUBIO, K. **Jogos olímpicos, políticas e cultura: qual o legado de Berlim – 1936?** In Rubio, Katia (org). *Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2008.
- SEIXAS, T. **Copa do Mundo de Futebol FIFA Brasil 2014: Uma Análise da Candidatura de Pernambuco como Subsele**. Porto: T. Seixas. Dissertação de Mestrado Apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, 2010.
- SILVA, D. S. **A Copa do Mundo da FIFA 2014 veio ao Brasil: a gestão do estado de São Paulo como sede / Dirceu Santos Silva**. – Campinas, SP: [s.n.], 2016. Faculdade de Educação Física.
- SWINNEN, J.; VANDEMOORTELE, T. **Sports and development: in economic perspective on the impact of the 2010 World Cup in South Africa**. *ICSSPE Bulletin*, v. 53, p. 1-6, 2008.

## O DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO E AS TENSÕES ENTRE OS IDEAIS AMADORES E PROFISSIONAIS NO FUTEBOL BRASILEIRO

### SOCIOECONOMIC DEVELOPMENT AND TENSIONS BETWEEN AMATEUR AND PROFESSIONAL IDEALS IN BRAZILIAN SOCCER

José Geraldo do Carmo Salles\*

Israel Teoldo da Costa\*\*

Antonio Jorge Gonçalves Soares\*\*\*

*“A avareza, ou o desejo de ganho, é uma paixão universal que age em todos os tempos, em todos os lugares, e sobre todas as pessoas”.* (David Hume)

#### RESUMO

O esporte moderno nasce no seio das escolas públicas inglesas como mais um princípio do processo educativo. Neste contexto educacional o esporte passa a representar uma forma civilizadora de polir os instintos humanos (agressividade, violência, paixão etc), tal como concebe Elias (1992). Todavia, rapidamente tornou-se também um ramo da ordem capitalista, onde a lógica basal é o acúmulo. E o esporte, ao ser governado pelos interesses passou a ser um local de negócios, apostas e divertimentos. O objetivo deste texto é promover a reflexão sobre o processo de desenvolvimento do futebol no Brasil, focado nas tensões entre os ideais amadores e os valores do profissionalismo. O esporte a partir do momento em que assumiu o profissionalismo passou a conviver com sentimentos e significados, à primeira vista, antagônicos e inconciliáveis: interesse financeiro e paixão. Para sustentar as hipóteses apresentamos argumentações da mídia e dos torcedores que reforçam a permanência dos ideais amadores nos pressupostos utilizados acerca das transferências de dois jogadores brasileiros para o futebol europeu. O primeiro, Ronaldo Luís Nazário de Lima (*o Fenômeno*), que jogou em muitas equipes europeias, o segundo é Neymar da Silva Santos Junior que foi comprado junto ao Santos F. C. pelo F. C. Barcelona em 2013.

**Palavras-chave:** Futebol, paixão, mídia, esporte e economia.

#### ABSTRACT

The modern sport is born within the English public schools as another principle of the educational process. In this educational context the sport come to represent a civilizing way of polishing human instincts (aggression, violence, passion, etc.), as conceived Elias (1992) However, it quickly became also a branch of the capitalist order, where the basal logic is the accumulation. And the sport, to be governed by the interest became a place of business, gaming and entertainment. The aim of this paper is to promote reflection on the process of development of football in Brazil, focused on the tensions between the amateur ideals and values of professionalism. The sport, from the moment in which it assumed the professionalism, went to

\*Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho – Professor Associado do Departamento de Educação Física - NUPEF - Núcleo de Pesquisa e Estudos em Futebol – Universidade Federal de Viçosa

\*\*Doutor em Ciências do Esporte - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto – Portugal – Professor Adjunto do Departamento de Educação Física - NUPEF - Núcleo de Pesquisa e Estudos em Futebol Universidade Federal de Viçosa.

\*\*\*Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho – Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Faculdade de Educação.

live with feelings and meanings, at first glance, contradictory and irreconcilable: financial interest and passion. To support the hypotheses, we presented arguments of the media and fans that reinforce the permanence of the amateur ideal in the arguments used on transfers of two Brazilian players for European football at different times between the late twentieth and early twenty-first century. The first, Ronaldo Luis Nazario de Lima (The Phenomenon), who played in many European teams between the years 1994-2008, and the second is Neymar da Silva Santos Junior that was bought together with Santos F.C. by F.C.Barcelona in 2013.

**Keywords:** Football, passion, media, sport and economy.

O esporte moderno nasce no seio das escolas públicas inglesas como mais um princípio do processo educativo. Neste contexto educacional o esporte passa a representar uma forma civilizadora de polir os instintos humanos (agressividade, violência, paixão etc), tal como concebe Elias (1992). O esporte nos termos de Elias é uma *mimese* da guerra, mas uma guerra sem os riscos diretos do confronto armados. Todavia, rapidamente tornou-se também um ramo da ordem capitalista, onde a lógica basal é o acúmulo. E o esporte, ao ser governado pelos interesses passou a ser um local de negócios, apostas e divertimentos. Diante desta transformação, a manutenção do ideal amador teria sido apenas uma breve reação das elites em manter as barreiras de distinção social e frear a popularização que de certa forma feria, ou invadia, um de seus espaços para emulação de *status*, como descreve Veblen (1974).<sup>1</sup> O esporte foi cultuado como um espaço propício para se demonstrar o ócio conspícuo, necessário ao *status* da aristocracia e, conseqüentemente, o amadorismo seria uma lógica desta predisposição de se fazer notar socialmente.

O objetivo deste texto é promover a reflexão sobre o processo de desenvolvimento do futebol no Brasil, focado nas tensões entre os ideais amadores e os valores do profissionalismo. O esporte a partir do momento em que assumiu o profissionalismo passou a conviver com sentimentos e significados, à primeira vista, antagônicos e inconciliáveis: interesse financeiro e paixão. Uma lógica econômica passa a ser

empregada em consonância com ideais românticos (SALLES, 2004). Para sustentar as hipóteses apresentamos argumentações da mídia e dos torcedores que reforçam a permanência dos ideais amadores nos pressupostos utilizados acerca das transferências de dois jogadores brasileiros para o futebol europeu. O primeiro, Ronaldo Luís Nazário de Lima (*o Fenômeno*), que após ser contratado pelo Cruzeiro Esporte Clube em 1993 ganhou fama e rapidamente foi transferido para o futebol europeu, jogando em diversas equipes (PSV Eindhoven, F.C. Barcelona, F. C. Internazionale, Real Madrid C. F e A.C. Milan),<sup>2</sup> o segundo é Neymar da Silva Santos Junior (Neymar Jr)<sup>3</sup> que foi comprado junto ao Santos Futebol Clube pelo Futbol Club Barcelona em 2013. Veremos que apesar do profissionalismo ter se consolidado há mais de 80 anos no Brasil, ainda permanecem vivas as tensões acerca dos ideais amadores, trazendo ao campo esportivo uma rede de significados que sustentam o imaginário de alguns torcedores e da crônica esportivos sobre o ‘dever ser’ dos jogadores, quando estes se tornam pessoas públicas.

O modelo de esporte implantado pelos ingleses repercutiu mundo afora, e passou a ser uma referência para que as principais organizações esportivas. Entretanto, a partir do momento em que o esporte tornou-se um dos principais meios de entretenimento, rapidamente ocorreu uma nova perspectiva ao surgir à

<sup>1</sup>No capítulo III - Ócio conspícuo, Veblen argumenta acerca da necessidade de demonstrar as façanhas honoríficas. “(...) À medida que aumenta a densidade da população e as relações humanas se tornam mais numerosas e complexas, todos os detalhes da vida sofrem um processo de elaboração e seleção; e neste processo de elaboração, o uso de troféus se desenvolve num sistema de posições, títulos graus e insígnias, no qual os exemplos típicos são os emblemas heráldicos, as medalhas e as condecorações honoríficas.” (p.300)

<sup>2</sup>Considerado o melhor jogador do mundo pela FIFA (1996, 1997 e 2002), artilheiro da Copa do Mundo de 2002, maior artilheiro da história das Copas, presente em 4 Mundiais. Alguns cronistas e jornalistas o credenciam como um dos melhores jogadores brasileiros de todos os tempos.

<sup>3</sup>Neymar Jr, se revelou desde de muito cedo como um promissor jogador para o futebol brasileiro. Em sua curta trajetória esportiva acumula muitos títulos e prêmios, além de ter se tornado o principal garoto propaganda do futebol brasileiro nestes últimos anos. Foi campeão: Copa do Brasil 2010, Copa Libertadores da América 2011 e Recopa Sul-Americana 2012. Também foi medalha de prata nas Olimpíadas de Londres 2012.

possibilidade do profissional esportivo. Obviamente, o surgimento desta bifurcação amadorismo/profissionalismo provocaria uma tensão entre os idealizadores do esporte (aqueles que o pretendiam apenas como um meio de distinção e refinamento, aliado aos ideais educativos) e alguns praticantes que rapidamente demonstraram outros interesses relacionados ao jogo.

O que parece ter ocorrido, é que ao se admitir o profissionalismo, colocava-se em jogo esse ideal educativo e moral, pois o esporte como ramo do negócio, parecia macular a competição, que passaria a ser governada pelo interesse. A competição passou a representar um local de demonstração da capacidade de empreendimento do clube inicialmente e mais tarde também dos seus patrocinadores. E o tipo de vínculo do atleta tornou-se o elemento basilar deste embate entre o interesse e os valores morais educativos. O interesse financeiro do atleta passou a ser questionado frente aos interesses da educação civilizatória do esporte (ELIAS, 1992).

Observemos que a desconfiança sobre a legitimidade e moralidade sobre o interesse estava presente no início do debate entre amadoristas e profissionalistas desde a transformação do esporte na Inglaterra. Na Inglaterra se questionava a credibilidade do jogador que gostava de dedicar exclusivamente a prática do futebol (MURRAY, 2000). Tanto os defensores do amadorismo, quanto àqueles que traçavam um novo modelo - o profissionalismo -, utilizavam os argumentos da dúvida no desenvolvimento de suas narrativas.

Essa velha desconfiança permanece, mesmo na atualidade. Em alguns momentos ainda se questiona o interesse do indivíduo sobre o esporte. Parece que o negócio no seio do esporte poderá corrompê-lo. Não se pode admitir o esportista mercenário, pois o homem que luta por dinheiro está sujeito a se corromper. Tal percepção se sustentava na mesma linha de raciocínio utilizada por Maquiavel (1999), quando alertara o Rei de Florença no século XIV sobre a composição dos exércitos mercenários.<sup>4</sup> No futebol, mantém-se uma narrativa sobre a desconfiança de que o interesse do indivíduo, proporcionado pelo profissionalismo, possa corromper os valores educativos e morais que foram implantados e refinados pelos ideais amadores. Diante

de tal desconfiança, como trabalhar com a ideia de transparência e credibilidade no esporte se cada jogador persegue seu autointeresse? Como manter o valor da honestidade se o jogador pode se vender individualmente? Essas são possíveis questões que pareciam pairar sobre a possibilidade de profissionalização do esporte no final do século XIX e primeiras décadas do século XX no Brasil.

A permanência de valores do amadorismo parece funcionar como uma espécie de contrapeso diante do medo de que o interesse individual (ou interesses) do atleta no campo do negócio supere os valores morais na competição. Há um medo explícito de que o negócio exacerbado faça com que se perca a crença na competição. Se isso ocorresse, seria ruim para todos, jogadores, dirigentes, patrocinadores e também a mídia.

Inicialmente o esporte com os ideais amadores se mantiveram num local de honra e glória. Era um espaço de destaque, distinto do local de interesse pela sobrevivência. Os indivíduos que o praticavam o faziam pelo prazer, pelo reconhecimento, pela honra e glória. Todavia, ainda no século XIX, o esporte atravessa as fronteiras das classes e passa a representar outras possibilidades para os praticantes, principalmente para aqueles que não poderiam continuar a praticá-lo descompromissadamente, tendo que dividir o tempo de dedicação ao esporte com o trabalho pela sobrevivência. Desta forma, o interesse individual frente ao esporte passou a substituir em parte, a honra e a glória nos termos aristocráticos. Obviamente que grande parte dos atletas inicialmente conciliavam tais propósitos, mas em períodos mais recentes essa conciliação não parece tão clara, sobretudo na percepção dos torcedores, dirigentes e da mídia e frequentemente torna-se questionada. Possivelmente Coubertin e seus aliados se sustentavam na perspectiva do vínculo esportivo incondicional, embasado apenas nos benefícios heroicos e de apuração humana, seja física, moral ou espiritual (DACOSTA, 1999). Os ingleses reformadores do esporte parecem ter bebido inicialmente nestas mesmas fontes.

Como o esporte moderno rapidamente passou a se estabelecer na lógica do interesse; um local de entretenimento coletivo, o treinamento e a eficácia passaram a exigir tempo e dedicação. Mesmo a elite praticante logo percebeu a dificuldade de se estabelecer em uma vida regrada que a competência esportiva exigia

<sup>4</sup>Maquiavel (1999) sugeria ao Rei que na composição do exército não admitisse soldados contratados. Ele propôs a composição de um exército patriótico sem os elementos mercenários por acreditar que o indivíduo lutar por dinheiro estaria sujeito a se vender para as tropas inimigas.

(divisão do tempo entre os compromissos diários e o treinamento necessário).<sup>5</sup> Ou teriam que se dedicar, ou contratar alguém para fazê-lo assim. Observemos que já estava em questão o apreço público, o consumidor do espetáculo esportivo. O praticante, aquele que o fazia por prazer e desinteressadamente, apenas com a sua dedicação amadora não seria mais suficiente para sustentar o anseio do torcedor que pagava para ver os jogos. Como adequar os interesses e as paixões que afloram desta interação dos distintos segmentos, em que cada qual busca sua própria lógica de vinculação? O esporte gera a conciliação de lógicas e interesses distintos.

O acúmulo de dinheiro através do trabalho tornou-se uma ordem admitida como forma de substituição das paixões violentas. O comércio passou a representar uma forma “*douceur*” (HIRSCHMAN, 2000)<sup>6</sup> de conquista, diferente a pilhagem que ocorriam na época. Nesta perspectiva o acúmulo, o ganhar dinheiro de forma doce, tornou-se uma diretriz frequente na expansão do capitalismo (HIRSCHMAN, 2000)<sup>7</sup>. Segundo o autor para o surgimento do capitalismo foi necessário que o interesse entrasse como moderador das paixões. O esporte, na esteira desta expansão também teve que se adequar a estas novas configurações sociais. Como conciliar as apostas – que sempre estiveram associadas às competições esportivas –, o mercado de trabalho que surgia neste campo com os ideais aristocráticos do amadorismo?

Hirschman (2000) ao apresentar os pressupostos políticos para o capitalismo antes do seu triunfo argumenta que em algum momento da idade moderna o ganhar dinheiro passou a ser considerado superior ao

comportamento orientado pelas paixões. As análises desse autor se sustentam nos apontamentos de Hume, Smith, Mandeville, Santo Agostinho, Rousseau, entre outros. Inclusive Hirschman enfatiza que, o que teria provocado o triunfo do capitalismo foi o fato da humanidade ter passado a admitir a busca da satisfação nos interesses materiais (o acúmulo), o papel de coibir as ingovernáveis e destrutivas paixões do homem. Durante longo tempo da história da humanidade essas paixões foram colocadas como pecado mortal da avareza. Para o autor as transformações sociais nascem da continuidade entre o velho e o novo, ao contrário de uma ruptura brusca conforme apontou Weber (2001) em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. Segundo Weber o ganhar dinheiro dentro de uma ordem econômica moderna, legalmente, é fruto do resultado da virtude e a proficiência de uma vocação. Esta ideia peculiar do dever profissional torna-se a mais característica da ética social da cultura capitalista; sua base fundamental.

No momento em que o futebol caminhava para o profissionalismo nos parece que o dilema principal se dava sobre o ganhar dinheiro no espaço do jogo, o que a classe detentora do poder sobre a organização e controle do esporte não queria admitir, julgando tal feito como perda dos ideais civilizatórios do esporte. Possivelmente os dirigentes esportivos desprezavam a possibilidade de que alguém pudesse demonstrar interesse econômico sobre um espaço que deveria ser destinado à confraternização de cidadãos refinados. Portanto, parece que o amadorismo esportivo quando estava sendo substituído pelo profissionalismo, e, evidentemente absorvendo princípios orientadores do capitalismo, teve o futebol e alguns outros esportes como espaço de resistência a lógica do dinheiro como princípio superior, principalmente para os dirigentes esportivos românticos e puritanos.

Apesar desta inquietude e repulsa quanto à possibilidade de ganho no esporte, rapidamente os dirigentes ingleses perceberam que deveriam ceder as pressões das classes operárias que pleiteavam as mudanças, sob pena de perderem o comando do esporte (SALLES, 2004). Desta forma, na Inglaterra se construiu um sistema dual: ligas amadoras e ligas profissionais. O sentido pragmático da cultura inglesa separou e distinguiu as elites por este mecanismo. Todavia, apesar da transformação exigida pelos

<sup>5</sup>Um bom exemplo deste fato pode ser percebido no filme *Carruagens de Fogo*, que conta à história de dois atletas que participaram dos Jogos Olímpicos de Paris, representando a bandeira da Inglaterra. Segundo Silva (1998), duas questões centrais são abordadas no filme: a identidade dos atletas (Herold Abrahams, era filho de um Judeu, nascido na Inglaterra e Eric Liddell que era filho de missionário escocês, nascido na China) e o amadorismo nos esportes ingleses, pautado nos valores das classes de elite. SILVA, L. H. O. 1998. *Carruagens de Fogo: notas sobre a institucionalização do esporte*. In: *Motus Corpores*. Revista de divulgação científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física. v.5. n.1 maio. Rio de Janeiro. Editora Central UGF.

<sup>6</sup>Esta expressão utilizada por Hirschman (2000) remete a ideia de doçura, mas o próprio admite a dificuldade de se traduzir esta expressão que foi utilizada pela primeira vez como qualificativo associado ao comércio por Jacques Savary, em sua obra *La parfait négociant* (livro destinado aos homens de negócio do século XVII, escrito em 1675). O comércio era visto como uma forma doce de acúmulos em comparação com o acúmulo em forma de pilhagem que acontecia em outras épocas.

<sup>7</sup>Hirschman (2000), enfatiza uma espécie de ruptura social, onde o novo nasce do velho e essa quebra que promove as transformações.

operários praticantes o comando e controle do jogo permaneceram nas mãos das mesmas elites dirigentes.

Observemos que, o futebol que chegou ao Brasil pelos filhos de imigrantes que estudavam na Europa foi o do modelo amador das escolas europeias (PEREIRA, 2000).<sup>8</sup> “Os *sportmen* cariocas transformaram um esporte praticado por operários das mais diversas procedências em um símbolo de elegância e sofisticação.” (p.40). Contudo, o futebol rapidamente se populariza mantendo os ideais aristocráticos, conforme as denominações adotadas pelos ingleses.<sup>9</sup> Esta popularização se deu, no entanto, para além das camadas privilegiadas da sociedade na época. Desta forma, o futebol no Brasil se tornou também um local de aposta, de sobrevivência e de entretenimento como ocorrera no velho continente, mesmo que inicialmente cravejado de preconceitos por parte da elite, quanto aos praticantes populares e seus interesses.<sup>10</sup> Segundo Pereira, somente em 1907 apareceram nas páginas dos jornais, mais de 40 novas associações destinadas à prática do futebol, que se localizavam nas mais distintas regiões da cidade do Rio de Janeiro, do subúrbio ao centro. Ao final do século XIX o Brasil havia abolido a escravidão e sua população em expansão já era formada por união de diferentes raças: negros, índios, branco. Essa fusão de indivíduos de origens diferentes trouxe características bem singulares a cultura brasileira. O futebol obviamente, pela sua facilidade de prática e baixo custo, tornou-se rapidamente um elemento do lazer desta população em expansão.

O Brasil, nação em desenvolvimento, queria se repaginar sobre os ideais da cultura europeia e o futebol pela sua rápida aceitação passou a ser colocado como um destes mecanismos de afirmação cultural. (WITTER, 1990). Entretanto, porque ao copiar um modelo de desenvolvimento do esporte, optou-se pelo amadorismo e não pelo profissionalismo que já estava disseminado na Europa desde as décadas finais

do século XIX? Obviamente que esta interrogativa ingênua é de fácil resposta. Os primeiros dirigentes brasileiros eram filhos das elites e para eles o que importava primordialmente era o *status* social. O ganhar dinheiro no espaço do jogo soava com uma desfaçatez para uma classe de privilegiados. O esporte constituiu desde cedo na sociedade brasileira em um local apropriado para ancorar tradições românticas (CAMPBELL, 2001).<sup>11</sup>

Entretanto, os dirigentes esportivos brasileiros perceberam que, o futebol ao ganhar corpo na dinâmica social fomentava novos mecanismos de sustentabilidade. Não havia mais espaço apenas para aquele futebol de refinamento e confraternização da classe endinheirada. O prestígio dos seus clubes só seria possível através das vitórias. E essa necessidade de vitória levou rapidamente a busca da competência, onde a valorização do jogador passou a ser condicionada a sua capacidade de promover o bom entretenimento. Nesta perspectiva, tornava-se necessário abrir as portas dos clubes (mesmo que apenas do campo de futebol) para indivíduos de outras classes, sem o rigoroso crivo social apregoado pelos associados. Isso parece ter sido uma prática usual utilizada pelos principais clubes à época. Alguns jogadores das camadas populares almejavam jogar nos grandes clubes e por isso, admitiam que seus vínculos inicialmente se dessem apenas no território do jogo.<sup>12</sup>

Na fase de consolidação do futebol no Brasil (entre o final da década de 10 e década de 20 do século XX) os ideais amadores passaram a ser questionados (SANTOS, 1981).<sup>13</sup> Parece que o desenvolvimento do

<sup>8</sup> Pereira (2000) argumenta que os implantadores do futebol carioca, não observaram a grande difusão do futebol no país que foi seguido como modelo. Pereira argumenta ainda, que desde fins do século XIX que grandes contingentes de trabalhadores foram atraídos pelo futebol britânico e que estes indivíduos estavam longe do refinamento alardeado pelos esportistas cariocas.

<sup>9</sup> As denominações acerca do futebol mantinham até bem recentemente expressões da língua inglesa, tais como corner, back, offside, foot-ball, Keeper, linesman, full-back. (SANTOS, 1981).

<sup>10</sup> Pereira (2000) argumenta que ainda na primeira década do século XX “o futebol transformava-se num jogo praticado por grupos de diversos perfis sociais.” (p.72) Ver Santos (1981). Essa é uma hipótese difundida na sociedade brasileira.

<sup>11</sup> O conceito de romantismo seria fruto de um grande movimento intelectual e artístico surgido no final do século XVIII no ocidente, que segundo Campbell (2001) tornar-se de difícil definição por três motivos: 1º) o fenômeno compreende o desenvolvimento em quase todos os campos da vida intelectual e cultural; 2º) as mais influentes definições teriam sido formuladas por antagonistas; e 3º) Deve ser entendido como um impulso, e não como um sistema unificador de ideias. Seria um impulso para o caos. “Uma definição fechada do romantismo... não é muito romântica”, como “se um importante aspecto do romantismo é a rebelião, então rebelar-se contra o romantismo também podia ser romântico.” (p.252). Para nosso propósito, sem, no entanto, ter a pretensão de se reduzir à dificuldade apontada por Campbell, iremos adotá-lo grosso modo, como uma atitude, um comportamento que desperta o sentimentalismo exacerbado, o individualismo. Modo de ser do indivíduo que é muito sonhador, sentimental, emotivo etc. Atitude do indivíduo que é desprovido de prudência prática, de senso de realidade, aquele que se deixa guiar pela imaginação, se entrega ao devaneio de forma irracional.

<sup>12</sup> Outra estratégia também utilizada foi à criação de uma categoria denominada de sócio jogador. Uma espécie de autorização para que estes jogadores tivessem alguma “liberdade” nas dependências dos clubes (SANTOS, 1981).

<sup>13</sup> Santos (1981) argumenta que esse conflito também teria ocorrido nos rádios, ao trocar o sistema de sócios pelos anúncios.

esporte (e do futebol), aqui como em qualquer lugar, não poderia se manter amador diante do processo de popularização e consolidação em uma sociedade que tentava se estabelecer como capitalista.

Desde os anos finais da década de 20 até o ano de 1933 permanecia o debate acerca do perfil esportivo que deveria ser seguido no Brasil. Interessante observar que, embora esta tensão pudesse ser fruto da pressão provocada pelas classes populares, era travada pelos membros da elite. De um lado, os defensores do profissionalismo que acreditavam no desenvolvimento do esporte e da ascendente indústria do entretenimento, e, do outro, os defensores do amadorismo que desejavam manter os ideais aristocráticos e a adequada sociabilidade entre as “boas famílias”. Naturalmente que os amadoristas saíram derrotados, pois a lógica do desenvolvimento da indústria do futebol não deixava espaço para a manutenção de todos os ideais. Caldas (1990) relata que, a partir da implantação do profissionalismo, os quadros amadores não conseguiam mais manter a atenção dos torcedores que compareciam aos campos para assistir os quadros profissionais. Pagavam ingressos para ver a equipe principal formada pelos profissionais. Os jogos entre os amadores eram apenas uma atração preliminar. Um cronista esportivo referiu a esses encontros amadores como “amansa sol”, uma vez que os profissionais somente jogavam ao final da tarde, depois que a temperatura estivesse branda e o efeito do sol já não provocasse tanto desgaste. (REVISTA FON-FON, 03 de ago/1933, p.7)

Todavia, os argumentos dos pro-profissionalistas não excluía os ideais civilizatórios do esporte e também não perdia de vista o temor que as relações explícitas em termos financeiros poderiam provocar ao desenvolvimento do futebol em geral, bem como aos seus respectivos clubes. Tanto temiam assim, que algumas limitações adotadas ainda no período do amadorismo foram mantidas para os clubes que pretendiam participar das competições, (como, por exemplo, ter sede social e campo de futebol, arcar com joia de admissão<sup>14</sup> e o jogador deveria saber ler e escrever.) Também posteriormente ao processo de profissionalização outras ações foram implantadas, tais como: valores máximos dos salários e tempo mínimo

de permanência no clube. Tratava-se de medidas que assegurassem a ordem, evitando as querelas entre os clubes e os jogadores contratados. O mercado profissional foi regulado.

Rapidamente ao se admitir o profissionalismo, novas diretrizes passaram a ser colocadas em contrapeso aos ideais do amor. E mesmo passado quase um século da transformação do regime algumas narrativas são reacendidas na atualidade.

Mesmo diante de todas as possibilidades de acúmulos valorizadas pela sociedade, o ganhar dinheiro no futebol, às vezes, ainda aparece maculado, estranho e perverso na narrativa de alguns torcedores e românticos da mídia. Por que ganhar tanto dinheiro? Em uma sociedade dominada pela pobreza, como é grande parcela da população brasileira, isso soa como algo de espírito menor, que parece ferir a essência do homem, em uma narrativa puritana.

Assim constata-se que em algumas situações o discurso profissionalista é enfatizado no sentido de contrapor-se ao comportamento dos atletas que tomam o esporte, o jogo sem a seriedade requerida. Neste sentido, o discurso que aborda o amadorismo e o profissionalismo tem uma estrutura pendular, tendendo-se para o lado que no momento da discussão em questão for capaz de corresponder ao apelo emocional e as expectativas dos atores envolvidos (torcedores, dirigentes, imprensa e os próprios jogadores). Ambos, amadorismo e profissionalismo sustentam-se numa demanda de cunho emotivo. O jogador de futebol é, por excelência, uma figura pública e célebre na sociedade brasileira.

Vejam os atores sociais especulam os motivos dos jogadores diante de suas transferências. Parecem esquecer por algum momento do direito profissional da busca por melhores salários e, assim, criam uma rede discursiva que opera no sentido de dramatizar e questionar os fatos.

Ronaldo, “o Fenômeno”, foi o jogador brasileiro de futebol mais premiado nos últimos anos. Em sua transferência da *Internazionale* de Milão para o clube Real Madrid após a Copa do Mundo de 2002, protagonizou uma polêmica internacional, gerando um discurso de desconfiança sobre sua atitude profissional. Uma transação que poderia ser considerada apenas como uma das mais vultosas transferências de ‘mão de obra’ de um jogador na época, tornou-se notoriedade pelo ‘sentimento de ingratidão’ que animou

<sup>14</sup> É um valor que o interessado em se tornar sócio de um clube deveria pagar. Hoje essa taxa é denominada de cota. Cada clube, em função da sua estrutura e grupo social a qual se destina tem um valor específico. É uma estratégia de controle sobre o perfil do associado.

o processo de negociação, como foi apontado pelos jornais esportivos espanhóis, italianos e brasileiros. A *Internazionale* teria investido grande soma de recursos e esperado pacientemente a recuperação do jogador, que ficara por quase dois anos fora dos gramados, devido a uma grave lesão. Porém, quando se recuperou e tornou valorizado no mercado, resolveu ir para outro clube, o Real Madrid. Vejamos algumas narrativas:

Para o Jornal Lance (3 de set/2002, p.22), “Ronaldo foi um ingrato com a Inter. O clube sempre fez tudo por ele não merecia essa traição”. O jornalista Marcelo Damato colocou que “a crise entre Ronaldo e a Internazionale está jogando sombra naquele que deveria ser o momento mais brilhante da carreira do Fenômeno” (JORNAL LANCE, 7 de ago/2002, p.3).

Oscar Valporto (Jornal O Dia) questionou: “Ingrato ou mimado?” Para o jornalista, Ronaldo “tem todo o direito de procurar o melhor para sua vida e sua carreira”, mas o acusou de não ter agido decentemente:

“Ronaldo, sempre tão preocupado com a imagem, agiu da pior maneira possível para trocar de clube. Depois da Copa, fez questão de mandar juras de amor a Inter e a torcida italiana. Na sexta-feira, quanto entregava generosa doação ao Instituto do Câncer e a Fundação Gol de Letra contava ao pé do ouvido de um jornalista que esta a caminho do Real Madrid.” (Coluna Linha de fundo – JORNAL O DIA, 8 de ago/2002. p. 4).

Valporto fala em juras de amor ao clube e a torcida. Observemos como a imprensa vem trabalhando as imagens de amor e pertencimento invocando questões pessoais na relação que, a priori, deveria ser apenas trabalhista.

“Quer ganhar mais do que Recoba e Vieri? Tem medo de ficar na reserva? Não gosta do treinador? Detesta falar italiano? Quer ficar longe da mulher, que vai jogar num time feminino da cidade? Todos esses seriam motivos razoáveis, mas talvez, pouco diplomáticos. Desmascarada a tentativa de sedução ao Real, Ronaldo manda dizer pelos assessores apenas que “não está feliz em Milão”. Sem qualquer outra explicação, fica parecendo birra de criança. Mimada, muito mimada.” (JORNAL O DIA, 8 de ago/2002. p. 4).

A insatisfação dos torcedores da *Internazionale* perante a atitude de Ronaldo gerou vaias e faixas e insultos nos jogos seguintes a essa discussão. Parte

da imprensa italiana também demonstrou seu repúdio ao que eles consideraram ingratidão do jogador. Um jornal italiano o classificou com mercenário. Para ilustrar a reportagem, apresentaram uma figura contendo cédulas de euros (denominadas de Euronaldo), tendo o rosto do jogador como símbolo da moeda. Essa mesma imagem foi reproduzida no Jornal O Dia no Brasil (09 de ago/2002, p.4). O jornal Lance satirizou a situação, ao publicar uma charge com a caricatura de Ronaldo utilizando um brinco pendurado em forma de etiqueta de preço contendo o símbolo cifrão (\$). (JORNAL O DIA, 18 de ago/2002, p.3).

Observa-se que a imprensa e seus articuladores narram o “espetáculo” fora do campo de futebol com ambiguidade e suspeição semelhantes às dos torcedores.

Esse episódio da transferência do Ronaldo foi oportuno para observarmos como as narrativas se vinculam às denúncias de pertencimento e amor do jogador com o clube em diferentes tempos ao longo do processo profissional do esporte. O jogador deve apresentar uma postura profissional, a qual, todavia, necessita ser sempre permeada pelo comprometimento afetivo. O discurso de ordem racional deve interagir com os de ordem emocional (SALLES, 2004). Apenas o profissionalismo não faz sentido em um espaço dominado pela emoção; algo que se valoriza com grande apreço nas demais profissões.

A transferência do Neymar da Silva Santos Junior (Neymar Jr) para o Barcelona também mexeu com o imaginário social reacendendo os ideais amadores no campo das ações financeiras. Durante vários anos se especulou sobre a saída de Neymar do futebol brasileiros. Diversos argumentos estiveram presentes nas narrativas dos dirigentes, técnicos, empresários, jogadores e torcedores. Desde seu surgimento na equipe sub-11 do Santos Futebol Clube, vinha despertando o interesse da mídia especializada brasileira e dos torcedores. Aos 14 anos ele teria desembarcado na Espanha visando realizar um estágio no time do Real Madrid. Entretanto, os dirigentes do clube Santista, percebendo o risco de perder seu promissor jogador, teriam pagado a quantia de um milhão de reais para que ele permanecesse no clube até tornar-se profissional, o que ocorreu aos 17 anos em 2009.

Desde aquele momento já se sabia que ele sairia do clube rumo ao futebol europeu. A questão passou a ser quando isso ocorreria. Após o Mundial Interclubes

de 2011<sup>15</sup> ou após a Copa do Mundo de 2014? Este fato se consolidou no mês de maio de 2013.<sup>16</sup> Até aquele momento, a oitava maior transação do futebol internacional.<sup>17</sup> Entretanto, uma expectativa que já estava previamente definida ainda reacendia o discurso de ordem amadora como normativa das ações, conforme se observará nas argumentações dos torcedores santistas diante de algumas reportagens eletrônicas sobre esta transferência.<sup>18</sup>

Bom, vamos as questões: Qual é a lógica de tanto acúmulo? Esse garoto já não tem dinheiro suficiente para as suas futuras gerações? Onde localiza o prazer de jogar bola diante dessa voracidade por ganhar dinheiro? Em Barcelona será uma estrela, ou mais uma frustração esportiva enriquecida? (...) Quanto ao amor dele pelo Santos; ah... já vimos tantos outros beijando o escudo e a bandeira, chorar e dizer que um dia volta. Apenas mais um! E quem no futebol brasileiro não fez isso? (...) A quem vai toda essa grana, não me interessa. Continuarei Santos, pois o Clube para mim é mais do que os personagens. Sucesso, muito sucesso para você, querido Neymar. (Alba Sá)<sup>19</sup>

Observemos que, embora a torcedora Alba Sá se diz desinteressada em saber para quem vai o dinheiro desta transação, ela não consegue se desencilhar desta questão. O ganhar dinheiro é colocado no discurso como algo perturbador, ainda que tratado na falsa indiferença. Em seu discurso a torcedora retoma os ideais amadores sustentados no amor a camisa e aos símbolos, tão comum nos gramados brasileiros ao longo destes 80 anos de profissionalização do futebol.

<sup>15</sup>Neymar participou do Mundial Interclubes promovido pela FIFA no Japão, representando a equipe do Santos, em que foram vice-campeões.

<sup>16</sup>O jogador usa a sua rede social para anunciar sua decisão de aceitar a proposta do Barcelona.

Neymar é do Barcelona! Atacante confirma saída para clube espanhol. Disponível em: <http://www.lance.com.br/todos-esportes/neymar-barcelona-atacante-confirma-saida-clube-espanhol.html>. Acessado em 21 de junho de 2013

<sup>17</sup>"Neymar fechou com o Barcelona pelas próximas cinco temporadas, com um custo total de € 57 milhões. Este custo total inclui direitos federativos e econômicos", explicou Josep Maria Bartolomeu, vice-presidente de futebol do Barcelona. <http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-06-03/transferencia-de-neymar-para-barca-e-a-oitava-mais-cara-da-historia-veja-lista.html>. Acessado em 10 de outubro de 2013.

<sup>18</sup>Os sites disponibilizam espaços para que os interessados possam comentar as reportagens. Portanto, os argumentos dos torcedores santistas foram extraídos destes comentários, conforme endereços eletrônicos nas notas abaixo.

<sup>19</sup>Fora do top 50 das transferências, Neymar custa menos ao Barça do que outras estrelas. Portal UOL. 26 de mai/2013. São Paulo. <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/05/26/fora-do-top-50-das-transferencias-neymar-custa-menos-ao-barca-do-que-outras-estrelas.htm#comentarios>. Acessado em 10 de junho de 2013.

Eu não entendo. Aqui ele é Rei. Agora vai ser coadjuvante de Messi e Cia. Tudo pensando em ganhar mais dinheiro. Para que? O que lhe falta? E disse ainda que ama o Santos. Será? Um amor que só pensa em dinheiro. Não dá para acreditar. (João Carlos)<sup>20</sup>

Não basta ser o jogador mais bem pago e prestigiado do futebol brasileiro? Aqui ele é o cara... Ainda que os demais torcedores dos outros clubes sejam recalçados e digam que não. Mas, o fato é que ele é. Lá fora pode não dar certo. E ai voltará desmoralizado. Me parece que ele não tem maturidade para permanecer fora do Brasil. Por outro lado é um sonho alimentado desde garoto. Por mais que eu gostaria que ele ficasse, eu entendo que como qualquer outro que já foi, ele também tem o direito. Tenho convicções que ele ama o Santos, mas no futebol amores vem e vão. Chora a viúva! (Gualberto Azevedo)<sup>21</sup>

O torcedor João Carlos questiona os mesmos valores. Onde está a representação do amor? Vejamos a desconfiança sobre a ideia de amar e comercializar esse amor. O torcedor Gualberto Azevedo questiona: "*Não basta ser o jogador mais bem pago e prestigiado do futebol brasileiro?*" Obviamente que tais representações são reflexos das inquietudes de alguns românticos sonhadores de um futebol puritano, como foi aquele pretendido pelos filhos da elite brasileira no início do século passado.

Vejamos que a insatisfação do torcedor Gualberto é canalizada para a desconfiança de que lhe faltaria maturidade para residir fora do Brasil. A ideia de que ele é um jogador promissor parece ser retirada da narrativa de forma a trazer alento as angústias como torcedor. O discurso é conduzido para a ideia do direito ao sonho, desvinculando do direito profissional. O discurso emocional parece sobrepor a qualquer outro entendimento da questão.

É por isso que está dessa forma Gualberto Azevedo. Amores que vem e vão? Isso não é amor. Ninguém tem sentimentos sinceros para com o clube. São

<sup>20</sup>Transferência de Neymar para Barça é a oitava mais cara da história - Clube catalão confirmou que desembolsou um total de 57 milhões de euros (cerca de R\$ 159 mi) pelos direitos federativos e econômicos do atleta. Portal iG São Paulo 03 de jun/2013 <http://esporte.ig.com.br/futebol/2013-06-03/transferencia-de-neymar-para-barca-e-a-oitava-mais-cara-da-historia-veja-lista.html>. Acessado em 10 de junho de 2013.

<sup>21</sup>Olho Crônico Esportivo. Emerson Gonçalves. A questão da transferência de Neymar: aberta e complicada. 03 de jun/2013. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2013/06/05/a-questao-da-transferencia-de-neymar-aberta-e-complicada/>. Acessado em: 11 de junho de 2013.

todos mercenários que só pensam em dinheiro. Muito, muito dinheiro. Que ele tenha o direito de ir, que seja sonho de garoto, eu até entendo. Mas, trocar o Santos por questão financeira é um absurdo. Ninguém teve tanto privilégio com ele na Vila. E se falar em dinheiro então. Ele nem sabe quanto de dinheiro tem. É uma pena! Eu temo pelo que ocorrerá com o nosso time nestes próximos anos. (Ana Maria).<sup>22</sup>

Sobre a argumentação do torcedor Gualberto Azevedo, a torcedora Ana Maria contesta os mesmos fatos de forma mais revoltosa, acusando os jogadores de mercenários. Ela diz não acreditar no amor de Neymar para com o clube e lamenta que a transferência tenha sido por questões financeiras. Entretanto, deixa claro que sua preocupação é com o rumo da equipe sem a presença de Neymar. Vejamos com os discursos deslocam a questão profissional, aos pontuarem prioritariamente as questões afetivas dos sentimentos frustrados diante de uma transação trabalhista.

Pelé, o maior jogador da história do futebol mundial também tragado pela narrativa romântica apresenta sua visão sobre o processo de transferência, mostrando-se chateado pelo fim da identidade que os jogadores criavam frente aos seus clubes. Na visão do Pelé:

“É lamentável, não tenha dúvidas que é algo triste. Eu tive proposta para ir para todo time da Europa, mas estava bem no Santos, e naquela época era diferente. O Santos estava em uma fase boa, e não saí. Agora tem os empresários, que não pensam nos clubes quando pegam o jogador. Ele está pensando no que vai faturar e isto é triste hoje. Antes, o jogador queria ficar para o resto da vida no clube de coração. Hoje, joga um, dois anos e o empresário coloca em outro clube. É algo chato o que aconteceu com o Neymar”.(CORREIO DO POVO, 2014)<sup>23</sup>

O profissionalismo parece ter surgido como uma nova regra que se impunha na organização esportiva mundial, principalmente pela valorização do espetáculo. Nesta perspectiva o profissionalismo seria a visibilidade de comercialização deste espetáculo. A imagem espetacular passou a produzir interesses e valores diferenciados. O torcedor como consumidor,

neste processo de desenvolvimento socioeconômico se vê frustrado diante de sua dedicação diante do cenário em que o comércio dita a regra do jogo. Atualmente o futebol profissional em sua dimensão macro não pode ser pensado sem estar vinculado ao mundo do negócio, a indústria e a mídia. (SALLES, 2004).

Na lógica de uma sociedade capitalista, em que o esporte foi transformado em fonte de lucro, os ideais heroicos e de honra relacionados ao amadorismo tiveram que combinar com o interesse. Obviamente para alguns torcedores isso pode ser contraditório, quando pensam essa relação a partir da moral cristã: “o amor não se compra!” Para a imprensa, no entanto, essa tensão parece ser útil, na medida em que precisa dela para manter acessa essa polêmica orientada pela demanda de seus leitores. O discurso amador nessa perspectiva racional proveniente do interesse passou a ser funcional, uma espécie de regulação do comportamento dos profissionais.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CALDAS, W. 1999. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro (1894-1933)**. São Paulo. Ibrasa.
- CAMPBELL, C. 2001. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro. Rocco.
- DACOSTA, L. P. 1999. O olimpismo e o equilíbrio do homem. In: Tavares, O. & DaCosta, L. P. **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro. Editora Gama Filho.
- ELIAS, N. 1992. **A busca da excitação**. Lisboa. Disfel.
- HIRSCHMAN, A. O. 2000. **As paixões e os interesses**. Rio de Janeiro. Paz e Terra.
- JORNAL O DIA** (8 de ago/2002, p. 4); (09 de ago/2002, p.4); (18 de ago/2002, p.3).
- JORNAL LANCE** (7 de ago/2002, p.3); (3 de set/2002, p.22).
- MAQUIAVEL, N. 1999. **O príncipe**. São Paulo: Nova Cultural Ltda.
- MURRAY, B. 2000. **Uma história de futebol**. São Paulo. Hedra.
- PEREIRA, L. A. de M. 2000. **Footballmania – Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.
- Revista Fon-fon**, 03 de ago/1933, p.7. 1907

<sup>22</sup> Idem, nota anterior. Acessado em: 13 de junho de 2013.

<sup>23</sup> Pelé lamenta imbróglgio sobre venda de Neymar e teme repercussão futura. Disponível em: <http://www.correiodopovo.com.br/Esportes/?Noticia=517463>. Acessado em 22 de fevereiro 2014.

SALLES, J. G. do C. 2004. **Entre a paixão e o interesse – O amadorismo e o profissionalismo no futebol brasileiro.** (Tese de doutorado). UGF. Rio de Janeiro.

SANTOS, J. R. 1981. **História Política do Futebol Brasileiro.** São Paulo. Brasiliense.

SILVA, L. H. O. 1998. Carruagens de Fogo: notas sobre a institucionalização do esporte. In: *Motus Corpores.* Revista de divulgação científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física. v.5. n.1 maio. Rio de Janeiro. Editora Central UGF.

WEBER, M. 2001. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo. Pioneira Thomson Learning.

VEBLEN, T. 1974. **A teoria da classe ociosa – Um estudo econômico das instituições.** Os pensadores. Rio de Janeiro: Abril Cultural.

WITTER, J. S. 1990. **O que é futebol.** São Paulo. Brasiliense.

## Publicatio UEPG - Ciências Sociais Aplicadas

### NORMAS EDITORIAIS PARA TRABALHOS

#### A- REGRAS GERAIS PARA PUBLICAÇÃO

A Revista PUBLICATIO – Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa aceita para publicação artigos inéditos de autores brasileiros e estrangeiros, resultantes de estudos teóricos, pesquisas, reflexões sobre práticas concretas, discussões, resenhas, traduções, entre outras.

- 1- Serão aceitos originais inéditos para serem submetidos à aprovação da Comissão Editorial ou dos Editores da própria revista.
- 2- À Comissão editorial se reserva o direito de introduzir alterações nos originais, visando a manter a homogeneidade e a qualidade da publicação, respeitando, porém, o estilo e as opiniões dos autores.
- 3- As opiniões emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade.
- 4- A revista classificará as colaborações de acordo com as seguintes seções:
- 5- Artigos, Relatos de Experiência, Resenha, Documento, Resumos de Teses e Dissertações, Dossiê. Todos os tipos de colaborações deverão ser acompanhados de RESUMO/Palavras-Chave e ABSTRACT/Keywords. Mínimo 15 laudas e máximo 25 laudas, com exceção de resenhas. abaixo).

##### - Normas de Apresentação de Resenhas:

Formato: digitados no editor de texto Microsoft Word; espaço 1,5; no máximo 5 laudas; ortografia oficial; Arial; tamanho 12; com margens direita e esquerda 3 cm e superior e inferior 2,5 cm. É obrigatório informar na primeira página do texto o título do livro e do autor.

##### - Normas Dossiê:

Os artigos deverão versar sobre um tema indicado pela Revista, que será publicado em um dos números da revista. As normas são as mesmas para os artigos.

#### B - PROCEDIMENTOS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

Todas as colaborações devem ser enviadas on line pelo Portal SEER. A fonte sugerida é Arial, tamanho 12. Para citação usar o tamanho 11. Deve-se observar, em ambos os casos, a ortografia oficial e conter, na primeira lauda do original, o título do trabalho (em Arial, fonte 12 e negrito);

Nota: A correção ortográfica é de responsabilidade de cada autor da área temática.

Após o envio do documento, o mesmo será transformado em formato PDF (Formato de Documento Portátil - Acrobat/Adobe).

Os trabalhos devem ser organizados em: Título (Português e Inglês), Resumo e Abstract (máximo de 150 palavras cada), Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Resultados e Discussão, Considerações Finais e Referências Bibliográficas. Depois do Resumo (Abstract) devem ser relacionadas as Palavras-chave (Keywords) que podem incluir palavras constantes no Título.

Destaca-se que o Título do trabalho, acompanhado de sua tradução, deve ser breve e suficientemente específico e descritivo, contendo as Palavras-chave que representem o conteúdo do texto.

Os Agradecimentos a auxílios recebidos para a elaboração do trabalho deverão ser mencionados no final do artigo.

Os Materiais gráficos deverão ser escaneados, sendo estritamente indispensáveis à clareza do texto. Se as ilustrações enviadas já tiverem sido publicadas, deve-se mencionar a fonte e a permissão para reprodução.

Os Quadros deverão ser acompanhados de Cabeçalho que permita compreender o significado dos dados reunidos, sem necessidade de referência ao texto.

No caso das Referências bibliográficas devem ser redigidas segundo as normas da ABNT, estando na ordem alfabética de autor/título, no final do trabalho. A exatidão e adequação das referências a trabalhos que tenham sido consultados e mencionados no texto do artigo são da responsabilidade do autor.

#### C - ITENS DE VERIFICAÇÃO PARA SUBMISSÃO

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, deve-se justificar em "Comentários ao Editor".

- 1- Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word ou OpenOffice.
- 2- URLs para as referências foram informadas quando necessário.
- 3- O texto está em espaço simples; usa uma fonte de 12-pontos; emprega itálico em vez de sublinhado (exceto em endereços URL); as figuras e tabelas estão inseridas no texto, não no final do documento.
- 4- O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em Diretrizes para Autores, na seção Sobre a Revista.
- 5- A identificação de autoria do trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em Assegurando a Avaliação Cega por Pares.

## **D - DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL**

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da sua autoria e publicação inicial nesta revista.

b) Esta revista proporciona acesso público a todo o seu conteúdo, uma vez que isso permite uma maior visibilidade e alcance dos artigos e resenhas publicados. Para maiores informações sobre esta abordagem, visite [Public Knowledge](#)

Project, projeto que desenvolveu este sistema para melhorar a qualidade acadêmica e pública da pesquisa, distribuindo o OJS assim como outros softwares de apoio ao sistema de publicação de acesso público a fontes acadêmicas. Os nomes e endereços de e-mail neste site serão usados exclusivamente para os propósitos da revista, não estando disponíveis para outros fins.

## **E -POLÍTICA DE PRIVACIDADE**

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.